

CANÁRIO

BRASIL (SEL.)



APRESENTAÇÃO

Futebóis e modernismos: 100 anos da Semana de 22

Gustavo Cerqueira Guimarães; Bernardo Buarque de Hollanda, Marcelino Rodrigues da Silva | 3-15

DOSSIÊ

Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça a introdução do futebol na poesia do Brasil

Daniela Araújo | 16-39

Friedenreich e a ambiguidade da identificação racial no Brasil

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão, Antonio Jorge
Gonçalves Soares | 40-59

A mestiçagem nas imagens de Leônidas da Silva nas Copas do Mundo de 1938 e 1998: diálogos entre Brasil e França

Diana Mendes Machado da Silva | 60-75

Um modernista paraibano no mundo: José Lins do Rego e a excursão do Flamengo à Suécia em 1951

Regiane Matos | 76-92

'Não seria o destino do foot-ball?': história, memória e sentido em "O negro no foot-ball brasileiro", de Mário Filho

Vinicius Garzon Tonet | 93-124

Antropofagia e brasilidade na Copa do Mundo de 2010: uma leitura das crônicas de Xico Sá

Zeca Marques, Patricia Souza de Lima | 125-146

PARALELAS

Capital futebolístico e memória: o futebol amador na trajetória social do jogador 'Russo' em Ponta Grossa/PR

Miguel Archanjo de Freitas Junior, Edilson de
Oliveira | 147-167

POÉTICA

Textos bissextos sobre futebol: um poeta, uma pintora e uma cronista do modernismo [ensaio]

Bernardo Borges Buarque de Hollanda | 168-175

'Fraga e Sombra' e o dia 16 de julho de 1950: o presságio enigmático de Drummond [ensaio]

Cleber Ranieri Ribas de Almeida | 176-187

Álbum de figurinhas: a charge esportiva de Fernando Pieruccetti [ensaio]

Marcelino Rodrigues da Silva | 188-200

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho
Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

Instituto Guimarães Rosa | Maputo – colaboração
Chefe do Setor Educacional e Cultural: Luis Gustavo Buttes

Leitorado Guimarães Rosa | Universidade Eduardo Mondlane
Bicentenário da Independência do Brasil
Centenário da Semana de Arte Moderna

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes
e outros Esportes da UFMG

EDITORES

Elcio Loureiro Cornelsen
Gustavo Cerqueira Guimarães

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – FUTEBÓIS E MODERNISMOS: 100 ANOS DA SEMANA DE 22

Bernardo Buarque de Hollanda (FGV)
Gustavo Cerqueira Guimarães (UEM)
Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG)

Paralelas e Poética

Gustavo Cerqueira Guimarães

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru
Aline Alves Arruda, CEFET/MG
Álvaro do Cabo, UFRJ
Andréa Casa Nova Maia, UFRJ
Andréa Sirihal Werkema, UERJ
André Alexandre Guimarães Couto, CEFET/RJ
André Mendes Capraro, UFPR
Arlei Damo, UFRGS
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV/RJ-SP
Christina Gontijo Fornaciari, UFV/MG
Cleber Dias, UFMG
Edônio Alves Nascimento, UFPB
Euclides de Freitas Couto, UFSJ
Fabiana Campos Baptista, UniBH
Fábio Franzini, UNIFESP
Flávio de Campos, USP
Francisco Ângelo Brinati, UFSJ
Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal
José Carlos Marques, UNESP
José Geraldo Vinci de Moraes, USP
Leda Maria da Costa, UERJ
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL/MG
Ludmilla Zago Andrade, UFMG
Luis Maffei, UFF/RJ
Luiz Carlos Ribeiro, UFPR
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG
Marcel Vejmeka, Univ. de Mainz, Alemanha
Mauricio Murad, UERJ/Universo
Pablo Alabarces, UBA, Argentina

Pedro Henrique Trindade Kalil Auad
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Ricardo José Rosa Gualda, UFAL
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS
Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, UFMG
Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova, UFMG
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Ewerton Martins Ribeiro, UFMG
José Alfredo de Oliveira Debortoli, UFMG
José Paulo Florenzano, PUC/SP
Kaio Carvalho Carmona, UAN/Angola
Luiz Henrique Oliveira, CEFET/MG
Mariana Miggiolaro Chaguri, Unicamp
Mauro Myskiw, UFRGS
Natalino da Silva de Oliveira, IF Sudeste/Muriaé
Raphael Rajão, IFCE

COORD. EDITORIAL, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO

Gustavo Cerqueira Guimarães

REVISÃO

Thaíssa Neves

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Núcleo FULIA

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

Fernando Pieruccetti (Brasil/MG)
Canarinho, 1968

Fonte: Léo Gomes | Arquivo Família Pieruccetti

Nota: O artista Fernando Pieruccetti (1910-2004) é um dos principais artistas modernistas de Belo Horizonte/MG. Mangabeira, como era conhecido, foi o primeiro cartunista a desenhar o canarinho representando a seleção brasileira, em 1958. Ele também criou, em 1945, as clássicas mascotes dos clubes mineiros Atlético, América e Cruzeiro, respectivamente, o Galo, o Coelho e a Raposa.

Futebóis e modernismos: 100 anos da Semana de 22

Football and Modernism: 100 Years of the *Semana de 22*

As relações entre literatura e futebol têm sido tão férteis quanto instáveis na história brasileira. Desde a virada do século XIX e o início do século XX, juntamente com a introdução da prática futebolística no Brasil, o registro artístico-literário dos jogos tem-se dado em jornais e em outros meios de difusão, quer sejam manuscritos, impressos, fotográficos ou pictóricos. Embora a crônica tenha sido o gênero mais destacado quando se refere a essa modalidade esportiva, outras linguagens escritas e visuais também procuraram expressar, por meio de imagens e representações, as múltiplas vivências e emoções suscitadas pelo futebol, tanto as praticadas quanto as assistidas.

Nessa esteira, é certo que cronistas do porte de Nelson Rodrigues projetaram-se e cristalizaram-se no imagi-

nário nacional pelo modo sublime de narrar os mais diferentes prosaísmos da experiência futebolística e clubística. Uma mostra da pluralidade de abordagens existentes ao longo do tempo foi reunida por Milton Pedrosa em uma primorosa antologia de final dos anos 1960: *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*, inauguradora de uma série editorial ímpar na bibliografia futebolística. Desde então escritores contemporâneos têm-se valido da prosa e da poesia para poetizar e ficcionalizar diferentes personagens, situações e experiências do universo do futebol.

Em virtude da comemoração da efeméride dos cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922, o recorte proposto para o presente dossiê circunscreve o intercruzamento entre o movimento modernista no Brasil e o fenômeno do futebol no país. Esse esporte, no início da década de 1920, já constituía uma modalidade popular, integrada ao discurso da identidade nacional ao menos desde 1919, quando da conquista do III Campeonato Sul-Americano de 1919, comemorada de forma coletiva e en-

tusiástica pela população. Por sua vez, em paralelo, as vanguardas artísticas capitaneadas por Mário de Andrade e Oswald de Andrade, entre muitos outros autores, afirmaram-se no cenário cultural brasileiro, em contraponto às gerações academicistas e beletristas que informavam os padrões dominantes do cânone literário e em sintonia com o que artistas modernos e vanguardistas propunham nos centros de cultura da Europa.

A proposta do número é, pois, mostrar as interações entre as duas áreas da vida coletiva brasileira, a cultural e a esportiva, de modo a mostrar como, ao contrário da suposição que as coloca na condição de esferas distantes e apartadas entre si, os escritores e os artistas da Semana de 1922, junto àqueles surgidos na esteira do modernismo naquele decênio e nos anos 1930 e 1940, lançaram um olhar para a prática futebolística e produziram obras artísticas – crônicas, poemas, contos, pinturas, romances, roteiros de filmes etc. – sensíveis aos significados sociais e estéticos de um jogo polifônico e preñado de sentidos.

Com efeito, colocada no ar a proposta, ao final de todo o percurso de produção – chamada, submissão, avaliação, revisão e editoração –, este número vem a lume composto de onze manuscritos: seis artigos para o **Dossiê**, um texto para a seção **Paralelas** e três contribuições para a **Poética**. Em certo sentido, a publicação ocorre no apagar das luzes de um ano dramático do ponto de vista político-cultural-desportivo, o que não surpreende de todo, posto que política, cultura e esporte são esferas indissociáveis e relacionadas de modo recíproco e constitutivo, conforme hoje é sobejamente sabido.

Desta feita, o presente número quadrimestral da revista **FuLiA/UFMG** pode se valer do transcurso e dos estertores de um ano especialmente conturbado – seja com as eleições nacionais, seja com a asfixia propositada pelo governo federal contra a produção cultural, seja pelo sofrível desempenho do selecionado brasileiro na Copa do Mundo 2022 do Catar –, que se encerra junto com o aparecimento deste dossiê, quando este texto é redigido.

Por um lado, como se sabe, vivenciou-se um pleito eleitoral especialmente tenso, a confirmar a divisão crassa da sociedade brasileira, com movimentos antidemocráticos que procuram instabilizar e ameaçar o projeto de uma nação republicana e cidadã.

Por outro, assistiu-se a toda sorte de tentativas negacionistas de abafar a voz de artistas, intelectuais, cientistas, educadores, homens de letras e produtores culturais, com os mais diversos tipos de constrangimento moral e financeiro ao mundo da arte, da educação, da ciência e da cultura. Por fim, testemunhou-se, no findar de 2022, mais uma melancólica e amarga performance quadrienal de uma Seleção Brasileira distante de sua marca de autenticidade, inventada nos anos 1930, cujo suposto estilo de jogo seria capaz de encantar, dentro e fora do país.

Por conseguinte, a competição esteve longe de despertar grandes arroubos literários ou inspirações poéticas na crônica esportiva, como sucedeu, décadas atrás, a um Mário de Andrade, a um Drummond, a um

João Cabral de Melo Neto. Na sábia definição da cronista Milly Lacombe, em tom acerbo e assertivo, em 2022 tivemos “uma seleção sem alma”. Segundo a jornalista, em sua coluna no UOL, para voltar a vencer e convencer, é preciso “refundar o futebol brasileiro”.

A distância atual de uma certa herança modernista que olhou para o futebol em busca dos traços de singularidade coletiva do etos nacional não impediu que o ano fosse de prospecções e homenagens. De tudo o que marcou o desfile de evocações e celebrações do centenário de realização da Semana de Arte Moderna de 1922 – reportagens especiais nos meios de comunicação, cadernos culturais, lançamento de livros e CDs, reedições, colóquios com jornalistas e acadêmicos especializados na história do modernismo –, pode-se destacar dois eventos especialmente importantes para os que se interessam pelo esporte: um minicurso organizado pelo Centro de Formação e Pesquisa do SESC, em São Paulo, denominado “Modernismos e futebol: repensando os

100 anos da Semana”, com a participação dos organizadores e de autores do presente dossiê; e a abertura da exposição temporária no Museu do Futebol, também na capital paulistana, intitulada “22 em campo: modernismo e futebol”.

Assim como o primeiro, este último acontecimento, sob curadoria de Guilherme Wisnik e concepção visual de Kiko Farkas, se ocupou de dar a conhecer a um público mais amplo uma miríade de referências e registros históricos que fazem aflorar a sensibilidade estética do movimento modernista e de seus epígonos para o fenômeno futebolístico, finalidade precípua do presente dossiê também. Recuperou-se, entre outros achados de pesquisa que escaparam aos mais abalizados críticos literários, a pouco conhecida passagem da conferência de Menotti Del Picchia no primeiro dia da Semana de Arte Moderna. Nela, em pleno Teatro Municipal, o jornalista e escritor paulista evoca e saúda o nome do ídolo Arthur Friedenreich. Em seu discurso, Del Picchia integra o futebolista como um

dos símbolos de ruptura e de velocidade e como emblema da era moderna do Brasil, em princípios do século XX.

Sem se ater apenas às convenções do que se entende pela canônica Semana modernista, a supracitada exposição ensejou ainda uma contextualização de tempo e espaço daquele evento de fevereiro de 1922. Para tanto, a direção mirou os arredores do Vale do Anhangabaú, isto é, o entorno do Teatro, onde os torcedores de então se reuniam para acompanhar os resultados dos jogos da Seleção Brasileira. Trata-se, em particular, da movimentação ocasionada pelo Campeonato Sul-Americano daquele ano, em meio às comemorações oficiais do Centenário da Independência (1822-1922).

Naquela ocasião, em meio a competições de outras modalidades esportivas, o Brasil se sagra afinal bicampeão de futebol no torneio continental – a primeira fora em 1919 –, em partidas realizadas no Rio de Janeiro, então capital da República. O selecionado ainda conta com a presença de atletas de referência dos anos 1910, como

Marcos de Mendonça e Arthur Friedenreich, participantes da primeira conquista. A aglomeração paulistana api-nhava-se em frente à redação do jornal *O Estado de São Paulo*, local de divulgação das informações sobre o decorrer dos jogos contra Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai. Tais notícias, por seu turno, chegavam à capital paulista via telégrafo, informação registrada e contextualizada pelo historiador do modernismo, Nicolau Sevcenko, em seu percuciente *Orfeu extático na metrópole*. Ora, conclui-se em tal levantamento que essas vias em princípio paralelas e distantes – futebol e modernismo – já se cruzavam, ou ao menos se tangenciavam, no início dos anos 1920, de um ponto de vista temporal e geográfico, social e cultural. O foco nesse período e nessa inter-relação extrapola a própria baliza histórica de um cânone à primeira vista já datado e circunscrito às artes *stricto sensu*.

A exposição procurou também incorporar o espírito modernista no século XX, identificando manifestações desse cruzamento, ao longo do tempo, na música, na lite-

ratura, no cinema e no imaginário coletivo, em meio às transformações e continuidades que atravessam tanto o futebol quanto a sociedade brasileira contemporânea. É assim que a prática do futebol de mulheres, o mapeamento do futebol indígena e a cartografia do futebol afrodiaspórico, por exemplo, perfazem também aquilo que se entende hoje por “futebóis”, mote do dossiê aqui apresentado, vis-à-vis à modalidade profissional masculina de espetáculo e de alto rendimento, midiaticizada e monetizada, planetária e convertida em produto de consumo global.

Com predisposição análoga ao seminário ocorrido no Centro de Formação e Pesquisa do SESC e à exposição temporária realizada no Museu do Futebol, eis então a contribuição encerrada e encetada por este conjunto de dez manuscritos. Isso posto, tenciona-se aqui ter contribuído para a continuação e o alargamento das intersecções entre esportes e literatura, entre futebol e modernismo.

Futebóis e modernismos começa com o artigo da doutoranda em História Daniela Araújo, intitulado “Anna

Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça: a introdução do futebol na poesia do Brasil”. O texto explora a trajetória e a obra da poeta parnasiana, contemporânea da geração modernista, ainda que não tenha aderido ao movimento e que tenha se aferrado à tradição das belas-letas finisseculares. A escritora é via de regra citada pela bibliografia em sua condição secundária de esposa do goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, ídolo amador do Fluminense e da Seleção Brasileira nos anos 1910 e 1920. Para ir além dessa posição anedótica e coadjuvante, Araújo se vale da imersão nos arquivos de Anna Amélia, depositados na Casa Acervo (FGV CPDOC), e com isso reconstitui sua biografia, sua atuação pública e sua percepção poética do futebol.

Araújo associa uma análise interna da produção de poemas tematizadores da prática futebolística e da contemplação esportiva, a exemplo dos célebres versos apolíneos de *O salto*, a um estudo do lugar da mulher no futebol, na literatura e na sociedade da chamada *belle-*

époque. Desperta a atenção para a militância feminista protagonizada pela poetisa e sua circulação no espaço público, esportivo e literário da primeira metade do século XX. O artigo busca, portanto, evidenciar as transformações da vida moderna da Primeira República e da Era Vargas, com especial relevo ao “brado feminino de inconformismo” representado pela autora de *Alma* (1922), em sua intervenção pública por meio das letras, dos esportes e de instituições sociais.

O segundo artigo que enfeixa o dossiê intitula-se “Friedenreich e a ambiguidade da identificação racial no Brasil”, texto de autoria de Bruno Abrahão e Antônio Jorge Soares, pesquisadores das áreas de Educação e Educação Física, com reconhecida contribuição crítica ao campo de pesquisas do futebol. No presente artigo, os autores revisitam a temática das relações raciais brasileiras, com base em estudo de caso biográfico de um dos maiores personagens da era do amadorismo no país. Os autores cotejam as representações feitas *a posteriori* pela his-

toriografia com as fontes discursivas de sua época, a exemplo do jogo “Preto vs. Branco”, ocorrido em São Paulo, a fim de desconstruir os mecanismos insidiosos de reprodução de práticas racistas veladas e ambivalentes na sociedade brasileira.

Em conclusão, após comparar o que chamam de heteroidentificação e autoidentificação de Friedenreich como negro/mestiço, esteados por sua vez no pensamento do antropólogo Oracy Nogueira acerca da diferenciação entre o preconceito de marca e o de cor, Abrahão e Soares apontam para o caráter ambíguo do racismo à brasileira. A labilidade da mecânica binária de atribuição de status ora exalta a mestiçagem e a negritude ora faz das mesmas condição, causa e consequência da suposta inferioridade nacional, social e racial.

O terceiro manuscrito vem assinado pela autora formada em História Social pela USP, Diana Mendes, e incide no mesmo diapasão do artigo anterior. A historiadora coloca em questão a problemática da mestiçagem e,

para tanto, tem por eixo outro emblemático personagem, Leônidas da Silva, no cotejo entre duas Copas do Mundo que tiveram realização na França, a de 1938 e a de 1998. Se o artigo anterior tinha por fonte as biografias que circularam em torno de Friedenreich, Mendes se dedica ao exame das imagens fotográficas existentes em periódicos que registraram a participação de Leônidas no Mundial de 1938 e que sobreviveram à passagem do tempo, sendo reapropriadas sessenta anos depois. Agências de notícias internacionais, jornais brasileiros e periódicos franceses são mobilizados pela autora para a reconstituição do imaginário da mestiçagem e da síntese da negritude no Brasil. Seu método compreende a leitura da representação iconográfica de cenas de trabalho na esfera da fotografia e das artes, tal como o faz Portinari em tela de 1934, *O mestiço*, em diálogo com o desempenho galvanizador de Leônidas no Mundial de 1938.

Mendes não descarta de contextualizar o ambiente de ascensão do nazifascismo na Europa e a circulação de

uma imagética eugenista e arianista. Isso reforça os elementos de contraste na representação nacional, o que, por um lado acionava o componente de exotismo atraente e, de outro, reforçava a condição de primitivismo inferiorizado no traslado de um continente a outro, em face da voga totalitária na Europa, preconizadora da pureza eugênico-racial, questão candente já nas Olimpíadas de Berlim, em 1936. Fiel à análise da iconografia, a autora se detém nos enquadramentos da fotografia jornalística e em detalhes como as vestimentas com que Leônidas e demais atletas aparecem trajados no repertório fotográfico selecionado.

O quarto artigo intitula-se “Não seria o destino do *foot-ball*? História, memória e sentido em *O negro no foot-ball brasileiro*, de Mário Filho”, escrito por Vinícius Garzon Tonet. O texto volta a um dos temas mais explorados e um dos livros mais controvertidos da bibliografia sobre o esporte nacional. O autor logra uma contribuição importante na reinterpretação do significado da obra à luz

de uma teorização historiográfica sobre os conceitos de memória e tradução cultural. Internalista, a proposição analítica de Tonet elucida as estratégias argumentativas do jornalista em questão e inscreve a publicação original de 1947 em uma linhagem interpretativa partícipe do ensaísmo social que emergiu no Brasil dos anos 1930. Assim como os “intérpretes do Brasil” revisitavam o passado para decifrar o presente e projetar um futuro, este livro seguiu em certo sentido tal método de síntese interpretativa. Configurou-se, pois, como chave para a compreensão da plasticidade sociocultural que permitiu também o abraqueiramento do futebol na primeira metade do século XX. processo que foi vocalizado por Mário Filho em seu livro capital.

O artigo seguinte tem a assinatura da doutora em História Regine Mattos e é denominado “Um modernista paraibano no mundo: José Lins do Rego e a excursão do Flamengo à Suécia”. O conhecido romancista nordestino é desvelado nesse texto pela sua condição de dirigente es-

portivo, com vínculos e protagonismo no Clube de Regatas do Flamengo, faceta ainda menos conhecida de sua carreira que a de cronista esportivo. A atuação do escritor na política clubística interna assistiu a uma crescente ao longo dos anos 1940 e 1950, com sua filiação ao grupo Dragões Negros. Este, por seu turno, reunia-se na Confeitaria Colombo, tradicional café do centro do Rio de Janeiro, facção que chegaria ao poder do Flamengo nos anos 1950, com a eleição do médico Gilberto Cardoso para a presidência do clube.

Em meio a esses bastidores das disputas intra-clube, José Lins torna-se chefe de delegação da agremiação rubro-negra na primeira excursão da equipe à Europa. A viagem, diga-se de passagem, foi documentada com primor fotográfico por José Medeiros, fotógrafo piauiense e repórter da poderosa revista *O Cruzeiro*, ele próprio responsável por cobrir, um ano antes, a Copa do Mundo da FIFA no Brasil, e cujo acervo, na atualidade, encontra-se sob a guarda do Instituto Moreira Salles.

O trabalho seminal da historiadora não apenas se ampara nas narrativas de viagem da imprensa brasileira, senão que investiga de igual maneira periódicos suecos, consultados, em primeira mão, na Biblioteca Nacional de Estocolmo, na Suécia, durante sua pesquisa de doutoramento sobre o escritor. Graças a um levantamento de fontes arquivísticas, o trabalho de Mattos tem ainda a virtude de deslindar as redes de sociabilidade, por assim dizer, diplomáticas, responsáveis por articular a viagem à Escandinávia e toda a recepção oficial do clube naquele país, evidência da reputação já alcançada pelo futebol brasileiro e que se consumaria em 1958, com o Mundial realizado nas próprias terras suecas. No artigo, isso é feito com percuciência pela autora ao detectar a figura mediadora chave de Gunnar Göransson, um sueco que se radicaria no Brasil e atuaria internamente também na vida clubística rubro-negra até os anos 1960.

Last but not least, o dossiê se encerra com o sexto artigo, de autoria de José Carlos Marques e Patrícia de

Souza Lima, pesquisadores das áreas de Comunicação e Linguagem da UNESP-Bauru. O texto intitula-se “Antropofagia e brasilidade na Copa do Mundo de 2010: uma leitura das crônicas de Xico Sá” e tem o mérito de se apropriar do modernismo não apenas como fenômeno cultural pretérito, datado no tempo, mas como uma lente para olhar a prática futebolística contemporânea. Nesse sentido, o *corpus* narrativo eleito para análise é o conjunto de dezesseis crônicas do jornalista Xico Sá no jornal *Folha de São Paulo*, publicadas por ocasião do Mundial da FIFA na África do Sul, no ano de 2010.

A dupla de autores salienta o modo como a produção cronística de Sá destoa do enfoque pragmático do jornalismo esportivo ordinário, interessado em comentar com certa objetividade e profissionalismo os diversos aspectos suscitados por uma Copa do Mundo. Em contrapartida, a escrita bissexta e irreverente da crônica autoral de Sá desvia-se do primado da objetividade para incorporar, com lirismo e humor, um expediente da antro-

pofagia oswaldiana – a deglutição e ressignificação da cultura colonizadora –, para o entendimento da performance brasileira durante a Copa no continente africano.

A prática discursiva do cronista em exame é antecedida pela historicização da crônica, pela constituição de sua linguagem jornalística e por seu enraizamento como gênero narrativo no Brasil. Consideram-se certas especificidades da crônica esportiva, em face tanto da literatura quanto do futebol, e recupera-se uma plêiade de cronistas que atravessa o século XX, de Mário Filho a Nelson Rodrigues, de João Saldanha a Armando Nogueira, de Sérgio Porto a Verissimo, culminando com o brilho ímpar de Paulo Mendes Campos. Em seguida, é retraçado o percurso biográfico e profissional de Xico Sá no jornalismo. O inusitado da crônica de costumes de Sá o leva a se dedicar à escrita sobre o futebol em 2010, por ocasião do Mundial da FIFA.

Tal posição descentrada da ótica tradicional faz com que Zeca Marques e Patrícia Lima analisem com

agudeza as observações desconcertantes do cronista nos comentários sobre o significado dos jogos, sobre a atuação dos atletas ou ainda sobre o comportamento dos torcedores de futebol. Sá se distancia do encomiástico tratamento nacionalista da Seleção, em favor de assuntos mais prosaicos e à primeira vista de somenos importância na observação do que acontece no futebol. Os autores sugerem a percepção de um ideário antropofágico que subjaz à visão futebolística de Xico, ao sublinhar as origens estrangeiras do esporte e sua ressignificação nacional-cultural, capazes de ser carnavalizadas – o embasamento aqui é na antropologia ritual de DaMatta e em suas definições relacionais de “cultura brasileira” – e distanciadas da educação física importada, da higienização corporal ou da moral de adestramento atlético.

Na seção **Paralelas**, temos nesta edição o artigo “Capital futebolístico e memória: o futebol amador na trajetória social do jogador ‘Russo’ em Ponta Grossa/PR”, de autoria de Edilson de Oliveira e Miguel Archanjo de

Freitas Junior, ambos atuantes na área de Educação Física. Nesse texto, a trajetória esportiva e biográfica de um atleta é reconstituída e analisada, com base nos procedimentos da história oral e na Sociologia de Pierre Bourdieu, com vistas a uma reflexão sobre as relações entre o campo futebolístico amador e a sociedade. Observa-se, assim, o modo como a atuação e o reconhecimento do atleta no campo esportivo configura-se como um “capital futebolístico”, que lhe rende homenagens e acaba por ser convertido, posteriormente, em outras formas de capital social.

Finalizando esta edição da **FuLiA/UFMG**, temos a seção **Poética**, na qual reunimos três trabalhos que apresentam obras de caráter literário e artístico sobre o esporte predileto da população brasileira. No primeiro deles, intitulado “Textos bissextos sobre futebol: um poeta, uma pintora e uma cronista do modernismo”, o historiador Bernardo Borges Buarque de Hollanda nos coloca em contato com escritos pouco conhecidos de três nomes ligados ao modernismo, que em algum momento volta-

ram suas atenções ao futebol: um poema do escritor Casiano Ricardo e duas crônicas, a primeira da pintora Tarsila do Amaral e segunda da romancista Rachel de Queiroz. Na leitura desses textos, podemos entrever a amplitude das relações entre o futebol e o modernismo e da repercussão que o esporte ganhou nos meios artísticos e intelectuais brasileiros, para além do que nos possibilita a atual, e ainda escassa, bibliografia sobre o tema.

O segundo texto da seção é de autoria de Cleber Ranieri Ribas de Almeida. Com o título “‘Fraga e Sombra’ e o dia 16 de julho de 1950: o presságio enigmático de Drummond”, trata-se de uma leitura do poema “Fraga e Sombra”, publicado por Carlos Drummond de Andrade no *Correio da Manhã* (RJ) exatamente no dia em que a Seleção Brasileira sofreu a traumática derrota para o Uruguai, na final da Copa do Mundo de 1950. Interpretado à luz desse contexto, o poema soa, para o analista, como um “vaticínio trágico e sombrio” lançado pelo poeta, cujos textos sobre o futebol acrescentam algumas notas que desafinam o clima

de orgulho e entusiasmo que marcou as expectativas daquele jogo e que se espria em grande parte das interpretações do esporte pelos escritores brasileiros.

A **Poética** encerra-se com o “Álbum de figurinhas: a charge esportiva de Fernando Pieruccetti”, uma coletânea de belos desenhos do cartunista que inventou as famosas mascotes dos clubes do futebol mineiro (o Galo, a Raposa, o Coelho etc.), apresentados por um texto de corte cronístico, assinado pelo professor de literatura Marcelino Rodrigues da Silva. No conjunto, texto e imagens contam brevemente a história do artista, que foi personagem importante na chegada do modernismo às artes plásticas mineiras, e colocam em destaque a originalidade e a riqueza do universo ficcional criado por ele para representar os personagens e acontecimentos do mundo futebolístico. De forma leve e despojada, o texto busca estabelecer conexões entre o trabalho de Pieruccetti no jornalismo esportivo e as ideias e projetos do movimento modernista.

Como se pode ver, pela diversidade dos trabalhos reunidos nesta edição da revista **FuLiA/UFMG**, as relações entre “futebóis e modernismos” são um campo fértil, com muito ainda a se explorar e conhecer. Desejamos, portanto, que a leitura desses trabalhos possa contribuir tanto para o aprofundamento da reflexão sobre esses dois campos da cultura brasileira quanto para o desenvolvimento de novas investigações sobre o tema.

Boa leitura!

São Paulo, Maputo e Belo Horizonte, 05 de dezembro de 2022.

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Fundação Getúlio Vargas/Brasil

Gustavo Cerqueira Guimarães

Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique

Marcelino Rodrigues da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil

Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça: a introdução do futebol na poesia do Brasil

Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça:
The Introduction of Football in Brazilian Poetry

Daniela Torres de Araújo

Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutoranda em História, Política e Bens Culturais, CPDOC/FGV

RESUMO: O presente trabalho retrata parte da biografia de Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, o contexto histórico e a sua relação com o futebol a partir do seu arquivo depositado no acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV). Casada com Marcos Carneiro de Mendonça, goleiro do Fluminense e ídolo do esporte na década de 1920, a ilustre poetisa e ativista feminista e estudantil foi a primeira mulher a introduzir o esporte bretão na literatura poética no mundo. “O salto” é o seu notório poema em homenagem à elegante atuação do marido durante as partidas de futebol. A atuação pública de Anna Amélia não é única no desenvolvimento da participação feminina na sociedade, mas exemplifica a luta das mulheres por maior presença nos espaços públicos. Ademais, sua profunda relação com o futebol demonstra como o esporte também atraiu a atenção das moças no período de sua inserção e consolidação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Anna Amélia de Mendonça; Torcer; Futebol; Modernismo.

ABSTRACT: The presente work portrays part of the biography of Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, the historical context and her relationship with football based on her archive deposited in the collection of the Center for Research and Documentation of Contemporary History of Brazil (CPDOC/FGV). Married to Marcos Carneiro de Mendonça, Fluminense's goalkeeper and sport idol in the 1920s, the distinguished poetess and feminist and student activist was the first woman to introduce Breton sport to poetic literature in the world. “O salto” is her notorious poem in honor of her husband's elegant performance during football matches. Anna Amélia's public performance is not unique in the development of female participation in society, but it exemplifies the struggle of women for greater presence in public spaces. Furthermore, its deep relationship with football demonstrates show the sport also attracted the attention of young women during its insertion and consolidation period.

KEYWORDS: Literature; Anna Amélia de Mendonça; Cheering; Football; Modernism.

INTRODUÇÃO

Durante o período de 1910 a 1919, o futebol consolidou-se como uma prática de grande atração dos jovens e da mídia da época. De fato, o esporte atendia aos anseios da alta classe de uma modernidade brasileira aos moldes dos países europeus. Um esporte oriundo da Inglaterra, introduzido por jovens, praticado e assistido por membros das elites econômicas e sociais do país e embrionariamente enaltecido pelos veículos de comunicação como um símbolo nacional, o futebol torna-se rapidamente “a grande moda entre os rapazes e moças das mais finas famílias da cidade”.¹

É importante ressaltar que o futebol só ganhará, efetivamente, status de um esporte nacional posteriormente, com o apoio do governo federal e o desenvolvimento da radiodifusão no país. Entretanto, o decênio de 1910 é um importante momento de introdução, tradução e consolidação das regras do jogo nos clubes das elites brasileiras.

No entanto, até este momento sob o status de um esporte amador e de elite, o futebol desperta o interesse também de jovens meninos e meninas nas cidades brasileiras. Ainda que a prática por moças fosse pouco estimulada, as jovens começaram a experimentar a vivência no ambiente esportivo. Como afirma a pesquisadora Aira Bonfim:

As duas primeiras décadas do século XX marcaram a familiarização, segundo Pereira (2000:29), das “moças da mais fina sociedade” com a assistência ao futebol como torcedoras nas arquibancadas dos estádios brasileiros. Nesse mesmo ambiente esportivo, que privilegiou o encontro e a vivência pública, meninas experimentariam, ainda que timidamente e sem os mesmos estímulos recebidos entre os rapazes, os primeiros shoots a gol, brincadeiras de correr, composições de “teams femininos” e se vestiram dos uniformes de seus clubes de associação.²

A pesquisa sobre a participação feminina nos esportes, e seus impactos culturais, nesse período ainda é um campo a ser explorado. Apesar de notórios pesquisadores se debruçarem sobre o marco introdutório do futebol feminino,

¹ PEREIRA. Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro, p. 26.

² BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*, p. 28.

seus dados possuem inconsistências apontadas por Aira Bonfim, em parte devido ao pouco material disponível na mídia esportiva da época. Principalmente se comparado ao volume de narrativas em torno da prática por rapazes. Ainda que as mulheres estivessem vivenciando uma mudança comportamental nas primeiras décadas do século XX, sua transformação foi “lenta e diferenciada entre os estratos sociais”³ e tensionada nas narrativas dos periódicos da época. Ao passo que a presença de mulheres em locais públicos como cinemas, praças e espaços sociais dos clubes esportivos foi estimulada e amplamente descrita nas narrativas jornalísticas, a participação feminina como esportista, por exemplo, não tem o mesmo encorajamento manifesto.

A presença feminina do espaço público do lazer e esporte é parte de um conjunto de conquistas imbricadas por tensões e enfrentamentos nos diversos campos sociais. Durante o decênio de 1910, no Brasil, surge o Partido Republicano Feminino que “tinha como objetivo ressuscitar no Congresso Nacional o debate sobre o voto da mulher (abandonado desde a Assembleia [Constituinte] 1891)”.⁴ O movimento de mulheres, conhecido como Sufragistas, durante o período reivindicou principalmente o direito ao voto, mas conquistou outras participações sociais como a aceitabilidade no serviço público. Ainda que, de acordo com Ilze Zirbel,⁵ o acesso a essas áreas também representavam uma extensão do campo doméstico, como parteiras, enfermeiras, professoras etc.

Assim, podemos perceber que o período de 1910 é permeado por movimentos femininos que reverberaram para a vida cotidiana da mulher nos períodos seguintes. Embora o voto feminino só fosse conquistado em 1932,⁶ a participação das mulheres nos espaços públicos representa uma quebra nas tradições patriarcais da sociedade brasileira que limitava o ambiente feminino apenas ao domínio doméstico e familiar. Com isso, o esporte, principalmente os

³ MELO. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910), p. 130.

⁴ ZIRBEL. A caminhada do Movimento Feminista Brasileiro: das sufragistas ao Ano Internacional da Mulher, p. 4.

⁵ ZIRBEL. A caminhada do Movimento Feminista Brasileiro, p. 5.

⁶ DUARTE. Feminismo e literatura no Brasil, p. 162.

estádios de futebol, passa a ser “um espaço que possibilita o exercício de sociabilidades” para as moças da elite social.⁷

Como afirma a pesquisadora Silvana Goellner: “[...] há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia esportiva, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer”.⁸

Neste artigo, iremos discorrer sobre Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971), uma mulher ativa nas lutas sociais femininas que também tem notoriedade no campo esportivo e cultural. Tanto por seu casamento com o goleiro Marcos de Mendonça quanto por sua atuação como poetisa e adoradora do esporte. Anna Amélia ilustra e personifica as mudanças sociais enfrentadas pelas mulheres a partir do decênio de 1910 na conjuntura social. Conhecida por seu envolvimento nas lutas feministas e estudantis, a poetisa e tradutora também é uma figura importante na sociabilidade esportiva, visto que lhe é atribuído o pioneirismo ao inserir a temática do futebol na poesia brasileira.

Cabe ressaltar que a poetisa é uma expressão do momento de várias modificações do comportamento feminino, mas as transformações desse período e a relação entre as mulheres e o futebol não se esgotam em sua figura. No entanto, ilustrar tais avanços na participação feminina na sociedade e no futebol através de Anna Amélia é importante para compreender como as aceleradas mudanças à luz da modernidade e a introdução do futebol no Brasil impactaram no cotidiano da sociedade. A ativista torna-se um exemplo, dentre tantas, de um movimento de mulheres a partir da década 1910 do século XX.

Nascida no Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1896, dois anos após o mito introdutório do futebol em São Paulo por Charles Miller, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça (foto abaixo) é filha do pioneiro empresário da siderurgia nacional e engenheiro Queiroz Jr., poetisa, tradutora de Shakespeare, militante estudantil e feminista. Casou-se, em 1917, com Marcos de Carneiro de Mendonça, jovem goleiro do Fluminense, membro da elite carioca, com quem viveu até a sua morte em 1971. Anna Amélia, como gostava de ser chamada, de acordo com

⁷ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades, p. 143.

⁸ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 143.

Constância Lima Duarte, é uma “mulher de seu tempo”⁹ e figura atuante na história da literatura, da luta pelos direitos feminino, da educação e do futebol e suas torcedoras.



Fig. 6: Fotografia de Anna Amélia (Arquivo CPDOC).

Filha de um usineiro, Anna Amélia teve uma criação tradicional da elite, jamais frequentou a escola. Recebia lições de línguas, artes, história, geografia e matemática através de tutoras europeias¹⁰ e era fluente em francês, alemão e inglês. Este último fundamental para a realização da tradução do livro de regras do futebol da Inglaterra.¹¹

⁹ DUARTE. Anna Amélia: militância e paixão, p. 22.

¹⁰ WOOD. The History of Football and Literature in Brazil (1908-1938), p. 752.

¹¹ WOOD. The History of Football and Literature in Brazil (1908-1938), p. 752.

A sua infância foi marcada pela harmônica convivência com os filhos dos funcionários da siderurgia do seu pai. Dessa interação, surge o interesse pelo futebol, através de “animadas partidas”,¹² das quais participava da organização, descritas em seu diário. David Wood¹³ afirma que seu encantamento com o esporte bretão fica evidente ao pedir de presente chuteiras e bola. Já em sua vida adulta, produz poemas e sonetos sobre o esporte, que serão brevemente apresentados nesse artigo. Tornando-se “a primeira mulher a produzir obras sobre literatura e futebol, não só no Brasil, mas em todo o mundo”.¹⁴

Constância Lima Duarte, ao descrevê-la no texto “Anna Amélia: militância e paixão”, publicado com parte do projeto que “promove o resgate e a revisão de nossa história”,¹⁵ afirma que a poetisa e militante era “moderna sem ser modernista”.¹⁶ De fato, Anna Amélia foi figura singular na representação da militância das mulheres da elite brasileira, pelo direito ao voto, além de lutar por uma educação mais igualitária entre as classes. Anna Amélia esteve à frente da Casa do Estudante do Brasil, fundada em 1929, como hospedagem no centro da cidade para o acolhimento de estudantes oriundos de outras cidades, a fim fazer estudos na capital da República. A autora foi fundamental ainda para o surgimento do Teatro do Estudantes (TEN) e do Teatro Experimental do Negro, este último liderado por Abdias Nascimento.

A vida pessoal e privada de Anna Amélia expressa também as nuances das representações femininas no período de modernidade e o impacto do futebol no cotidiano nas mulheres da elite do Rio de Janeiro. A interação das mulheres e dos homens nas partidas afeta a dinâmica das relações amorosas entre membros da alta classe carioca. Os clubes, suas arquibancadas e seus salões passam a ser espaços públicos de apresentação, de interação social e de flertes. Importante destacar que tais movimentos de interação social já estavam presentes nas arquibancadas dos hipódromos, como afirma Victor Melo:

¹² DUARTE. Anna Amélia: militância e paixão, p. 23.

¹³ WOOD. *The History of Football and Literature in Brazil* (1908-1938), p. 752.

¹⁴ WOOD. *The History of Football and Literature in Brazil* (1908-1938), p. 751.

¹⁵ DUARTE. Anna Amélia: militância e paixão, p. 22.

¹⁶ DUARTE. Anna Amélia: militância e paixão, p. 25.

O turfe foi uma válvula de participação social feminina, já que era considerado de caráter aristocrático e familiar. Os hipódromos logo se constituíram em locais adequados para ver e ser visto. Nas instalações e eventos turfísticos as mulheres estavam sempre presentes, acompanhando seus pais ou maridos e, para as que podiam, desfilando seus vestidos de última moda [...] Não se pode desconsiderar que a presença feminina nos prados era também concebida como mais uma forma de apresentar as mulheres à “nata da sociedade”, tornando-as conhecidas de algum “bom partido”, predispondo-as a um bom matrimônio.¹⁷

Anna Amélia casou-se com Marcos de Carneiro de Mendonça, considerado um dos primeiros ídolos brasileiros do futebol, “que para muitos personificaria a glória do futebol no Brasil”.¹⁸ Pertencia a uma família aristocrática no estado de Minas Gerais, ainda na infância mudou-se para o Rio de Janeiro e cresceu como membro da elite carioca. Estudou nos melhores colégios da cidade e era adepto das novidades europeias. Em 1908, Marcos conheceu o futebol, logo passou a ser figura assídua nas partidas do campeonato da Liga Metropolitana dos Sports Atlético e a torcer pelo América Football Club.

Já em 1910, Marcos iniciou sua carreira como goleiro de forma imprevista, como afirma o historiador Leonardo Pereira.¹⁹ Ele foi assistir a uma partida do Hadock Lobo contra o Fluminense e, diante da ausência do goleiro titular, o capitão do Hadock Lobo reuniu o time para discutir uma solução e Marcos aproveitou a oportunidade. Aos 16 anos de idade, em 1911, tornou-se goleiro titular do América, time para o qual torcia e era sócio, e em 1914 passou a defender as cores do Fluminense Football Club.²⁰

Marcos tornou-se um símbolo do esporte no Brasil. Conquistou quatro vezes o Campeonato Carioca, esteve presente diversas vezes na seleção estadual e, convocado para o selecionado brasileiro, conquistou os primeiros grandes títulos nacionais: Copa Roca, de 1914, e o Campeonato Sul-Americano de 1919.²¹ Porém,

¹⁷ MELO. Mulheres em movimento, p. 130.

¹⁸ PEREIRA. Pelos campos da nação, p. 25.

¹⁹ PEREIRA. Pelos campos da nação, p. 25.

²⁰ As datas aqui retratadas tomam como base o artigo biográfico, “Pelos campos da nação”, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira (1997), publicado pela *Revista Estudos Históricos*. No entanto, no livro *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*, de Marcelino Rodrigues da Silva, encontramos outros dados. Diferente de Leonardo Pereira, Marcelino afirma que Marcos aderiu ao futebol em 1905 com a criação do Brasileiro Football Club. Em 1910 entrou para o Hadock Lobo e em 1912 começou a jogar pelo América.

²¹ PEREIRA. Pelos campos da nação. SILVA. *Mil e uma noites de futebol*.

mais do que as vitórias em campo, Marcos de Mendonça personificava os valores atribuídos ao futebol da época. Como afirma Leonardo Pereira: “Com o futebol consolidando-se por entre a mocidade carioca, era hora de se fazer brotar os valores da terra, dando espaço aos *sportsmen* nacionais que começavam a querer tomar dos ingleses a supremacia do jogo nos campos cariocas”.²²

Marcos tornou-se um grande ídolo para os jovens apaixonados pelo futebol e uma referência para as narrativas esportivas. “Desde os jornais e revistas da década de 1910 até as mais recentes pesquisas historiográficas, ele tem sido visto como um símbolo desses primeiros anos da história do futebol no Brasil”.²³ O goleiro representava a elegância, a modernidade e a aristocracia que atraíam os jovens da elite brasileira para os campos de futebol. Além disso, nesse período de transformações sociais à luz do modernismo no Brasil, o esportista representava a antropofagia do futebol brasileiro em relação ao estrangeirismo inglês. Com isso, Marcos também era alvo da atenção das jovens presentes das alas sociais dos clubes. Segundo Pereira,²⁴ em 1914 a revista *Foot-ball* publicou uma crônica intitulada “Foot-ball e o Amor” na qual o cronista transcreve uma carta de amor, encontrada nas arquibancadas, dedicada ao “elegante defensor”.

A história do casamento de Anna Amélia e Marcos de Mendonça é conhecida por sua relação com o futebol. De acordo com Leonardo Pereira,²⁵ o esporte bretão tornou-se uma grande moda entre as moças e os rapazes da elite, “que faziam dos estádios verdadeiros pontos de encontro e de flerte”. Anna foi assistir a uma partida e encantou-se com a figura do goleiro em campo. O deslumbramento a fez escrever versos e um poema inspirado no belo *goalkeeper*. O despertar do sentimento pelo primeiro ídolo do esporte bretão é descrito pela poetisa como:

Mal de amor
Foi sob um céu azul, ao louro sol de maio
Que um dia eu te encontrei, formoso como Apolo
E o meu amor nasceu, num luminoso raio
Como brota a semente à umidade do solo.²⁶

²² PEREIRA. Pelos campos da nação, p. 29.

²³ SILVA. *Mil e uma noites de futebol*, p. 38.

²⁴ PEREIRA. Pelos campos da nação, p. 29.

²⁵ PEREIRA. Pelos campos da nação, p. 26.

²⁶ Arquivo CPDOC, 29 de março 1971.

Em entrevista ao jornalista Adriano Wilkson, do site UOL, publicada em 02 de outubro de 2014, Patrícia Scott Bueno, neta de Anna Amélia, afirma que a poetisa “foi a primeira maria-chuteira do Brasil”. A busca das mulheres das torcidas de futebol por jogadores ídolos atualmente é observada de forma pejorativa. No imaginário coletivo, a maria-chuteira representa a mulher vulgar, que cultua o seu corpo, sem conhecimento intelectual, que almeja ascender socialmente através do relacionamento com jogadores.

Anna Amélia, importante figura dentre as primeiras feministas, poetisa e membro da elite econômica do Rio de Janeiro, contradiz o imaginário de maria-chuteira atual. Para não incorrer no risco do anacronismo em sua análise, precisamos compreender que o ato de ser apresentada aos *sportmen* em busca de um casamento tornou-se comum nos eventos esportivos nas décadas de 1910. O futebol, símbolo esportivo das transformações modernas dos primeiros decênios do século XX, vivia o seu período de amadorismo elitista.

A poetisa tornou-se uma das primeiras torcedoras a ganhar notoriedade nas narrativas sobre o esporte e suas admiradoras. A sua frequência nos estádios, o seu casamento e os diversos relatos sobre futebol evidenciam como a participação feminina é significativa no período de consolidação do esporte no Brasil. Bem como, o esporte bretão impacta nos hábitos e nas representações das mulheres no século XX. De fato, Anna Amélia é apenas uma personagem que ilustra o desenvolvimento da presença feminina nos espaços públicos da vida cotidiana, especificamente as arquibancadas de futebol.

Desde 2011, o arquivo pessoal de Anna Amélia Queiroz de Mendonça está depositado na Fundação Getúlio Vargas, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Para a análise da sua relação com o futebol, foram coletados dados documentais através de pesquisa pelos termos “futebol”, “torcida”, “Marcos” e “Fluminense”. Os documentos são divididos em grupos denominados como Literatura, Militância Estudantil, Militância Feminista, Participação e Colaboração em Associações, Órgãos e Instituto, Documentos Póstumos e Vida Privada.

Neste estudo, as seções de literatura e vida privada são essenciais para entender a correlação da figura de Anna Amélia e o futebol, mas a pesquisa não se

esgota em tais descritores. Ao realizar a pesquisa dos termos na plataforma do CPDOC, foram encontradas 1305 ocorrências dispostas conforme a tabela abaixo:

Documentos Anna Amélia				
	Futebol	Marcos	Fluminense	Torcida
Literatura	1	774	2	
Militância Estudantil	3	9	204	
Militância Feminista		3		
Participação e Colaboração em Associações, Órgãos e Institutos	4	62	7	1
Documentos Póstumos	5	77	3	
Vida Privada		147		3
Total por coluna	13	1072	216	4
Total de ocorrências	1305			

Tabela 1: Número de ocorrências dos termos pesquisados no arquivo pessoal de Anna Amélia.

Este trabalho procura analisar tanto a relação do esporte com a sua vida privada, a partir do seu encantamento ainda na infância e o seu casamento com o goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, quanto a sua incidência nos seus textos literários. A trajetória e o envolvimento de Anna Amélia refutam a ideia de o futebol ser um esporte masculino que encanta apenas homens e apresenta de forma mais intensa a participação feminina nas arquibancadas e o impacto do esporte na vida pessoal das mulheres da elite carioca.

Em documento póstumo, sua filha, a crítica teatral Barbara Heliodora, descreve a vida dos pais como uma intensa relação entre futebol, literatura e história do Brasil. A análise dos arquivos de Anna Amélia nos indica como a introdução do futebol no cotidiano das famílias de elite do Rio de Janeiro modifica as relações entre o esporte e a vida privada as mulheres. Anna Amélia foi figura presente nas arquibancadas de futebol, contribuiu para a popularização do esporte entre as classes, visto que organizava partidas entre os filhos dos funcionários da siderurgia e traduziu um livro de regras inglês,²⁷ e colaborou também na

²⁷ WOOD. *Football and Literature in South America*, p. 194.

introdução do esporte bretão nos circuitos literários do Brasil. Os campos do esporte, da mulher e da intelectualidade são conectados e potencialização pela ação desta notória torcedora do século XX.

“MAL DE AMOR”: DO ENCANTAMENTO DA INFÂNCIA AO CASAMENTO

Anna Amélia, apesar de nascida no Rio de Janeiro, foi criada entre 1900 e 1910 na cidade de Itabirito, em Minas Gerais, onde seu pai, o siderúrgico José Joaquim de Queiroz Júnior, fundou a Usina Esperança. Da convivência com os empregados da usina, nasce o encantamento pelo futebol. Segundo David Wood e Constância Lima Duarte, Anna Amélia costumava jogar e organizar as partidas de futebol entre os filhos dos funcionários.

Aos 12 anos de idade, essa paixão pelo esporte torna-se ainda mais evidente ao pedir de presente de aniversário chuteiras e uma bola de futebol.²⁸ Cabe salientar que o futebol, até então, era um esporte praticado pelas elites sociais e econômicas do Brasil, principalmente entre os homens. Até às mulheres era reservado o espaço das arquibancadas e salões nobres quando estas conquistavam o direito de frequentar espaços públicos. É importante ressaltar que a participação das mulheres nos espaços públicos e a sua interação com indivíduos do sexo masculino é uma das novidades das transformações dos hábitos nas primeiras décadas do século XX.

Essa realidade começou a mudar a partir da metade do século XIX com a chegada de novos hábitos e inovações vindas da Europa. Nesse caso, o turfe foi uma importante abertura para “libertação e participação social feminina”,²⁹ principalmente para as mulheres das elites brasileiras. Antes da chegada do futebol, o turfe despertou o encantamento das camadas mais abastadas da sociedade por seu ar aristocrático e familiar. Era possível observar as damas da alta sociedade presentes dos salões nos eventos turfísticos com suas joias e vestidos de fino corte. Importante destacar que tais mudanças nos hábitos de convívio social são marcadas também pelo recorte de classe. Mulheres de classes

²⁸ WOOD. *Football and Literature in South America*, p. 194.

²⁹ MELO. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*, p. 150.

mais populares eram mais facilmente observadas nos espaços públicos, principalmente pela necessidade da sua inserção no mercado de trabalho.³⁰

As mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas. Afinal, era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas “de boa família”, que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo o que se fizesse necessário.³¹

Efetivamente, a efervescência de “um brado feminino de inconformismo”³² começa a surgir nos primeiros decênios do século XX. Os novos hábitos modernos das mulheres de classes de “boa família” tornam-se temas de debates na sociedade. Anna Amélia cresce na elite brasileira neste período de intensas mudanças comportamentais. A sua paixão pelo futebol e o desejo de praticá-lo, já na infância, denotam uma quebra dos padrões sociais que impunham o espaço doméstico à figura feminina.

Anna Amélia é uma mulher que, durante a sua vida, experienciou as mudanças dos paradigmas sociais ao longo do tempo. Nos seus estudos, jamais frequentou uma escola regular. Foi educada em casa, junto com a sua irmã Laura Margarida, por tutoras contratadas da família; “uma brasileira, duas inglesas e duas alemães. Foi assim que se especializaram no estudo de línguas, história e literatura”.³³ No entanto, em 1911, aos 15 anos de idade, retorna ao Rio de Janeiro com a sua família e já desfruta do desenvolvimento da participação feminina na vida pública da cidade.

O jogo converte-se pouco a pouco em um grande evento para elite da sociedade e os “estádios verdadeiros pontos de encontro e de flerte”,³⁴ tal qual ocorreu nas arquibancadas dos eventos de turfe. De fato, essa transformação proveniente do convívio entre homens e mulheres nos espaços públicos inicia nos salões dos clubes de turfe. Victor Andrade de Melo afirma que os eventos

³⁰ MELO. *Cidade Sportiva*.

³¹ MALUF e MOTT. *História da vida privada no Brasil*, p. 368.

³² MALUF e MOTT. *História da vida privada no Brasil*, p. 369.

³³ Fonte: Cópia do perfil biográfico de Anna Amélia, escrito por Lourdes Figueiredo, enviada pela Associação Brasileira de imprensa à Barbara Heliodora. Código: AACM vpr 1994.03.29.

³⁴ PEREIRA. *Pelos campos da nação*, p. 26.

turfísticos eram importantes ocasiões para apresentar as moças solteiras à nata da sociedade. Este hábito recém-introduzido na modernidade, visto que os casamentos até então eram comumente arranjos familiares por conveniência para manutenção de status e negócios, também é observado nas arquibancadas do esporte bretão.

Assim, Anna Amélia passa a frequentar as arquibancadas de futebol e, em 1913, ao assistir a uma partida do América Football Club, apaixona-se pelo goleiro Marcos Carneiro de Mendonça. A partir do nascimento desse sentimento, Anna Amélia escreve o seu poema “Mal de amor”, publicado no livro *Alma* (1922):

Foi sob um céu azul, ao louro sol de maio,
Que um dia eu te encontrei formoso como Apolo,
E meu amor nasceu num luminoso raio,
Como brota a semente à umidade do solo.
Havia tanta vida. Era tão verde o campo.
E eu senti-me envolver num clarão muito doce,
Esse clarão cresceu, cresceu e acentuou-se
Como o sol ao raiar pelo horizonte escampo.
E eu te amei... Foi assim – verdes frondes, contai-o
Que, banhado de luz, entre os beijos de Eolo,
Sob um céu muito azul, ao louro sol de maio,
Um dia te encontrei formoso como Apolo.

Além de versos, Anna Amélia também escreveu cartas para Marcos Mendonça nas quais o descreve como tal qual um dos deuses da mitologia grega, magnífico e heroico.³⁵ Marcos Carneiro de Mendonça realmente representava uma figura mítica no futebol brasileiro, uma vez que, como afirma Leonardo Pereira, o *goalkeeper* tinha um estilo de jogo elegante e cativante admirado pelos adversários e pelos torcedores presentes nas partidas. É o primeiro grande ídolo do esporte nacional e, segundo Marcelino Rodrigues da Silva, “um símbolo desses primeiros anos da história do futebol no Brasil”.³⁶ Como goleiro, Marcos conquistou campeonatos estaduais, atuou pelas seleções estadual e nacional e esteve presente nas conquistas da Copa Roca (1914) e do Campeonato Sul-Americano, em 1919.³⁷

Mais do que um atleta renomado, Marcos Mendonça era representante da família Carneiro de Mendonça, da alta sociedade de Minas Gerais. Apesar de

³⁵ PEREIRA. Pelos campos da nação.

³⁶ SILVA. *Mil e uma noites de futebol*, p. 38.

³⁷ SILVA. *Mil e uma noites de futebol*.

mineiro, por nascimento, mudou-se para o Rio de Janeiro ainda criança e foi através dos times cariocas que conheceu e se destacou no esporte bretão. Além disso, a sua forma elegante de jogar, bem como sua eficiência, o faziam ser celebrado pela imprensa. Leonardo Pereira afirma que Marcos “para muitos personificaria a glória do futebol no Brasil”.³⁸

Em 1917, Anna Amélia casa-se com Marcos Mendonça e desta união tem quatro filhos: Marcia Cláudia, Diana Laura, José Joaquim e Bárbara Heliodora. A união do casal, que durou até a morte repentina de Anna Amélia em 1971, é marcada pelo envolvimento de ambos com o futebol. Em documento póstumo,³⁹ Barbara Heliodora afirma que no ambiente familiar “a história do Brasil e a poesia sempre coexistiram tranquilamente com as paixões pelas antiguidades e pelo futebol”.

Durante a sua vida, Anna Amélia foi convidada para os grandes eventos sociais nas dependências do Fluminense Football Club e foi homenageada nas diversas associações e instituições das quais fez parte. Notável poetisa, é através também dos seus escritos que Anna Amélia revela o seu amor pelo marido e pelo futebol. Barbara Heliodora é categórica ao afirmar que “não é de se espantar, portanto, que um goleiro tenha desempenhado papel tão importante em sua vida”. É através de um poema, publicado em 1922, em homenagem a Marcos Mendonça que Anna Amélia inaugura as produções literárias femininas sobre o futebol em todo o mundo.⁴⁰

“O SALTO”: O PIONEIRISMO DA POETISA AMANTE DE FUTEBOL

A relação do futebol com a literatura tem sua origem já no período de consolidação do esporte no Brasil, no início do século XX. A primeira obra que utiliza essa temática é *Esphinge*, o romance de Henrique Maximiano Coelho Neto publicado em 1908 que retratava a relação de masculinidade e feminilidade do jogador de futebol James Marian.⁴¹ Desde então, o interesse das letras pelo esporte vem crescendo concomitantemente com a sua popularidade.

³⁸ PEREIRA. Pelos campos da nação, p. 25.

³⁹ Arquivo Pessoal disponível no CPDOC. Código AACM pos 1971.03.29.

⁴⁰ WOOD. The history of football and Literature in Brazil (1908-1938).

⁴¹ WOOD. The history of Football and Literature in Brazil (1908-1938), p. 747.

De acordo com David Wood, seis anos após a veiculação da obra de Coelho Neto, é publicado o primeiro texto exclusivamente dedicado ao esporte no periódico *O Football: Seminario dos Sports*, “*Schootando... (Às cariocas footballers)*”, de Ivan Ney. O poema, escrito por um jogador de futebol, traz a visão em primeira pessoa do plural da relação entre os jogadores e as torcedoras nas arquibancadas. “Notavelmente entre a multidão havia jovens mulheres, e ‘seus olhos, brejeiros... / Torcem por nós com fervor’encorajando os jogadores a se apresentarem melhor”.⁴² Além disso, Ney demonstra o aspecto positivo da prática do esporte, seus benefícios físicos e morais.

Em contraposição ao poema de Ivan Ney, um dos primeiros a tratar dessa temática através de uma perspectiva crítica, nos poemas brasileiros, que se tem conhecimento até então, é o “*Match de foot-ball*”, do jornalista e escritor Apparício Fernando de Brinkerhoff Torelly, também conhecido como Barão de Itararé ou Apporelly (1916). O Barão de Itararé foi um satírico jornalista e humorista político no Rio durante os anos 1920 e 1930, nos jornais *O Globo* e *A Manhã*.⁴³ Conhecido por seus recursos de ironia, o escritor faz uma sátira social sobre a violência do futebol em contraposição ao lindo dia: “O dia estava lindo / Havia gente em penca. / O juiz apitou e começou a encrenca”.⁴⁴

O poema foi publicado no volume de poesias *Pontas de Cigarro* (1916). Com uma linguagem marcada pelo uso do humor, faz uma crítica ao jogo do futebol e às confusões que ocorrem no ambiente futebolístico. Além disso, “*Match de foot-ball*” é uma obra que utiliza o anglicismo para denominar as particularidades do universo do futebol no título. Assim, jogo ou partida é “*match*”, futebol é “*foot-ball*”. No entanto, o texto é escrito em português, sem o uso de palavras em inglês, para narrar o evento, como podemos observar, por exemplo, nos versos: “Um jogador, feroz, deu com o pé na bola, / Que foi bater, bem certa, na cartola / Dum cidadão que não contava com essa / De ver amassada a tampa da... cabeça”.⁴⁵

O uso dos termos em inglês no título do poema e a escrita em português ao longo dos versos nos remete ao momento em que as narrativas sobre o futebol

⁴² WOOD. The history of Football and Literature in Brazil (1908-1938), p. 748.

⁴³ WOOD. The History of Football and Literature in Brazil (1908-1938), p. 478.

⁴⁴ APPORELLY. Match de foot-ball, p. 112.

⁴⁵ APPORELLY. Match de foot-ball, p. 112.

geraram acalorados debates sobre a utilização de anglicismos.⁴⁶ O uso dos termos em língua estrangeira é um dos traços da distinção social que se busca ao praticar o futebol e outros esportes modernos importados da Europa. Assim, o título do texto remete ao elitismo de uma partida de futebol enquanto o texto escrito em português demonstra a violência, a multidão.

O poema de Apporelly descreve uma partida de futebol e as correlações sociais brasileiras do início do século XX. O jornalista e escritor opõe a multidão do povo e o “bom chefe de família honrada”, o “jogador feroz” e o “cidadão”. Além disso, descreve a partida de futebol como um combate de fúrias sem lógica, uma correria, que termina em empate. A obra retrata também o aumento de popularidade do esporte, em 1916, ao narrar que “havia gente em penca” e a “louca multidão, bruta e malcriada” acompanhando ao evento esportivo.

Essa oposição entre positivismo de Ivan Ney e a crítica social de Barão de Itararé permaneceu entre a intelectualidade da literatura brasileira a partir das visões de Coelho Neto e Lima Barreto. De acordo com David Wood, em artigo publicado pela *Revista Estudos Históricos*, sobre a história do futebol na literatura brasileira nas primeiras décadas do século XX, a rivalidade futebolística entre os dois escritores foi um “conveniente campo de batalha para os seus conflitos políticos”⁴⁷ e acabou abruptamente com a morte precoce de Coelho Neto em 1922.

Para Lima Barreto, a influência estrangeira, a violência, o racismo e a divisão de classe na prática esportiva são aspectos negativos destacados. Além disso, o jogador de futebol é retratado negativamente como alguém preguiçoso, sem vontade de trabalhar, sem renda, sem inteligência e que deseja casar-se com uma viúva por interesse financeiro.⁴⁸

Em oposição, segundo afirma David Wood, Coelho Neto retrata o futebol a partir de uma visão positiva. Para o jornalista, escritor e sócio do Fluminense Football Club desde 1912, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, com quem Anna Amélia tinha relações pessoais, o esporte bretão possuía uma função civilizadora na sociedade brasileira. Coelho Neto defendia a eugenia e os

⁴⁶ MALAIA. A torcida brasileira, p. 54.

⁴⁷ WOOD. The History of Football and Literature in Brazil (1908-1938), p. 750.

⁴⁸ WOOD. The History of Football and Literature in Brazil (1908-1938).

benefícios morais da prática esportiva com seus textos de estilo clássico com referências a mitologia e ideologias europeias. Assim, durante as primeiras décadas do século XX, as narrativas sobre o futebol foram marcadas pela oposição de ideias sobre o uso social do esporte pela elite brasileira.

De fato, a década de 1910 é o momento de consolidação do esporte como uma modalidade praticada pelos membros da elite brasileira e apreciada por uma crescente parcela da população. Assim, o esporte começa a despertar o interesse de escritores, poetas e jornalistas, alcançando grande atenção dos escritos nas décadas seguintes, principalmente a partir de 1940.⁴⁹

Desde então, entre os escritores que dedicaram versos ao futebol, encontramos nomes como Carlos Drummond de Andrade (“Futebol”, “A Seleção”, “Aos atletas” etc.), Ferreira Gullar (“Gol”), Glauco Mattoso (“Soneto para o jogo bruto”), José Soares (“O futebol no inferno”), Vinícius de Moraes (“O anjo de pernas tortas”) e João Cabral de Melo Neto (“O torcedor do América F. C.”, “Ademir da Guia” etc.), entre outros.⁵⁰

Como podemos observar, a lista de escritores homens que produziram obras com a temática futebolística é extensa e amplamente conhecida com notórios nomes da cultura brasileira. A visão masculina sobre o futebol e os elementos do seu universo esportivo predominam nas publicações de poemas, textos literários, bem como nas narrativas jornalísticas à época. Essa predominância é notória, principalmente se considerarmos as condições da participação feminina na sociedade brasileira até então: o escasso acesso à educação formal escolar, a preparação para as mulheres exercerem atividades domésticas e familiares, a pouca participação feminina nas atividades públicas.⁵¹

No entanto, em 1922, é inaugurada uma visão reconhecidamente feminina sobre o futebol na poesia. Importante ressaltar que esse pioneirismo diz mais sobre a assinatura de uma mulher sobre um poema com relação ao futebol, uma vez que diversas mulheres publicavam seus textos sob pseudônimos ou anonimamente.⁵² Anna Amélia foi a primeira mulher a produzir um texto literário

⁴⁹ CORNELSEN. Vinicius e o futebol: um soneto para Garrincha.

⁵⁰ CORNELSEN. Vinicius e o futebol, p. 3.

⁵¹ SEVCENKO. História da vida privada no Brasil; BRANCO; QUEIROZ. Poesia feminina brasileira até os anos 20, uma ilustre desconhecida.

⁵² BRANCO; QUEIROZ. Poesia feminina brasileira até os anos 20, uma ilustre desconhecida.

sobre o futebol no mundo.⁵³ A obra literária de Anna Amélia é extensa e representa cerca de 10% do seu arquivo pessoal depositado na Casa Acervo do CPDOC.⁵⁴

Ainda na adolescência, com 14 anos de idade, Anna Amélia publicou seu primeiro livro em 1911, *Esperança*, e desde então foram escritas mais cinco obras literárias: *Alma* (1922), *Ansiedade* (1926), *A harmonia das coisas e dos seres* (1936), *Mal de amor* (1939) e *50 poemas de Anna Amélia* (1951). Além disso, participou de conferências, discursou em diversos eventos e escreveu para periódicos como *O Globo*, *O Jornal*, *Diário da Noite* e *A noite*.⁵⁵

Membro da elite econômica do Brasil, Anna Amélia começou a frequentar as partidas de futebol do Fluminense, nas Laranjeiras, onde encontrou o seu marido Marcos Carneiro de Mendonça. Segundo Leonardo Pereira (1997),

[...] depois de escrever versos nos quais descreve Marcos “como um deus a baixar do Olimpo”, ela seria apresentada ao jovem goleiro por suas primas, logo tornando-se sua namorada. Além dos versos, ela escreve uma carta para Marcos, na qual descreve seu “impulso frenético” ao ver a “magnífica figura” do goleiro, pintado por ela como “um grego”, o “herói de uma olimpíada”.⁵⁶

Assim como observamos, as mulheres de classe econômica mais abastada formavam uma assistência importante nas arquibancadas e nos salões sociais dos clubes. Entretanto, dificilmente temos conhecimento da perspectiva feminina sobre os fatos ocorridos no ambiente futebolístico. Geralmente, a narrativa sobre os acontecimentos, bem como a participação das mulheres, obedece a uma lógica masculina.

“O salto” é um soneto publicado na antologia *Alma* em 1922, que enaltece a performance de Marcos de Mendonça em campo. Em seu formato clássico de 14 versos alexandrinos em 4 estrofes, enobrece o futebol ao fazer alusão à Grécia Antiga, à Ilíada e à Olimpíada. Além disso, compara Marcos a um herói e ao deus da mitologia grega Apolo. O estilo clássico e a referência à Grécia são uma estratégia de glorificar o esporte como um elemento de distinção da sociedade brasileira.

⁵³ WOOD. The History of Football and Literature in Brazil (1908-1938).

⁵⁴ HOLLANDA. Webinar Mulheres escritoras – arquivos literários e feminismos na América Latina.

⁵⁵ Arquivo Pessoal disponível na Casa Acervo CPDOC. Anna Amélia notas bibliográficas. Referência: AACM vpr 1944.03.29 p. 54-64.

⁵⁶ PEREIRA. Pelos campos da nação, p. 29.

Segundo Bernardo Buarque de Hollanda,⁵⁷ o poema no estilo parnasiano foi composto na casa de Coelho Neto, durante um dos saraus dominicais entre jogadores do Fluminense da década de 1910 e 1920, onde eram discutidos os resultados das partidas de futebol. Apesar de não fazer menção ao posicionamento do atleta em campo, mais do que uma referência à plástica dos movimentos de Marcos ao saltar para defender a meta tricolor, o poema é uma ode ao esporte e uma declaração ao marido. Como um personagem do texto clássico de Homero, um bom e belo guerreiro, que moldou o ideal de homem a ser seguido pelo povo grego:⁵⁸

Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético,
Serenó, forte, audaz, como um vulto da Ilíada,
Todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético,
Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada.⁵⁹

O poema é escrito em primeira pessoa do singular, mas não há marcas de gênero em sua escrita, assim só é possível identificar que se trata de uma visão feminina dos fatos a partir da análise da autoria da obra. O texto revela os sentimentos de admiração e paixão do eu-lírico ao observar o jogador desempenhar as suas funções no campo:

Estremeci fitando esse teu porte estético,
Como diante de Apolo estremecera a dríada.
Era um conjunto de arte esplendoroso e poético
Enredo e inspiração para uma helioconíada.⁶⁰

Para descrever a beleza dos movimentos de Marcos, bem como enaltecer a prática esportiva do futebol, Anna Amélia constrói todo o seu texto em referência a elementos da cultura grega e à arte. O termo helioconíada refere-se às nove musas que moravam no Monte Hélicon, próximo ao Monte Olimpo. As belas deusas são divindades, filhas de Zeus e Mnemósine (Memória), capazes de cantar as vitórias

⁵⁷ HOLLANDA. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*, p. 67.

⁵⁸ CABRAL. *Ilíada de Homero e sua problemática teórica*.

⁵⁹ MENDONÇA. *O salto*, p. 109.

⁶⁰ MENDONÇA. *O salto*, p. 109.

gregas e inspirar poetas, artistas e músicos.⁶¹ Ou seja, a performance de Marcos, ao saltar, é bela e fonte de inspiração tal qual as musas deusas gregas.

No cenário sem par de um pálido crepúsculo
Tu te lançaste no ar, vibrando em cada músculo
Por entre as aclamações da massa estusiástica.⁶²

A partida é apenas um plano de fundo para a plástica dos movimentos refinados de Marcos. Podemos inferir que o momento sublime descrito no poema ocorreu em uma partida disputada no entardecer com a presença de um numeroso público nas arquibancadas. Os espectadores, de tal espetáculo performático de Marcos, aplaudiam a beleza de seu movimento. Assim, a admiração não é restrita a apenas ao eu-lírico, mas validada também pela observação da torcida naquele cenário único proporcionado pela disputa do jogo.

Como um deus a baixar o Olimpo, airoso e lépido
Tocaste o solo, enfim, glorioso ardente, intrépido,
Belo na perfeição da grega e antiga plástica.⁶³

Na última estrofe de seu poema, a autora narra o ato final de um salto. O pouso no solo é divino, elegante, ágil e destemido. Características, mais uma vez, assumidas de uma divindade da mitologia. Anna Amélia descreve a estética do movimento do salto a partir da concepção grega de beleza e perfeição que impactou nas produções das artes plásticas clássicas. Ou seja, composto por equilíbrio, simetria, harmonia e proporcionalidade. O salto de Marcos possui uma essência universal e era capaz de causar catarse no público, como no pensamento de beleza de Platão e Aristóteles.⁶⁴

Em “O salto”, Anna Amélia aproxima o futebol da estética das artes e das inspirações greco-romanas. Publicado em 1922, o poema é escrito sob as inspirações do desenvolvimento do futebol durante a década anterior e nos mostra indícios dos acontecimentos por virem na década de 1920. Isto é, ao ser escrito por Anna Amélia em homenagem ao seu marido, enobrecendo a sua performance e

⁶¹ ZWILLING. *As canções de William Shakespeare: resgate do repertório original de cena*; CARVALHO. *Atualizações das imagens míticas de Eros, Tântalos e Hermes em Vozes do deserto*, de Nélida Piñon.

⁶² MENDONÇA. O salto, p. 109.

⁶³ MENDONÇA. O salto, p. 109.

⁶⁴ VALE. *A Estética e a questão do belo nas inquietações humanas*.

comparando-o aos deuses gregos, a obra retrata o olhar feminino sobre um aspecto do jogo. Assim, podemos perceber que o texto nos dá indícios da participação da mulher, da alta sociedade, nas arquibancadas de futebol, bem como da atuação feminina nos espaços públicos da sociedade, uma vez que Anna Amélia não só está presente nos estádios, mas atuando como poetisa, tradutora e forte influência na militância estudantil.

Portanto, o pioneirismo de Anna Amélia ao retratar o futebol na literatura brasileira no início da década de 1920 também expressa os acontecimentos da década. É nesse decênio que o futebol começa a se popularizar e a chamar atenção das camadas mais populares. Nesse momento surge o mito da luta antirracista no futebol com o Vasco da Gama e inicia-se o processo de profissionalização do esporte. Além disso, as mulheres passaram a movimentar-se de forma organizada, a ocupar espaços na imprensa, e a reivindicar a emancipação feminina e o direito ao voto.⁶⁵

Assim, podemos concluir que Anna Amélia Queiroz de Carneiro Mendonça foi uma figura que transitou entre o desenvolvimento da participação feminina no futebol das décadas de 1910 e 1920. Afinal, como afirma Bárbara Heliodora, em documento póstumo disponível na Casa Acervo,⁶⁶ o futebol e a história do Brasil são relações intensas na vida da poetisa e de toda a sua família ao lado de Marcos de Mendonça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anna Amélia é, como Constância Lima descreve, uma mulher ao seu tempo. A poetisa e militante caracteriza as mudanças nos hábitos femininos a partir da configuração moderna da sociedade. Além disso, sua relação com o futebol demonstra como o esporte em consolidação no Brasil despertou o interesse de homens e mulheres da elite brasileira.

⁶⁵ DUARTE. Anna Amélia: militância e paixão.

⁶⁶ Documento póstumo disponível no Arquivo Pessoal de Anna Amélia, depositado na Casa Acervo (FGV/CPDOC). Referência: AACM pos 1971.03.29.

Membro de uma elite econômica brasileira, Anna Amélia carrega o estigma de seu pioneirismo em tratar do futebol em seus textos. O mais célebre poema, “O salto”, descreve o seu encantamento com a performance em campo de seu marido, o goleiro Marcos Mendonça.

Importante ressaltar que, mesmo com sua participação ativa, por vezes a sua relação com o esporte é mediada através da figura do seu marido. No entanto, é essencial observar a sua atuação como protagonista da relação com o esporte. Afinal, Anna Amélia demonstrou interesse pelo futebol desde a sua infância.

Como exposto ao longo do texto, tanto a vida profissional, quanto a vida pessoal e privada de Anna Amélia espelha a relação do futebol com o período de modernidade e modernismo que o Brasil ingressara. O seu soneto é uma ode ao esporte, mas também caracteriza a mudança de *status quo* das narrativas e dos ídolos do esporte. Apesar de ser um esporte trazido da Inglaterra, como um movimento inicial de antropofagismo da cultura, a partir das décadas de 1910 e 1920, o elemento nacional passa a ser enaltecido. Em “O salto”, a plástica dos movimentos de um goleiro, descritas em português e referenciando um ídolo nacional, também simboliza a entrada do futebol na literatura poética nacional.

Esse campo de estudo ainda precisa de maior exploração, visto que as narrativas sobre o torcer nos primórdios futebolísticos no país são uma lacuna nas ciências. Quando observado pelo prisma do gênero, as pesquisas tornam-se mais escassas. Portanto, tal artigo visa abarcar o tema, mesmo que introdutoriamente.

Podemos, portanto, concluir que Anna Amélia e a sua produção textual com relação ao futebol nos indica a participação feminina nas arquibancadas do futebol a partir da mudança comportamental ocorrido no período de adequação à modernidade. Além disso, seus textos enobrecendo as performances de seu marido e o esporte praticado no Brasil também nos apontam um movimento de valorização dos símbolos nacionais, característico do modernismo.

* * *

Referências

- APPORELLY. Match de foot-ball. In: PEDROSA, Milton. (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p. 112.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). (Dissertação de Mestrado). Centro de Pesquisa e Documentação. Fundação Getúlio Vargas, 2019.
- BRANCO, Lúcia Castello; QUEIROZ, Sônia Maria de Melo. Poesia feminina brasileira até os anos 20, uma ilustre desconhecida. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, n. 12, p. 145-57, 1984.
- CABRAL, João Francisco Pereira. *Ilíada de Homero e sua problemática teórica. Brasil Escola*. Disponível em: <https://bit.ly/3PJPtUh>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- CARVALHO, Patrícia Rufino de. **Atualizações das imagens míticas de Eros, Tântatos e Hermes em Vozes do deserto, de Nélida Piñon**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2014.
- CORNELSEN. Vinicius e o futebol: um soneto para Garrincha. **Todas as Musas**, a. 5, n. 1, 2013, p. 2-11.
- DUARTE, Constância Lima. Anna Amélia: militância e paixão. **Interdisciplinar**, Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 3, 2007.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 151-72, 2003.
- FIGUEIREDO, Lourdes. Perfil Biográfico de Anna Amélia. **Associação Brasileira de Imprensa**. Arquivo Pessoal depositado no Centro de Pesquisa e Documentação – FGV, 2008.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-51, 2005.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **Webinar Mulheres escritoras** – arquivos literários e feminismos na América Latina. Mesa 1, 02 ago. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3FQiihe>.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. (Dissertação de Mestrado). PUC, Rio de Janeiro, Dep. de História, 2003.
- MALAIA, João M. C. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- MALUF, Marina. MOTT, Maria Lucia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau et al. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará. FAPERJ, 2001.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 127-52, 2007.

MENDONÇA, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de. O salto. In: PEDROSA, Milton. (Org.). **Gol de letra**: o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p. 109.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 23-40, 1997.

SEVCENKO, Nicolau et al. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998.

SILVA, Marcelino Rodrigues. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

VALE, Lúcia de Fátima do **A Estética e a questão do belo nas inquietações humanas**. Florianópolis: UFSC, 2009.

WILKSON, Adriano. 1ª maria-chuteira do Brasil fez poesia para conquistar o goleiro da seleção. **Portal Uol**. 02 de outubro de 2014. Acesso em: 20 maio 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3YKxPI4>.

WOOD, David. **Football and Literature in South America**. London: Taylor & Francis, 2017.

WOOD, David. The History of Football and Literature in Brazil (1908-1938) i. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 32, p. 744-64, 2019.

ZIRBEL, Ilze. A caminhada do Movimento Feminista Brasileiro: das sufragistas ao Ano Internacional da Mulher. **IV Seminário Internacional de Iniciação Científica**, p. 10, 1998.

ZWILLING, Carin. **As canções de William Shakespeare**: resgate do repertório original de cena. Edição analítica, transcrição e indicações para tradução. São Paulo: USP, 2003.

* * *

Recebido: 15 de março de 2022.
Aprovado: 22 de dezembro de 2022.

Friedenreich e a ambiguidade da identificação racial no Brasil

Friedenreich and the Ambiguity of Racial Identification in Brazil

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, Brasil
Doutor em Educação Física, Universidade Gama Filho
bruno.abrahao@ufba.br

Antonio Jorge Gonçalves Soares

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em Educação Física, Universidade Gama Filho
ajgsoares@gmail.com

RESUMO: Este artigo aborda a ambiguidade racial do ex-jogador de futebol Arthur Friedenreich. Sua biografia revela um jogo entre heteroidentificação, produzida pela historiografia do futebol brasileiro e autoidentificação, indiciada nas fontes contemporâneas que se reportaram a ele. Nosso objetivo é analisar o “preconceito à brasileira” na sua biografia. Para tanto, apresentaremos o jogo Preto x Branco, a discussão sobre o modo como o preconceito opera no Brasil e sua relação com a escrita da história do futebol brasileiro, reportando-se ao aspecto racial do ex-jogador. Concluímos que Friedenreich representa um personagem que encarnou a ambiguidade do modo como pretos e mestiços foram assimilados ou discriminados, através de uma complexa avaliação que considera aspectos fenotípicos e sociais. A biografia do ex-jogador de futebol Friedenreich dialoga com a ambiguidade das marcas do “preconceito à brasileira” e aglutina as especificidades dos critérios de identificação de brancos e pretos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Relações Raciais; Preconceito.

ABSTRACT: This article approaches the ex football player Arthur Friedenreich racial ambiguity. His biography reveals a game between hetero identification, produced by brazilian football historiography, and self-identification indicated in the contemporary sources which are reported to him. Our goal is to analyse the “Brazilian prejudice” in his biography. Therefore, we are going to present the game Black X White, the discussion on how prejudice operates in Brazil and its relation with the writing of the history of Brazilian football refers to the racial aspect of the former player. We concluded that Friedenreich represents a character which embodied the ambiguity of how blacks and mestizos were assimilated or discriminated through a complex avaiation which considers phenotypic and social aspects. The ex football player biography Friedenreich dialogues with the ambiguity of the brands of “Brazilian prejudice” and agglutinates the specificities of the identification criteria for whites and blacks in Brazil.

KEYWORDS: Football; Racial Relations; Prejudice.

INTRODUÇÃO

Na historiografia do futebol brasileiro, a vida do ex-jogador Arthur Friedenreich ocupa um capítulo à parte. Em virtude do prestígio adquirido pelo seu alto desempenho nas partidas de futebol, nas primeiras décadas do século XX, ele é lembrado como o principal jogador daquele período e o primeiro grande ídolo desse esporte no Brasil.¹ Por isto, ele é personagem frequente nos lugares que guardam a memória do futebol no país, especialmente em São Paulo, capital.

Ao analisar como o ex-jogador aparece nos museus da cidade, Abrahão e Soares² perceberam que além das estatísticas futebolísticas que fizeram dele um jogador de notoriedade nas décadas iniciais do futebol no país, outros apontamentos trazidos por estes “Lugares de memória”³ indiciam a ambiguidade de sua identidade racial naquele período. Sintetizando os significados assumidos pelos elementos da biografia de Friedenreich, elegidos para serem rememorados nos museus da cidade de São Paulo, os autores destacam o fato de o biografado aparecer nos locais pesquisados como um símbolo de sucesso do futebol mestiço, da mobilidade social via democratização racial, como um ator social que representa tanto as tensões raciais quanto os processos de embranquecimento da época. Sua heteroidentificação racial no presente e sua alta competência futebolística no passado fazem dele um símbolo apropriado pela memória social nas exposições dos museus. Tais exposições, para além de seus feitos, não deixam de apresentar indícios das estratégias de embranquecimento, ao mesmo tempo em que o coloca como o primeiro herói preto a construir a saga do negro no futebol brasileiro.

Para Gonçalves Jr.⁴ o percurso de Friedenreich permite a visualização de uma série de práticas que constroem no cotidiano toda uma cultura e uma mentalidade, próprias de uma vida urbana e moderna, que se instalou em São Paulo no início do Século XX. Além disso, adiciona-se um novo elemento que justifica a atenção: ele personifica a ambiguidade do complexo sistema de classificação racial brasileiro

¹ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*.

² ABRAHÃO; SOARES. O ex-jogador de futebol Arthur Friedenreich nos museus da cidade de São Paulo, p. 93-111.

³ NORA. Entre memória e história: a problemática dos lugares, p. 7-28.

⁴ GONÇALVES. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*.

naquele período. Um indício desta ambiguidade pode ser observado a partir da sua participação no jogo “Preto x Branco”, evento da agenda do futebol paulista daquele período como parte das celebrações da abolição da escravatura. Na contramão de muitas produções jornalísticas e acadêmicas, matérias de jornal sobre estes jogos fornecem indícios que contrariam parcialmente as leituras atuais sobre esse personagem no contexto da sociedade ou do futebol brasileiro à época.

Os jogos “Preto x Branco” foram objeto de alguns estudos desenvolvidos por Abrahão e Soares. No primeiro deles (2012),⁵ os autores observaram os significados daqueles jogos realizados entre jogadores autodeclarados pretos e brancos, que ocorreram 39 anos após a formalização do fim da escravidão. As matérias sobre estes jogos davam conta de que foram promovidos pelas instituições de futebol e realizados com a anuência da “Associação dos Homens de Côr”, que se beneficiava com a doação da renda do evento para financiar parte de suas atividades. Tais jogos apresentam significados sobre o debate racial e as representações sobre as “raças”, em uma sociedade que passava a ser constrangida pelos códigos de uma ordem liberal. Com toda pompa que merecem os grandes cerimoniais nacionais, esses eventos singulares foram idealizados para celebrar a emancipação política com o fim oficial da escravidão. Em (2016),⁶ a atenção foi dada ao modo como a ausência de violência nos jogos se relacionava com temas como “raça” e “civildade” brasileira e refletia as demandas do contexto histórico e os dilemas identitários acerca da população brasileira naquela ordem pós-escravocrata. A República buscava afirmação de sentidos e símbolos de coesão social sobre o Brasil e sobre ser brasileiro. A realização desses jogos serviria para mostrar que o país, mesmo com a memória da escravidão ainda recente, soubera superar o preconceito de cor e de raça. Portanto, o evento tinha um caráter ritual quando destacava a harmonia entre brancos e pretos no campo de futebol, ambos submetidos às mesmas regras. O evento tinha por intenção simbólica expressar a convivência pacífica e igualitária naquele jogo ritual entre brancos e pretos na sociedade paulistana. Por fim, em

⁵ ABRAHÃO; SOARES. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos x brancos”.

⁶ ABRAHÃO; SOARES. Raça e civilidade nos jogos “preto x branco”.

(2017),⁷ o interesse foi realizar uma leitura do modo como a imprensa da época se reportava às quatro vitórias dos times dos pretos, das duas dos brancos, além do empate. Concluíram que os jogos objetivavam integrar e contestar o preconceito no Brasil e, como consequência deste movimento de aproximação entre iguais, emergiram os estereótipos positivos sobre as qualidades corporais para falar das vitórias dos pretos assim como elementos do plano do jogo para falar da vitória dos brancos. Pensado após a abolição, o efeito ambíguo desse elogio reside no fato de localizar os campos de futebol como espaços de integração do preto na sociedade brasileira. O diferencial deste texto reside na atenção à ambiguidade da identificação racial no Brasil da época personificada na biografia do primeiro ídolo do futebol no país.

Souza⁸ traz outra interpretação sobre os jogos. Segundo o autor, eles foram uma saída conciliatória e silenciadora em um período de afirmação social. Todos os elementos parecem ter sido cuidadosamente construídos para dramatizar a questão racial brasileira por meio do futebol, através de um conflito latente da sociedade paulistana nos anos de 1920 e 1930. A idealização destes jogos pela elite paulistana buscava a conciliação de raças, um apaziguamento da tensão pós-abolição. “Essas partidas podem ser consideradas a representação de uma guerra que não aconteceu de fato, uma guerra simbólica disputada com uniformes e chuteiras, ao invés de fardas e coturnos. É o futebol como guerra simbólica”.⁹ Em contrapartida, a sociologia damattiana teria nesses jogos uma prova de que o futebol seria um tipo de experiência ritual, na qual a sociedade hierarquizada permitia um momento de igualação dos homens, quando submetidos à isonomia das mesmas regras durante o certame. Para DaMatta,¹⁰ o futebol se tornou um dos poucos espaços da experiência liberal no Brasil no qual se permite a afirmação dos méritos individuais e coletivos, independentemente da cor e da origem social.

Ao longo das sete edições do jogo “Preto x Branco”, atuaram dezenas de jogadores, dentre os quais Arthur Friedenreich, que participou, segundo as fontes disponíveis, de duas dessas edições. Friedenreich era considerado o melhor jogador

⁷ ABRAHÃO; SOARES. Futebol, raça e identidade nacional: uma análise do desempenho dos jogadores nos jogos preto x branco.

⁸ SOUZA. *Esporte e Política (1926-1938)*.

⁹ SOUZA. *Esporte e Política (1926-1938)*, p.111.

¹⁰ DAMATTA. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*.

do futebol brasileiro naquele momento e foi escalado no time dos brancos nas edições de 1927 e 1928, não tendo sido encontrado nas edições posteriores nos periódicos que se ocuparam deste evento. Wisnik¹¹ descreve que Friedenreich também num combinado de pretos paulistas contra cariocas, em 1929, pelo time dos pretos, inclusive como capitão da equipe. A matéria do Jornal Clarim D’Alvorada, vinculado à imprensa negra da época, de dia 3 de fevereiro de 1929, anuncia: “Esporte. Futebol. Uma bella victória da nossa mocidade. O grande encontro amistoso do combinado lafeano (pretos de São Paulo) vs combinado carioca da Metro”.¹² Abaixo dessa chamada está estampada uma foto de Friedenreich com o refrão “capitão do quadro preto” e o resultado: Paulistas 6 x Cariocas 2. Em 25 de maio de 1932, uma nova participação no time dos pretos: a Frente Negra Brasileira promoveu a Taça Princesa Isabel e o jogo terminou com grande vitória do time dos brancos por 6 a 1. Na oportunidade, quem teria escolhido os jogadores do selecionado dos pretos foi Friedenreich, “uma figura curiosa nessa híbrida história”.¹³

A questão que se coloca é: como se dava o processo de hetero e autoidentificação naquele contexto? Nosso intuito não é banalizar a discussão para simplesmente afirmar se ele se passava por branco ou preto naquela sociedade, mas sim tomá-lo como um caso que revela os significados culturais atribuídos a cor, raça e classe na época. Na esteira de Lucena, a intenção é refletir sobre aspectos da vida de um dos ídolos do futebol brasileiro, ao lado da sua prática no Brasil, ao lado da prática do futebol no Brasil: “como componente de um processo do qual participam as transformações econômicas, culturais e políticas, concomitantemente”.¹⁴ Com efeito, Friedenreich, por certo, revela a ambiguidade racial daquele período.

O fato de o jogo de brancos contra pretos de 1927, patrocinado pela LAF, ter o grande ídolo Friedenreich relacionado no time dos “brancos”, enquanto em outras oportunidades ele jogou pelo time de “pretos”, demonstra a ambiguidade da linha de cor que misturada a outros atributos sociais e corporais dos indivíduos. Para a LAF, em 1927, ele era o ídolo do futebol da época, o herói da Copa Sul-Americana de 1919. Frequentava as altas rodas da sociedade paulistana e tinha alguns traços

¹¹ WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*.

¹² GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 90.

¹³ CAMPOS. *O homem negro no esporte Bandeirante*, p. 111.

¹⁴ LUCENA. *Fried, o futebol e a individualização do sportman*, p. 222.

corporais e comportamentais de branquitude. Sua presença no time dos brancos revela as singularidades do preconceito racial no Brasil através de um modo classificatório que não opera apenas através de caracteres biológicos ou pelo corpo em si, mas também por outros indicadores culturais, sociais e econômicos, marcas que podem definir o que era ser preto ou branco naquela sociedade.

Temos em Friedenreich um jogo de contraste entre heteroidentificação, produzida por parte da historiografia e da memória do futebol brasileiro, indicada nas fontes contemporâneas que se reportaram a ele, bem como a ambiguidade da sua autoidentificação que as fontes em sincronia com a sua vida revelam. Assim, nos colocamos o desafio de analisar as dissonâncias e ambiguidades desta aparente contradição: como um mesmo jogador poderia ser preto e branco? De um lado, as representações que o colocam como um herói preto, um mulato de sucesso nos primórdios do futebol brasileiro. De outro, um preto embranquecido que supostamente não aceitava sua origem mestiça, mas mesmo assim se permitia jogar pelo time de pretos no jogo contra brancos, conforme está indiciado nas fontes da imprensa daquela época. Nosso objetivo é analisar o “preconceito à brasileira” na sua biografia.

FRIEDENREICH E O “PRECONCEITO À BRASILEIRA”

Em Oracy Nogueira,¹⁵ encontramos uma contribuição fundamental para a compreensão da forma como o preconceito e discriminação operam no Brasil. O ponto central da sua reflexão é a permanência, o desenvolvimento e a especificidade do “preconceito de cor” ou “de marca”. Seu objeto teorizado foi à complexa constelação de preconceitos baseados em marcas, afastados de origens geográficas ou culturais, resguardados por ideologias assimilacionistas, que dificultam o cultivo

¹⁵ Oracy Nogueira nasceu em 1917, Cunha (SP), e faleceu na mesma cidade em fevereiro de 1996. Aos 23 anos ingressou no bacharelado em Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política e o concluiu em 1941 com a publicação da pesquisa escrita em 1942: “Atitude Desfavorável de Alguns Anunciantes de São Paulo em relação aos Empregados de Cor”. Em 1945, ele concluiu o mestrado com a dissertação “Vozes de Campos de Jordão. Experiências Sociais e psíquicas do tuberculoso Pulmonar do Estado de São Paulo. Entre 1945 e 1947, Nogueira obteve uma bolsa do *Institute of International Education* e seguiu para a realização do doutoramento naquela universidade. Naquele período o interesse pelas relações raciais ampliou-se cujo livro em questão é resultado (Cavalcanti, 1998).

de diferenças identitárias pelos discriminados.¹⁶ Para ele, o “preconceito de marca” seria o predominante na cultura brasileira, onde as nuances cromáticas da pele contribuíram para um futuro mais ou menos promissor, nos moldes de um sistema econômico competitivo e excludente. No Brasil, o preconceito operaria uma complexa equação na qual os aspectos físicos, sociais, econômicos e culturais tornam a pessoa branca ou não-branca. Em outras palavras, a cromatização da pele, contrabalançada com atributos culturais e econômicos, definem quem é branco e quem não é, a despeito da ascendência, aqui vale o “fenótipo físico e social”. Este tipo de preconceito varia de intensidade conforme a nuance da cor negra: quanto mais escura é a cor da pele do indivíduo, mais ele sofre as consequências do preconceito de cor.

No Brasil, disse Nogueira, “o preconceito tende, antes, a situar os indivíduos, uns em relação aos outros, ao longo de um *continuum* que vai de extremamente ‘negróide’, de um lado, ao complementarmente ‘caucasóide’, de outro”.¹⁷ Em suas palavras,

[...] os indivíduos são classificados e se classificam a si próprios como brancos, pardos ou mulatos claros, pardos ou mulatos escuros e pretos – variando, até certo ponto, os “tipos” reconhecidos e as respectivas designações de uma para outra região do país – levando-se em consideração, em cada caso, a ausência ou a concentração de traços negróides (densidade da pigmentação, textura e cor dos cabelos, formato do nariz e dos lábios etc.), ou seja, a aparência resultante da combinação ou fusão de traços europeus e africanos.¹⁸

Na vida social, os caracteres negróides “implicam preterição de seu portador quando em competição, em igualdade de condições com indivíduos brancos ou de aparência menos negroide”.¹⁹ Consequentemente, o *status* ou o sucesso do indivíduo negróide depende, em grande parte, da compensação e da neutralização de seus traços “pela associação com outras condições, inatas ou adquiridas, socialmente tidas como de valor positivo ou negativo – grau de instrução, ocupação, aspecto estético, trato pessoal, dom artístico, traços de caráter etc”.²⁰

O futebol se radicou no Brasil na esteira de transformações sociais e políticas – fim da escravidão e do Império, instauração da primeira República e adoção de

¹⁶ GUIMARÃES. *Preconceito de cor e racismo no Brasil*.

¹⁷ NOGUEIRA. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*, p. 199.

¹⁸ NOGUEIRA. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*, p. 199.

¹⁹ NOGUEIRA. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*, p. 200.

²⁰ NOGUEIRA. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*, p. 200.

novos modelos socioculturais europeus em vigor na virada do século XIX para o XX. Intimamente relacionado com o processo de modernização das cidades e essencialmente ligado aos valores da sociedade em geral, a vivência destas práticas era uma das formas de distinção social daquela sociedade recentemente republicana. Uma das vias de afirmação de status era a participação social nos clubes aristocráticos²¹ das classes abastadas da capital paulista. Todavia, o futebol se disseminou para além dos muros dos clubes de elite e foi apropriado pelas camadas populares que realizavam a prática do esporte nos campos de várzea²² e se organizavam em clubes modestos para viver a experiência cidadina.²³

Nas três primeiras décadas do século XX, o futebol deixou de ser amador e elitista, marcando uma reorganização de novas fronteiras da apropriação deste esporte. A profissionalização, oficializada em 1933, passou a ser um mercado laboral para as camadas populares, beneficiadas com a concorrência entre os clubes e a debandada dos jovens bem-nascidos incomodados com a popularização do esporte. Na fase amadora, não raro, houve alguma forma de burlar as regras estabelecidas, colocando em xeque a ideia de que a prática do futebol era uma das marcas de distinção social das classes abastadas que vedava, em tese, à remuneração dos praticantes. Tal norma decorria da moralidade do *ethos* amador que se tornava, ao mesmo tempo, uma forma de interdição às classes trabalhadoras aos circuitos de sociabilidade da elite. Os clubes eram espaços frequentados por pessoas de alto *status* social, “era um lugar de sociabilidade entre iguais”.²⁴

Em função disto, o futebol era um cenário onde as lógicas de classificação e as tensões de raça e cor emergiam naquela sociedade. Friedenreich em geral era tratado como “branco” por ter iniciado a carreira no Germânia, clube da colônia alemã, sendo ele descendente de alemão; também teve sua melhor fase como atleta durante os anos 20 no Paulistano, clube que melhor representava a elite paulistana

²¹ Denominação dada pela historiografia aos clubes de elite formados no final do Séc. XIX e nas primeiras décadas do XX.

²² Denominação dada aos campos de futebol instituídos em espaços urbanos livres e desabitados, nas margens dos rios urbanos em áreas alagáveis e de pouco valor econômico.

²³ SEVCENKO. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura frementes anos 20*.

²⁴ DAMO. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, p. 74.

naquele momento²⁵. Todavia, parte da literatura ou da memória, quando fala de Friedenreich, acaba revelando as nuances da ambiguidade racial no Brasil.

Mário Filho, ao publicar a primeira edição do livro *O negro no futebol brasileiro* em 1947, pela Irmãos Pongetti Editores, toma Friedenreich, entre outros negros e/ou mulatos, como o primeiro herói do futebol brasileiro, aquele que inaugurou a saga dos negros neste esporte. Ele teria inaugurado a saga do negro abrindo as portas para a democratização racial no futebol brasileiro. Isso marcaria a presença de pretos e “mulatos” incorporados ao esporte, antes destinado às elites brancas. Para Mário Filho, a vitória brasileira no Campeonato Sul-Americano de 1919, seria uma inflexão do papel do negro no futebol, pois “o chute de Friedenreich teria aberto o caminho para democratização do futebol brasileiro, democratização que viria lentamente, mas que não pararia mais, a despeito de tudo”.²⁶ Tais questões foram levantadas por Mário Filho, referindo-se a Friedenreich como um mulato que queria “passar por branco”.²⁷ Ao descrevê-lo, Mário Filho salienta algumas de suas características:

Friedenreich, de olhos verdes, um leve tom de azeitona no rosto moreno, podia passar se não fosse o cabelo. O cabelo farto, mas duro, rebelde. Friedenreich levava, pelo menos, meia hora amansando o cabelo.

Primeiro untava o cabelo com brilhantina. Depois, com o pente, puxava o cabelo para trás. Cabelo não cedendo ao pente, não se deitando na cabeça, querendo se levantar. (...)

O velho Friedenreich não perdia um *match* do filho. E fazia questão de dizer a todo mundo que era o pai. (...) O cabelo do Arthur, bem preto, bem espichado brilhava ao sol. Não parecia cabelo dele. Parecia mais postiço, colado na cabeça com goma arábica. Ele podia meter a cabeça na bola. A cabeleira não caía, ficava onde estava. Nem um fio desmanchado. Não era cabelo postiço, era cabelo “não nega”.

Denunciando o mulato Friedenreich,

Outros mulatos tinham jogado futebol. Mulatos e pretos. Tinham jogado, jogavam mais do que antes. Antes ninguém se preocupava com a cor. A cor não importava. O que importava era o meio. Friedenreich não era do meio do Ipiranga?..²⁸

A partir dessa passagem de Mário Filho, podemos extrair algumas marcas que são reconhecidas da heteroidentificação da cor de um indivíduo na sociedade

²⁵ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*.

²⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 54.

²⁷ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 61.

²⁸ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 61.

brasileira. Embora o jornalista tenha salientado que o jogador tinha os olhos verdes, um sobrenome europeu (que indicava a ancestralidade alemã) e frequentasse o “meio” do Ipiranga, clube da elite paulistana, ele demarca que Friedenreich era mulato, em função do cabelo crespo, herdado da mãe afrodescendente brasileira. A tônica do texto é chamar atenção para o fato de que Friedenreich destinava tempo para arrumar o cabelo como uma forma de branqueamento, para esconder marcas da mestiçagem e assumir a posição social que julgava legítima para seu status.

Mário Filho decidiu que ele era “mulato” para construir a saga e a democratização do futebol brasileiro, quando pretos e “mulatos” teriam sido incorporados ao esporte e se tornariam a marca da identidade do Brasil no futebol. A literatura, quando se reporta a Friedenreich, descreve esse tipo de ambiguidade. Gonçalves Jr.²⁹ diz que ele jogava como um “mulato de várzea, com o ritmo das danças da cultura brasileira. Mas ele alisava cabelo e jogava no aristocrático paulistano, na seleção dos brancos contra os negros”. Cabe lembrar que a descrição de Mário Filho tinha uma função na estrutura de seu livro. Alinhada à noção de democracia racial de Gilberto Freyre, queria narrar o processo de democratização do futebol brasileiro até 1947, época em que havia escrito a primeira edição de *O negro no futebol brasileiro*.³⁰ Separar temporalmente a data da primeira edição das demais é fundamental para entender que nessa edição o futebol tinha se tornado mais um exemplo da democracia racial no Brasil.³¹ Mário Filho atribui a popularidade de Friedenreich ao fato “de ele ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que ele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros [no Sul-Americano de 1919]. O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro”.³²

As lentes da democracia racial e da integração nacional emolduram a narrativa de Friedenreich e de outros heróis pretos do futebol brasileiro. Para Mário Filho, a figura de Friedenreich no gol da vitória, mais que o próprio gol, teria produzido a eficácia simbólica demonstrando que o futebol se tornou, naquele momento, o espaço da expressão da democracia racial no Brasil. A popularidade de

²⁹ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 103.

³⁰ SOARES. História e a invenção das tradições.

³¹ SOARES. História e a invenção das tradições.

³² RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 69.

Friedenreich mostrava que a exclusividade do branco no futebol estava chegando ao fim. Mário Filho também quer demarcar que a democratização do futebol se iniciou no momento em que o futebol se tornou um lugar de expressão do mérito para além das origens sociais e étnicas. O que importava era a vitória, a bola lá dentro, no fundo das redes: “metida por um branco, um mulato, um preto. Pouco importava”.³³

[...] nenhum clube com um mulato, com um preto no time, tinha sido campeão de 6 a 22. Só o escrete brasileiro com Friedenreich. Friedenreich, porém, tinha pai alemão, não queria ser mulato. Nem mesmo quando se separou o branco do preto, quando se quis ver quem jogava mais, o branco ou o preto. Formava-se um escrete de brancos, um escrete de pretos e mulatos, Friedenreich não era escalado em nenhum dos dois. Uma homenagem que se prestava ao autor do gol da vitória do Brasil em 19. Nem branco nem mulato, sem cor, acima dessas coisas.³⁴

Mário Filho, provavelmente nesse trecho, faz menção ao jogo “Preto vs. Branco”, quando diz que Friedenreich não teria atuado em nenhuma das equipes. Sua narrativa difere do que revelam os jornais paulistanos sobre aquele jogo ritual realizado no dia comemorativo da abolição da escravidão em São Paulo. As fontes indicam que Friedenreich inicialmente jogou no time dos brancos, nas edições em 1927-28, realizadas entre paulistas e depois no dos pretos, em 1929 e 1932, em combinados de jogadores pretos, nos jogos entre paulistas pretos e cariocas brancos. Em síntese, esse é um típico exemplo de como a identidade racial poderia ser manipulada por Friedenreich naqueles contextos.

Mário Filho coloca Friedenreich numa espécie de “limbo racial”. Suas interpretações sobre futebol e relações raciais pautaram boa parte da historiografia e da sociologia do futebol brasileiro.³⁵ Por exemplo, Aquino³⁶ corrige Mário Filho em relação à participação de Friedenreich no time dos brancos, mas reforça a busca de branqueamento de Friedenreich:

[...] nesse contexto de discriminação a negros, mulatos e pobres, curiosamente foi um mulato claro o primeiro claro ídolo do futebol brasileiro. Chamava-se Arthur Friedenreich, era filho de um alemão com uma negra e tinha o apelido de “El Tigre”. *Ainda que nunca admitisse não ser branco, tanto que chegou a integrar uma seleção de brancos contra*

³³ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 112.

³⁴ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 119.

³⁵ SOARES. História e a invenção das tradições.

³⁶ AQUINO. *Futebol: uma paixão nacional*, p. 41.

outra de mulatos e negros, Fried era inegavelmente mulato-claro, com cabelos bem crespos. Nascido em São Paulo, jogou em diversos clubes, conquistando as maiores glórias no Clube Atlético Paulistano, tendo atuado na seleção brasileira entre 1914 e 1935. Segundo a FIFA, Friedenreich chegou a marcar mais gols que Pelé, em geral, considerado o maior artilheiro de todos os tempos. De acordo com as estatísticas, Pelé assinalou 1282, ao passo que Fried teria feito 1929.³⁷

Agostino apresenta, no apêndice do livro de Mário Filho, os perfis dos jogadores negros ou mulatos mais expressivos do futebol brasileiro e elenca Friedenreich, destacando alguns fatos da sua biografia como a convocação em 1914, para aquela que seria a primeira seleção nacional da história do futebol brasileiro: “Nada comum na época, a presença de um jogador mulato na seleção brasileira contrastava com os pressupostos assumidamente racistas que até então imperavam na República Velha”.³⁸ A trajetória do jogador teria sido pontuada pelo próprio esforço que empreendeu para ser aceito no ambiente social em que vivia, através de artifícios e práticas que visavam “promover seu próprio ‘branqueamento’, uma representação emblemática dos caminhos de inserção de negros e mulatos no futebol brasileiro de então”.³⁹

Bellos, jornalista inglês que viveu e trabalhou no Brasil, também reproduz Mário Filho, ao descrever os primórdios do futebol brasileiro e a participação de Friedenreich naquele contexto:

[...] aos poucos jogadores mestiços começaram a se infiltrar nos grandes clubes. Eles eram induzidos a sentir vergonha da sua cor. Arthur Friedenreich, filho de um imigrante alemão com uma mãe negra brasileira, tinha a pele branca apesar do cabelo enrolado. Antes dos jogos ele procurava alisá-lo ao máximo, cobrindo-o com brilhantina e enrolando uma toalha em volta como um turbante.⁴⁰

Mazzoni, o principal narrador da história do futebol em São Paulo, destaca a virtuosidade técnica de Friedenreich. Em nenhum momento o jornalista indica a ancestralidade ou identificação racial desse personagem. No capítulo dois de seu livro, ele anuncia “Surge Friedenreich”:

³⁷ AQUINO. *Futebol: uma paixão nacional*. p.41

³⁸ AGOSTINO. *Perfis dos primeiros craques negros e mulatos do futebol brasileiro*, s/p.

³⁹ AGOSTINO. *Perfis dos primeiros craques negros e mulatos do futebol brasileiro*, s/p.

⁴⁰ BELLOS. *Futebol: o Brasil em campo*, p. 37.

[...] Fried foi um fenômeno extraordinário do futebol. Tornou-se a figura número um do “association” do nosso país, como foi a de Carlos Gomes na música, de Rio Branco na diplomacia, Rui Barbosa na jurisprudência, Bilac na poesia, Santos Dumont na aviação etc. Mereceu ser chamado, em 1919, de um dos “maiores brasileiros vivos”. Então sua fama atingiu o auge, juntamente com a fama do futebol nacional. Seu nome imortalizou-se. Fried, sem dúvida, é um imortal para nosso esporte. Seu nome saiu da cidade, foi para o interior, para o sertão, atravessou fronteiras... Sua figura é lendária, e será recordada eternamente pelo mundo brasileiro esportivo!

A criança-prodígio de 1909, que já era orgulho daquele que fora o autor de seus dias, Oscar Friedenreich, e que foi também o seu principal animador e torcedor até findar a sua honrosa existência, devia ser “El Tigre” de 1919. Depois foi o “sábio”, o “vovô” de 1935. Nos seus 26 anos de faustosa carreira futebolística, Fried “descobriu” todos os segredos da arte da pelota. Herói de mil batalhas, o artífice de mil vitórias. Os seus tentos foram pequenos “capolavoros”. Toda a ciência do popular jogo ele a conheceu. Foi completo, completíssimo... Tudo ele teve, nada deixou de fazer com a bola. Foi técnico e estilista, improvisador e construtor, artilheiro e fintador, compassado e astuto. A sua arte, uma maravilha...

Jogou com imaginação e intuição, com inteligência e vivacidade, com lealdade, elegância, correção e audácia. Os seus tentos, os seus passes, as suas fintas tiveram precisão mecânica e estilo inconfundível, segurança absoluta e técnica acabada. Todo seu jogo foi um espetáculo, como raro outro avante, desde que o futebol existe no mundo, o executou. Em um quarto de século, o jogo de Fried criou um verdadeiro dicionário da sua arte. Em arte, tanto o foi de futebol científico, como bizarro, de fantasia, volúvel e positivo, alegre e efetivo.

Que gênio! Que fenômeno!⁴¹

Diferentes das passagens anteriores, em que a ancestralidade materna foi acionada para chamar à atenção de sua origem negra, nesta passagem Mazzoni não trata da questão racial, nem da ancestralidade e nem da cor de Friedenreich. Ele destaca aspectos técnicos do jogador que teria sido aquele que inaugurou a excelência da escola brasileira de jogar futebol. Ele era do Ipiranga, tinha sobrenome alemão e olhos verdes, o que importaria o destaque da cor da pele ou raça do jogador? Para Mazzoni, identificá-lo como mestiço poderia significar uma marca de desprestígio do seu herói. A heteroidentificação racial de pessoas é algo desconfortável em nossa cultura e, geralmente, se usam eufemismos para a identificação de pretos nas relações públicas ou face-a-face, outra estratégia é a invisibilidade da cor. Mazzoni, filho de imigrantes italianos, viveu o Brasil da Belle Époque, assistiu a Friedenreich jogar e a cultuar o helenismo daquele período. Ele,

⁴¹ MAZZONI. *História do futebol brasileiro*, p. 73.

como ex-praticante de futebol, sabia reconhecer a singular virtuosidade de Friedenreich. Ele fora socializado na cultura do embranquecimento e destacar a mestiçagem de Friedenreich talvez causasse desconforto e provavelmente significaria dar luz a uma dimensão do personagem, ainda vista na época como negativa. Friedenreich talvez fosse um arquetípico mulato machadiano: “nem rejeitado, nem admitido”.⁴²

Friedenreich frequentava dos campos enlameados da várzea aos estádios dos clubes de elite, revelando os dilemas do país naquele contexto: “a trajetória de Friedenreich poderá nos mostrar muito sobre essa sociedade híbrida que se modernizava baseada? num modo de vida europeu, mas ainda fortemente marcada por práticas enraizadas no nosso passado colonial”.⁴³ Ainda para o autor, Friedenreich ajuda a “cristalizar esse *ethos* brasileiro, ao mesmo tempo em que deixa transparecer em seu jogo e em sua vida como esportista, como homem, como paulista e como brasileiro, as faces do homem urbano moderno”.⁴⁴

Gonçalves Jr.⁴⁵ destaca o fato de Friedenreich ter sido apropriado como um dos mestiços simbólicos primordiais do ser brasileiro, anteriormente usado como uma espécie de novo bandeirante pelo discurso da paulistanidade na fundação da metrópole, na reinvenção de São Paulo: “tal qual enigma que pode servir a qualquer um ousar vencer o assombro e lograr desvendá-lo”. Para Gonçalves Jr.,⁴⁶ uma análise mais atenta em relação às matérias de jornais e revistas, que tratam dos episódios da carreira de Friedenreich, são extremamente reveladoras desse jogo de identidade, que o permitia usar aquele mundo a seu favor e ser usado por ele: “ser branco ou negro, paulista ou brasileiro, atleta de clube aristocrático ou peladeiro varzeano, era tudo questão de contexto e circunstâncias”. Além disso, indicavam que “personagem ele deveria assumir, que aspecto da sua identidade seria o mais pertinente em cada ocasião”.⁴⁷

[...] um brasileiro que não é branco se passar por “outro”, fingir ser algo que não é em função de uma necessidade, real ou imaginária. Muito provavelmente essa ambivalência de Friedenreich aliado à forma estética

⁴² GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 100.

⁴³ GONÇALVES. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 7.

⁴⁴ GONÇALVES. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 7.

⁴⁵ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 100.

⁴⁶ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 69.

⁴⁷ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 89.

como jogava e seu reconhecido talento como jogador fez do atleta Friedenreich, o ídolo e o herói Friedenreich. O duplo padrão comportamental obedecido pelos mestiços como Friedenreich – de ser negro e ser branco – configura-se, pode se dizer, em um vetor crucial desse modelo sociocultural brasileiro da negociação. Friedenreich não era um negro e não era um branco. Mas podia se parecer com um negro ou podia se parecer um branco. A negociação não se dava apenas com o meio e com o “outro, mas também comigo próprio, com sua própria identidade. E neste trocar de máscaras de acordo com a necessidade acabou conformando a especificidade maior não apenas de Friedenreich, mas também desse grupo híbrido que é a sociedade brasileira. Em caráter ambíguo, de alguma forma, contribuiu para levar Friedenreich às glórias da seleção brasileira, ao sucesso no Paulistano, à fama conquistada na Europa. Graças a esta ambivalência advinda da negociação e de sua capacidade de colocar a bola nas redes – que provavelmente tenha até sido fruto desse seu caráter polissêmico e de uma riqueza técnica obtida talvez ainda em função desse intercâmbio cultural – pode-se apontá-lo como o melhor jogador “branco” de seu tempo e o melhor jogador “negro” do seu tempo.⁴⁸

Como os jornais da época lidavam com esta ambiguidade? Salathiel Campos, jornalista negro e militante do Movimento Negro na época, era um dos que tinha uma percepção diferente sobre a ambiguidade de Friedenreich. Ao estudar a militância deste jornalista e a inclusão de jogadores negros no futebol de São Paulo, através dos seus escritos, entre os anos de 1926 a 1938, Souza⁴⁹ indica que Salathiel discordava do pensamento hegemônico da época, que pensava Friedenreich como o maior jogador de futebol de sua época. Talvez esta discordância estivesse relacionada à controversa do mestiço que jogava no aristocrático Paulistano. No livro *O homem negro no esporte Bandeirante* (1934), Salathiel Campos critica os negros que negam a raça. Ele lembra que nas primeiras edições dos jogos de brancos contra pretos Friedenreich compõe o quadro branco nos jogos realizados em São Paulo. Em 1929, ao contrário, joga pelo selecionado paulista de jogadores pretos contra cariocas pretos e em 25 de maio de 1932 foi ele quem escolheu o time de pretos na acachapante derrota para os brancos por 6 a 1. Friedenreich “é de fato uma figura complexa. Se dizemos que jogo de futebol é uma guerra simbólica, “Friedenreich foi um agente duplo”.⁵⁰ Nesta direção, Gonçalves Jr.⁵¹ considera que Friedenreich parece mais “ambíguo que preciso, mais flexível do que exatamente um

⁴⁸ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 106.

⁴⁹ SOUZA. *Esporte e Política (1926-1938)*, p. 119.

⁵⁰ SOUZA. *Esporte e Política (1926-1938)*, p. 119.

⁵¹ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 103.

paulista ou um brasileiro, mais indeterminado do que um mulato que surgiu das várzeas ou o branco do paulistano”. É justamente a ambiguidade e a forma pela qual a sociedade opera as clivagens sociais e raciais que permite a Friedenreich usar a máscara social que desejasse ou que desejassem que ele assumisse.

Lucena⁵² sugere dois aspectos que podem ser úteis para entender a questão de jogadores de futebol como Friedenreich, a saber: “o seu tempo já marca o início de uma busca por se tornar um ‘artista autônomo’; a representação de ser um ‘profissional’ entre ‘amadores’ e que em sua percepção o ex-jogador “se situa neste vértice e muito que desempenhou e representou no futebol deve-se a aspectos dessa relação sociológica ainda em aberto e pouco discutida nas análises sobre o esporte no Brasil”.⁵³ O texto aqui procurou seguir nesta direção através dos vestígios da biografia do ex-jogador, imiscuída com a cena da época, especialmente o destaque à sua participação nos jogos simbolicamente importantes nos primórdios do futebol que colocavam em destaque as tensões raciais e a perspectiva de conciliação naquele Brasil.

Ao analisar a relação de negros e brancos em São Paulo, no século posterior à abolição, Andrews⁵⁴ salientou que embora os pardos (mestiços ou mulatos) ocupassem uma posição intermediária entre os pretos e os brancos na hierarquia racial, sua posição era muito mais próxima dos pretos que dos brancos, fato que levou cientistas sociais a concluir que no Brasil a “linha de cor” parece estar localizada entre os brancos e os não brancos e não entre os pardos e os negros, como se poderia acreditar. Isso seria uma evidência de que a “condição racial do moreno está mais associada ao status racial negro que ao branco”.⁵⁵ Esse argumento é reforçado por Bastide e Fernandes⁵⁶ que assinalam a forte linha divisória entre “negros” e “mestiços”, de um lado, e “brancos” de outro, que ainda seriam reminiscências do século XIX. Coincidentemente ou não, características fenotípicas como cabelo, cor, nível socioeconômico, são aspectos que emergem da biografia de Friedenreich, quando a literatura do futebol brasileiro o trata como objeto de análise.

⁵² LUCENA. Fried, o futebol e a individualização do *sportman*, p. 230.

⁵³ LUCENA. Fried, o futebol e a individualização do *sportman*, p. 230.

⁵⁴ ANDREWS. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*, p. 385.

⁵⁵ ANDREWS. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*, p. 385.

⁵⁶ BASTIDE; FERNANDES. *Brancos e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*.

CONCLUSÃO

Friedenreich se tornou um herói de várias cores na época em que o futebol passou a figurar como elemento da identidade brasileira. Poderia se reconhecer como branco, poderia se reconhecer como preto, mestiço ou mulato, segundo expressão da época. Tinha como ascendência a mãe negra⁵⁷ e o pai alemão, que lhe dera o sobrenome pelo qual era reconhecido. Sua aparência, as relações de autoidentificação e heteroidentificação na época e seu prestígio no futebol permitia que jogasse na equipe de brancos ou pretos nestes jogos comemorativos e rituais. Duas ressalvas devem ser feitas: a primeira é que não encontramos nos periódicos da época nada que fosse relacionado às críticas relativas a preconceito de cor em relação à Friedenreich; a segunda é que também não encontramos vinculações dele com o movimento negro da época ou com a imprensa negra que tinha no futebol dos anos 20 e 30 do Século XX, um objeto para denunciar preconceitos raciais e de posituação do preto⁵⁸ no futebol e na sociedade.

A biografia de Friedenreich dialoga com as características do “preconceito à brasileira” interpretado, entre outros estudiosos, por Oracy Nogueira como “preconceito de marca”. Diferentemente do preconceito racial e irredutível ao preconceito de classe, a especificidade do preconceito que se desenvolveu no Brasil atingiria até mesmo pessoas pretas e pardas das camadas superiores, como parece ser o caso do ex-jogador. Friedenreich, à exceção do seu cabelo crespo, reunia muitas marcas de embranquecimento naquela sociedade: cor da sua pele, um sobrenome alemão, seus pertencimentos aos clubes de elite – o Ipiranga e o Paulistano –, e seu comportamento social, marcas essas que o embranquecia. Essas marcas parecem ter neutralizado sua negritude e a ancestralidade negra de sua mãe. Observe que ela é quase invisibilizada nas narrativas de sua trajetória biográfica, em geral ela aparece como a mãe preta que se casou com alemão, explicando a origem mestiça de Arthur Friedenreich. O pai é descrito como alguém presente nos campos de futebol acompanhando o filho. Como branco e alemão, ele é retratado com nome e sobrenome, Oscar Friedenreich. Relembramos que o nome da mãe, Matilde, pouco

⁵⁷ O nome da mãe, Matilde, raramente aparece nas narrativas sobre Friedenreich.

⁵⁸ ABRAHÃO; SOARES. Imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX, p. 63-76.

aparece nas narrativas sobre o jogador. Não precisamos entrar aqui na evidente questão de gênero e raça que também atravessava aquele espaço social e temporal.

A mestiçagem de Friedenreich jamais se limitou à dimensão biológica, pois as narrativas enfatizam a “mestiçagem social” quando descrevem sua experiência com os diferentes mundos. Ele iniciou sua atuação no futebol nos campos populares dos terrenos baldios (chamados de campos de várzea) e frequentou os clubes da capital paulistana, assim ele representa a síntese da mistura de tradições culturais, de classe e de “sangue” que teria produzido a originalidade do futebol nacional e de nossa cultura. Essa é uma narrativa com forte eficácia simbólica ainda hoje, apesar da ascensão e do reconhecimento dos movimentos negros. Friedenreich é o personagem que ora é tratado como alguém que buscava o reconhecimento e o embranquecimento, ora é representado como o primeiro herói negro do futebol brasileiro. Ele serve como um coringa para a produção das narrativas.

A biografia de Friedenreich apresenta um personagem que encarnou a ambiguidade de como pretos e mestiços foram assimilados ou discriminados, a partir de uma complexa avaliação que considera a variação cromática da pele, as características físicas, sobretudo faciais, os traços comportamentais, culturais e econômicos. Tal avaliação pode embranquecer, empretecer ou ocultar as marcas raciais do personagem, a depender do contexto da época, dos analistas ou das demandas do presente quando ele se torna objeto de debate das relações raciais no esporte e na sociedade. Deste modo, podemos considerar que a biografia do ex-jogador de futebol Friedenreich dialoga com a ambiguidade das marcas do “preconceito à brasileira” e aglutina as especificidades dos critérios de identificação de brancos e pretos no Brasil.

* * *

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 63-76, 2012.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O ex-jogador de futebol Arthur Friedenreich nos museus da cidade de São Paulo. In: **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 7, n. 2, 2020, p. 93-111.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos "pretos x brancos". **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 26 (1), 47-61, 2012.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Raça e civilidade nos jogos "preto x branco". **Movimento**, v. 22, n. 4, p. 1137-48, 2016.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Futebol, raça e identidade nacional: uma análise do desempenho dos jogadores nos jogos preto x branco. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, p. 183-190, 2017.
- AGOSTINO, Gilberto. Perfis dos primeiros craques negros e mulatos do futebol brasileiro. In.: RODRIGUES FILHO. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- ANDREWS, George. R. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: Edusc, 1998.
- AQUINO, Rubim. S. **Futebol: uma paixão nacional**. J. Zahar: Rio de Janeiro, 2003.
- BASTIDE, Roger; B. FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: Global, 2008.
- BELLOS, Alex. **Futebol: o Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CAMPOS, Salathiel. *O homem negro no esporte Bandeirante* II[1]. **Correio Paulistano**. São Paulo, p. 7. Edição 24089, 05 out. 1934a.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Apresentação. In: NOGUEIRA. **Preconceito de marca**: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1998.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Oracy Nogueira e a Antropologia no Brasil**: o estudo do estigma e do preconceito racial. Caxambú: 19º Encontro da ANPOCS, 1995.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

- GONÇALVES Jr. René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole.** História Social da FFLCH, USP, 2008.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, v. 47. São Paulo: USP, 2004.
- LUCENA, Ricardo. Fried, o futebol e a individualização do *sportman*. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Orgs.). **O Futebol nas Ciências Humanas no Brasil.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 220-231.
- MAZZONI, Thomaz. **História do futebol brasileiro.** São Paulo: Olympicus, 1950.
- NOGUEIRA, Oraci. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1998.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, 10, p. 7-28, 1993.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** 1ª ed.. Rio de Janeiro: Mauad, 1947.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SOARES, Antonio Jorge G. História e a invenção das tradições. **Revista Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 119-146, 1999.
- SOUZA, Bruno Jeuken. Salathiel Campos. **Esporte e Política (1926-1938).** Dissertação Mestrado em História. Universidade de São Paulo, 2017.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

* * *

Recebido em: 21 de dezembro de 2021.
Aprovado em: 03 de dezembro de 2022.

A mestiçagem nas imagens de Leônidas da Silva nas Copas do Mundo de 1938 e 1998: diálogos entre Brasil e França

Miscegenation in the Images of Leônidas da Silva in the 1938 and 1998 World Cups: Dialogues between Brazil and France

Diana Mendes Machado da Silva

UNIFESP, Cidade/xx, Brasil
Doutora em História Social, USP
dmendesmachadodasilva@yahoo.com.br

RESUMO: A Copa do Mundo é um momento de ativação e de circulação de representações nacionais, sendo a visualidade uma parte fundamental desse universo. Em 1938, Leônidas da Silva foi o brasileiro de maior destaque do torneio pelo excelente desempenho e pelo carisma. Sua imagem circulou dentro e fora do país por meio de fotografias publicadas em inúmeros periódicos propagando a ideia de mestiçagem brasileira, cara à identidade nacional e também ao imaginário internacional em meio à onda nazifascista. Essas fotografias foram tão significativas que não cessaram de ser apropriadas e atualizadas, em momentos como na Copa de 1998 revelando as bases de um diálogo tecido entre Brasil e França.

PALAVRAS-CHAVES: Copa do Mundo de Futebol, Mestiçagem, Leônidas da Silva, Modernismo, Brasilidade.

ABSTRACT: The World Cup is a moment of activation and circulation of national representations, with visuality being a fundamental part of this universe. At the 1938 World Cup, Leônidas da Silva was the most outstanding Brazilian player in the tournament, both due to his excellent performance and his charisma. His image circulated in Brazil and abroad through numerous periodicals, also carrying collective meanings. In fact, the player's images were useful in propagating the idea of Brazilian miscegenation, dear to national identity and also to the international imagination in face of the nazi-fascist wave. They were so meaningful that they kept on being appropriated and updated, even sixty years later, on the occasion of the 1998 World Cup and will be analyzed here from the point of view of a dialogue between Brazil and France.

KEYWORDS: World Cup; Modernism; Miscegenation; Brazilianity; Leônidas da Silva.

INTRODUÇÃO

A Copa do Mundo é um momento de ativação e de circulação de representações nacionais, sendo a visualidade uma parte fundamental desse universo. Como algumas imagens são capazes de condensar e de promover identidades, se tornam frequentes e se repetem a cada edição desse torneio. É o que se pode notar nas duas Copas do Mundo realizadas na França, em 1938 e em 1998, nas quais o Brasil manteve um diálogo especial com o país sede.

Em 1938, Leônidas da Silva foi o brasileiro de maior destaque do torneio, sagrando-se o artilheiro e tendo sido considerado o melhor jogador. Negro e oriundo do subúrbio carioca, Leônidas impressionou pelo excelente desempenho e pelo carisma. Apelidado de *Diamante Negro*, sua imagem passou a circular a partir de dezenas de fotografias dentro e fora do país. Em pouco tempo, elas passaram das páginas dos periódicos esportivos para as das revistas de variedades, figurando, ainda, na publicidade de produtos como chocolates ou automóveis. Ao final dos anos 1930, o craque tornava-se a primeira celebridade negra do futebol brasileiro.

O desempenho esportivo e carisma pessoal de Leônidas explicam boa parte da repercussão de suas imagens, mas elas também carregavam significações mais coletivas. E para compreender essa questão, basta lembrar que o período em que o jogador foi destaque era profícuo em representações nacionais. As mais fortes dentre elas eram baseadas na positivação da mestiçagem, isto é, na valorização da ideia da “mistura” entre as “raças” indígena, europeia e africana que teriam formado o Brasil.

Iniciadas com a Semana de Arte Moderna, em 1922, tais representações seguiram sendo configuradas com vigor durante o Estado Novo, tornando-se parte importante do projeto político de Getúlio Vargas. Mantinham, ainda, forte diálogo com temas internacionais candentes vinculados à ascensão do nazifacismo e à eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Os produtos daquela elaboração foram tão significativos que não cessaram de ser recuperados e atualizados. Reapareceram sessenta anos depois por ocasião da Copa do Mundo de 1998. Uma vez mais, as imagens de Leônidas da Silva foram mobilizadas como signos de brasilidade. E é por meio dessas imagens que se pode compreender alguns dos diálogos realizados entre Brasil e França.

“FUTEBOL-FANTASIA INVADIU A EUROPA HÁ 60 ANOS”



Fig. 1 - “Futebol-fantasia invadiu a Europa há 60 anos”. Por ocasião da Copa de 1998, *O Estado de São Paulo* mobiliza fotografia da chegada da seleção brasileira à França para disputar a Copa de 1938.

Fonte: *O Estado de São Paulo*, 21-05-1998, p. 40. Arquivo pessoal Albertina dos Santos.

Iniciando a cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 1998, o jornal *O Estado de São Paulo* publica, em 21 de maio, uma fotografia com a legenda “No desembarque na França, onde o Brasil disputaria a Copa de 38, Leônidas da Silva faz ‘embaixadas’ na Gare Saint-Lazaire, em Paris”. Sem fornecer a fonte da imagem, o jornal se limitou a publicar “reprodução” em seu canto direito¹. Nas primeiras linhas do texto que acompanha a fotografia, o jornalista Reali Jr. reproduz o seguinte trecho do semanário francês *Les miroir des sports* que, segundo ele, comentava a chegada dos brasileiros a Paris: “a maioria dos brasileiros tem pele escura, resultado da

¹ A página completa do jornal paulista é parte do arquivo de Leônidas da Silva, hoje sob os cuidados de Albertina Pereira dos Santos, sua terceira esposa. Na parte superior da fotografia, uma anotação à caneta informa a data e o nome do periódico a que pertence a matéria. Como fora diagnosticado com o Mal de Alzheimer em 1993, Leônidas se encontrava em uma casa de repouso na ocasião da Copa de 1998, de modo que a anotação foi realizada por outra pessoa, provavelmente Dona Albertina. Esses são apenas alguns dos aspectos que permitem afirmar o poder que certas imagens fotográficas possuem. Atravessam décadas para reiterar configurações visuais e discursivas partilhadas por países com histórias profundamente diferentes como são o Brasil e a França. Pela mesma razão, acabam se tornando importantes a ponto de serem retiradas da circulação de produtos efêmeros para ser incorporadas a arquivos pessoais de modo a fazer lembrar de pessoas e situações associadas àquelas configurações.

mistura de sangue negro... não exija deles as qualidades que se pode esperar dos indivíduos que vivem em uma sociedade”.

Para analisar a matéria publicada em 1998, é interessante assinalar que não foram encontradas informações sobre a imagem nos periódicos franceses mais populares dos anos 1930: *L'Auto*, *Le miroir des sports* e *Match*.² Já quanto aos excertos que dão início ao seu texto, Reali Jr. optou por utilizar aqueles publicados na revista semanal *Le miroir des sports*. No entanto, o pequeno artigo anônimo havia sido publicado na revista francesa no dia 21 de junho de 1938, dois dias depois de finalizada a Copa do Mundo. Tratava-se, em verdade, de um artigo de um “enviado especial” que comentava o encerramento da participação no Brasil no torneio e não o impacto de sua chegada. E dele, Reali Jr. utilizou apenas a primeira e a última frases do segundo parágrafo de um texto que possuía quatro, no total.

O desembarque da equipe à Gare Saint-Lazaire havia acontecido no mês anterior, em 16 de maio e, entre os periódicos esportivos acima mencionados, foi acompanhado apenas por *L'Auto*, que reportou a recepção aos jogadores da seguinte maneira:

Eles chegaram! Nós os vimos, nós falamos com eles [...], nós fizemos com eles a viagem de Cherbourg a Paris. Viva os brasileiros! Eles chegam cheios de confiança, cheios de entusiasmo, com a certeza de dar ao público francês uma imagem fiel do valor do futebol brasileiro. [...] Na estação Saint-Lazaire, onde chegamos às 15h30, a delegação foi acolhida por mais de 200 pessoas. Toda a embaixada e o consulado do Brasil estavam na plataforma. O Sr. Souza Dantas, embaixador, pronunciou as palavras de boas-vindas [...], o Sr. Rimet, presidente da Fifa, [...] acolhe os brasileiros e os leva à Rua de Londres, onde um champanhe lhes é ofertado. [...] O Sr. Rimet diz aos brasileiros toda a alegria que os desportistas franceses têm em lhes acolher e lhes desejar a campanha mais brilhante: chegar à final da Copa.³

Ora, o tom é bastante diverso do artigo anônimo que avaliava a participação da equipe brasileira no torneio. A escolha realizada pelo *Estado de São Paulo*, 60 anos depois, é, pois, reveladora. Mais do que oferecer a seus leitores um olhar da imprensa francesa sobre a chegada dos brasileiros a Paris, a opção por aqueles excertos visava retomar uma das faces mais conhecidas de um diálogo cultural entre Brasil e França iniciado havia dezenas de anos.

² Analisados em nossa pesquisa de doutorado.

³ Tradução nossa. In: *L'Auto*, 17-05-1938, p. 1 e 5.

Uma das temáticas mais recorrentes desse diálogo teve início com a difusão das imagens do trabalho de escravizados nas fazendas de café, tal como se vê nas conhecidas fotografias de Marc Ferrez, ou nas imagens de Cristiano Jr. retratando negros livres com seus instrumentos de trabalho. Tais imagens tinham o intuito de mostrar o quanto a escravidão havia sido “branda” no Brasil e como se dava a “gradativa integração” dos negros ao mercado de trabalho.⁴

Anos depois, já no início do século XX, os novos circuitos econômicos que se formavam, ligados ao mercado de entretenimento, acrescentariam elementos novos ao repertório temático e visual tecido no século anterior. A gradativa, seletiva e diminuta integração de pessoas de pele negra a tais circuitos de trabalho a partir da música, do futebol, do teatro e, posteriormente, do cinema foi suficiente para impactar o cenário nacional e internacional da cultura midiática alimentando, ainda, o mercado de imagens.

Tal fenômeno é tão significativo que Antônio Sérgio Guimarães (2021) chama de “Modernidade negra” esse processo de inclusão cultural e simbólica dos negros à sociedade ocidental via mercado de entretenimento. Aspectos desse impacto foram analisados por Hermano Vianna em *O mistério do samba* (1995). A partir de um olhar para as relações estabelecidas entre artistas e intelectuais, brasileiros e franceses, nos primeiros anos do século XX, ele observa a circulação, em ambos os territórios, de figuras como Afonso Arinos, Gilberto Freyre, Donga, Pixinguinha ou Blaise Cendrars. Para Vianna, textos, canções e músicas dessas personalidades alimentaram a construção de uma representação de unidade nacional brasileira baseada em uma visão positiva do que se convencionou chamar mestiçagem ou miscigenação, um fenômeno até então desvalorizado.

⁴ SILVA, 2021, 2019; MUAZE, 2017. Ver, por exemplo, *Partida para a colheita do café com carro de boi*, 1885. <https://bit.ly/3uiF0cu>.

Como se sabe, a positivação do fenômeno da mestiçagem, baseada na origem indígena, africana e europeia do brasileiro, figurou também como um dos gatilhos para o surgimento do movimento artístico modernista. Embora essa temática tenha sido amplamente explorada, inclusive em pesquisas e ensaios sobre o futebol⁵, pouco se analisa o papel das imagens propriamente ditas nesse processo – ainda que elas sejam conhecidas e tenham circulado em variados contextos, suportes e recortes narrativos. São bastante conhecidos, por exemplo, os retratos pintados por Cândido Portinari.

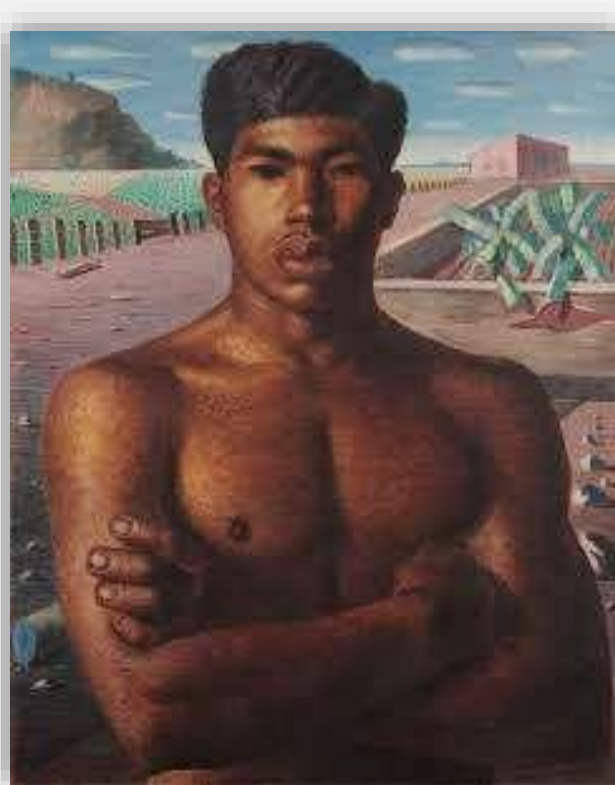


Fig. 2 - *O mestiço*. Cândido Portinari, 1934. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.

O tema da mestiçagem rege as duas pinturas acima (figuras 2 e 3) a partir de uma forma visual estilizada, baseada no exagero, no aumento das proporções físicas de homens de pele negra. E não apenas o pintor de Brodowski assim o fez. Tarsila do Amaral, Francisco Rebolo e Di Cavalcanti exploraram o tema de maneira semelhante em seus trabalhos. E, uma vez que as imagens dialogam mais com outras

⁵ Notadamente, autores como Antonio Jorge Soares, Ronaldo Helal, Mauricio Murad, Bernardo B. de Hollanda, Hilário Franco Júnior e José Miguel Wisnik se debruçaram sobre a questão.

imagens do que com ideias abstratas, como alertou Baxandall, há que se investigar as imagens que alimentaram a imaginação desses artistas e como eles as reconfiguraram em seus trabalhos.



Fig. 3 - *O lavrador de café*. Cândido Portinari, 1934. Fonte: Masp Digital.

Quando se retira o protagonismo dos manifestos textuais que lastrearam o movimento modernista, e passa-se a analisar como se deu o movimento, torna-se possível notar que ele se intensificou ao longo da década de 1920,

[...] quando muitos artistas brasileiros usufruíram de longas estadias em Paris com vistas a aprimorar seus estudos, [ocasião em] que, curiosamente, as particularidades da cultura brasileira passaram a lhes interessar. Em 1921, Antonio Gomide e Victor Brecheret aportaram em Paris, onde já se encontrava Vicente do Rego Monteiro; em 1923, chegaram Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Celso Antônio, entre tantos outros. É em Paris que Di Cavalcanti realiza os primeiros desenhos de mulatas – tema que se tornou emblemático de seu trabalho e foi diversas vezes explorado em suas obras até o fim de sua vida. Em sua autobiografia, ele explica que: “[...] Paris pôs uma marca na minha inteligência. Foi como criar em mim uma nova natureza e o meu amor à Europa transformou meu amor à vida em amor a tudo que é civilizado. E como civilizado comecei a conhecer minha terra”.⁶

⁶ SIMIONI, Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação, s/p.

É perceptível que a França apresentava a intelectuais e artistas brasileiros a face que mais lhe interessava reconhecer na produção cultural do Brasil. Ao considerar as obras desses artistas naquele momento, notamos que a maior parte das imagens por eles produzidas relaciona a mestiçagem ao campo, à terra, à paisagem rural e ao trabalho de escravizados ou de semiescravizados. Mesmo quando mencionam o “mestiço” em um cenário urbano, caso de várias obras de Di Cavalcanti, o corpo negro, masculino ou feminino é estilizado e tomado como parte de uma paisagem, senão como a própria paisagem, como sugere a figura a seguir (fig. 4).

Ainda que a estilização de Di Cavalcanti apresentasse elementos novos, oriundos do universo da música, como o cavaco ou a roda de samba – como forma de acrescentar o componente de ludicidade às representações (Téo 2015) –, não há como negar certas permanências visuais associadas à população negra:



Fig. 4 – *Samba*, Di Cavalcanti, 1925.
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (digital).

Assim, ainda que tais obras tenham renovado o campo das artes em meio à atmosfera modernista dos anos 1930, o olhar sobre a população negra provinha de uma perspectiva branca, em grande medida oriunda da elite agrária. Era tecido por

artistas que, para lastrear suas experiências estéticas, estilizavam o corpo negro e as paisagens das fazendas no Vale do Paraíba. Tratava-se, portanto, de *ver* as mesmas pessoas, paisagens e cenas tão bucólicas quanto escravagistas sob um novo olhar, na tentativa de criar um *passado novo* e apaziguador para as representações sobre a síntese mestiça.⁷

Não se pode deixar de mencionar que sobre esse corpo negro estilizado incidiram ainda as disputas por hegemonia entre São Paulo e Rio de Janeiro. Pois São Paulo, principal foco do modernismo, vinha expressando o desejo de se legitimar também culturalmente, já que o impulso de industrialização a tornava mais rica que a então capital do Brasil (Simioni 2013). Desse modo, um olhar sobre a figura do “mestiço” representava também um certo olhar da São Paulo “italiana” e “moderna” sobre o Rio de Janeiro colonial e negro. Incidia, ainda, o projeto do Estado Novo de Getúlio Vargas no qual inúmeras vezes o corpo negro foi tomado como símbolo da mestiçagem e de integração nacional.

Se naquele momento a circulação desses signos esteve restrita ao consumo de um pequeno círculo social urbano de alto poder aquisitivo no Brasil, eles já circulavam há muito nos segmentos médios de países como Estados Unidos e França que acolhiam artistas, intelectuais e obras brasileiras. Associados às imagens das revistas ilustradas, que faziam circular os nomes e as faces de artistas de pele negra que emergiam com o rádio e com a fotografia, tais signos eram muito bem recebidos no universo urbano da Europa e, sobretudo, em Paris.

Assim, ao consumirem um Brasil mestiço, “modernamente primitivo”, tornavam-se mais evidentes “as dissonâncias entre as modernidades tupiniquim e europeia” (Téo 2015, 12). Enquanto a primeira era baseada na inclusão de pessoas de pele negra ao mercado de entretenimento, a segunda baseava-se, em grande medida, no consumo da cultura produzida pelas ex-colônias da Europa. Com tais dissonâncias, tornava-se possível estabelecer eixos de comparação entre tais modernidades no mercado da cultura midiática internacional. Hierarquias coloniais eram, pois, atualizadas a partir dos lugares sociais de produtores e consumidores de cultura.

⁷ Para Antonio Sérgio Guimarães, a positivação da mestiçagem é fruto das negociações entre intelectuais e elite agrária acerca da imagem da população trabalhadora. Ver Guimarães, 2021, p. 56.

“DIAMANTE NEGRO” E AS IMAGENS DA COPA DO MUNDO DE 1938

Como vimos, tais representações não se limitaram ao período 1910-1940, tal como nos indica o texto de Reali Jr. em *O Estado de São Paulo* ao final do século XX. Pois mais importante que a descrição de um evento pontual (o impacto da chegada dos jogadores brasileiros a Paris) era destacar o reencontro com os signos e os símbolos tecidos em conjunto por Brasil e França sobre a população negra, a importância dos entretenimentos e a centralidade do futebol nesse universo.

Daí mobilizar na reportagem a fotografia que destaca Leônidas com terno, chapéu e mala na mão realizando embaixadas. Tal como mencionado no texto de *Les miroir des sports*, se “a maioria dos brasileiros tem pela escura, resultado da mistura de sangue negro” e neles não é possível encontrar “as qualidades que se pode esperar dos indivíduos que vivem em uma sociedade”, melhor então esperar que atuassem de forma inusitada, fora das regras do convívio social.

Assim, melhor seria esperar que realizassem embaixadas quando uma bola lhes fosse subitamente lançada, mesmo antes de chegar ao campo de futebol ou de se desembaraçar de seus trajes sociais. É levando em conta esse tipo de expectativa partilhada entre nas representações sobre os dois países que o papel de surpreender e de encantar lúdica e individualmente se atualizava por meio da fotografia tanto em 1938 quanto em 1998.

Os temas da ludicidade e da representação da individualidade são fundamentais para compreender as imagens associadas ao Brasil e, em particular, a sua população de pele negra. E o futebol ofereceu (e ainda oferece) a maior parte dessas imagens. A imagem a seguir é exemplo desse universo. Destacando Leônidas de maneira independente dos demais jogadores de seu clube e de quaisquer outras referências coletivas, a fotografia realça as particularidades do craque e o *celebrifica*.⁸ Esse gênero de representação tornou-se cada vez mais comum no universo futebolístico e, simultaneamente, no campo das representações nacionais.

⁸ Isto é, cria as condições para torná-lo uma celebridade. Ao tornar a personalidade o único referente para a imagem salienta-se sua importância individual, singular, para além do contexto de produção.

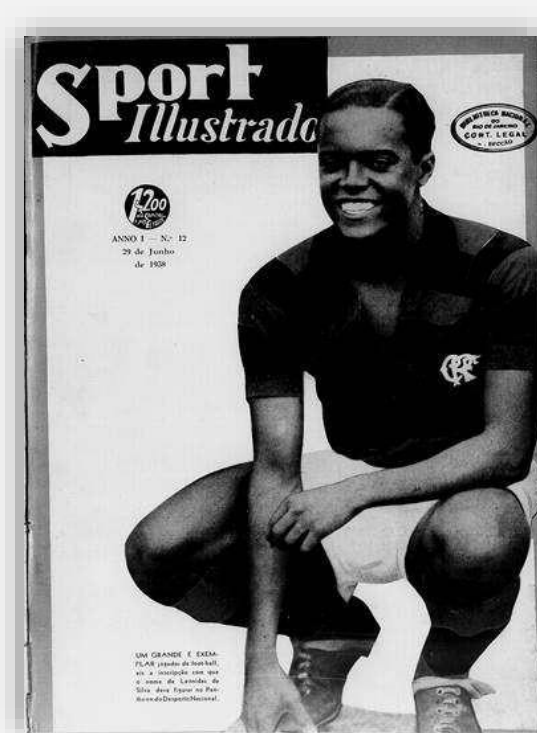


Fig. 5 - Capa Sport Ilustrado. “Um grande e exemplar jogador de foot-ball, eis a inscrição com que o nome de Leônidas da Silva deve figurar no Pantheon do Desporto Nacional”.
Fonte: Sport Ilustrado, junho 1938 (reprodução/redução hemeroteca digital Biblioteca Nacional).

Além da Copa do Mundo, o final da década de 1930 marcava o acirramento do nazifascismo na Europa. Juntamente com o aumento do emprego da violência, os governos da Alemanha e da Itália investiram maciçamente em imagens para negociar a adesão ao totalitarismo dentro e fora desses países. Nesse contexto, o esporte e seus espaços mais representativos, os estádios, foram mobilizados para a produção de várias dessas imagens, tal como havia ocorrido com as Olimpíadas de Berlim, em 1936. Aliás, os usos e os efeitos das imagens produzidas durante o evento, principalmente aqueles relacionados às fotografias e ao filme *Olympia*, de Leni Riefenstahl,⁹ tornaram-se modelares para a produção visual esportiva.

As imagens da cineasta diferiam muito daquelas que vinham sendo produzidas no Brasil para circular na Europa. Assim, as formas visuais da “modernidade mestiça” contrastavam, em um segundo aspecto, com algumas das

⁹ Rodado durante as Olimpíadas de 1936. O material produzido para o filme rendeu também um livro de fotografias. Seguramente, os materiais circularam em toda a Europa e também nos Estados Unidos à época.

produzidas pelo velho mundo durante o período entreguerras. É interessante ressaltar que boa parte daqueles que, segundo *Les miroir des sports*, “sabiam o que era viver em sociedade”, se comportava como parte de uma massa bastante dedicada a atender às demandas dos poderes estatais. Ser espelho para o *Führer* ou para o *duce* era uma dessas demandas:



Fig. 6 - Multidão no Estádio Olímpico de Berlim acena durante a entrada de Hitler em 1936. Fonte: Getty images.



Fig. 7 - Discurso de Mussolini em Roma, 1936. Fonte: Getty Images.

Deve-se notar como o poder totalitário e a afirmação do arianismo como ideologia baseada em uma suposta hierarquia racial se realizaram na dimensão visual

para compreender o apelo da seleção brasileira e de seus ícones: Domingos da Guia e, principalmente, Leônidas da Silva. Ao observar duas fotografias em que milhares de faces ou de braços em riste não sugerem outra coisa além da concentração de poder de seus líderes totalitários, torna-se simples imaginar o interesse pelas imagens da “modernidade mestiça”, sobretudo por uma parte dos franceses:



Fig. 8 - A agência Getty Images atribui essa imagem à final da Copa do Mundo de 1938, disputada entre Itália e Hungria. Fonte: Getty images, 19-06-1938.

Para compreender esse interesse, não se pode desconsiderar o papel de brasileiros e de norte-americanos no aporte, em série, de faces *individualizadas* associadas ao universo dos entretenimentos. Não que à época não houvesse no Brasil imagens de políticos de traços autoritários ou das massas que os apoiassem, mas não eram essas as que seguiam para exportação como signos de brasilidade. Ao mesmo tempo, embora também circulassem pela Europa retratos de artistas e esportistas europeus, eram as faces estrangeiras, sobretudo as “mestiças”, as que mais interessavam à França. Para essa dinâmica de valorização da mestiçagem corroboravam, ainda, intelectuais entusiastas, como Gilberto Freyre que, pouco antes do jogo da semifinal entre Brasil e Itália, declarou ao *Diário de Pernambuco*: “creio que uma das condições da victoria dos brasileiros nos encontros com os europeus é o facto de desta vez termos tido a coragem de mandar para a Europa um *team* francamente afro-brasileiro. Os aryanistas que tomem nota disso”.¹⁰

¹⁰ *Diário de Pernambuco*, 15-06-1938.

Freyre era mais um dos acadêmicos que realizavam intercâmbios frequentes nos centros universitários norte-americanos e europeus. Por essa razão, a imprensa nacional frequentemente lhe abria a oportunidade de expressar suas ideias para oferecer aos leitores um ponto de vista internacional tecido por um reconhecido intelectual brasileiro. A rede que alimentava a valorização da mestiçagem era, portanto, ampla e envolvia agentes de variados campos de atuação. A fotografia acima (fig. 8) pode ser compreendida como um dos agentes desse complexo universo.

Nela, Leônidas é retratado em trajes esportivos, posicionado em um dos limites de um campo de futebol fazendo face a seus admiradores que, atrás do alambrado, se dividem entre observar o jogador ou o fotógrafo que realizava a imagem. A composição imagética é extremamente interessante. Sugere que o fotógrafo se agachou (tal como Leônidas) para mostrar o espaço partilhado pelo craque e os fãs e escolheu uma escala capaz de detalhar a expressão das pessoas envolvidas. Os diferentes tipos de afetos despertados pela proximidade com a celebridade esportiva: curiosidade, encantamento e mesmo lascívia, são, ao final, o principal tema dessa imagem.

Ora, a fotografia que destaca Leônidas diante dos fãs — e que ainda hoje circula pelo mundo a partir do arquivo da FIFA e da agência *Getty Images*¹¹ — também remete a um jogo de espelhos, mas está longe de se basear na contiguidade de faces ou de gestos para veicular uma noção de unicidade, tal como nas imagens anteriores. O contraste entre as cores das peles dos fotografados e o desencontro entre seus olhares e expressões afirmam sobretudo a dessemelhança e a descontinuidade. Produzem, portanto, um sentido contrário à ideia de homogeneidade que regia os temas visuais nazifascistas.

Além de revelarem o impacto do face a face com Leônidas da Silva, essa e tantas outras fotografias do gênero faziam ver o que parte da sociedade francesa (ou, a rigor, parisiense) afirmava naquele momento com relação à negritude da população brasileira. Tratava-se, por um lado, de afirmar olhares de admiração ou de curiosidade

¹¹ Boa parte das imagens comercializadas por antigas agências como a *Keystone Pictures* e *United Press* são hoje de propriedade da *Getty Images*, que disponibiliza amostras de fotografias num banco virtual de dados para venda online.

sobre o “exótico”, já que esse era um dos modelos para a interação com o *outro* na Europa. Tratava-se também de ver, através das imagens de Leônidas, a mestiçagem brasileira como um modelo face aos problemas criados a partir da noção de pureza racial que assumia formas políticas cada vez mais perversas no continente.

CONCLUSÃO

Ao analisar o diálogo entre França e Brasil a partir das Copas do Mundo de 1938 e 1998 e das imagens de Leônidas da Silva, notamos que estas extrapolaram o campo futebolístico carregando representações que interagiam com demandas socioculturais nacionais e internacionais.

Quanto às demandas socioculturais nacionais, suas imagens dialogavam com a ideia de mestiçagem estilizada anos antes pelo movimento modernista. Reiteravam, portanto, uma certa ideia de brasilidade. O momento sociocultural e econômico vivido durante a era Vargas exigiu colocar pessoas negras ou mestiças como símbolos culturais a partir de figuras como Leônidas da Silva, também transformado na primeira celebridade futebolística do Brasil.

Tais representações seguiram sendo reapropriadas e atualizadas, como na ocasião da Copa do Mundo de 1998 em que *O Estado de São Paulo* recuperou uma das visões estereotipadas sobre pessoas de pele negra advindas da ideia de mestiçagem para tematizar o torneio na França. Tratava-se de recuperar um imaginário negociado e partilhado com o país europeu sobre as expectativas quanto à participação brasileira.

No caso francês, as imagens e a fama de Leônidas que circularam pelos periódicos esportivos franceses também foram lapidadas conforme as conveniências locais. Em 1938, parte da França valorizava a “mestiçagem” oriunda do modernismo brasileiro na mesma medida em que reagia à homogeneidade totalitária da cultura visual nazifascista. Tal como a ideia de mestiçagem, o fascismo se fez representar sem problemas na Copa do Mundo, de maneira semelhante ao que já havia acontecido nas Olimpíadas de 1936. E a imagem positiva de pessoas de pele negra figurava como uma das reações à visualidade nazifacista.

Por último, a repercussão das imagens de Leônidas e da mestiçagem só pode ser plenamente compreendida considerando-se a expansão do mercado de entretenimento nos anos 1930 em que populares e pessoas de pele negra foram tomados como símbolo de um Brasil moderno e como parte de novos segmentos de consumo.

* * *

REFERÊNCIAS

- GUIMARÃES, A. S. A. **Modernidades negras**: a formação racial brasileira (1930-1970). São Paulo: Ed. 34, 2021.
- MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Violência apaziguada: escravidão e cultivo do café nas fotografias de Marc Ferrez (1882-1885). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 37, n. 74, p. 33-62, 2017.
- SILVA, Diana M. M. da. Do branco ao negro, da elite ao popular: cultura visual, fotografia e futebol no início do século XX. **Revista de Estudos Históricos**. v. 34, n. 72, 2021, Cultura Visual, p. 107-28.
- SILVA, Diana M. M. da. **Futebol e cultura visual**: a construção da figura do craque. Marcos Carneiro de Mendonça e Leônidas da Silva (1910-1942). Tese (Doutorado em História Social). FFLCH/USP, São Paulo, 2019.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação, **Perspective**, 2, 2013.
- TÉO, Marcelo. O corpo, o visual e o sonoro na construção do moderno. **ArtCultura**. Uberlândia, v. 17, n. 31, p. 101-17, 2015.
- VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

* * *

Recebido: 15 de junho de 2022.
Aprovado: 26 de novembro de 2022.

“Não seria o destino do foot-ball?”: história, memória e sentido em *O negro no foot-ball brasileiro*, de Mário Filho

“Wouldn't that Be the Fate of the Football?”: History, Memory and Sense in *O negro no foot-ball brasileiro*, by Mário Filho

Vinicius Garzon Tonet

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorando em História e Culturas Políticas, UFMG
vgtonet@gmail.com

RESUMO: Este artigo discute o livro *O negro no foot-ball brasileiro* (1947), de Mário Filho, colocando em evidência, em um primeiro momento, a crítica que o autor faz aos “saudosistas”. Esses seriam os detentores da memória oficial sobre o futebol e responsáveis por escamotear a contribuição dos negros na consolidação do esporte no Brasil. A partir dessa investigação e amparado pelas reflexões de Fernando Catroga sobre memória, historiografia e poder, o artigo propõe que Mário Filho elabora o seu livro como um contraponto à memória dos saudosistas, até então hegemônica, na disputa pelas visões sobre o passado. Um segundo movimento analítico explora as estratégias narrativas de Mário Filho na construção de seus argumentos. Para isso, utiliza considerações de Benedict Anderson sobre o processo de constituição imaginária das nações a fim de estudar como a história do futebol recebe, em *O negro no foot-ball brasileiro*, um sentido histórico unívoco a partir de um processo de “tradução cultural” de um esporte originalmente inglês em direção ao seu “abrasileiramento”. Por fim, o conceito proposto por Henrique Estrada Rodrigues de “ensaio de formação” é mobilizado para compreender a obra como partícipe de uma tradição intelectual que remonta às produções ensaísticas dos anos 1920 e 1930 e, por isso, comparações com pensadores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda são feitas com o intuito de analisar como a carga positiva da miscibilidade, a aversão à forma fixa, a espontaneidade e a capacidade de improviso foram concebidas por Mário Filho como um caminho a ser seguido pelo Brasil para além dos muros dos estádios.

PALAVRAS-CHAVE: Mário Filho; Futebol; História; Memória; Historiografia

ABSTRACT: This article discusses the book *O negro no foot-ball brasileiro* (1947), by Mário Filho, emphasizing, in a first moment, the author's criticism against the “saudosistas” (a Portuguese term with the approximate meaning of “nostalgics”). These would be the holders of the official memory of Brazilian football and responsible for ignoring the contribution of black people in the consolidation of the sport in Brazil. Based on this investigation and supported by F. Catroga's reflections on memory, historiography and power, the article proposes that Mário Filho writes his book as a counterpoint to the memory of the “saudosistas”, hitherto hegemonic, in the dispute over visions of the past. A second analytical movement explores Mário Filho's narrative strategies in the construction of his arguments. To do so, it uses considerations of Benedict Anderson on the process of imaginary constitution of nations in order to study how the history of football receives, in *O negro no foot-ball brasileiro*, a univocal historical meaning from a process of “cultural translation” of an originally English sport towards its “Abrasileiramento” (*Brazilianizing*). Finally, the concept proposed by H. Estrada Rodrigues of “formation essay” is mobilized to understand the work as part of an intellectual tradition that goes back to the essayistic productions of the 1920s and 1930s and, therefore, comparisons with thinkers such as Gilberto Freyre and Sérgio Buarque de Holanda are made in order to contribute to the analysis of themes such as the positive side of racial intermixing, aversion to fixed form, spontaneity and the capacity for improvisation, which were conceived by Mário Filho as a path to be followed by Brazil beyond the football pitch.

KEYWORDS: Mário Filho; Football; History; Memory; Historiography.

INTRODUÇÃO

No ano de 1946, Mário Filho deu início no jornal *O Globo*, em sua coluna diária “Da primeira fila”, em um formato similar aos dos tradicionais folhetins, o que viria ser, no ano seguinte, o livro *O negro no foot-ball brasileiro*. A compilação dos textos da coluna, com alterações mínimas, foi publicada, em 1947, pela Irmãos Pongetti Editores com prefácio de Gilberto Freyre e “Nota ao leitor” escrita por Mário Filho.

São quatro os capítulos que organizam a obra: “Raízes do Saudosismo”, “O campo e a pelada”, “A revolta do preto” e “A ascensão social do negro”. Atualmente, estamos em sua 5ª edição¹ e é sempre bom lembrar que quando da sua segunda publicação, lançada pela editora Civilização Brasileira, em 1964, o “*foot-ball*” do título tornou-se “futebol”, assim como outras palavras foram aportuguesadas. Além disso, algumas alterações no texto foram feitas e dois novos capítulos – “A provação do preto” e “A vez do preto” – foram adicionados como os 5º e 6º nesta que se converteu na versão consolidada.

Apresentado ao público como um ensaio (“seu ensaio”,² “meu ensaio”³) de cariz histórico-sociológico (“contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura”,⁴ “sob critério sociológico ou para-sociológico”),⁵ *O negro no foot-ball brasileiro* pretende contar a história da gênese e do desenvolvimento do futebol brasileiro desde sua origem, em fins do XIX, até meados da década de 1940. O que caracteriza esse processo é a evolução de um jogo que surge como um hábito social restrito às elites sociais brancas e anglófilas para o esporte democrático, miscigenado e nacional. Mário Filho faz isso destacando como a história do futebol brasileiro pode ser contada sob a ótica da exclusão sistemática dos negros pelos clubes e pelas ligas oficiais e sua posterior ascensão. Tendo como recorte espacial o Rio de Janeiro, faz a ressalva de que a história do “*foot-ball* carioca [...] não há de diferir, em essência, de nenhuma outra a grandes centros esportivos do Brasil”,⁶ conferindo ao seu escrito ambição nacional.

¹ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*.

² FREYRE. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio), p. VI.

³ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 6.

⁴ FREYRE. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio), p. III.

⁵ FREYRE. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio), p. IV.

⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 6.

Como veremos, há uma narrativa de formação⁷ que compassa a obra: enquanto permaneceu branco e aristocrático, o futebol era inglês; quando se tornou popular e miscigenado, passou a ser brasileiro. À medida que essa trajetória vai se cumprindo, realiza-se o encontro entre os sujeitos da nação e o futebol, não mais como um simples esporte, mas qual “verdadeira instituição brasileira”,⁸ como assinalado por Gilberto Freyre.

Com a difusão do esporte, o controle aristocrático da prática esportiva, assim como de valores associados a ela, sofre um abalo. Na tentativa de soffrear a entrada dos novos personagens populares no futebol, há uma reação coordenada por parte dos clubes da alta-sociedade. Entretanto, as expectativas daqueles que desejavam manter o futebol restrito à elite branca são frustradas ao perceberem que não conseguiriam deter o avanço arrebatador da democratização da prática com os negros sendo os principais responsáveis pelo bom rendimento das equipes.

Em nosso artigo, iremos nos debruçar sobre alguns pontos específicos de *O negro no foot-ball brasileiro*: a) como é engendrada uma nova memória do futebol brasileiro a partir da escrita da história; b) como se dá o processo de “abrasileiramento” do esporte; e c) como o livro dialoga com temas recorrentes no pensamento social e político brasileiro.

CONTRA OS SAUDOSISTAS!

Acreditamos que para a compreensão do livro, um dos pontos fundamentais seja a análise do confronto entre memórias antagônicas sobre o passado do futebol mencionado pelo autor. Dessa forma, identificaremos os interlocutores negativos, os antagonistas, aqueles “contra quem” Mário Filho escreve seu texto. As palavras com as quais começa o primeiro capítulo de *O negro no foot-ball brasileiro* são as seguintes: “Há quem ache que o *foot-ball* do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudosista sempre branco, nunca preto, dava pra desconfiar”.⁹

De saída, o escritor alerta o seu público que escreve contra uma determinada memória – o saudosismo do futebol do passado – e os seus respectivos sujeitos – os saudosistas dessa era. Fica evidente que o tempo que será revisitado em seu livro estará

⁷ Ver: RODRIGEUS. O conceito de formação na historiografia brasileira.

⁸ FREYRE. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio), p. V.

⁹ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 13.

em disputa. Portanto, em *O negro no foot-ball brasileiro*, o movimento de escrita da história é uma atividade de fissura no passado estabilizado na lembrança dos saudosistas e, conseqüentemente, um ataque aos “preconceitos de branquidade”,¹⁰ já que o saudosista era sempre branco. Por isso, percebendo-se como capaz de trazer à luz um passado silenciado, contra-hegemônico, o exercício historiográfico mostra-se recurso potente dentro da dinâmica social, porque capaz de confrontar uma verdade estabelecida que tentava controlar a visão sobre as transformações no esporte.

Vale lembrar a contribuição de Antônio Jorge Soares neste tópico quando escreve que, para Mário Filho: “o futebol dos “saudosistas” era um entretenimento exclusivamente de brancos. Em seu texto, ser branco se confunde com a ideia de elite. Tanto é assim que branco, quando não pertencente às elites, vem adjetivado de pobre”.¹¹

Mário Filho ao estabelecer uma relação entre um modo padrão de exercitar a memória (o saudosismo), a classe (elite) e a cor desses sujeitos da lembrança (branca), mostra como o fator sociorracial é um filtro importante para entender a forma com que alguém diz algo sobre o tempo passado e que essa reconstrução temporal jamais é desinteressada. O saudosista atribui valor superior a um tempo antigo em detrimento daquilo que é hoje. Mário Filho é instigado a perquirir esse saudosismo, ao perceber que a atribuição de valor positivo aos primórdios do futebol era sempre feita por sujeitos brancos – talvez partilhasse com o seu irmão Nelson Rodrigues o sentimento de que “toda unanimidade é burra”. Além disso, ao longo deste artigo, ficará demonstrado como o exercício de desestruturação de uma memória sobre o futebol terá relação com o modo de compreensão da nação brasileira pensado por Mário Filho.

Assim, o autor escreve:

E depois, a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca. Os jogadores claros, bem brancos, havia até louros nos *teams*, ia-se ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali, perdiam-se, nem chamavam a atenção. Sabia-se quem era o preto, quem era o branco, o branco e o preto não se confundiam.¹²

Portanto, os sujeitos de lembrança brancos estabeleciam o valor superior do passado em relação ao presente. Acontece que o passado alcançado pela memória dos saudosistas era

¹⁰ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 190.

¹¹ SOARES. Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial, p. 24.

¹² RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 13.

um lugar de segregação racial em que quase a totalidade dos sujeitos envolvidos no esporte era também branca. O saudosismo crava suas raízes, daí o título do capítulo inicial, “Raízes do Saudosismo”, em um tempo perdido e que não poderá voltar a ser: o da hegemonia branca no esporte.

Nesse tempo, na visão do saudosista, não havia confusão racial, a ordem calcada na segregação pela cor estava mantida e, por sua vez, o seu lugar social privilegiado dentro dessa formatação da comunidade brasileira estava garantido. A tentativa de valorização positiva desse passado por pessoas brancas que também foram personagens dessa história acaba revelando-se, afinal, como uma estratégia psicológica com implicações político-sociais, uma vez que coincidente com a matriz eugênica de visão da história brasileira.

Essa forma de associação baseada na cor era tão forte que Mário Filho dá um exemplo, mais à frente, de que nem mesmo rivalidades nacionais foram capazes de desarticular a união dos brancos nesse primeiro momento: “não se falava em guerra, os ingleses se davam bem com os alemães, quando se juntavam não se sentiam tão estrangeiros”.¹³ Mesmo em 1914, com tensões entre Inglaterra e Alemanha elevadas, no Brasil, ingleses e alemães sentiam-se mais brancos que nacionais e, por isso, mais próximos do que separados.

Além de escrever contra essa memória hegemônica do futebol, o autor move a sua pena para evitar o esquecimento das personagens envolvidas nessa história, repetindo o gesto de Heródoto, em suas *Histórias*, que narra para “evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas”. Mário Filho não constrói com a sua história um projeto memorialístico muito diferente. Em determinado momento ele escreve: “jogador de *foot-ball* só valia enquanto jogava, deixava de jogar, ninguém se lembrava mais dele”.¹⁴ Dessa forma, o exercício historiográfico de Mário Filho busca desconstituir a memória saudosista branca de elite como lugar hegemônico ao mesmo tempo que registra feitos de centenas de personagens que antes estavam esquecidos ou ignorados. Nesse sentido, o caso do jogador Fausto, “o preto, de roupa surrada, que mal sabia assinar o nome”,¹⁵ é emblemático. Após uma longa carreira no futebol, que o fez a “Maravilha Negra”

¹³ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 14.

¹⁴ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 212.

¹⁵ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 214.

do esporte, “morreu esquecido num sanatório em Palmira”.¹⁶ É contra esse apagamento, portanto, que Mário Filho mobiliza seus esforços.

Esse duplo exercício – desarticulação e edificação de memórias – feito por Mário Filho, longe de ser traço particular do nosso autor, é parte fundamental da constituição de um corpo político em suas bases simbólicas. Como nos ensina o historiador português Fernando Catroga, a memória possui íntimas relações com as estruturas do poder: “Ademais, se a memória é instância construtora e cimentadora de identidades, a sua expressão colectiva também actua como instrumento e objeto de poder(es) mediante a seleção do que se recorda e do que, consciente ou inconscientemente, se silencia”.¹⁷ Por isso, Mário Filho, ao escrever uma história social do futebol, enraíza a sua narrativa no mundo político que contempla os entraves de memórias. Parece inegável, também, que o autor obteve êxito em seu projeto e que se transformou em uma espécie de memória oficial do futebol brasileiro – não é raro ouvir em diversos ambientes de “falação esportiva”, como diria Umberto Eco, exemplos desgarrados de *O negro no foot-ball brasileiro* sem qualquer tipo de citação: Fluminense e o pó-de-arroz, Vasco e a precoce abertura aos negros, Bangu, time de fábrica, entre outros. Muito desse *status* da obra deve-se ao sucesso com que o autor opera aquilo que Benedict Anderson irá perceber como fundamento da urdidura de uma comunidade imaginada, o que será analisado no tópico a seguir: como se dá construção da percepção de um tempo que conduz a coletividade, significada como nacional, em marcha gloriosa para o futuro, com a concatenação de fragmentos significados como totalidade, transformando, assim, acaso em destino.¹⁸

HISTÓRIA, SENTIDO E TRADUÇÃO CULTURAL

Considerando *O negro no foot-ball brasileiro* como um ensaio de formação nacional o leitor pode visualizar uma trajetória cumprida pelo seu país. Das suas origens à sua realização, passando pelo desenlace dos seus conflitos. Segundo Henrique Estrada Rodrigues, o referencial teórico e estilístico está calcado no conceito de “formação”, em que há uma “preocupação central com os destinos da vida pública no Brasil, notadamente com as condições de um país de origem colonial e escravocrata, e com forte herança rural,

¹⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 289.

¹⁷ CATROGA. *Memória, história e historiografia*, p. 74.

¹⁸ ANDERSON. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, p. 39.

ascender à vida moderna”.¹⁹ Além disso, assume como tarefa “interpretar a difícil reconciliação entre um país que sonhava em ser moderno e uma realidade circundante que, de origem ibérica e escravagista, parecia oferecer poderosos obstáculos aos seus ideais”.²⁰

Em Mário Filho, esse sentido formativo da narrativa foi chamado por Gilson Pinto Gil de “nível macro” do texto. Gil, um dos mais importantes estudiosos de Mário Filho, embora menos citado do que deveria pela crítica, considera que a obra do grande jornalista possuiria uma estrutura interpretativa dos fenômenos de dois eixos: o nível “macro” e o “micro”. Escreve que, no nível macro, Mário Filho “procura visualizar o todo, conceber as grandes forças civilizacionais do Brasil”, e que seria possível perceber “grandes linhas ordenadoras de nossa evolução histórica”.²¹ Na esfera micro, apresentaria uma “História com H maiúsculo de nomes, acontecimentos, dilemas, casos, ironias, paixões e expectativas, isto é, histórias com h minúsculo”.²²

Gilson Gil, ao articular essas camadas, diz:

Não se deve conceber as historietas de forma muito fragmentaria. Mário Filho não relataria estes casos singulares de maneira desconexa e inconstante. Haveria uma intenção e um ideal que ordenariam e selecionariam estes relatos, tornando-os mais estruturados e interessados do que poderiam parecer à primeira vista. Este nível micro pode ser mais “humilde, baixo e disperso”, porém isto não quer dizer que não tenha um padrão e que os casos que aparecem não possuam certa ordem.²³

Dessa forma, na concatenação dos casos aparentemente individuais e isolados, estaria a trajetória nacional. Como apontado anteriormente, essa operação assemelha-se a de Freyre, uma vez que, para o sociólogo, nas palavras de Moraes e Ratton Jr.:

A personalidade tem um componente coletivo, ou seja, o agente social expressa, além de suas características irredutivelmente individuais, a cultura, os costumes, os valores e a história da sociedade em que viveu. Nesse sentido, o autor afirma, por exemplo, que seus “apontamentos autobiográficos [são] menos referentes a Félix, indivíduo isolado..., [e mais] ao Cavalcanti, chefe de família patriarcal” (1959b, p. CVI, cf. também, 1968a, pp. 51ss.). [...] A análise dos processos históricos de mudança social, segundo Freyre, passa

¹⁹ RODRIGUES. O conceito de formação na historiografia brasileira, p. 258.

²⁰ RODRIGUES. O conceito de formação na historiografia brasileira, p. 259.

²¹ GIL. Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho, p. 19-20.

²² GIL. Humildes, mascarados e gênios, p. 20.

²³ GIL. Humildes, mascarados e gênios, p. 130.

necessariamente pela ação dos agentes sociais, e esta ação só pode ser capturada pelo método que ele denominou de empático.²⁴

Sendo assim, segundo Gil, comporia a dimensão macro da obra a epicidade na construção da história do futebol que de branco, aristocrático e inglês transforma-se em popular, miscigenado e brasileiro. Essa anotação particular para a obra de Mário Filho, estaria em conformidade com a tentativa de generalização feita por Estrada Rodrigues que aponta para a existência de “certa tonalidade épica na história brasileira” como uma das características principais do ensaio de formação, este “sensível não apenas à representação épica de uma nação problemática, mas também à uma investigação sobre as próprias condições de possibilidades de uma experiência própria de mundo, de um futuro promissor”.²⁵

Agora, tentaremos compreender como esse sentido, que Gil chamou de nível macro, é urdido a partir de estratégias narrativas. Ainda sobre a articulação entre os dois níveis da narrativa, macro e micro, o intérprete escreve: “Mário Filho não recai nesta fragmentação contemporânea de grande parte do pensamento historiográfico. Ele se dispõe a recuperar a ideia de sentido, e, mais ainda, se propõe a ver como este sentido aponta para um progresso na experiência civilizacional dos brasileiros”.²⁶

Temática recorrente do pensamento no Brasil, Mário Filho faz a sua contribuição à crítica daquilo que era visto como importação e imitação de elementos de outras tradições sem passar por uma espécie de filtro da nacionalidade. Realizando paralelos sobre interpretações do fenômeno cultural do futebol e ideais modernistas, o historiador Bernardo Buarque de Hollanda nos diz:

O prefácio de Gilberto Freyre ao livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro* (1947), nos pareceu um texto emblemático. Isto se dava uma vez que ele conseguia condensar algumas características muito significativas de parte do ideário nacional do modernismo para uma interpretação e para uma compreensão do fenômeno futebolístico no Brasil. Em consonância com a noção de antropofagia desenvolvida por Oswald de Andrade em seu manifesto de 1928, Gilberto Freyre identificava no futebol um exemplo indubitável da capacidade do brasileiro de transplantar, de assimilar e de reinterpretar os inúmeros produtos que historicamente nos vinham importados e impingidos da Europa.²⁷

²⁴ MORAIS; RATTON JR. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais, p. 91.

²⁵ RODRIGUES. O conceito de formação na historiografia brasileira, p. 260.

²⁶ GIL. Humildes, mascarados e gênios, p. 35.

²⁷ HOLLANDA. *O descobrimento do país do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*, p. 181.

Mário Filho, escrevendo contra “o *foot-ball*, importado, *made in England*”,²⁸ escrevia a favor da transformação desses elementos estrangeiros em nacionais. Não os recusava, como o fez Lima Barreto ou Graciliano Ramos, que não acreditavam em síntese possível entre o inglês futebol e a cultura e formação social local. Para eles, o futebol funcionando como uma espécie de instrumento de dominação cultural anglófila, deveria, para Barreto, ser eliminado para o bem da saúde nacional e da população, ou, para Ramos, não passaria de modismo efêmero com seus dias contados. No caso de Mário Filho, essa adaptação do elemento estrangeiro seria a sua própria condição de sobrevivência e estaria intimamente ligada à capacidade de mistura racial no esporte.

A direção deste processo está dada a todo instante. Evidenciando o caminho a ser percorrido pelo futebol no Brasil, Mário Filho escreve: “O *foot-ball* importado, *made in England*, *tinha de ser traduzido*. E, enquanto não se traduzisse, se *abrasileirasse* [grifos nossos], quem gostasse dele precisava familiarizar-se com os nomes ingleses. De jogadores, de tudo. Em campo um jogador que se prezasse tinha de falar em inglês”.²⁹

As próprias escolhas sintáticas na construção das frases oferecem ao leitor a tradução que se realizará inevitavelmente encaminhando o esporte para sua verdadeira potência e sentido históricos – *tinha de ser traduzido*. Soares assim observa este fenômeno: “A construção enfática deste cenário implica que, quase logicamente, deverá existir um outro no final: o cenário do futebol brasileiro e negro. A passagem de um a outro é o objeto central da narrativa”.³⁰

Nesse primeiro momento, o tópico da tradução aparece no plano linguístico. A língua franca nos primórdios do futebol no Brasil, segundo o recorte do autor, era o inglês. O que se ouvia em campo era: “*man on you*”, “*come back forwards*”, “*take your man*”, “*goal-keeper*”, “*full-back-right*”, “*full-back-left*”, etc.³¹ Assim, Mário Filho revisita esse passado analisando jornais com as escalações de duas equipes pioneiras no esporte no Brasil, o Paysandú Cricket Club e Rio Cricket and Athletic Association, “clubes fechados, para ingleses e filhos de ingleses”.³² “As coleções dos jornais estão aí, basta procurar as escalações dos *teams* [...]. Essas escalações deviam ser a tortura dos compositores e dos

²⁸ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 15.

²⁹ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 15.

³⁰ SOARES. Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial, p. 29-30.

³¹ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 15.

³² RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 14.

revisores. Também dos leitores, a maioria sem saber nada de inglês, tendo de soletrar os nomes”.³³ Esses dois clubes exemplificavam desde o início do texto o nó que seria desfeito ao longo do livro. Os clubes representavam a importação cultural sem adaptação – “pedaços da Inglaterra transplantados para o Brasil”.³⁴ O efeito prático disso é sentido imediatamente na “tortura dos compositores e revisores”³⁵ para lidar com a miríade de termos em inglês e nomes estrangeiros, já que não sabiam a língua. Em um primeiro momento, a tensão entre o léxico importado e dificuldade local em se relacionar com ele é resolvida pela imitação. Imitação essa que se revelará oca.

“Os brasileiros acharam bonito, quiseram imitar os ingleses”³⁶ no que diz respeito à supressão do prenome nas escalasções em prol do aparecimento do sobrenome. Assim, Clyto Portela virou C. Portela, Felix Frias, F. Frias, exatamente como faziam os ingleses. Contudo, rapidamente essa fórmula encontra problemas em sua relação com a vida local. “Eram dois Etchegaray, Victor e Emílio. Quando os dois jogavam estabelecia-se a confusão só desfeita pela maneira brasileira: Aí, Victor! Aí, Emílio!”.³⁷

Diante do problema imposto pela forma importada – dois jogadores em uma mesma partida com o mesmo sobrenome – a resolução surge de maneira espontânea e orgânica – “maneira brasileira”. O desfecho do dilema guarda muita semelhança com aquilo que Gilberto Freyre chama de “expressão do nosso mulatismo”, este que seria “ágil em assimilar, dominar, amollecere em dansa, em curvas ou em músicas techniques européas ou norte-americanas angulosas para o nosso gosto”.³⁸ Sem teorizar, Mário Filho, mobiliza uma linguagem interpretativa dos fenômenos muito comum à tradição da formação nacional que diz respeito à relação entre o caráter brasileiro e seus modos de tratamento. Além da relação com Freyre e seu “mulatismo”, poderíamos citar Sérgio Buarque de Holanda quando escreve em *Raízes do Brasil* como característica do “desejo de estabelecer intimidade [...] a tendência para a omissão do nome de família no tratamento social. Em regra é o nome individual, de batismo, que prevalece”.³⁹

³³ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 14-5.

³⁴ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 14.

³⁵ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 14.

³⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 15.

³⁷ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 15.

³⁸ FREYRE. *Foot-ball mulato*, p. 4.

³⁹ HOLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 256.

No acontecimento citado em *O negro no foot-ball brasileiro*, a adaptação é feita desobedecendo inconscientemente as regras impostas pelo costume inglês e a tradução do futebol começa a acontecer de maneira não planejada, a partir disso que Holanda denominou “ética de fundo emotivo”.⁴⁰ Mesmo que Mário Filho não cite Holanda, essa parece ser uma ideia que circulava com muita intensidade na rede intelectual de Mário Filho. O próprio Gilberto Freyre faz menção ao fenômeno ocorrido na história brasileira em que os nomes foram “amaciados”.⁴¹

A dinâmica daquilo que Mário Filho generaliza sob o manto de “maneira brasileira” produz os meios para que elementos estrangeiros sejam “abrasileirados”, bastando que se insiram minimamente na lógica local para que se dê sua transformação. Nesse ponto, o paralelo entre o futebol e o *cricket* é fundamental para entendermos os destinos de cada um na cultura nacional.

O autor escreve que “no *cricket*, sim, os ingleses não quiseram saber de mistura. Brasileiro para entrar no *team* de *cricket*, nem branco”⁴² e como consequência não adquiriu importância no Brasil, mantendo-se como prática restrita. Percebemos, no futebol, que a mistura, a miscibilidade, tem valor positivo e constitui-se como princípio necessário para o abrasileiramento. No *cricket*, lugar onde ela não existiu, houve atrofia.

Entretanto, caso a restrição à entrada de brasileiros não existisse, o esporte também não teria grande adesão voluntária, pois, segundo Mário Filho, “os brasileiros nunca foram muito com o *cricket*. Jogo bom para inglês. Os jogadores se acolchoavam, quase que vestiam armaduras medievais, para empunhar o seu *but*”.⁴³ Sendo assim, se entendermos o significado de tradução não apenas no plano linguístico, mas também no cultural, existiriam condições particulares ao *cricket* que impediriam a sua tradução para a cultura local. Ou seja, independentemente das restrições internas perpetradas pelos coordenadores desse esporte, vetando a entrada de brasileiros e evitando a mistura, a experiência histórica brasileira com inexistência de um passado medieval como no Velho Mundo, e não sua predisposição biológica, recusaria o jogo em seu sistema cultural. Um esporte com jogadores “acolchoados” quase que com “armaduras medievais”, e isso

⁴⁰ HOLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 257.

⁴¹ FREYRE. *Casa-Grande & Senzala*, p. 340.

⁴² RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 16.

⁴³ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 16.

funcionando quase como uma metáfora para a importação de ideias, não poderia ser objeto dessa tradução e ajustado à cultura local; seria uma espécie de falsificação.

O processo de tradução do futebol para a cultura local, no ritmo da história contada por Mário Filho, acontece menos como um projeto e mais como uma manifestação autêntica da personalidade nacional, que se revela nos pequenos gestos do cotidiano, que ganham significação macrosocial. Mesmo no seio da elite há esse impulso que recusa certas formalidades enraizadas em práticas culturais estrangeiras e um poder em traduzir o que vem de fora em uma língua brasileira. Os dois próximos exemplos citados evidenciam o que foi dito.

Ao descrever uma viagem de uma equipe do Rio de Janeiro a São Paulo, Mário Filho apresenta os custos elevados envolvidos na excursão, a hospitalidade dos anfitriões que pagam as despesas dos visitantes e o ambiente refinado do encontro. Além disso, narra o costume da época em, após as partidas, festas serem oferecidas para selar a sociabilidade de elite e a atmosfera de cordialidade entre os rivais.

Acontece que o futebol inspirava paixões: após o jogo, em caso de um time sair vencedor, a outra parte saía, necessariamente, derrotada. A formalidade da festa agia como um pacto social entre pares da elite que pretendia recalcar as paixões envolvidas na performance esportiva: “A ideia partia dos vencedores, os vencidos ainda tontos, sem cabeça para pensar em nada, muito menos em comemoração. Comemoração da derrota? Era feio recusar, os vencidos tinham de se mostrar à altura dos vencedores”.⁴⁴ Este império da formalidade exigia que os derrotados, “sem amarrar a cara, nada de mostrar tristeza, a dôr da derrota, e sem regatear o dinheiro”,⁴⁵ reprimindo a “ética de fundo emotivo”, na linguagem buarqueana, ou seu “mulatismo”, na gramática freyreana, participassem do evento. Assim, Mário Filho sugere que a participação dos atletas acontecia por mera convenção social, já que era a moldura inglesa de sociabilidade que impedia a manifestação dos reais sentimentos envolvidos naquela relação de disputa. Esse evento, citado no início do livro e trazido em outras ocasiões sofre alterações quando a tensão entre forma e conteúdo se torna insuportável. Essa prática chega ao fim subvertida pela possibilidade de vazão das paixões estimuladas pelo futebol.

⁴⁴ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 21.

⁴⁵ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 22.

Há, portanto, um sentido contido na própria maneira de apresentar os eventos em seu processo de abasileiramento: da contenção em moldura estrangeira à liberação sentimental própria ao caráter brasileiro. É como se em um rio congelado, a água que corre silenciosa por debaixo da fina camada de gelo buscasse, metro após metro, um lugar para emergir.

Possível observar como essa característica orgânica e não planejada de transformação do futebol em elemento nacional é levantada, também, quando Mário Filho descreve uma noite de jogadores do Botafogo e do Fluminense. Neste dia, um tradicional cântico inglês sofreu uma tradução livre e jocosa por parte dos jogadores dos clubes de elite do Rio de Janeiro. O autor relata que: “*And more we drink together* ficou sendo ‘onde mora o Pinto Guedes’. E *for he is a jolly good-fellow* passou ‘a baliza é bola de ferro’”.⁴⁶

E, assim, diante desse processo de abasileiramento do esporte inglês, pergunta-se:

Como acabaria aquilo? Bastava olhar para o Bangu. Os ingleses ficando de fora, pouco a pouco. Mais operários no *team*, menos mestres. Preto barrando branco. Não seria o destino do *foot-ball*? O *foot-ball* se tornando brasileiro demais. Não brasileiro como o remo. O remo era brasileiro a seu jeito. Brasileiro, mas branco.⁴⁷

Ao perguntar ao leitor “como acabaria aquilo?”, Mário Filho sabe a resposta: “era inútil lutar contra o *foot-ball*, que tomara conta de tudo”;⁴⁸ “havia uma coisa, porém, em que ninguém tinha pensado: a importância cada vez maior do *foot-ball*”,⁴⁹ ou ainda, “o *foot-ball* estava ficando importante demais”.⁵⁰

Essas marcações do autor em sua narrativa são formas de conduzir o leitor à mesma conclusão daquele que escreve sobre os processos de transformação ocorridos na experiência passada. Elas ensinam àquele que lê o sentido enrustido no acontecimento, configurando-se, desta feita, uma espécie de teleologia. São os olhos de Mário Filho que veem a impotência da batalha contra o futebol, uma vez que os atores implicados naquele presente-passado não poderiam conhecer os resultados de suas ações. O elemento de imponderabilidade da experiência no presente é suprimido como estratégia narrativa para

⁴⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 22.

⁴⁷ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 44.

⁴⁸ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 55.

⁴⁹ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 131.

⁵⁰ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 131.

alertar que não haveria outro caminho possível a ser percorrido nesse processo histórico. Sobre isso, Pinto Gil escreve:

Mesmo as historietas tinham que portar algum ensinamento, o que faziam ao operar pedagogicamente, ou seja, como lições para que as gerações partilhassem de uma sabedoria comum normativa. Como Nelson Rodrigues dizia: “Mário Filho tinha a nostalgia do gigantesco”, daí sua insistência em ultrapassar o que fosse descontínuo, irregular e inconstante. Sua ênfase estaria sempre no monumental, gigantesco e empreendedor.⁵¹

O futebol avançava como uma força própria, irresistível, congruente com o caráter nacional valorizado por Mário Filho. Novamente, pela própria estratégia de construção frasal, o destino final do futebol brasileiro prenunciava-se no time do Bangu: brasileiro, popular e não exclusivamente branco.

Fenômeno similar deu-se no Flamengo, respeitando o mesmo padrão narrativo de Mário Filho, em que o sentido final do texto se manifesta pouco a pouco em seu desenvolvimento. Apesar de seu início excludente, o clube faz a transformação tal qual o Bangú: “Virou clube do povo quando acabou com a história de só branco no *team*. Abrindo as portas da Gávea para os pretos. O povo sentiu-se flamengo. Gente de todas as classes ia para o campo para uma batalha de conféti, como para uma festa de São João”.⁵²

Para Mário Filho, “a razão da popularidade do *foot-ball*” era “a vocação de todo mundo para ele”.⁵³ E esta vocação, o vetor capaz de traduzi-lo em esporte nacional, atravessador de classes e raças e subversivo de formas fixas. O autor sentencia que “o *foot-ball* já não podia ser chamado de inglês” e que “*foot-ball* soava como uma palavra brasileira [...] não precisava de tradução”.⁵⁴ Tudo isso ligando-se à inversão realizada pelo esporte no que diz respeito à importação e imitação da produção estrangeira: “os outros ingleses, os que jogavam *foot-ball*, trataram de se tornar brasileiros, fazendo letras, dando Charles”,⁵⁵ ou seja, praticando “um *foot-ball* mais vistoso, mais bonito, mais brasileiro”,⁵⁶ que extrapolava as formas estabelecidas, criava novas palavras com o mesmo alfabeto, alargava a linguagem do jogo. Sob essa ótica, o esporte mantinha o significante “*foot-ball*” e ampliava os seus sentidos – a tradução arrebatava o original.

⁵¹ GIL. Humildes, mascarados e gênios, p. 245.

⁵² RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 268-9.

⁵³ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 44.

⁵⁴ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 64.

⁵⁵ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 64.

⁵⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 64.

Ainda sobre a tradução do futebol, interessante notar que ela é feita com o auxílio da cultura que traduz, ou seja, não é apenas uma tradução objetiva, mas uma atividade que mobiliza elementos nativos para a construção de significado na cultura de chegada. No esquema da tradução do futebol, o “como para uma festa de São João”, na citação feita acima, funciona como um recurso conhecido pela população local para assimilar o novo elemento que aparece no horizonte. Da mesma maneira, funcionará o carnaval e o samba.

Desse modo, Mário Filho, já encaminhando a conclusão de *O negro no foot-ball brasileiro*, irá amarrar o movimento de adaptação e tradução cultural galvanizado pelo sentido histórico do futebol para a nação brasileira a partir de dois jogadores: Leônidas da Silva e Domingos da Guia:

Talvez porque o que Leônidas fazia fosse mais brasileiro, estivesse na massa do sangue dos nossos brancos, mulatos e pretos. Como o samba. Toca-se um samba, seja onde for, só se vê gente gingando o corpo. Domingos gingava o corpo, mas não com aquele desembaraço de Leônidas, que se desmanchava todo. Dançando samba. Jogando *foot-ball*. A sobriedade de Domingos chocava como uma coisa vinda de fora. Da Inglaterra.⁵⁷

Após a trajetória realizada e ídolos formados, para Mário Filho, Leônidas seria mais brasileiro, pois representativo desse repertório nacional presente na história da tradução do futebol para a língua local – continha a potência da miscigenação, gingava transgredindo a forma fixa e tinha correspondência popular com o samba. Domingos, apesar de falar bem a nova língua, ainda tinha o sotaque, o acento inglês – a sobriedade e a ginga limitada pela forma. Como observado por Moraes e Ratton Jr., Gilberto Freyre, no prefácio, viu nesses dois jogadores – Leônidas e Domingos da Guia – atores individuais, sujeitos irreduzíveis, que apesar disto representariam sinteticamente um, o modelo dionisíaco, e o outro, o apolíneo, do futebol brasileiro, respectivamente.⁵⁸

É por conta desta operação que Freyre escreve no prefácio de *O negro no foot-ball brasileiro*: “a dança dançada baianamente por *um* Leônidas; e por *um* Domingos [grifos nossos]”,⁵⁹ e não “por Leônidas” ou “por Domingos”. Novamente, são Moraes e Ratton Jr. que apontam para essa construção de uma metonímia no modo com que Freyre entende a

⁵⁷ RODRIGUES FILHO. *O negro no foot-ball brasileiro*, p. 278.

⁵⁸ MORAIS; RATTON JR. Gilberto Freyre e o futebol, p. 103.

⁵⁹ FREYRE. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio), p. VI.

relação entre processos particulares e sociais. Para um caso análogo ao que acabamos de descrever, escrevem: “é por isso que Freyre utiliza a expressão ‘os Leônidas’”.⁶⁰

Sendo assim, percebe-se que o sentido histórico do texto contém a ideia de tradução cultural, em que elementos nativos, como a miscibilidade ou a aversão à forma fixa são fundamentais para o triunfo do futebol, e que podem ser metonimizadas em atores individuais. Essa tradução deu-se de modo não sistematizado, não planejado e acontecia em eventos mínimos do cotidiano dos personagens envolvidos na trama de *O negro no foot-ball brasileiro*. Além disso, Mário Filho constrói estratégias argumentativas para que o sentido final do texto seja dado aos poucos, na tessitura da narrativa. O futebol traduzido seria a expressão daquilo que Marcelino Rodrigues chamou de “o Brasil moderno de Mário Filho”⁶¹ e consequentemente congruente com a sua atuação jornalística no projeto de alterar os significados do jogo. O futebol serviria, desse modo, como um lugar privilegiado para se pensar os futuros possíveis para a comunidade nacional.

* * *

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- FRANZINI, Fábio. **Raízes do país do futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). Dissertação (Mestrado em História). USP, São Paulo, 2000.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002.
- FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, 17.06.1938, Recife, n. 143, p. 4.
- FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

⁶⁰ MORAIS; RATTON JR. Gilberto Freyre e o futebol, p. 103.

⁶¹ Ver: SILVA. *Mil e uma noites de futebol*: o Brasil moderno de Mário Filho.

GIL, Gilson Pinto. **Humildes, mascarados e gênios**: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho. Tese (Doutorado em História), IUPERJ, Rio de Janeiro, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Cia das Letras, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do país do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Tese (Doutorado em História). PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003.

MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JR, José Luiz. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n.1, 2011.

NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história**: a viagem, a memória, o ensaio: sobre *Casa-Grande & Senzala* e a representação do passado. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PEREIRA, Leonardo A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (Doutorado em História), Unicamp, Campinas, 1998.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RODRIGUES, Henrique Estrada. O conceito de formação na historiografia brasileira. In: MEDEIROS, Bruno Franco e outros (org.). **Teoria e Historiografia**: debates contemporâneos. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Quem desloca tem preferência**: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

* * *

Recebido em: 09 de junho de 2022.
Aprovado em: 21 de outubro de 2022.

Um modernista paraibano no mundo: José Lins do Rego e a excursão do Flamengo à Suécia em 1951

A Modernist From Paraíba in the World:
José Lins do Rego and Flamengo Tour to Sweden in 1951

Regiane Matos

Pesquisadora independente, São Paulo/Brasil
Doutora em História, Política e Bens Culturais, CPDOC/FGV
regianematos89@gmail.com

RESUMO: Este artigo aborda a viagem do intelectual modernista José Lins do Rego (1901-1957) à Suécia, ocorrida no ano de 1951, ocasião na qual o paraibano chefiou a delegação do time de futebol masculino do Clube de Regatas do Flamengo naquela que foi a primeira excursão à Europa. Serão comentadas as redes de sociabilidade por ele constituídas, principalmente com Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974), dando luz à reunião e análise das crônicas esportivas por ele assinadas e recuperando artigos de jornais brasileiros (*O Globo* e *Jornal dos Sports*) e suecos (*Aftonbladet*; *Dagens Nyheter*; *Idrottsbladet*; *Rekordmagasinet*; *Stochholms-Tidningen*; *Svenska Dagbladet*) que trataram dessa turnê sueca. Pretende-se, pois, revelar a faceta de Zé Lins cronista esportivo e viajante. A hipótese central é que o alargamento da rede de sociabilidade para uma escala internacional é decorrente da consagração literária do romancista em 1943, colhendo os louros após a publicação de *Fogo morto*. Foi a partir desse ano que começaram as suas viagens internacionais, que lhe permitiram conhecer 18 países do mundo e estabeleceram uma ponte que lhe permitiu ir além dos seus guetos provincianos, comunicando-se com seu público-leitor e revelando a ele suas andanças por tantos becos deste mundo.

PALAVRAS-CHAVE: José Lins do Rego (1901-1957); Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974); Crônica esportiva; Clube de Regatas do Flamengo; Suécia.

ABSTRACT: This article discusses the trip of the modernist intellectual José Lins do Rego (1901-1957) to Sweden, which took place in 1951, in which the man from Paraíba led the delegation of the men's soccer team of Clube de Regatas do Flamengo in what would be the first excursion to Europe. The sociability networks constituted by him will be commented, mainly with Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974), giving light to the gathering and analysis of the sports chronicles signed by him and recovering articles from Brazilian (*O Globo* and *Jornal dos Sports*) and Swedish newspapers (*Aftonbladet*; *Dagens Nyheter*; *Idrottsbladet*; *Rekordmagasinet*; *Stochholms-Tidningen*; *Svenska Dagbladet*) who handled this Swedish tour. It is intended, therefore, to reveal the facet of Zé Lins, a sports chronicler and traveller. The central hypothesis is that the expansion of the sociability network to an international scale is due to the literary consecration of the novelist in 1943, reaping his laurels after the publication of *Fogo morto*. It was from that year onwards that he began his international travels, which allowed him to visit 18 countries in the world and established a bridge that allowed him to go beyond his provincial ghettos, communicating with his readership and revealing to them his wanderings through so many alleys of this world.

KEYWORDS: José Lins do Rego (1901-1957); Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974); Sports Essays; Clube de Regatas do Flamengo; Sweden.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda as viagens do intelectual modernista José Lins do Rego (1901-1957), concentrando-se no estudo de caso referente à viagem para a Suécia, ocorrida no ano de 1951, ocasião na qual o paraibano chefiou a delegação do Clube de Regatas do Flamengo naquela que seria a primeira excursão do time de futebol masculino à Europa. Serão comentadas as redes de sociabilidade por ele constituídas, dando luz à reunião e análise das crônicas de viagem e de futebol por ele assinadas. Pretende-se, pois, revelar como Zé Lins, cronista de futebol e viajante, conseguiu aproximar seu leitor de temas simples, estabelecendo uma ponte que lhe permitiu ir além dos seus guetos provincianos, comunicando-se com seu público-leitor e revelando a ele suas andanças por tantos becos deste mundo.

Suas viagens oficiais e turísticas ao exterior precederam aquelas realizadas no Brasil. Estas passaram pelo sertão, pelo campo e por cidades brasileiras. Tratou-se de itinerários nacionais que alargaram a sua visão nacional e territorial. As leituras de autores estrangeiros antecederam suas incursões com os próprios olhos e serviram de primeiro contato dentro das viagens livrescas, que começaram ainda na sua vida de infância no engenho.

Em 1924, JLR e Gilberto Freyre já haviam viajado juntos pelo interior da Paraíba e de Pernambuco.¹ Dezesseis anos depois, em 1940, os dois nordestinos, a fim de entender o contexto nacional a partir da alteridade entre os múltiplos regionalismos, viajaram ao Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul: enquanto Freyre viajou a convite do interventor federal, e, como sociólogo, pudera explorar o tema da diversidade regional a partir do Brasil meridional. A viagem de JLR aos três Estados sulinos foi “de recreio”. No ano seguinte à viagem, foi publicado *Região e tradição* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1941 (Coleção Documentos Brasileiros), livro de Freyre com prefácio de JLR.

Sabe-se, no entanto, que JLR também vivenciou a experiência do roteiro sulino como reveladora das diferenças e semelhanças entre as regiões do país. Aqui é importante lembrar que esta experiência de alteridade, ainda nacional, aconteceu três anos antes de o romancista e cronista paraibano viajar ao exterior pela primeira vez.

Reconheço aqui a veia regional nos romances zelinianos, mas vejo com reservas a recepção reducionista de JLR como um simples discípulo de Freyre, uma versão literária de suas ideias sociológicas. Como bem indicou Neroaldo Pontes de Azevedo,² faz-se necessário assinalar o movimento crescente na obra de JLR, substituindo a memória e o subjetivismo por uma observação mais refinada, marcada por uma visão dramática e tensa das relações sociais e afetivas entre seus personagens, indicando o abandono progressivo da visão idílica e da noção freyriana de equilíbrio de antagonismos.

A hipótese central é que o alargamento da rede de sociabilidade para uma escala internacional é decorrente da consagração literária do romancista em 1943, colhendo os louros após a publicação de *Fogo morto*, podendo ser inclusive a motivação inicial para que fosse realizada a sua primeira viagem ao exterior, para a Argen-

¹ FREYRE apud DANTAS. *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho*, p. 55.

² AZEVEDO. José Lins do rego: trajetória de uma obra.

tina nesse mesmo ano, a fim de proferir conferências a respeito da Literatura Brasileira a partir de convite do Itamaraty. Isto lhe permitiu, inclusive, alargar e ressignificar as redes nacionais que já haviam sido estabelecidas.

Em suas crônicas, a partir de um convite à conversa com seu leitor, JLR se utiliza das notícias atuais e das situações de informalidade, trânsito pela cidade e cordialidade de seu cotidiano como matéria que origina o impulso criador de seus rabiscos do ofício de cronista. Após 1943, a carreira de JLR passa a ser marcada pela sua forte atuação no mundo do futebol, em relações editoriais e na intensa produção para diversos periódicos cariocas, sobretudo *O Globo* e o *Jornal dos Sports*, nos quais publicou crônicas sobre esporte, cinema, cotidiano e viagens.

Para além do levantamento de Bernardo Buarque de Hollanda³, Regiane Matos⁴ incluiu mais três países na lista de viagens de José Lins: 1) ao Chile em 1952, na ocasião JLR acompanhou a Seleção Brasileira em amistosos que antecederam o Sul-Americano de futebol, que ocorreria em Lima, capital do Peru, em 1953; 2) à Síria, quando visitou Damasco, e à região da Palestina, quando visitou a cidade de Belém, essas duas últimas em 1955 e dentro do roteiro que teve como destino principal Israel; e 3) a Cabo Verde, em 1956, quando realizou uma longa viagem de barco, partindo de Portugal e passando pela Ilha da Madeira e pela então colônia portuguesa. Optou-se por mencionar a Palestina que, mesmo sendo considerada um território que não corresponde a um país, representa uma cultura e uma sociedade importantes e de grande valor nos debates históricos e geográficos.

Na América Latina, o cronista visitou quatro países – Argentina (1943); Uruguai (1943); Chile (1952) e Peru (1953). A Europa foi o continente mais visitado por ele – França (1950, 1951 e 1952); Suécia (1951); Dinamarca (1951); Portugal (1951, 1952, 1954 e 1956); Itália (1952 e 1954); Suíça (1954); Alemanha (1954); Grã-Bretanha (1954), Espanha (1954); Finlândia (1954) e Grécia (1955 e 1956). No Oriente Médio, JLR esteve em Israel, Síria e na região da Palestina. Na África, o único país visitado foi Cabo Verde.

No intervalo de 13 anos, JLR visitou 18 países do mundo, sobre os quais escreveu crônicas, leu autores e a partir dos quais também estabeleceu outras redes de sociabilidade além-mar e além-fronteiras. Trago aqui a ideia de que JLR se utiliza de suas crônicas de viagem como um testemunho pessoal, imbricado, portanto, ao caráter falível da memória. Esses textos possibilitam diversas frentes de leitura: pode ater-se à descrição interna das paisagens e das situações, às marcas das sociedades locais ali representadas, ao pensamento em torno da condição humana etc., de maneira que a narração de episódios de uma viagem por um cronista se difere de como, por exemplo, um geógrafo ou um historiador observariam e descreveriam o mesmo tipo de situação e ambiente.

Podemos dividir as viagens de JLR em três tipos: as viagens diplomáticas, fruto do convite de instituições oficiais do Brasil e do exterior; as viagens esportivas, ligadas à sua condição de dirigente do Clube de Regatas do Flamengo e de secretário geral da Confederação Brasileira de Desportos, e, por último, as viagens turísticas, no contexto de passeios particulares, alguns deles com fins familiares.⁵

³ HOLLANDA. *ABC de José Lins do Rego*, p. 223-234.

⁴ MATOS, *O provinciano cosmopolita: redes internacionais de sociabilidade literária e as crônicas de viagem de José Lins do Rego nos anos 1940 e 1950*, p. 65.

⁵ HOLLANDA. *ABC de José Lins do Rego*, p. 224.

Durante as diversas viagens feitas pela América, à Europa e ao Oriente Médio, JLR, de forma semelhante à produção literária de narrativas de viagem de Érico Veríssimo e de Cecília Meireles, não deixava de produzir crônicas sobre suas impressões naquelas terras estrangeiras, enviando-as para publicação nos jornais brasileiros, principalmente n’*O Globo*. Desse “[...] conjunto de viagens a Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Grécia, Itália, Israel, resultam livros em que colige os seus curtos apontamentos”.⁶

Daí as publicações de seletas de suas crônicas e ensaios em coletâneas: *Gordos e magros* (1942); *Bota de sete léguas* (1952); *Roteiro de Israel* (1955); *Gregos e troianos* (1957) e *O vulcão e a fonte* (1958). Esse último volume foi publicado postumamente em 1958, com apresentação assinada por Lêdo Ivo.

Os dados de editoras – todas cariocas – e anos de publicação nos fazem ver que a Livraria e Editora José Olympio, então detentora da totalidade dos direitos autorais das obras de ficção do escritor, só veio a editar e publicar as crônicas zelinianas postumamente, no começo do século XXI, fato que está relacionado à menor importância dada a esse gênero, muito importante no projeto modernista de autores, como o próprio José Lins do Rego e também de Manuel Bandeira. Assim, parece que as editoras preferiam focar na publicação de romance e poesia de seus principais autores.

Os jornais, por outro lado, permitiam o alcance desse projeto modernista de alcance de público através de textos curtos e escritos em uma linguagem mais simplificada, repartindo um saber, expresso em linguagem capaz de motivar e ativar uma forma didática e jornalística, partindo da notícia e dos acontecimentos locais, nacionais e internacionais.

Mesmo fora do Brasil, JLR não deixava de realizar análises de comparação com o seu país de origem, trabalhando assim a alteridade e também, muitas vezes, não deixando de criticar as atuações de Getúlio Vargas, Eurico Dutra e Juscelino Kubitschek, presidentes do Brasil durante os anos em que o cronista publicou n’*O Globo*.

JLR foi amigo próximo do empresário Roberto Marinho que, em 1943, convidou-o para publicar no jornal, no qual o paraibano passou a colaborar exaustivamente até a sua morte, em 1957. Nessa mesma década, o empresário carioca também se aproximara de Gilberto Freyre. JLR dedica, inclusive, o seu livro de crônicas *Homens, seres e coisas*, de 1952, a Roberto Marinho. A série de crônicas que levam o nome “Conversa de lotação”, por exemplo, tem início 15 anos depois da chegada do paraibano e de sua família à cidade do Rio de Janeiro. No caso do *Jornal dos Sports*, o convite para se tornar colaborador partiu de seu fundador, o jornalista Mário Filho.

Nas crônicas zelinianas, é possível identificar o retrato/a singularização de pessoas, coisas e situações vividas e/ou imaginadas pelo cronista, relacionadas ao meio ambiente, às paisagens, à linguagem do cotidiano e às tradições, aos hábitos e aos costumes das populações (alimentação, futebol, lazer, vestuário etc.). Esses personagens ilustram muito bem as angústias e as inquietações da condição humana, inerentes a todas as classes sociais, e são explicitadas pela faceta cronista de José Lins, dialogando diretamente com o projeto do Estado Novo. O autor se dava ao tra-

⁶ HOLLANDA. *ABC de José Lins do Rego*, p. 227-31.

balho de selecionar temas que, ao mesmo tempo, seduziam o leitor e o faziam, também, refletir acerca das questões cotidianas do Brasil e do mundo, sempre enfatizando o seu ponto de vista, ou seja, sua ideologia a partir da literatura.

Há diversos círculos na esfera de sociabilidade internacional do cronista JLR. Aqui é importante pontuar que a motivação original de cada uma de suas viagens – fossem elas diplomáticas, esportivas ou turísticas, como categorizadas anteriormente – implica geralmente na ativação de grupos sociais e políticos específicos.

Durante a minha pesquisa pude alargar fontes de compreensão da carreira intelectual de JLR, nas redes do regionalismo nordestino e, posteriormente, da capital federal, transitando entre o campo editorial, em torno da Livraria José Olympio e dos jornais com os quais colaborava, e esportivo, em torno do Clube de Regatas do Flamengo e da CBD, na qual atuou por 12 anos, entre 1943 e 1955.

A sua intensa colaboração n’*O Globo*, entre 1944 e 1956, permite acompanhar o desenvolvimento quase que diário das suas ideias, entusiasmos e contradições. Logo, as crônicas derivadas de suas viagens são produções ilustrativas da função profissional e turística desses movimentos internacionais, mostrando como as leituras que fizera sobre esses países, antes mesmo de conhecê-los, derivadas de relatos, experiências e produções de terceiros, também fazem parte da sua maneira de ver o mundo.

Assim, é compreensível a escolha dele, escritor que alcançou reconhecimento literário e alto número de leitores de sua obra para os padrões da época, e que se utilizou da literatura como instrumento primeiro de denúncia social.

O caso da Suécia é emblemático por tratar-se de uma viagem de cunho esportivo. Na ocasião ele viajou como chefe da delegação do Clube de Regatas do Flamengo, seu clube do coração, que estava pela primeira vez em uma turnê europeia. É possível imaginar como o cronista deparou-se com tamanha responsabilidade, em uma experiência que foi celebrada, já que o Flamengo ganhou os 10 amistosos disputados em campos da Suécia, Dinamarca, França e Portugal. Esse país escandinavo já aparecera em seu romance *Riacho doce*, publicado em 1939. Mais adiante será comentada a figura do sueco como imigrante ideal no Brasil, a partir da política imigratória estabelecida pelo Estado Novo.

A importância e relevância da relação de Gilberto Freyre com José Lins do Rego teve que ser, inevitavelmente, levada em consideração. Contudo, busco sublinhar a importância de José Lins do Rego como um intelectual tão importante quanto Freyre na construção da imagem do Brasil para os brasileiros e para o exterior. Embora as trajetórias dos dois tenham pontos em comum, sobretudo na década de 1920, quando se conhecem e convivem por algum tempo, a partir da década de 1930 suas carreiras tomam rumos distintos, sendo os pontos de elo o regionalismo, o Nordeste e a paixão pelo Brasil.

Diferentemente de seu grande amigo Gilberto Freyre, que se mantinha com o dinheiro que obtinha de publicações de artigos em jornais, edição de livros e projetos financiados, boa parte deles pelo governo português, ou seja, um intelectual sobretudo acadêmico, José Lins enveredou-se pelos romances, pelas crônicas, pelo Flamengo e em diversas redes de sociabilidade que estabeleceu sobretudo a partir da cidade do Rio de Janeiro, onde viveu por mais de três décadas.

Este recorte da viagem à Suécia permite desvendar tanto o cronista esportivo quanto o viajante. As crônicas de José Lins do Rego que serão apresentadas trazem

o colorido de suas impressões subjetivas e de seu estado de espírito, mesclam a experiência pessoal e a vocação literária. Ao considerar sua vasta produção cronística, ainda pouco explorada pela Academia e pelo mercado editorial, este trabalho é mais uma contribuição aos estudos zelinianos, a fim de que eles sejam mais explorados através do gênero crônica.

As crônicas de JLR vão além do texto datado, ligado ao presente, e servem como ferramenta para a reconstituição de um tempo histórico brasileiro e mundial. Ao pensar o significado das viagens para o seu desenvolvimento intelectual e para a sua escrita, pode-se destrinchar a leitura em três frentes: o homem, o escritor e o viajante. A propalada função política do escritor se deu em JLR através do exercício cotidiano da literatura. Através de seus romances, ensaios e crônicas, pôde estabelecer-se dentro das principais redes de sociabilidade nacionais que, anos mais tarde, permitiriam ao viajante, antes provinciano, visitar dezoito países do mundo. Sem deixar de ser provinciano, assim ele também se tornou cosmopolita e pôde inserir em seus temas cronísticos suas impressões sobre as viagens.

A escolha de seu nome para tantas viagens como representante do Brasil, dentre as outras possibilidades e nos diferentes contextos, é pensada aqui como derivada de seu sucesso como intelectual regionalista. Conforme mencionado anteriormente, é partir de 1944, ou seja, meses após sua primeira viagem além das fronteiras nacionais, que se inicia sua colaboração n’*O Globo*, veículo no qual ele pôde transpor o espaço regional por ele criado em seus romances, chegando a outros mundos histórico-sociais e outras regiões geográficas, em suas crônicas de viagem. Entre 1945 e 1957 ele publicou crônicas esportivas no *Jornal dos Sports*, na coluna “Esporte e Vida”.

JOSÉ LINS DO REGO, GUNNAR GÖRANSSON E A SUÉCIA

A viagem do cronista esportivo à Suécia em 1951 foi parte do roteiro da primeira temporada de jogos amistosos do Clube de Regatas do Flamengo na Europa, cuja excursão também passou por Dinamarca, França e Portugal. Será apresentada a parceria entre o Flamengo e o time sueco *Allmänna Idrottsklubben* (AIK) que deu início à primeira turnê europeia do Flamengo, ocorrida em 1951 e que teve como chefe da delegação José Lins do Rego. Para tal fim, a pesquisa em jornais brasileiros e suecos do período, ambos com base em consultas feitas *in loco* nos arquivos dos dois países, permitem trazer à tona fatos e elementos de análise inéditos, tanto sobre a excursão do Flamengo como sobre a atuação de José Lins do Rego dentro do campo futebolístico.

A aproximação de José Lins do Rego com a Suécia havia começado literariamente no romance *Riacho doce*, publicado em 1939. JLR foi um dos primeiros escritores brasileiros a ambientarem um romance em terra estrangeira, sendo a primeira parte de *Riacho doce* ambientada nesse país escandinavo. De acordo com Minchillo,⁷ não parece haver “outro romance brasileiro publicado nas décadas de 1930 e 1940 ambientado parcial ou integralmente no estrangeiro”.

A ficção tem como personagem principal a sueca Edna, casada com o engenheiro compatriota Carlos, que vem ao Brasil para trabalhar na indústria do petróleo na região de Maceió, acompanhado de sua esposa. A primeira parte dessa obra se passa no interior de uma Suécia fictícia projetada por JLR e que nos fala da caracterização do país e

⁷ MINCHILLO. *Erico Verissimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas*, p. 110.

de seu povo a partir da construção literária. O romancista, no entanto, só viria em verdade a visitar o país escandinavo somente 12 anos após a publicação do livro.

Outra relação entre JLR e a Suécia diz respeito à publicação de *O menino de engenho* vertido ao sueco: *Pojken på sockerplantagen* (Montevideo: Nordan Comunidad, 1990). Na *Kungliga Biblioteket*, localizada na capital sueca, pude localizar um exemplar da tradução do primeiro romance de JLR, parte da coleção Latino-americana XX (Fig. 1). Esta reuniu traduções de obras de Mario Benedetti, César Vallego, Carlos Fuentes, José María Arguedas, Juan Rulfo, Clarice Lispector, Josué Montello, entre outros. É intrigante que a impressão da edição escandinava tenha se dado em Montevideo (Edinor – Comunidad del Sur, noviembre 1990) e que a tradução tenha ficado a cargo de Carl-Erhard Lindhal. O tradutor assina também a pequena biografia de José Lins do Rego presente no volume, na qual é sublinhada a atuação do autor como romancista, cronista, sobretudo d'*O Globo*, e ligado ao mundo esportivo brasileiro, mencionando inclusive a ida à Suécia, em 1951.

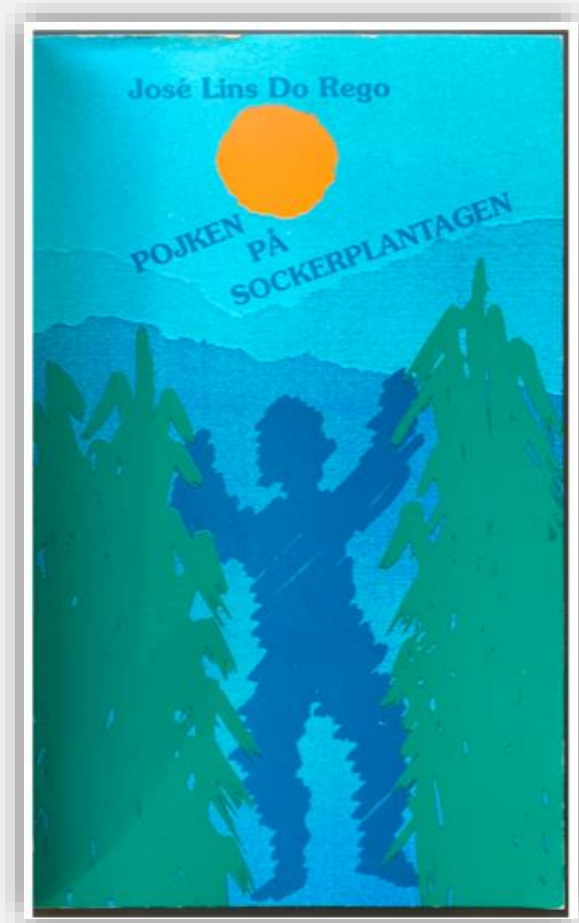


Fig. 1 - Capa da tradução sueca de Menino de engenho.
Fonte: Kungliga Biblioteket.

O tradutor Carl-Erhard Lindhal considera *Pojken på sockerplantagen* uma das principais obras da Literatura Brasileira e destaca a força dos elementos autobiográficos em seus romances ficcionais. A descrição da obra traduzida, ainda de acordo com Lindhal, é repleta de melancolia e nostalgia. Ela indica que a organização dos

capítulos do romance se parece com “pequenos romances” e não obedece à linearidade. A apresentação salienta que José Lins se utiliza de uma linguagem “indisciplinada”, com rico uso de vocabulário regional.

Pesquisar a ida de José Lins à Suécia passou, inevitavelmente, pela relação do contexto brasileiro, do Estado Novo, em relação ao projeto político de branqueamento da população por meio da imigração, vigente desde o Segundo Reinado e a Primeira República, mas dessa vez vendo o sueco como imigrante ideal. O primeiro congresso eugenista já havia ocorrido no fim dos anos 1920. O movimento eugenista brasileiro tinha diferentes vertentes, mas concordavam que a maneira de branquear necessitava a filtragem dos imigrantes e postulavam ainda que o atraso da população se devia à má formação derivada da miscigenação.

Nesse sentido, Fábio Koifman⁸ investiga o projeto de branqueamento da população brasileira na política do Estado Novo e no contexto da Segunda Guerra Mundial. De acordo com o historiador, o sistema de cotas de imigração foi mencionado taxativamente na Constituinte de 1934. A partir de 1938, o governo criou um critério técnico que passou a ser vigente e estritamente controlado de 1941 adiante, inclusive dando direito ao cônsul de verificar visualmente se o imigrante se encaixava na ideia de raça idealizada pelo programa de imigração. A orientação dos consulados era simplesmente negar o visto dos imigrantes que não se encaixassem no perfil estipulado. No caso dos judeus, a partir de 1941 somente aqueles que eram considerados imigrantes capitalistas ou pessoas de notório conhecimento e técnica tinham acesso ao visto.

[...] a efetiva entrada em vigor de leis que, mesmo eventualmente flexibilizadas (para favorecer a entrada de imigrantes desejáveis) ou enrijecidas (nos casos dos considerados indesejáveis), tiveram suas regras realmente aplicadas, contrariando a ideia de que no Brasil o rigor das leis imigratórias não teria sido efetivo ou de que certos dispositivos criados jamais teriam sido aplicados aos casos concretos.⁹

O historiador indica que a partir de 1942 outro tipo de imigrante seria considerado de bastante valia para a composição da nossa população: o imigrante sueco. O tipo nórdico não tinha a mesma religião, nem o mesmo idioma, nem a mesma cultura, tampouco a origem histórica que os portugueses. Os suecos foram assim favorecidos por Vargas durante essa nova política discriminatória, pois servia de contraponto ao fenótipo mestiço do brasileiro. Embora o número de imigrantes suecos seja baixo, a pesquisa de Koifman comprova que esta amostra de imigrantes sublinha a flexibilização das leis relacionada à qualidade do imigrante solicitante.

Embora o livro de Koifman só trate da questão imigratória no Brasil até o ano de 1945, muito da política adotada teve continuidade nos quinze anos subsequentes, sendo apenas no governo de Juscelino Kubitschek que viriam a ocorrer algumas mudanças substanciais. As manutenções também decorreram do fato de que um bom número de burocratas e diplomatas envolvidos nesse projeto eram, em boa parte,

⁸ KOIFMAN. *Imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*.

⁹ KOIFMAN. *Imigrante ideal*, p. 132.

funcionários públicos concursados, malgrado desde 1945 o discurso ideológico sobre imigração tenha passado a ser mais discreto e o controle imigratório tenha apresentado certo afrouxamento.

Ainda segundo Koifman, “aqueles que tiveram incumbidos de selecionar os novos imigrantes demonstraram grande interesse em atrair os que de forma alguma poderiam ser encaixados no padrão desejado, por exemplo, os imigrantes suecos”, indício de que:

[...] a seleção pretendida dos estrangeiros e o interesse pela vinda desse tipo de imigrante não estiveram única e necessariamente relacionados a preocupações limitadas à manutenção da unidade nacional e da identidade moral, étnica e cultural, tal qual apareceu nas justificativas dirigidas ao público, mas também contextualizados ideal e calcadamente em uma pretensa “melhoria” eugênica dos brasileiros.¹⁰

Ao revelar a figura do sueco como imigrante ideal, o estudo de Fábio Koifman é a chave de abertura para que seja apresentada a vinda de Gunnar Göransson ao Brasil. Nascido na cidade sueca de Gotemburgo, a 31 de julho de 1914, Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974) residiu na cidade de Lima, no Peru, antes de se tornar residente brasileiro. Durante sua vida no Brasil, ele morou no Rio de Janeiro e atuou como representante da Facit – empresa sueca que produzia máquinas de escrever e outros utensílios de escritório.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Otto Ola Gunnar Göransson
Admitido em território nacional em caráter temporário-transito
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 6 letra - do dec. n. 7.988, de 1945
Lugar e data de nascimento Göteborg, em 31/7/1914
Nacionalidade sueca Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Otto e Brita Göransson
Profissão comercio
Residência no país de origem Lima, Peru

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. F 2915 expedido pelas autoridades de Överståthållar-ambetet em Estocolmo na data 15.1.1945
visado sob n. 187

ASSINATURA DO PORTADOR:
[Assinatura]

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

[Fotografia]
Legação do Brasil em Estocolmo
30 de julho de 1948
O CONSUL:
[Assinatura]

Fig. 2 - Ficha consular de Otto Ola Gunnar Göransson, frente.
Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

¹⁰ KOIFMAN, *Imigrante ideal*, p. 97-8.

A ficha consular de Gunnar Göransson (Figs. 2 e 3), conservada no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, indica também que seu passaporte fora emitido em Estocolmo, capital de seu país, a 15 de janeiro de 1945. A referida ficha, assinada pela Legação do Brasil na capital sueca a 30 de julho de 1948, discrimina o caráter temporário/de trânsito de sua passagem pelo Brasil. Consta a seguinte indicação: “Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino”.

Após consulta pessoal ao pesquisador, o historiador Fábio Koifman forneceu a informação via e-mail de que no Arquivo Nacional constam registros de duas entradas de Gunnar no Brasil: a primeira em 21 de agosto de 1945 e a segunda em 01 de dezembro de 1948. Desde a sua primeira vinda, o Serviço de Visto do Ministério da Justiça já havia sido fechado, fato que ocorrera no último dia de fevereiro de 1945. Assim, na situação das suas duas entradas no país a decisão de permissão já era atribuição do Itamaraty. Não foi possível consultar a carteira de estrangeiro desse personagem.

OBSERVAÇÃO – As autoridades consulares não farão lançamentos nesta parte da ficha

Data do desembarque 21/8/48 Embarcação LIV-IAE

Permanência em território nacional até 30 dias

Carteira de identidade policial expedida pelas autoridades d _____ registro n. _____

Foi residir à _____

Vai trabalhar _____

Pretende deixar o Brasil pelo porto de _____

Observações _____

H. S. Ltd.
Estereotipado
8/10/48

Fig. 3 - Ficha consular de Otto Ola Gunnar Göransson, verso.
Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Sua paixão pelo futebol o acompanhara desde os tempos suecos, onde e quando já exercia funções de dirigente esportivo. Como integrante da diretoria do Flamengo, Gunnar foi mediador cultural e esportivo: se ele viabilizou os primeiros amistosos sueco-flamenguistas, ocorridos no estádio das Laranjeiras nos dias 08 e 18 de dezembro de 1949, em 1951 ele foi crucial na organização da excursão à Suécia.

Durante a Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil e da qual a Suécia participou, o empresário foi responsável por receber a delegação da sua pátria-mãe e também foi escalado para narrar a transmissão do jogo Brasil 7 x 1 Suécia. Sabe-se

que daí surgiu o seu apelido “Gunnar oj oj (Gunnar ô ô)”, pois durante a narração amadora do jogo, a pedido da rádio sueca Radiotjänst, era possível ouvir a sua exaustão vocal. Naquele jogo, o Maracanã contou com aproximadamente 172 mil torcedores.¹¹

Em 1963, Gunnar viabilizou uma curta temporada de jogadores suecos no Brasil, a saber: Lars-Erik Ahlberg Helsingborgs IF, Roger Magnusson e Gösta Schmidt IFK Goteborg. No blog de Tomas Junglander, pesquisador sueco interessado em temas ligados à literatura e ao futebol, consta uma foto na qual Gunnar e Pelé posam ao lado desses jogadores em 1963 (Fig. 4).

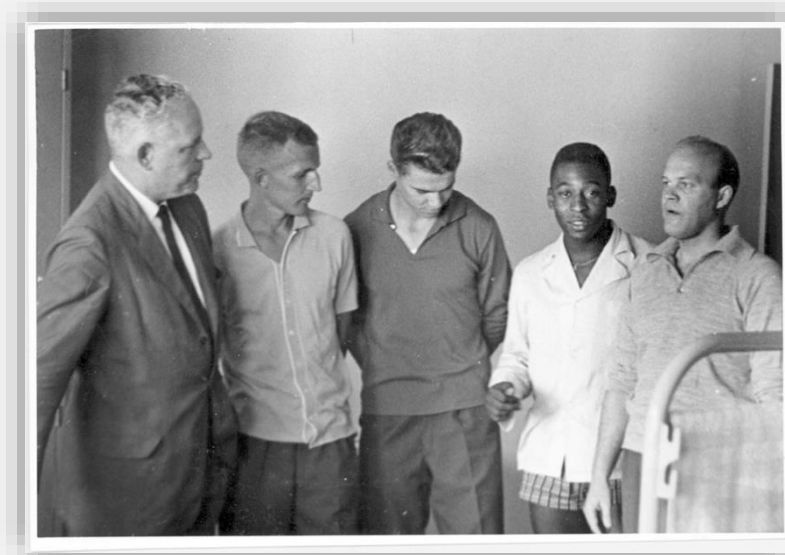


Fig. 4 - Gunnar Göransson, Lars-Erik Ahlberg, Roger Magnusson, Pelé e Gösta Schmidt no Rio de Janeiro, nov. 1963. Fonte: JUNGLANDER. “Gunnar Oj Oj Göransson”. In: *VM Fotboll*, 09 ago. 2017

Já em 1965, Gunnar foi responsável pela vinda de jogadores suecos ao futebol brasileiro para um período de testes, a saber: Roger Magnusson, Kurt Axelsson e Roland “Rimbo” Lundblad (esse último chegou a atuar em dois amistosos pelo clube).¹²

A EXCURSÃO DO FLAMENGO À SUÉCIA (1951)

O portal oficial do Clube de Regatas do Flamengo fornece um exaustivo levantamento da totalidade das partidas realizadas pelo time em sua história. Em março de 2020 realizei consulta no portal “Fla-Estatística”, a partir da qual foi possível constatar que o time sueco Malmö viera ao Rio de Janeiro para amistoso internacional, tendo jogado contra o Flamengo no estádio das Laranjeiras, a 08 de dezembro de 1949 (Flamengo 4 x 4 Malmö/SWE) e a 18 de dezembro de 1949 (Flamengo 3 x 0 Malmö/SWE).

O anúncio do *Jornal dos Sports* a 02 de fevereiro de 1951, em nota intitulada “Na presidência da CBD o sr. José Lins do Rego”, indica que a partir do dia anterior,

¹¹ “Oj, oj!” Fotbolls-VM i Brasilien 1950”. *Sverige Radio*, 25 maio 2006.

¹² OLIVEIRA. “Jogadores europeus que atuaram no futebol brasileiro”. *Rádio Esporte Metropolitano*, 11 jul. 2019.

01 de fevereiro, o cronista fora nomeado, na verdade, Secretário-Geral da Confederação. Assim, quando viaja com o Flamengo à Europa, talvez tenha sido esse um dos motivos da chefia da delegação do clube nessa primeira excursão europeia.

Dois anos depois de os suecos terem jogados em terras cariocas, sabe-se que a delegação do Flamengo partiu rumo à Europa, onde realizou excursão a fim de disputar partidas amistosas na Suécia (nas cidades de Estocolmo, Malmö, Sundswall, Boras, Halmstad e Norrköping), Dinamarca (Copenhague), França (Paris) e Portugal (Lisboa).¹³

Das dez partidas dessa turnê, seis foram realizadas no país escandinavo. O dado evidencia a grande proporção dentre os jogos da turnê europeia realizadas neste país (60%). A 14 de março de 1951, em sua coluna “Esporte e Vida”, do *Jornal dos Sports*, JLR anuncia:

Escolheu-me Gilberto Cardoso para a chefia da delegação do Flamengo à Suécia, e o gesto me comoveu profundamente. Foi como me chamasse para chefiar uma missão de meu país, em terra estrangeira, uma honra que me encheu o coração de alegria e confortou a vida. Tenho o Flamengo no sangue (não fosse este vermelho como uma de nossas cores), e desde que me chamam para o seu serviço, não sou mais do que o seu escravo.¹⁴

O jornal sueco *Aftonbladet*, a 16 de março de 1951, noticia a assinatura do contrato entre o AIK e o Flamengo para a turnê europeia. A Figura 4 reproduz foto de Gilberto Cardoso, então presidente do clube carioca, cercado de representantes da AIK: Per Söderberg, sentado à sua esquerda; Gunnar Göransson, sentado à sua direita. Em pé, são identificados H. Moraes, Francisco Abreu, Ricardo Serran e José Lins do Rego, já designado como chefe da delegação (Fig. 5).



Fig. 5 - Gilberto Cardoso, Per Söderberg, Gunnar Göransson, H. Moraes, Francisco Abreu, Ricardo Serran e José Lins do Rego no Rio de Janeiro. Fonte: Aftonbladet, 16 mar. 1951.

¹³ Fla-Estatística – O museu virtual do Clube de Regatas do Flamengo. Página oficial.

¹⁴ REGO. “Escravo do Flamengo”. *Jornal dos Sports*, 14 mar. 1951.

O jornalista Ricardo Serran, a 20 de abril de 1951, assina a matéria “A experiência dos rubro-negros na Europa”, publicada no *Jornal dos Sports*. A reportagem traz os nomes que viriam a compor a delegação do Flamengo na excursão europeia:

A delegação do Flamengo será composta de vinte e quatro pessoas, sendo 18 os jogadores. Estão escolhidos, desde já: Claudio, Garcia, Pavão, Biguá, Newton, Dequinha, Bria, Bigode, Valter, Nestor, Hermes, Adãozinho, Índio e Esquerdinha.¹⁵

JLR avisa, em “Palavra aos campistas”, crônica de 28 de abril, que a delegação estava prestes a viajar à cidade de Campos dos Goitacazes, “antes de partir para a terra fria do Norte [...] para nos aquecer no calor dos vossos entusiasmos”. Já em 04 de maio, o texto “O Brasil na Suécia” traz a seguinte informação:

Vai o Flamengo a uma viagem de camaradagem à Suécia. Não vamos a procura de negócio rendoso, vamos nos encontrar com os altos representantes do verdadeiro espírito esportivo da Europa. [...].

Todos nós sabemos o que é a Suécia: uma nação de população evoluída, ao máximo, um povo com a maior capacidade para organizar-se em todos os sentidos da vida.

O Flamengo leva, como nos disse o prefeito Vital, a responsabilidade de representar o Brasil, de ser nos campos suecos a fibra, a técnica, a alma do nosso futebol.¹⁶

A nota “Tack, tack Flamengo!”, assinada pelo cônsul sueco Per Söderberg e publicada no *Jornal dos Sports* a 06 de maio 1951, permite entender que o convite inicial da excursão tenha partido do clube AIK. Além disso, indica que embarcaria, no dia 07 de maio, uma delegação com quase cinquenta pessoas:

É a primeira vez que um time brasileiro pisa na minha terra natal. Sinto-me feliz e orgulhoso de apresentar à minha gente um clube como o Flamengo, cuja glória e tradição esportiva farão brilhar no Velho Mundo as cores brasileiras. [...]

Agradeço de todo o coração a maneira gentil e esportiva com que o Flamengo aceitou o convite do AIK.¹⁷

Já a matéria “Voa o Flamengo após festiva despedida”, por sua vez, especifica que a delegação havia acabado de embarcar para a Europa. Em contato com o pesquisador Bruno Lucena, que em 2020 era coordenador de pesquisa estatística do Flamengo, tive acesso à fonte do vídeo por ele publicado no YouTube.¹⁸ A tradução da narração do vídeo, do sueco ao português, é a seguinte:

¹⁵ SERRAN. “A experiência dos rubro-negros na Europa”. *Jornal dos Sports*, 20 abr. 1951.

¹⁶ REGO. “O Brasil na Suécia”. *Jornal dos Sports*, 04 maio 1951.

¹⁷ SÖDERBERG. “Tack, tack Flamengo!”. *Jornal dos Sports*, 06 maio 1951.

¹⁸ “AIK 1 x 6 Flamengo – maio de 1951 – Amistoso em Estocolmo, na Suécia”; “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”.

Esta linda celebração aconteceu em Bromma no último verão, quando o time do Flamengo veio ao encontro do AIK e da Suécia. Nós iremos mostrar a vocês algumas fotos do evento quando o time do Corinthians, que será o próximo visitante da América do Sul. Suas habilidades futebolísticas serão eventualmente eternizadas, mas este filme mostra a recepção do time do Flamengo quando da sua chegada em terras suecas.

O Flamengo treinará em Boson antes das partidas, eles mostram uma incrível agilidade e domínio da bola. Aqui vão algumas fotos do estádio Rasunda durante a partida AIK 1 x 6 Flamengo. Um esplêndido público presenciou a partida, no mesmo estádio onde o Corinthians também jogará, no dia 14 de maio contra o AIK no estádio Rasunda, no dia 16 contra o Djurgarden e na sequência joga nas cidades de Malmö, Gothenburg, Gavle e Halmstad.

O referido vídeo é narrado na língua sueca, tem duração de 1 minuto e 45 segundos e menciona a posterior ida do time paulistano Corinthians à capital do país, quando houve uma temporada de amistosos em 1952. As primeiras imagens trazem o desembarque da delegação e dos jogadores do clube carioca e a recepção sueca já no aeroporto. Neste momento é possível identificar José Lins descendo do avião em Estocolmo, ao lado do presidente Gilberto Cardoso. O paraibano carrega a bandeira do clube em suas mãos (Figs. 6 e 7).



Fig. 6 – Delegação do Flamengo na chegada em Estocolmo (1951)
Fonte: Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).



AIK 1 x 6 Flamengo - Maio de 1951 - Amistoso em Estocolmo, na Suécia

Fig. 7 – José Lins descendo do avião na chegada em Estocolmo.
Fonte: “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”. YouTube, 1m45s.

Em seguida, imagens dos treinos mostram a habilidade dos brasileiros, seguida de cenas do estádio do AIK, repleto de espectadores durante um dos jogos ali realizados. Chama a atenção a reprodução de dois planos dessa sequência (Figs. 8 e 9): durante o treino, uma menina sueca brinca de jogar a bola com as mãos com um dos jogadores flamenguistas.



Fig. 8 - Treino dos jogadores do Flamengo. Fonte: “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”. YouTube, 1m45s.



Fig. 9 - Treino dos jogadores do Flamengo.
Fonte: “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”. Vídeo do YouTube, 1m45s.

A Figura 15, publicada no *Aftonbladet*, também ilustra José Lins com o manto rubro-negro em mãos no momento posterior ao desembarque da delegação, ao lado de outros membros esportivos, com Olle Järvheden à sua esquerda. Putte Kock, escritor e também diretor do AIK, posa com o braço direito erguido e punho cerrado. A legenda indica que o diretor do AIK celebrava JLR, considerado por ele como “o maior autor brasileiro” e salienta a aparência cansada, embora impressionada, do paraibano.



Fig. 10 - Jogadores do Flamengo recebem lenços e gravatas da Nordiska Kompaniet (NK).
Foto de Erik Leonard Holmén. Fonte: Portal DigitaltMuseum.

O portal *DigitaltMuseum*, base comum de dados de museus e coleções da Suécia e da Noruega, reúne em seu acervo mais de 4 milhões de itens catalogados entre fotografias, objetos, exposições de arte, dentre outros. A consulta pela palavra-chave “Flamengo” identifica dezoito fotografias com registros da excursão de 1951, oito delas tiradas pelo fotógrafo Erik Holmén (1893-1963), que trabalhou para a Nordiska Kompaniet (mais conhecida como NK), entre os anos de 1917 e 1961.¹⁹

A Figura 10 ilustra a recepção dos jogadores dentro do que parece ser a sede da rede de lojas Nordiska Kompaniet. Os atletas são presenteados por itens como lenços e gravatas, que compõem o traje social por eles utilizados nos passeios na cidade, do qual se destaca o terno que tem fixado, no bolso, o emblema do clube Flamengo.

As Figuras 11 e 12 trazem registros das partidas e focam em lances do jogo e em imagens panorâmicas. Estas dão destaque ao estádio e ao grande público ali presente.



Fig. 11 - Torcedores assistem à partida Flamengo X AIK a 20 de maio de 1951. Foto de Norrlandsbild. Fonte: Portal DigitaltMuseum.

¹⁹ “Holmén, Erik (1893-1963)”. Pequena biografia no Portal *DigitaltMuseum*.



Fig. 12 - Jogadores do Flamengo e do AIK durante a partida do dia 20 de maio de 1951.
Foto de Norrlandsbild. Fonte: Portal DigitaltMuseum.

A pesquisa feita na *Kungliga Biblioteket* (Real Biblioteca da Suécia) permitiu a consulta aos seguintes jornais digitalizados: *Aftonbladet*, *Dagens Nyheter*, *Expressen* e *Svenska Dagbladet*. Também foram consultados os microfilmes dos seguintes periódicos: *Idrottsbladet*, *Stockholm-Tidningen*, *Svenska Dagbladet* e *Sydvenska Dagbladet*. Com exceção do jornal *Sydvenska Dagbladet*, da cidade de Malmö, os outros são todos da capital do país, Estocolmo.

A leitura aos jornais digitalizados possibilita identificar 96 menções ao clube brasileiro de futebol datadas de 1949. O jornal *Dagens Nyheter*, por exemplo, a 13 de abril de 1949 anuncia a excursão do Malmö à Argentina (onde jogaria com o Boca Juniors) e ao Brasil (onde jogaria com Flamengo, Fluminense e Botafogo). Sabe-se que os jogos do Malmö contra o Flamengo no Rio ocorreram nos dias 08 e 18 de dezembro de 1949, como mencionado anteriormente no início deste capítulo. Os periódicos digitalizados datados de 1951 apresentam, ao todo, 429 menções ao Flamengo, dentre as quais as principais delas serão analisadas adiante.

A Figura 13 é uma ilustração que ressalta os traços latinos e mulatos dos jogadores titulares do time brasileiro. Aqui é importante ressaltar também que, três anos depois, em 1954, durante a Copa do Mundo sediada na Suíça, JLR também viajou com a CBD, mas não chefiou a delegação. O chefe naquela ocasião, João Lyra Filho, justificou a derrota para a Hungria, que eliminou o Brasil da competição, em termos raciais.²⁰ Lembremos que o Flamengo de 1951 aqui apresentado era composto principalmente por jogadores negros, ao contrário do que predominara na escalação da seleção brasileira até a Copa de 1958, que também viria a ser realizada na Suécia, um ano após a morte de JLR. A equipe nacional começa sem os jovens Pelé

²⁰ LYRA FILHO. *Taça do Mundo*, 1954.

e Garrincha e apenas no decorrer do campeonato, afinal conquistada pelo selecionado brasileiro, as duas estrelas do time participam.



Fig. 13 - Idrottsalbum C. R. Flamengo Brasilien [Ilustração do Flamengo da temporada europeia de 1951].
Fonte: *Rekordmagasinet*.

Um dia depois da vitória do Flamengo sobre o Malmö, a edição do jornal *Svenska Dagbladet* do dia 17 de maio de 1951 destaca que na partida “duas raças diferentes se enfrentaram” e analisa a performance do time da Gávea como “um bando de velocistas, que também podiam ficar com a bola, que podiam girar sem espaço, que podiam fazer malabarismo com a bola e com eles mesmos independentemente da gravidade”. A edição do jornal *Stochholms-Tidningen* de 21 de maio de 1951, por sua vez, analisa a passagem do time carioca pela região de Estocolmo:

O Flamengo pode deixar Estocolmo sabendo que fez uma representação notável pelo futebol brasileiro e esportividade. Equipes mais habilidosas jogaram aqui, acima de tudo mais eficientes, mas poucas delas irradiou tal charme, alegria de jogar e simpatia como estes sul-americanos, de quem a impressão final também é que eles são capazes de muito mais do que eles mostraram durante estes dois jogos em Råsunda.

Nessa mesma data, o *Dagens Nyheter* traz na capa uma foto do jogo entre AIK e Flamengo e mais adiante a matéria intitulada “O Flamengo brincou com o AIK: ensolarado, real”, relata que o time brasileiro levou a partida de forma leve e divertida, não deixando de estarem satisfeitos com a vitória por 6 a 1. O ensolarado do título da matéria faz referência ao dia de sol escaldante e o real indica que o rei sueco, que fora coroado por aqueles tempos, dava sua primeira aparição pública naquele estádio. A performance dos jogadores brasileiros é exaltada por sua elegância nos movimentos, pelas acrobacias e pela facilidade lúdica enquanto em campo, mas é reforçada a ideia de que o Flamengo poderia ter sido mais polido, já que o adversário não

os cobrava um jogo duro. Ao final do jogo, a matéria indica que os jogadores do Flamengo jogaram flores às mulheres que estavam no estádio.

Ainda nessa mesma edição, o *Dagens Nyheter* narra um jantar oferecido ao time do Flamengo, ocorrido no Hasselbacken. Na ocasião, o meio-campo Adãozinho experimentou o *saft*, água saborizada muito comum na Suécia. Além disso, o jornal comenta a passagem da equipe da Portuguesa de Desportos na Suécia: de acordo com o portal *Acervo da Bola*, o time da cidade de São Paulo estava ali também para a disputa uma série de jogos amistosos internacionais e joga na Turquia e na Espanha entre os meses de abril e maio de 1951.

Assim como no caso dos jogadores do Flamengo, o *Dagens Nyheter*, ao comentar o jogo do *Hammarby Idrottsförening* (HIF) contra a Portuguesa, descreve os jogadores do time paulistano como “onze brasileiros de pele escura”, dando o destaque da partida para Nininho, que marcou quatro gols – o resultado da partida foi Portuguesa 5 x 3 HIF, e para Djalma Santos, camisa n. 11, “tão preto quanto o famoso café”, muito prestigiado por sua técnica em campo.

A Portuguesa de Desportos também jogou na Suécia contra Helsingborg (vitória por 5 a 3, 20 de maio), Södra (vitória por 1 a 0, 26 de maio), IFK Kamraterna (vitória por 4 a 2, dia 28 de maio), Göteborg (vitória por 2 a 1, 29 de maio) e IFK Norrköping (vitória por 3 a 2, 31 de maio). O esquadrão também ganhou as partidas contra Fenerbahçe, Galatassaray, Besiktas, seleção turca, Atlético de Madri e Valência.



Fig. 14 – Adãozinho e Hasse Jeppson se reencontram em Estocolmo
Fonte: Idrottsbladet, 11 maio 1951.

Ainda sobre as notícias em jornais suecos relacionadas à turnê do Flamengo, 8 edições do *Idrottsbladet*, de Estocolmo, fazem menções ao time rubro-negro: nos dias 11, 15, 18, 21, 23, 25, 28 e 30 de maio. Na capa da edição de 11 de maio de 1951, falam de “27 anos de espera pelos maiores virtuosos do futebol do mundo, os sul-americanos”. Na página 2, dessa mesma edição vem uma foto muito simbólica desse intercâmbio esportivo e cultural (Figura 14), na qual sem seus uniformes clubísticos, provavelmente em algum encontro social, Adãozinho e Hasse Jeppson (1925-2013), que se reencontram um ano após a Copa do Mundo sediada no Brasil. Naquela época o jogador sueco atuava no Charlton Athletic F. C. de Londres.



Fig. 15 - O massagista Ovídio, o “Johnson”, carrega cobertores para os jogadores do Flamengo e José Lins do Rego com Putte Kock e Olle Järvheden. Fonte: Aftonbladet, 10 maio 1951.



Fig. 16 - Propaganda com Adãozinho e o massagista Ovídio (o “Johnson”) para empresa de suco de laranja Luck. Fonte: Idrottsbladet, 25 maio 1951.

Dentre as notas jornalísticas, essa mesma edição de *Aftonbladet* chama atenção para o fato de que alguns dos nomes dos jogadores brasileiros não correspondem, na verdade, aos seus “verdadeiros nomes”, mas sim aos apelidos. Para tanto, explica o significado de “Bigode” em sueco e esclarece que “Esquerdinha” na verdade se refere a um jogador canhoto, com habilidades melhor desenvolvidas com o pé esquerdo. Outro dado curioso é como eles apontam a rotina dos flamenguistas: “O Flamengo treina 4 horas por dia. Eles também tomam banho, dançam e passam tempo livre juntos. Um jogador brasileiro joga no seu máximo desempenho por no máximo 10 anos”.

Sobre a bola brasileira, vale recuperar a entrevista do técnico Flávio Costa, concedida ao *Aftonbladet* e publicada a 10 de maio de 1951 com o título “Treinador Flávio Costa: ‘Passamos pela Inglaterra’”. Em seu discurso, Flávio destaca a felicidade da equipe brasileira em poder mostrar seu futebol na Suécia. O treinador lembra que o futebol brasileiro é originário da Inglaterra, mas que as calças compridas e os sapatos e bolas duras e pesadas nos trópicos brasileiros foram substituídos por equipamentos feitos no nosso próprio país, sapatos mais leves, bolas mais ágeis e calças mais curtas, de maneira que o técnico do Flamengo vê o futebol brasileiro daquela época liberto da influência inglesa: “agora são os ingleses vindo até nós para comprar nosso equipamento”.

Sobre a evolução do futebol brasileiro, o técnico diz que foi possível ultrapassar o nível da Inglaterra pelo fato de o futebol ter sido institucionalizado. Desta maneira, a propagação do esporte nos rincões do Brasil é muito alta: “Todo garoto chuta, seja com um pedaço de papel, com uma pedra, com trapos, bem, com qualquer coisa”. A imagem do futebol brasileiro por ele transmitida é vaticinada da seguinte forma: “O futebol é mais do que um esporte nacional em nosso país e, portanto, acho que temos algo para mostrar em Råsunda [estádio do AIK, nos arredores de Estocolmo] em breve”.

Adãozinho é, dentre os jogadores, o mais mencionado dentre as matérias suecas reunidas, seja pela sua habilidade como jogador seja pela sua irreverência. Tais pontos chamavam a atenção do espectador sueco, a realçar um time negro, e rubro, e a apresentar jogadas, movimentos e contatos raciais com os quais não estavam habituados.

José Lins figura também na capa da edição de 10 de maio de 1951 do *Aftonbladet* (Fig. 17), com o título central “Flamengo em cobertores”, com destaque mais uma vez à diferença climática do país nórdico, em relação ao brasileiro e como essa diferença pode ser motivo de difícil adaptação para os “24 virtuosos de pele escura”. A foto central da matéria mostra os jogadores brasileiros posados, todos eles enrolados em cobertores, ao lado do treinador Flávio Costa, que usa um casaco longo: “*Aftonbladet* pediu ao famoso técnico Flavio Costa para colocar o melhor time – e acima de onze foram embrulhados em cobertores e colocados para o fotógrafo do *Aftonbladet*. As imagens mostram as primeiras 24 horas no Instituto Idrotts (Instituto de Esportes)”.



Fig. 17 - Capa do jornal sueco *Aftonbladet* intitulada “Flamengo em cobertores”.
Fonte: *Aftonbladet*, 10 maio 1951.

A Figura 18, uma caricatura de José Lins do Rego com assinatura não identificada, indica-o como “líder do Flamengo”. Ressalta o seu papel como “conhecedor de arte, escritor e homem da liberdade”.



Fig. 18 - O brasileiro José Lins do Rego, líder do Flamengo. Vilhelm Moberg e Erik Blomberg o dizem conhecedor de arte, escritor e homem da liberdade. Fonte: Idrottsbladet, 15 maio 1951.

Ao contrário do que se esperava no início da pesquisa, a primeira aparição, recuperada, de José Lins do Rego em jornais suecos data de 25 de maio de 1950, dia em que o *Aftonbladet* noticia o sorteio da Copa do Mundo, ocorrido em 22 de maio, e que contou com a presença de jornalistas e repórteres de rádio. A foto vinculada à notícia destaca o sueco Per Söderberg, José Lins do Rego (como representante do Brasil no sorteio), o uruguaio Manuel Caballero, o italiano Ottorino Barassi e o representante da FIFA, Hugo Fracaroli.

José Lins comparece também na capa da edição de 10 de maio de 1951 do *Aftonbladet*, com o título central “Flamengo em cobertores”, com destaque mais uma vez à diferença climática do país nórdico, em relação ao brasileiro e como essa diferença pode ser motivo de difícil adaptação para os “24 virtuosos de pele escura”. A foto central da matéria mostra os jogadores brasileiros posados, todos eles enrolados em cobertores, ao lado do treinador Flávio Costa, que usa um casaco longo. Quanto à foto que mostra JLR de costas, acompanha-a a seguinte legenda: “O maior autor do Brasil se chama José Lins do Rego, que está proferindo discursos elegantes. Ele comprou um novo casaco de primavera antes da primeira partida na Suécia – mas esqueceu de remover o preço. Que agora pode ser visto, imortalizado na história do futebol.”

Quanto a JLR, em 26 de junho de 1951, já de volta ao Brasil, o cronista assinala em forma de balanço: “Chego da Suécia convencido de que o futebol é hoje produto tão valioso quanto o café para nossas exportações. Vi o nome do Brasil

aclamado em cidades longínquas do Norte, vi em Paris aplausos a brasileiros, com o mais vivo entusiasmo”.²¹

O levantamento das crônicas realizado por Edilberto Coutinho (1984) possibilita identificar os títulos de crônicas do *Jornal dos Sports* assinadas por JLR, entre os anos de 1945 e 1957. Dentre os textos levantados, a crônica “Os empresários”, de 23 de maio de 1957, mostra as excursões futebolísticas ao exterior, revistas em chave crítica pelo romancista:

As viagens ao estrangeiro só dão lucros aos empresários. E estes tudo fazem para desmoralizar o nosso futebol em excursões penosas. Gente destituída de qualquer apreço ao Brasil, com o único interesse de arrancar o máximo de nossos quadros, pouco se dando que o futebol não pode ser uma sucessão de jogos em mínimo espaço de tempo, numa verdadeira maratona para liquidar as mais sólidas constituições físicas. Tenho para mim que o Conselho Nacional de Desportos deveria impor medidas regulamentares para a saída dos clubes.²²

Dentre os textos dedicados à temporada na Suécia, “Malmö” (*Jornal dos Sports*, 01 jun. 1951) destaca:

vinte mil pessoas espremidas em arquibancadas de madeira, ou no chão, a aplaudir o team da terra mas sem hostilidades ao team em visita. O sueco é o torcedor mais decente, menos furioso que se pode imaginar.

[...] Não sabe o que é estupidez esse povo capaz de perder sem amargor e de vencer sem arrogância.

Malmö é um porto de mar com duas paixões: as flores e o seu quadro de futebol. E tem razão para gritar pelos rapazes amadores que se fizeram tricampeões da Suécia. Ao contrário de Estocolmo, Malmö não é uma cidade risonha, com aquele ar de metrópole da Capital. É antes uma cidade reservada, com a sua grandeza de coração escondida para se mostrar maior no momento oportuno [...].²³

Já na crônica “O Brasil era o Flamengo” (*Jornal dos Sports*, 26 jun. 1951), JLR declara a seus leitores sobre a viagem:

o futebol é hoje produto tão valioso quanto o café para nossas exportações. Vi o nome do Brasil aclamado em cidades longínquas do Norte, vi em Paris aplausos a brasileiros com o mais vivo entusiasmo. Disse-me o meu querido Ouro Preto: “Só Santos Dumont foi falado pela imprensa desta terra, sempre distante de tudo que não é europeu, quantos os rapazes do Flamengo!”.²⁴

Na última crônica como correspondente, intitulada “A lição dos suecos” (*Jornal dos Sports*, 12 jul. 1951), traz a seguinte constatação: “O Flamengo trouxe da Suécia a impressão de que, nas terras do Norte, existe de fato uma consciência esportiva

²¹ REGO. “O Brasil era o Flamengo”. In: *Jornal dos Sports*, 26 jun. 1951.

²² REGO apud COUTINHO. *Zelins, Flamengo até morrer*, p. 460.

²³ REGO apud COUTINHO. *Zelins, Flamengo até morrer*, p. 353.

²⁴ REGO apud COUTINHO. *Zelins, Flamengo até morrer*, p. 353.

acima do vulgar. Podemos dizer a mais pura, a mais elevada, a mais consciente compreensão da força dos esportes”.²⁵

JLR não deixa de publicar textos voltados ao país escandinavo quando retorna ao Brasil. Em 27 de janeiro de 1952, por exemplo, assina no *Jornal dos Sports* a crônica “Os nossos amigos, os suecos”, na qual menciona a presença no Brasil dos “amigos suecos do AIK” Hilding e Lindquevist. A seu juízo, os suecos são “exemplo de equilíbrio, de tolerância, de alto espírito esportivo” naquele mundo conturbado, sendo “exemplar a melhor civilização”, e dão “lições de comportamento social a uma Europa de cabeça virada”. O paraibano relembra a recepção em 1951: “nós, do Flamengo, fomos recebidos, pela Suécia inteira, como verdadeiros hóspedes privilegiados”.

As viagens esportivas de JLR revelam o futebol como uma paixão nacional, com o devido reconhecimento no exterior. A interação com estrangeiros permite que se utilize desse esporte para uma aproximação capaz de realçar a singularidade do país por meio de sua predileção esportiva. Embora as crônicas sobre a Suécia apareçam apenas no *Jornal dos Sports* e sejam poucas e breves, elas são representativas da faceta do cronista, no exercício de uma espécie de diplomacia cultural e desportiva.

Durante suas incursões, agiu como um impressionista, um “auscultador da terra, sentiu-a e diagnosticou-a” e como um viandante mais que como viajante, ou seja, como aquele que “viaja sempre exercendo alguma ação: observando, escrevendo, pesquisando”.²⁶ Seu interesse o motivava a estudar a história e a literatura dos países visitados, às vezes antes mesmo de conhecê-los.

A presente seção abordou as impressões de José Lins do Rego sobre a Suécia, cujo ponto de partida é a relação estabelecida por ele e pelo Flamengo com o sueco Gunnar Göransson, que vivia naquela época na cidade do Rio de Janeiro, e que a partir de contato e de seu acordo estabelecido com o AIK de Estocolmo, viabilizou a primeira série de partidas amistosas. Estas viriam a ser parte da primeira turnê europeia do clube da Gávea, chefiada por JLR.

A passagem do Flamengo por Estocolmo, Malmö, Sundsvall, Borås, Halmstad e Norrköping rendeu o impressionante número de 429 menções ao clube rubro-negro, localizadas nos periódicos suecos consultados na *Kungliga Biblioteket*, dentre as quais as principais foram comentadas nesta seção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou reunir e analisar uma série de crônicas de viagem de José Lins do Rego, por entender que este recorte permite desvendar tanto o cronista quanto o viajante. As crônicas de José Lins do Rego, aqui apresentadas, trazem o colorido de suas impressões subjetivas e de seu estado de espírito, mesclam a experiência pessoal, a vocação literária e sua paixão pelo futebol e pelo Flamengo. Ao considerarmos sua vasta produção cronística, ainda pouco explorada pela Academia e pelo mercado editorial, este trabalho é mais uma contribuição aos estudos zelinianos.

Assim como no caso de seu grande amigo e parceiro intelectual Gilberto Freyre, a associação entre deslocamento geográfico e cultura letrada enriquece as crônicas de viagem de JLR: aqui devem ser consideradas as viagens livrescas, as realizadas por amigos e transmitidas a José Lins do Rego através de relatos orais

²⁵ REGO apud COUTINHO. *Zelins, Flamengo até morrer*, p. 358.

²⁶ HOLLANDA. *ABC de José Lins do Rego*, p. 233-234.

e/ou escritos de suas experiências e da terceira e última viagem, vivida por ele “em carne e osso”.²⁷ Suas crônicas, publicadas n’*O Globo* e no *Jornal dos Sports*, ocupam dentro desses periódicos um espaço de intercâmbio e interlocução com o leitor, de maneira que o cronista compartilha as experiências vividas e também analisa obras de autores estrangeiros. Assume assim, como Gilberto Freyre, “o papel de repórter e mediador cultural entre o mundo de fora e o Brasil”.²⁸

A viagem realça identidades e alteridades. Constitui-se através da comparação e a da colocação do Brasil em perspectiva,²⁹ utilizando-se, assim como os seus colegas regionalistas, de uma “dicção marcada pela oralidade, pelos coloquialismos, pelas descrições plásticas e pela força persuasiva, ancorada na autoridade de quem ‘viu’ e ‘ouviu’ de perto”.³⁰

A bagagem do José Lins cronista-viajante, em paralelo à introspecção do memorialista, deixa evidente o papel de José Lins como mediador cultural. José Lins do Rego se enquadra como agente tanto no processo de criação e produção de bens culturais – seus romances e crônicas –, quanto no processo de acesso e recepção de bens culturais – sendo ele também divulgador da cultura e do esporte brasileiros no Brasil e no exterior. Assim, JLR teve que se fazer mediador ao atingir sobretudo o leitor comum dos jornais. Além disso, vale destacar a sua atuação na Livraria e Editora José Olympio, na qual foi ele o protagonista do primeiro lançamento de livro no Brasil com sessão de autógrafos.

JLR acumulou funções e posições ao longo de sua trajetória profissional, empenhado na escrita e publicação de livros, crônicas de cotidiano, crônicas de viagem, crônicas esportivas, críticas de arte e cinema, livros infantis etc. Com projeção na capital da República, entre os anos 1930 e 1950, pertenceu a múltiplos meios intelectuais e teceu diferentes redes de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro.

O cronista José Lins foi mediador cultural, no país e fora dele. Voltou-se, além da sua obra literária consolidada, para práticas culturais de difusão e transmissão. Com efeito, utilizou-se do suporte jornalístico e, dentre os temas recorrentes, avultam o futebol, a política, a literatura e o cotidiano.

Entre outros intelectuais brasileiros que também se valeram das experiências de viagens para a produção de textos literários, podemos citar Érico Veríssimo, Graciliano Ramos (que foi à União Soviética em 1952), Cecília Meireles, Silva Melo, Guilherme de Figueiredo, Luís da Câmara Cascudo, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, João Ubaldo Ribeiro, Clarice Lispector (que foi à China nos anos 1960).

De diversas maneiras e a partir de diferentes abordagens, o texto literário referente às viagens que alcançam um grande público são escritos por homens de letras, ou seja, viajantes que ocupam uma posição privilegiada. Esta lhes permite categorizar, relacionar a partir da alteridade e/ou comparar a realidade, em contraste com a sua própria realidade rotineira local e nacional. Assim, tais escritos podem conter momentos de empatia, de reconhecimento das diferenças e das semelhanças, entre outras características.

Se os livros não são a única forma de artefato textual, é possível ir além dos romances zelinianos e encontrar em suas crônicas e nas suas viagens a compreensão

²⁷ PEIXOTO. *A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento*.

²⁸ PALLARES-BURKE. Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos, p. 177.

²⁹ PEIXOTO. *A viagem como vocação*, p. 175.

³⁰ PEIXOTO. *A viagem como vocação*, p. 177.

imediate do mundo, das realidades e das múltiplas experiências de vida. Este capítulo procurou abordar JLR dentro desse circuito de atuação e produção, com o intuito de estender as reflexões sobre seu papel de intelectual para além do romancista e cronista.

Como já dito, as experiências internacionais de JLR se deram primeiramente com base em leituras e na produção de crítica literária, mesmo antes de sua primeira viagem ao exterior, à Argentina e ao Uruguai, em 1943. Além de estar na capital federal, cidade com grande oferta de títulos de obras de autores estrangeiros em suas livrarias, José Lins do Rego travou contato com intelectuais de outras nacionalidades, que viviam ou estavam de passagem pelo Rio de Janeiro. A troca de correspondência também foi outra via de comunicação muito utilizada à época para contato entre escritores.

Assim, o autor, que realizara seus estudos ginasiais em Itabaiana, interior da Paraíba de início do século XX, radica-se em Recife, importante cidade portuária, para fazer o curso na tradicional Faculdade de Direito. Na capital pernambucana, trava contato decisivo com Gilberto Freyre, que, por assim dizer, o “desprovincianiza”. Em seguida, após breve passagem por Manhauçu, Minas Gerais, torna-se funcionário público em Maceió, entre 1926 e 1935. A capital alagoana permite-lhe a integração à importante roda literária local, de onde saíam os principais nomes do regionalismo literário brasileiro, como Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, entre outros.

O prestígio literário o leva à capital da República. Ao público carioca, dedica o contato e a proximidade por meio da linguagem frugal da crônica, em particular, nos anos 1950, das crônicas de viagem. Por meio delas, JLR conta suas andanças, compartilha suas descobertas e constrói um elo, ao fazer do seu leitor também interlocutor. Transmite-lhe as particularidades e as semelhanças das terras por onde passou. Com certa frequência, em contrapartida, recorda-se de sua vida no engenho quando em terras estrangeiras. Ao viajar, codifica a sua experiência no formato de crônicas de viagem. JLR não é apenas um escritor cosmopolita isolado. Trata-se também de um representante cultural, esportivo e literário do Brasil no exterior, expande assim as suas redes de sociabilidade e contribui para a internacionalização de seu nome.

Seu lado cronista esportista fica evidenciado no conjunto das crônicas a respeito da Suécia, nas quais se distancia dos embates ideológicos, utilizando-se do futebol como ponto de análise cultural e diplomática em um sentido inovador da projeção do Brasil no mundo naquele momento, indo além do samba e do café.

Ao considerar que o romance regionalista contribuiu para a criação da identidade nacional e nos atermos ao caso de José Lins do Rego, é possível ver em suas histórias e também em suas crônicas símbolos da coletividade, da generalização dos traços particulares dos tipos brasileiros, que reforçam sua identidade cosmopolita provinciana. Busco preencher algumas das lacunas referentes à posição de José Lins do Rego como autor que transcendeu as fronteiras nacionais.

Procurou-se demonstrar também que a escolha de José Lins, tanto pelo Itamaraty como pela CBD ou pelo Flamengo, como integrante das viagens nas quais ele representava o Brasil, teve justificativa no seu papel de escritor consagrado e intelectual que transitava entre as mais diversas redes de sociabilidade, não sendo as posições políticas motivos de entrave na sua circulação entre os mais plurais grupos intelectuais.

Nesse sentido, JLR logra ao realizar suas viagens sem estabelecer grandes polémicas políticas, sempre expressando suas opiniões humanistas a favor da liberdade de expressão, embora o impedimento de visto para visitar os Estados Unidos, fato ocorrido em 1954, mostre que ele não tenha sido de todo imune à ambiência da Guerra Fria, tendo sido inclusive filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Era esperado dele que conseguisse indicar o caminho de leitura da brasilidade a partir de sua atuação, como exemplo de intelectual representante de nossa literatura, cultura e sociedade, representante do regionalismo, movimento literário dos anos 1920-1930, que contribuiu para a criação da identidade nacional daquele período.³¹ Assim, suas histórias e estórias passam a ser símbolos da coletividade e tornam possível “generalizar o particular”. O autor vai além dos objetivos iniciais quando se lança no terreno das crônicas esportivas e de viagem. Traz ao leitor de jornal brasileiro um pouco do universo além das fronteiras, acentua sua linguagem coloquial, facilita a aproximação bem-sucedida com o leitor de jornal e concretiza a função de cronista-correspondente em muitas das viagens.

José Lins do Rego, paraibano, regionalista, provinciano-cosmopolita, se utiliza de suas leituras e experiência como romancista e cronista para, após sua primeira ida ao exterior, em 1943, começar a divulgar o Brasil no exterior, supostamente com base em seus traços singulares, e traduzir ao leitor de suas crônicas o mundo estrangeiro através de uma caracterização que aproxima o mundo do Brasil.

José Lins é assim ilustrativo da discussão do papel da arte e da cultura na formação da política externa brasileira dos anos 1940 e 1950, bem como da ideia de arte como reflexo das culturas nacionais e o papel dos escritores, fazendo as vezes ora de diplomata, ora de adido cultural, ora de representante de excursões brasileiras ao exterior.

Ele integrou diversas excursões de intelectuais brasileiros ao exterior, financiadas pelo Itamaraty, e chefiou a delegação do seu time do coração, o Flamengo, e da Seleção Brasileira de Futebol em excursões internacionais. Além disso, chegou a ser cogitado para exercer o cargo de adido cultural no Chile, como comprova carta de Guimarães Rosa para Álvaro Lins, enviada do Rio, em 15 de junho de 1953: “[...] ontem mesmo, o Ministro, em ‘testamento’, mandava instruções à Divisão Cultural, no sentido de designar para o Chile o nosso Zé Lins! E se, ainda hoje, estamos agenciando os últimos alinhavos para a ida do Josué Montello para Lima...”.³² Naquele mesmo ano o paraibano havia chefiado a delegação da Seleção Brasileira de Futebol no Campeonato Sul-Americano de 1953, ocorrido em Lima, no Peru.

Em âmbito nacional, outras especulações corriam a respeito de JLR, da eleição à Academia Brasileira de Letras à presidência do Clube de Regatas do Flamengo. A crônica de Vargas Netto, “Talvez por isso...”, publicada no *Jornal dos Sports* a 07 de novembro de 1952, acentua com perplexidade a ausência de JLR da presidência do clube rubro-negro. A caracterização de JLR feita por Vargas Netto indica que o cronista não se mostrava apto para a presidência de um clube de futebol por ser “povo”. Trata-se do mesmo caráter popular e expansivo atribuído à sua personalidade. A qualidade o fez ser escolhido para representar o país no exterior em diferentes circunstâncias.

³¹ ALBUQUERQUE JUNIOR. *O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. BUENO. *Uma História do Romance* de 30.

³² Carta de Guimarães Rosa a Álvaro Lins, 15 jun. 1953. Arquivo IEB-USP, Fundo Guimarães Rosa.

O autor vivenciou os efeitos da Segunda Guerra Mundial no Brasil. Em seguida, realizou diversas viagens à Europa na década de 1950, no início da Guerra Fria. Os temas em torno desses conflitos ligaram o mundo em experiência desnorteadora em comum, sendo os mesmos jornais que publicavam as crônicas também veículo através do qual as notícias circulavam, conectando cidadãos de todo o mundo.

As crônicas aqui reunidas e abordadas evidenciam a representação de José Lins do Rego como um provinciano-cosmopolita. Com base em leituras, trocas intelectuais, redes de sociabilidade e produção de romances, ensaios e crônicas, o autor desenvolveu a sua trajetória de escritor viajante e foi capaz de legar observações e relatos *sui generis* do contexto brasileiro e sobretudo da paisagem internacional dos anos 1950. Estes escritos, em sua maioria inéditos em livro ou constantes de obras nunca reeditadas, podem servir para redimensionar a riqueza e amplitude de um escritor prolífico e multifacetado, ainda hoje confinado pelo cânone da história literária à condição pontual de representante do regionalismo nordestino.

Esta excursão europeia do Flamengo, liderada por José Lins do Rego e da qual derivaram diversas reuniões de caráter diplomático e cultural nas relações Brasil-Suécia, também sintetizam a constante e bem-sucedida coexistência presente nesse momento da carreira do paraibano, entre o futebol e a literatura. O escritor representa o seu país, o seu time do coração e ainda dá voz à literatura brasileira, vista como periférica e exótica na Europa daquele momento e que até hoje enfrenta as questões de legitimação cultural e barreiras linguísticas, sendo as literaturas em língua inglesa, francesa e espanhola mais acessíveis, para não dizer dominantes, aos leitores ao redor do mundo que a literatura em língua portuguesa.

* * *

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes**. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1994.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. “José Lins do Rego: trajetória de uma obra”. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de. (orgs.). **José Lins do Rego**. Rio de Janeiro/João Pessoa: Civilização Brasileira/Edições Funes, 1991, p. 208-224 (Coleção Fortuna Crítica 7 – direção de Afrânio Coutinho).

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. 1ª ed. São Paulo/Campinas: Editora da Universidade de São Paulo/Editora da Unicamp, 2015.

COUTINHO, Edilberto. **Zelins, Flamengo até morrer**. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1984.

DANTAS, Cauby. **Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho**. Campina Grande: Eduepb, 2015.

“Fla-Estatística: O museu virtual do Clube de Regatas do Flamengo”. Página oficial.

FREYRE, Gilberto. **Região e tradição**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941 (Coleção Documentos Brasileiros).

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **ABC de José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

KOIFMAN, Fábio. **Imigrante ideal**: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945). Prefácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. E-Book. ISBN 978-85-200-1177-5.

LYRA FILHO, João. **Taça do Mundo, 1954**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954.

MATOS, Regiane. **O provinciano cosmopolita**: redes internacionais de sociabilidade literária e as crônicas de viagem de José Lins do Rego nos anos 1940 e 1950. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). FGV-Rio, 2020.

MINCHILLO, Carlos Cortez. **Erico Verissimo, escritor do mundo**: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas. São Paulo: Edusp, 2015.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005. E-Book.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **A viagem como vocação**: itinerários, parcerias e formas de conhecimento. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2015.

REGO, José Lins do. **Gordos e magros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

REGO, José Lins do. **Bota de sete léguas**. Rio de Janeiro: A Noite, 1952.

REGO, José Lins do. **Roteiro de Israel**. Rio de Janeiro: Edições do Centro Cultural Brasil-Israel, 1955.

REGO, José Lins do. **Gregos e troianos**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957.

REGO, José Lins do. **O vulcão e a fonte**. Apresentação de Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958.

REGO, José Lins do. **Pojken pa sockerplantagen**. Tradução de Carl-Erhard Lindhal. Montevideo: Nordan Comunidad, 1990.

REGO, José Lins do. **Riacho Doce**. Apresentação de Ivan Junqueira. 22ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

FONTES, EM ORDEM CRONOLÓGICA

“Na presidência da CBD o sr. José Lins do Rego”. **Jornal dos Sports**, 02 fev. 1951.

REGO, José Lins do. “Escravo do Flamengo”. **Jornal dos Sports**, 14 mar. 1951.

SERRAN, Ricardo. “A experiência dos rubro-negros na Europa”. **Jornal dos Sports**, 20 abr. 1951.

REGO, José Lins do. “Palavra aos campistas”. **Jornal dos Sports**, 28 abr. 1951.

REGO, José Lins do. “O Brasil na Suécia”. **Jornal dos Sports**, 04 maio 1951.

SÖDERBERG, Per. “Tack, tack Flamengo!”. **Jornal dos Sports**, 06 maio 1951.

“Voa o Flamengo após festiva despedida”. **Jornal dos Sports**, 08 maio 1951.

“AIK – Flamengo 1951 (1-6)” [jogo ocorrido em 20 maio 1951]. Vídeo do YouTube, 1m45s. Disponível em: <https://bit.ly/3F2ISEi>. Acesso em: 11 jul. 2021.

Rekordmagasinet, n. 21, 17 maio/23 maio 1951.

REGO, José Lins do. “Malmö”. **Jornal dos Sports**, 01 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “O Brasil era o Flamengo”. **Jornal dos Sports**, 26 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “Os rapazes do Flamengo”. **Jornal dos Sports**, 27 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “A lição dos suecos”. **Jornal dos Sports**, 12 jul. 1951.

VARGAS NETTO. “Talvez por isso...”. **Jornal dos Sports**, 07 nov. 1952.

Carta de Guimarães Rosa a Álvaro Lins, 15 jun. 1953. Arquivo IEB-USP, Fundo Guimarães Rosa.

“Oj, oj!” Fotbolls-VM i Brasilien 1950”. **Sverige Radio**, 25 maio 2006.

JUNGLANDER, Tomas. “Gunnar Oj Göransson”. **VM Fotboll**, 09 ago. 2017.

OLIVEIRA, Bruno. “Jogadores europeus que atuaram no futebol brasileiro”. In: **Rádio Esporte Metropolitano**, 11 jul. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3VQqZ19>. Acesso em: 23 nov. 2019.

“Fla-Estatística – O museu virtual do Clube de Regatas do Flamengo”, sem data. Página oficial. Disponível em: <http://www.flaestatistica.com/estatisticas.html>. Acesso em: 04 nov. 2019.

“Holmén, Erik (1893-1963)”. Pequena biografia no Portal DigitaltMuseum. Disponível em: <https://bit.ly/3P1kCWW>. Acesso em: 20 nov. 2019.

Portal *DigitaltMuseum*, sem data. Disponível em: <https://digitaltmuseum.se>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Edições de jornais suecos consultadas da Kungliga Biblioteket (Estocolmo).

Dagens Nyheter, 13 abr. 1949; 21 maio 1951.

Idrottsbladet, 11 maio 1951; 15 maio 1951; 18 maio 1951; 21 maio 1951; 23 maio 1951; 25 maio 1951; 28 maio 1951; 30 maio 1951.

Svenska Dagbladet, 17 maio 1951.

Stochholms-Tidningen, 21 maio 1951.

Aftonbladet, 25 maio 1950; 16 mar. 1951; 10 maio 1951.

* * *

Recebido em: 15 de março de 2022.
Aprovado em: 03 de dezembro de 2022.

Antropofagia e brasilidade na Copa do Mundo de 2010: uma leitura das crônicas de Xico Sá

Anthropophagy and Brazilianness in the 2010 World Cup:
A Reading of the Chronicles by Xico Sá

Zeca Marques

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Doutor em Ciências da Comunicação, USP
zeca.marques@faac.unesp.br

Patricia Souza de Lima

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Especialista em Linguagem, Cultura e Mídia, Unesp
patricia.lima@unesp.br

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar as crônicas de futebol do jornalista e escritor Xico Sá, publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, no período da Copa do Mundo de Futebol de 2010 disputada na África do Sul entre os dias 11 de junho e 11 de julho daquele ano. Pretende-se mostrar que Xico rejeita a escrita pragmática do jornalismo contemporâneo e que, por meio da emotividade e do sentido lúdico da escrita, consegue trazer à tona elementos da cultura brasileira que configuram alguns aspectos da chamada “identidade nacional”, de acordo com definições do antropólogo Roberto DaMatta. Além disso, a escrita coloquial e as imagens antropofágicas provocadas por Xico Sá atestam a presença, em seus textos, de várias contribuições e elaborações dos modernistas brasileiros do início do Século XX, especialmente do escritor Oswald de Andrade.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Identidade nacional; Futebol; *Folha de S. Paulo*.

ABSTRACT: This article aims to analyze the football chronicles of journalist and writer Xico Sá, published in the newspaper *Folha de S. Paulo*, during the 2010 World Cup held in South Africa between June 11th and 11th. of July of that year. It is intended to show that Xico rejects the pragmatic writing of contemporary journalism and that, through emotionality and the playful sense of writing, he manages to bring out elements of Brazilian culture that shape some aspects of the so-called “national identity”, according to with definitions by the anthropologist Roberto DaMatta. Furthermore, the colloquial writing and the anthropophagic images provoked by Xico Sá attest to the presence, in his texts, of various contributions and elaborations of the Brazilian modernists of the early 20th century, especially the writer Oswald de Andrade.

KEYWORDS: Chronic; National Identity; Football; *Folha de S. Paulo*.

INTRODUÇÃO

Não é surpreendente que o futebol possa ser interpretado como uma das maiores marcas identitárias do Brasil, como atestam algumas contribuições já clássicas de jornalistas como Thomaz Mazzoni (1950) e Mário Filho (1994), de estudos da academia – como os de Roberto DaMatta (1982), José Sérgio Leite Lopes (1998) e Ronaldo Helal, Antônio Soares e Hugo Lovisolo (2001), ou de contribuições de jornalistas que mais recentemente sintetizaram em livro estas questões – casos de Frank Foer (2004) e Marcos Guterman (2010). Estamos rodeados pelo futebol em diferentes tempos e espaços – e nem é preciso gostar desta modalidade esportiva para perceber sua existência. Basta entrar num bar em dia de jogo, ligar a televisão no horário do almoço, abrir os jornais, aceder a portais de notícias etc., que o futebol estará lá de maneira mais ou menos acentuada. Profissão, lazer, espetáculo, atividade econômica, tema constante na mídia e nas conversas cotidianas, essa modalidade deixou há muito de ser um mero esporte, tornando-se uma paixão que atinge milhões de pessoas em nosso país.

Este texto procura analisar as crônicas de Xico Sá, cronista de renome no jornalismo impresso contemporâneo. Suas crônicas, como poderemos ver adiante, andam na contramão de uma lógica canônica do jornalismo, a qual busca certa neutralidade e distância do objeto retratado. Xico Sá, por outro lado, utiliza-se do lirismo, dando tons poéticos às crônicas, de forma a retratar o futebol de maneira pouco pragmática, da maneira que gênios da crônica trataram em outras épocas e, conseqüentemente, outras realidades (como, por exemplo, Nelson Rodrigues e Mário Filho).

De acordo com Culler,¹ as teorias literárias refletem modos de ler o mundo e a literatura, modos esses profundamente marcados pelas injunções históricas, políticas e sociais às quais nem críticos, nem teóricos, nem autores, nem leitores estão imunes. A importância sociológica da análise literária consiste em revelar não tanto as estruturas linguísticas presentes em determinada obra, mas o estado das coisas que existem em seu intrínseco.

¹ CULLER. *Teoria literária: uma introdução*.

Podemos dizer que as práticas discursivas de Xico Sá são resultado de práticas sociais. Ou seja, em sua escrita, o cronista absorve e transmite valores da sociedade em que está inserido. Buscaremos neste estudo averiguar a maneira que o cronista representa esta realidade, em específico o futebol contemporâneo, testando a hipótese de que sua escrita fortalece a noção de identidade nacional, a chamada “brasilidade” definida pelo antropólogo Roberto DaMatta,² ao mesmo tempo que nega o patriotismo relacionado à seleção brasileira, refletindo o contexto atual do futebol.

Analisar-se-ão neste artigo 16 crônicas publicadas no período da Copa do Mundo de Futebol de 2010, realizada na África do Sul entre 11 de junho e 11 de julho de 2010. O ano da Copa foi escolhido pensando-se que o patriotismo normalmente observado ao longo dessa competição nos possibilitaria mais detalhes de reflexão e análise. Nosso objetivo é compreender de que maneira este cronista contemporâneo contribui para o enriquecimento do debate entre futebol e cultura brasileira. Além disso, procuraremos demonstrar como Xico Sá reforça traços e características próprias do Modernismo brasileiro, especialmente na esteira da obra e das propostas do escritor Oswald de Andrade. Para tal, primeiramente será necessário discorrer um pouco sobre a trajetória do gênero crônica no Brasil.

A CRÔNICA

A palavra crônica tem sua origem etimológica no termo grego “chronikos”, que se relaciona ao tempo. Segundo Marques,³ inicialmente a crônica era tida como um relato de acontecimentos por ordem cronológica, uma espécie de narração histórica, que ao longo dos anos daria lugar à própria História, hoje conhecida como a ciência cuja função é investigar o passado da humanidade e seu processo de evolução.

Foi no século XIX que a crônica começou a tomar entornos parecidos com os que conhecemos hoje. O ensaio inglês e o folhetim francês influenciaram o desenvolvimento do que conhecemos como crônica. Do ensaio, a crônica absorve o

² DAMATTA. *O que faz o Brasil, Brasil?*.

³ MARQUES. A crônica de esportes no Brasil: algumas reflexões, p. 85-101.

caráter de tentativa, sem os formalismos acadêmicos de outrora; e do folhetim a dimensão “ficcional” dos eventos e temas tratados. Contudo, pode-se dizer que a maior porcentagem de influência veio do folhetim.

Surgido na França, no século XIX, o *feuilleton* era um texto que abordava os mais diversos assuntos com o objetivo de entreter. Havia dois tipos de folhetim: o folhetim-romance e o folhetim-variedades. O folhetim-romance consistia em uma narrativa literária publicada de forma seriada (e regular) nos jornais. O folhetim-variedades abordava de forma livre e descompromissada fatos e notícias do cotidiano, fossem da cidade, do país ou do mundo. O folhetim-variedades estaria mais próximo do que viria a ser a crônica.⁴ E é exatamente como folhetim que a crônica surge no Brasil. Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim brasileiro se iniciou com Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Os escritores que se seguem são José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc.⁵

Em um estudo já canônico no Brasil sobre a crônica, Davi Arrigucci⁶ define-a como “uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo”.

A crônica começa a se distanciar do tom folhetinesco e ganha autonomia a partir da década de 1930, quando passa a receber mais aceitação nas páginas dos jornais brasileiros. O tom coloquial das publicações explicita que o tom bacharelesco já não condiz com a realidade nacional. A imprensa começa a tomar ares empresariais e a crônica, de alguma forma, reflete as mudanças ocorridas na sociedade brasileira nesse período.

Quando falamos em crônica, o senso comum muitas vezes aponta para temáticas frívolas e menos importantes. E não que as crônicas não tratem de fato de temas leves, porém a questão fundamental (e que segue em constante debate) é se ela seria um gênero menor na literatura.

Alguns pontos podem elucidar o motivo de ela ser tratada como um gênero

⁴ LAURITO; BENDER. *A crônica: história, teoria e prática*.

⁵ MELO. *A opinião no jornalismo brasileiro*.

⁶ ARRIGUCCI. Fragmentos sobre a crônica, p. 51.

menor, conforme o célebre e clássico texto de Antonio Candido.⁷ Por exemplo, o fato de ser publicada num suporte diário e descartável como o jornal impresso, ao lado de escritas que se pretendem “frias e objetivas”, tenderiam a fazê-la perder a qualidade literária. Acresce-se a isto o fato de fazer parte de um meio de circulação rápida, onde os textos são lidos e, teoricamente, esquecidos, dando lugar ao impresso de amanhã. Nelson Rodrigues, considerado um dos grandes mestres da crônica, diria em um dos seus textos: “Dirão vocês que, apesar dos pesares, o jornal da véspera ainda comove. Não, não. Essa margem de tempo que vai da véspera ao dia seguinte impede qualquer apelo emocional”.⁸ Para ele, a qualidade literária era ofuscada pela rapidez e pragmatismo do jornalismo. Foi, e ainda hoje é, um debate frequente a distância que separa e aproxima a reportagem da literatura. A crônica situa-se portanto entre a literatura e o fato que alimenta a reportagem, ou seja, entre o relato que se quer imparcial da realidade e a recriação da mesma realidade de forma fantasiosa.

Para Moisés,⁹ o que revela a crônica literária é o poder de se manter atual mesmo com o passar do tempo. Um bom uso da linguagem, uma boa história, com enredo e personagens com os quais o leitor se identifique, uma pitada de humor ou um lirismo que comova, tudo isso faz com que uma crônica seja única.

A tomada de forma da crônica do século XX está muito ligada à necessidade de escapar da objetividade. Segundo Marques,¹⁰ a crônica representou uma resposta ao mundo fragmentado e urbano surgido com a Revolução Industrial, refletido na massificação dos meios de comunicação, que demonstrava ser cada vez mais veloz e pragmático.

No entender de Pereira (*apud* LUCENA, 2003),¹¹ a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar, mas construindo novos significados na própria articulação entre as várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações de seu mundo ao leitor. Contextualizando as modificações sofridas ao longo dos tempos, o autor conta que

⁷ CANDIDO. A vida ao rés-do-chão.

⁸ RODRIGUES. O jornal da véspera sai hoje, p. 68.

⁹ MOISÉS. *A criação literária*.

¹⁰ MARQUES. A crônica de esportes no Brasil, p. 85-101.

¹¹ LUCENA. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil.

no período em que a crônica toma impulso e adquire autonomia estética (século 19), os jornais ainda não têm um sistema ou linguagem que mostrem independência dos seus discursos diante dos gêneros literários. Aos poucos, os jornais vão assumindo ares de empresa, o que implica o tratamento mais adequado para a notícia, e também a absorção de inúmeros colaboradores passam a dar à imprensa um tom meio político, meio literário.¹²

A crônica adquire, além de sua força subjetiva, um forte poder crítico. Fazemos aqui uma frutífera referência a Machado de Assis. A partir de suas publicações na *Gazeta de Notícias*, de 1890 a 1892, o cronista brasileiro foi ganhando a independência necessária para se ver separado dos escritos puramente jornalísticos. Machado demonstra, nesse período, que a crônica é capaz de ampliar a capacidade de percepção dos acontecimentos, podendo fornecer um ambiente propício a análises menos superficiais, ainda que dotadas de humor.

Em seguida, surgem jornalistas-literatos diversos, cada qual criando sua própria forma de expressão. Entre os muitos exemplos podemos somar: José de Alencar, Lima Barreto, José Lins do Rêgo, João do Rio, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade. Sobre a crônica brasileira, diz Massaud Moisés:

Chegando ao Brasil, a crônica ganhou nova roupagem, a ponto de exclamarem que esse gênero seria tipicamente brasileiro: a crônica assumiu entre nós caráter *sui generis*. Em outros termos, estamos criando uma nova forma de crônica (ou dando erradamente esse rótulo a um gênero novo) que nunca medrou na França. Crônica é para nós hoje, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, fantasia, etc., afastando-se do sentido de história, de documentário que lhe emprestam os franceses.¹³

Antônio Candido, em seu já citado “A vida ao rés-do-chão”,¹⁴ afirma que a crônica é tida como um gênero menor por estar circunscrita ao meio impresso, esse que “amanhã estará forrando as lixeiras” e que –por isso mesmo – teria em sua natureza a despretensão e a leveza, características estranhas à grandiloquência de outros gêneros literários, como o romance. De maneira paradoxal, essa leveza

¹² ROSSETI; VARGAS. A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira.

¹³ MOISÉS. Crônica, p. 246.

¹⁴ CANDIDO. A vida ao rés-do-chão.

tornaria possível que assuntos de grande complexidade e sensibilidade cheguem ao leitor, pois se fazem de maneira objetiva e próxima.

A CRÔNICA SOBRE ESPORTES

Quando da sua importação de terras britânicas, a função do futebol era entreter a elite carioca e paulistana.¹⁵ Aos poucos, esta modalidade esportiva foi ganhando espaço entre outras classes sociais, tornando-se um evento para todo o público. De alcance popular a partir do final da década de 1910, o futebol alcançou novas dimensões a partir da década de 1930, passando a representar um aspecto simbólico da cultura brasileira, para o qual também contribui a realização de três Copas do Mundo nesse período (em 1930, no Uruguai; em 1934, na Itália; e em 1938, na França). Além disso, temos ainda o reflexo das políticas da era Getúlio Vargas (1930-1945), que procurou fomentar o nacionalismo com ações governamentais e incorporar algumas lógicas de funcionamento do mercado do futebol que já se impunham à época. Dentre elas, podemos citar a legalização da profissão do futebolista em 1933, e a criação de lei que estabeleceu as bases da organização dos desportos em todo o país.¹⁶

O futebol foi visto de diferentes maneiras no correr das décadas, o que muito se relaciona com as mudanças sociais, midiáticas e tecnológicas decorrentes desses períodos. Inicialmente, a mídia impressa se baseava em descrições minuciosas dos acontecimentos e lances dos jogos, contemplando uma descrição objetiva dos fatos. Entretanto, a crônica esportiva foi se desvincilhando da pura descrição. A transmissão radiofônica foi uma de suas primeiras influências, dado que as narrações tinham características objetivas, mas também recriações linguísticas, não se detendo apenas aos fatos, mas dando tons imaginativos aos jogos.¹⁷

Com o advento da televisão, essa emotividade dramática perdeu espaço, diante da comunicação visual que tudo (ou quase tudo) mostra. Apostando na devoção nacional, as mídias esportivas têm investido cada vez mais no futebol.¹⁸

¹⁵ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*.

¹⁶ SILVA. *Bola na rede: o futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*.

¹⁷ MARQUES. *O futebol em Nelson Rodrigues*.

¹⁸ DINIZ. O futebol como epopéia: análise das crônicas de Nelson Rodrigues sobre a Copa do

Desta forma, programas esportivos discutem os lances, as táticas, a conduta dos jogadores e técnicos, dissecando os jogos e seus acontecimentos.

Segundo Marques,¹⁹ essa perda gradual da emoção em prol de um novo formato de jornalismo – mais racional e analítico – teve relação direta com as formas pragmáticas e mercadológicas que o futebol tomou desde o final do Século 20.

Passando da evolução do gênero literário crônica para o subgênero crônica esportiva, especificamente a crônica que retrata o futebol, devemos primeiramente diferenciar os tipos de crônicas, que – ainda que encerradas num mesmo vocábulo, não exercem sempre a mesma função. Segundo Melo,²⁰ a crônica jornalística é, em essência, uma informação interpretativa e valorativa de efeitos noticiosos, atuais ou atualizados, de onde se narra algo ao mesmo tempo em que se julga o que é narrado. Já a crônica literária possui características artísticas, as quais não necessariamente condizem com a realidade, lançando mão de imaginação e subjetividade. Ambos os modelos têm tido seu espaço garantido na mídia impressa e, inclusive aumentado desde que o futebol alcançou uma dimensão nacional a partir da década de 1930, quando passou a tomar formas de símbolo da cultura brasileira.

Quem merece destaque na história da crônica esportiva é Mário Rodrigues Filho, mais conhecido como Mário Filho ou como o “irmão de Nelson Rodrigues”. Nascido em Recife em 1908, tornou-se entusiasta do futebol, e como jornalista, iniciou a carreira dedicando páginas inteiras à cobertura das partidas. Mário Filho foi tido como o responsável pelo fim da escrita de fraque dos antigos cronistas esportivos. Ao trazer uma nova forma de escrever, fazia nascer uma nova crônica esportiva, incorporando ao gênero, além da nova linguagem, respeitabilidade ao ofício da crônica. Para Nelson Rodrigues, também cronista e dramaturgo, foi Mário quem “inventou” a crônica de futebol:

Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página [...]. Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês [...]. O cronista esportivo começou a

Mundo de Futebol de 1958.

¹⁹ MARQUES. A literatura invade a grande área, p. 55-71.

²⁰ MELO. A opinião no jornalismo brasileiro.

mudar até fisicamente. Por outro lado, seus ternos, gravatas e sapatos, acompanharam a fulminante ascensão social e econômica. Sim, fomos profissionalizados por Mário Filho.²¹

Mário Filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego trariam grande prestígio à crônica esportiva em torno da década de 1950. Neste mesmo período, contudo, passaríamos a enxergar uma divisão se formando entre os estilos dos cronistas. Até então o estilo da escrita era deveras emotivo, com textos carregados de subjetividade, imaginação e lirismo. A partir daí, surgiram cronistas preocupados com o caráter objetivo do futebol, descrevendo lances, incorporando análises táticas e termos técnicos do jogo.

Os acontecimentos que melhor explicam esta cisão são o advento da televisão e a intensa profissionalização do jornalismo esportivo. O torcedor passou a ter acesso à transmissão ao vivo dos jogos, à reprise e participação de especialistas. Podemos dizer que a mídia esportiva ficava mais técnica, e como consequência as crônicas carregadas de teor emotivo perdiam seu espaço.

Nelson Rodrigues viveu intensamente esta mudança estilística da crônica esportiva nacional. Com seu estilo passional e dramático, teve suas crônicas questionadas por outros cronistas. Sobre Nelson Rodrigues, Armando Nogueira disse, refletindo sobre o livro *À sombra das chuteiras imortais*:

À sombra das chuteiras imortais é a obra sem igual de um cronista que nunca deu a mínima bola para a frígida aritmética do jogo. Na ótica privilegiada de Nelson, futebol sempre foi e há de ser arrebatamento. Paixão avassaladora. Chuteiras sangrando pela doce abstração de um gol.²²

Como uma espécie de sobrevivente no mar de objetividade que surgia, Nelson Rodrigues criou termos para contestar a nova maneira de ver e falar sobre futebol. A expressão “idiotas da objetividade” foi uma delas e esteve presente em diversas crônicas. “O videoteipe é burro” também foi criada com essa intenção.

Depois do meio do século XX, apesar desta cisão, muitos cronistas mantiveram a linguagem poética e o lirismo em seus textos, como por exemplo, Armando Nogueira, Sérgio Porto, João Saldanha, Luís Fernando Veríssimo, fato que

²¹ RODRIGUES. Mário Filho, o criador de multidões, p. 137-8

²² RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 5-6.

indica resistência à objetividade jornalística motivada pela televisão, e que viria a se intensificar a partir da década de 1990, com o advento da internet.

Xico Sá

Xico Sá entra nesta discussão por fazer parte dos cronistas esportivos de mais renome e reconhecimento até a década de 2010. Filho de um pequeno agricultor e de uma dona de casa, Francisco Reginaldo de Sá Menezes, o Xico, nasceu no árido Crato, microrregião do Cariri, no Ceará, em 6 de outubro de 1962. Porém foi no Recife, onde morou dos 16 aos 28 anos – antes de se mudar e fixar em São Paulo – que Xico Sá vislumbrou as peças mais presentes e inspiradoras de seu futuro: boêmia, literatura e jornalismo. Já foi repórter de *O Estado de S. Paulo*, revista *Veja*, e passou também pelo *Tablóide Esportivo* e o jornal *O Comércio*, do Recife. Ganhou alguns prêmios, entre eles um Esso e o Prêmio Folha. Na televisão, já teve participações no programa “Amor & Sexo”, da Globo, “Cartão Verde”, da TV Cultura, “Saia Justa”, da GNT, e “Extra-Ordinários” e “Redação SporTV”, do canal a cabo SporTV. É autor ainda de diversos textos literários, dos quais se destaca a trilogia de crônicas *Modos de Macho & Modinhas de Fêmea* (2003), *Chabadabadá – Aventuras e Desventuras do Macho Perdido e da Fêmea que se Acha* (2010) e *Os machões dançaram* (2015), pela Editora Record.

Atualmente, Xico Sá pode ser considerado um escritor e jornalista bem-sucedido, se considerarmos a popularidade e os méritos adquiridos ao longo da carreira. Entretanto, em outubro de 2014 ele pediu demissão do cargo que ocupava como cronista do caderno de Esportes da *Folha de S. Paulo*, jornal onde atuou por duas décadas. Em causa estava a recusa do veículo em publicar uma crônica de esportes em que Xico Sá declarava seu voto em Dilma Rousseff, nas eleições presidenciais daquele ano.

Na *Folha*, Xico escrevia sobre variados assuntos, autointitulando-se um “cronista de costumes”. Nosso olhar, porém, estará focado em suas crônicas esportivas, publicadas na *Folha de S. Paulo* durante o Mundial de futebol na África do Sul de 2010. Trabalharemos de forma a compreender a maneira como o cronista interpreta e representa o futebol através de seus escritos, verificando sua maneira de utilizar elementos constituintes da chamada “identidade nacional” ou “brasilidade”.

“BRASILIDADE” E XICO SÁ: TODOS CONTRA O BRASIL

A primeira crônica de Xico Sá na Copa de 2010 surge com o título “O homem anticopa”. Será essa a maior recorrência nos textos de Xico Sá no período do Mundial da África do Sul: a torcida anti seleção brasileira. Para manifestá-la, ele cria um personagem chamado “Corvo Edgar” que, inspirado no poema “The Raven” (“O Corvo”) de Edgar Allan Poe, é resmungão, pessimista e agourento: o retrato do torcedor secador. Em certos momentos, o escritor evidencia sua opinião quanto à Copa do Mundo: “Amigo torcedor, amigo secador, ainda bem que o Nordeste, torneio regional iniciado nesta semana, nos permite ver o velho e bom futebol de times de verdade e fugir da histeria da Copa”.²³

Alheio às grandiosidades do torneio organizado pela FIFA, o tom é de desencanto, em oposição às coberturas usuais do jornalismo impresso, em constante euforia em época de Copas do Mundo. Seu posicionamento soa como um repúdio ao futebol globalizado, principalmente quando destaca elementos mais autóctones do futebol brasileiro:

Homem que é homem só aprecia o time do peito. Pergunte a qualquer corintiano se trocaria um título da Libertadores pelo hexa do escrete canarinho. Autêntico macho-jurubeba, o típico macho de raiz que vem a ser o contrário do metrossexual, Rinaldo tem como ídolo eterno o primo Beijoca, grande atacante do seu Bahia glorioso.²⁴

Neste trecho, o Corinthians e o Bahia são tratados como peças mais relevantes do que a seleção. A relação time do peito (torneio regional) e seleção brasileira (torneio mundial) sugere um confronto entre o futebol arte e o futebol globalizado.

O futebol arte pode ser definido como um formato que privilegia essencialmente o ataque, o drible, e principalmente a dimensão estetizante do futebol. A origem do virtuosismo de seus craques está desligada das formações relacionadas ao esporte espetacularizado de alto rendimento. O surgimento de um

²³ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 11/06/2010.

²⁴ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 11/06/2010.

novo tipo de futebol, de grandes estrelas, contratos milionários, envolvidos em exposição, publicidade e busca de resultados embasam o cerne da crítica de Xico.

Segundo Viana:

Os saudosistas do futebol-arte são mais críticos e avançados do que os torcedores que cederam ao discurso tecnicista do “futebol de resultados”, cópia futebolística do reformismo do “sindicalismo de resultados”. Os dribles do Garrincha, os gols de Pelé, a bola e os dribles da seleção brasileira de 1982/1986 com Falcão, Zico, Júnior, Sócrates, os gols de bicicleta e olímpicos, foram substituídos por passes errados, defensivismo, mediocridade.²⁵

O cronista não se intimida em assumir-se “secador” da seleção brasileira, utilizando ironia para tecer críticas à nova máquina futebolística, que, de acordo com seu ponto de vista, não parece ter relação exclusiva com a paixão e emoções, mas sim com questões mercadológicas. Há trechos em que esse ponto de vista fica bastante explícito: “Dito isso, os cravos obsessivos foram consolar as dinamarquesas, as loiras injustamente eliminadas do torneio caça-níquel da Fifa”.²⁶

Em outro trecho: “Q de quase: a bola quase entra... O que seria do secador sem o quase? R de roubalheira: fenômeno que nunca ocorre a favor do nosso time. S de secador: porque torcer é para amadores”.²⁷ Xico está descrevendo o abecedário filosófico do “Corvo Edgar”, personagem para quem torcer é obsoleto, e secar os times é o que realmente faz sentido.

Giulianotti²⁸ criou a denominação de “pós-torcedor”, uma nova categoria de torcedor cidadão que procura demonstrar maior capacidade de reflexão e maior distanciamento com relação à cultura popular. Esses torcedores teriam uma posição mais crítica em relação ao futebol e à sua apropriação pelos meios de comunicação. O torcedor “secador” de Xico Sá sugere exatamente isso, uma maneira crítica de enxergar o futebol, sem romantizações.

Podemos analisar as crônicas considerando seu contexto temporal e social. Tomemos como exemplo a Copa de 1970, disputada no México: o futebol era encarado de outra forma, inserido em um contexto de menor globalização econômica. O Brasil

²⁵ VIANA. Notas sobre o significado político do futebol, p. 15.

²⁶ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 25/06/2010.

²⁷ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 15/06/2010.

²⁸ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões*.

estava prestes a ser tricampeão mundial, e a paixão pelo futebol se concretizava na devoção à seleção. Nelson Rodrigues, em uma de suas crônicas da época, dizia:

O meu assunto de hoje é, justamente, o escrete que está maravilhando o mundo. Tem sua história, tem a sua lenda. Antes de mais nada, não pensem que se improvisa um escrete da noite para o dia. Não. É todo um segredo, um misterioso, um profundo trabalho de gerações. Até que, um dia, há o milagre: — juntam-se, então, no mesmo time, um Pelé e um Gérson, um Rivelino, um Jairzinho.²⁹

Em 2010, Xico Sá rejeita a devoção pela seleção e tenta provocar um novo tipo de sentimento no leitor: a descrença pela “Pátria em chuteiras”, termo criado por Nelson Rodrigues, cuja função era dar vazão à importância do futebol para a nação, especialmente em relação à seleção. Segundo Bartholo e Soares:

A mercantilização do esporte e da Copa do Mundo provoca tensões em relação aos ideais românticos do esporte e às identidades essencializadas dos Estados nações, quando explicitam os vínculos esportivos com a acumulação do capital e a geração de lucro para os envolvidos direta e indiretamente.³⁰

Os valores propostos pelo cronista fortalecem a noção de regionalismo, de valorização do esporte sem lucros exorbitantes, de saudosismo em relação ao futebol-arte; de combate à grandiosidade imposta pelo futebol vinculado ao capital. No fundo, o que Xico Sá promove não está distante da proposta antropofágica do modernismo brasileiro na primeira metade do Século XX – ou como diz o escritor Oswald de Andrade em seu “Manifesto Antropófago” de 1928, “nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós”.³¹ Nesse texto, Oswald defendia a tese de que a cultura brasileira, mantendo-se indiferente ao racionalismo e historicismo europeus, possuiria a peculiaridade de saber assimilar e transformar os valores ocidentais, criando novas sínteses: “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. (...) Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil”.³²

O ideal antropofágico deveria ser capaz, portanto, de digerir o legado cultural

²⁹ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 203.

³⁰ BARTHOLO; SOARES. *Identidade, negócio, esporte no mundo globalizado*, p. 58.

³¹ ANDRADE, *apud* TELES. *O manifesto antropófago*, p. 505.

³² ANDRADE, *apud* TELES. *O manifesto antropófago*, p. 504.

estrangeiro e (re)significá-lo por meio de uma arte tipicamente brasileira. E, além disso, a prioridade do riso sobre todas as outras coisas, como Xico Sá comete em todos os textos: “A alegria é a prova dos nove”, aforismo que aliás aparece duas vezes no mesmo “Manifesto Antropófago”.

O CARNAVAL

A felicidade do pobre parece a grande ilusão do carnaval. A gente trabalha o ano inteiro, por um momento de sonho pra fazer a fantasia, de rei ou de pirata ou jardineira e tudo se acabar na quarta feira.

Tom Jobim.

Se todo escritor reflete seu tempo, há de se convir que é mais do que compreensível que Xico Sá, ao escrever sobre o futebol, deixe escapar marcas da “brasilidade”, como o carnaval, a estereotipada sensualidade da mulher brasileira e a diversidade: “Nem a farra que as moças fazem durante o torneio mundial, a pátria em shortinhos e miniblusas, atrai o nosso inflexível baiano”.³³ O baiano é Rinaldo, autêntico “macho-jurubeba”, que não troca, de maneira alguma, seu time do peito pela seleção brasileira. O cronista se refere a festas e moças como elementos mais interessantes do que os jogos da Copa.

Sobre o Brasil, DaMatta reflete que a festa representa uma ocasião em que comemos, rimos e vivemos o mito ou utopia da ausência de hierarquia, poder, dinheiro e esforço físico.³⁴ Para nós, brasileiros, a festa é sinônimo de alegria, o trabalho é eufemismo de castigo, dureza, suor. É assim que o Brasil se mostra nos textos de Xico Sá, em forma de festa e alegria. Seu estilo literário mistura irreverência, apelo ao popular e proximidade com o leitor, o que nos aproxima da leveza e da desinibição: “O torneio mundial não passa de um concurso de miss não-me-toques, tudo bichado pelo fim da temporada europeia, tudo fake”.³⁵ Há aproximação da oralidade em seu método, como numa conversa direta com o leitor. Ao optar por

³³ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 21/06/2010.

³⁴ DAMATTA. *O que faz o Brasil, Brasil?*.

³⁵ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 21/06/2010.

expressões coloquiais, ele se afasta do que, segundo DaMatta, seria a seriedade da vida (rebuscamentos da escrita), e aproxima-se da utopia da ausência de regras, comprazendo-se numa escrita “festiva”.

Em outro trecho, Xico expõe novamente esta questão: “Copa é isso: farra e mulher bonita, porque gostar de futebol é outra parada”.³⁶

DaMatta tenta definir o carnaval como uma ocasião em que a vida diária deixa de ser operativa e, em função disso, um momento extraordinário é inventado.³⁷ Neste sentido, a carnavalização dos nossos gostos, a festa das palavras, a maneira de despojar-se da seriedade podem ser explicados pelo histórico brasileiro. DaMatta considera que na sociedade industrial, a ausência de movimento é sintoma de mal-estar social. O acidente – aquilo que não foi planejado ou previsto – é também sinal de que algo está indo mal. O Brasil, sob este ponto de vista, não pode ser considerado sociedade industrial, o que sugere que sua condição de país subdesenvolvido instiga a intensidade festiva retratada nas crônicas.

A MULHER

Xico Sá também trata de um dos temas que representam a sociedade brasileira, além do futebol e do carnaval – em que pesam os estigmas e estereótipos a ele atrelados: a mulher. Grande apreciador da figura feminina, é bastante recorrente a referência a elas nos textos analisados. Vejamos alguns exemplos:

Amigo torcedor, amigo secador, diante da euforia da pátria em shortinhos e minibusas – que tarde linda!³⁸

Líricos no último, Edgar e Bacon, sempre crentes no safári da vida e nos ditos populares de caças e caçadores, foram vistos ontem nos braços de duas princesas de ébano.³⁹

Como elas amam este salão internacional futebolístico. Sábias, não perdem tempo com os Olarias e Madureiras, como este cronista. Apreciam a evolução da espécie, dizem. Desgraçadas.⁴⁰

O cronista parece dividido entre um sentimento de admiração e um resquício

³⁶ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 21/06/2010.

³⁷ DAMATTA. *O que faz o Brasil, Brasil?*.

³⁸ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 21/06/2010.

³⁹ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 25/06/2010.

⁴⁰ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 27/06/2010.

do machismo estrutural que hipersexualiza os corpos femininos. No livro “O que faz o Brasil, Brasil”, Roberto DaMatta propõe uma comparação entre a mulher e a comida, dois apreciados componentes brasileiros; e reflete que simbolicamente o feminino é atrelado à comida e ao doce, enquanto o salgado e indigesto são relacionados a aspectos cruéis e duros da vida, associados historicamente ao masculino.

Na crônica “Amor de goleiro”, Xico discorre sobre a dificuldade do goleiro da Espanha em se concentrar, quando a sua namorada, por ser jornalista, está próxima ao gol durante algumas partidas. “A morena acompanha, profissionalmente, o time do amado, sempre a poucos metros da rede do guarda-metas. Segundo a versão mais fanática, aqueles “ojos verdes” teriam desconcentrado o pobre rapaz. Faz todo o sentido do mundo”.⁴¹

Interpretando o trecho sob a ótica da teoria de DaMatta, a namorada teria desencadeado reações emocionais em um momento de grande seriedade, desconcentrando o goleiro de seu “rol de obrigações”. A doçura, nesse momento, teria englobado a racionalidade.

Há diversas conotações sexuais nos textos: “É uma torcida feminina vestida até o pescoço, tudo bem, faz frio n’África, mas as dinamarquesas fizeram um milagre em minha vida: voltei a gostar de loiras, isso é magnífico”.⁴²

Ainda nesta crônica, há uma expressão que se mostrará frequente no conjunto da obra: *pátria de shortinhos e minibusas*. Xico trata o fato de as mulheres na Copa estarem “vestidas até o pescoço” como um demérito. Segundo DaMatta, o comer estaria associado à intenção de englobar, abarcar o outro, a base da metáfora para o sexo. Esta concepção se dá no sentido sociológico, e pode ser enxergada nas entrelinhas dos comportamentos diários, bem ilustrados nas crônicas:

Coitada da musa da Copa, a nossa Larissa Riquelme, ilustre testemunha desta partida. Isso não se faz com uma fêmea desse porte, queridos guaranis. Ainda mais se levarmos em conta a promessa da modelo. Ela vai tirar a roupa, em uma praça de Assunção, caso os paraguaios cheguem às semifinais da Copa do Mundo.⁴³

Xico está falando sobre o jogo entre as seleções do Japão e Paraguai, cujo

⁴¹ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 19/06/2010.

⁴² XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 23/06/2010.

⁴³ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 23/06/2010.

resultado final foi 0 a 0. Tal resultado não ajudaria Larissa Riquelme a concretizar o que, para Xico, seria um grande acontecimento: a moça ficar nua em praça pública.

Na crônica “Na várzea da vida”, o cronista reflete sobre o interesse crescente das mulheres por futebol, fato que estaria deixando o homem apreensivo quanto à sua dominância.

Bobagens, meu bem, bobagens, com alguns itens engraçados, mas reveladores do nosso desespero em perder espaço na derradeira bastilha da guerra dos sexos. Que comandem plataformas de petróleo, que governem países, que nos cantem, que nos sustentem, que pisem em Marte e em Vênus, tudo isso pode. Menos matar a autoridade no universo futebolístico.⁴⁴

O homem teme perder espaço no meio que historicamente foi de seu domínio. Podemos integrar a atitude englobadora de viés sexual a uma atitude de domínio, uma tentativa simbólica de suplantação.

O fato é que as comidas se associam à sexualidade, de tal modo que o ato sexual pode ser traduzido como um ato de “comer”, abarcar, englobar, ingerir ou circunscrever totalmente aquilo que é (ou foi) comido. A comida, como a mulher (ou o homem, em certas situações), desaparece dentro do comedor — ou do comilão. Essa é a base da metáfora para o sexo, indicando que o comido é totalmente abraçado pelo comedor. A relação sexual e o ato de comer, portanto, aproximam-se num sentido tal que indica de que modo nós, brasileiros, concebemos a sexualidade e a vemos, não como um encontro de opostos e iguais (o homem e a mulher que seriam indivíduos donos de si mesmos), mas como um modo de resolver essa igualdade pela absorção, simbolicamente consentida em termos sociais, de um pelo outro.⁴⁵

As insinuações sexuais somadas à representação da mulher como parte de um universo distrativo, dócil e festivo dizem muito sobre o modelo patriarcal que enreda o conceito de brasilidade.

A DIVERSIDADE

⁴⁴ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 13/06/2010.

⁴⁵ DAMATTA. *O que faz o Brasil, Brasil?*, p. 47.

Como desfecho para a exemplificação de como Xico Sá transmite a “brasilidade” por meio de sua prosa, não podíamos deixar de falar sobre diversidade cultural, tão representativa do Brasil.

Rinaldo é um daqueles milhares de brasileiros que acreditam que a CBF vendeu a Copa de 1998, na França, para o país-sede. Impressionante como ainda hoje sobrevive a suposta lenda. Entre os taxistas – mais conspiradores que o cineasta Michael Moore –, não há dúvida. Entregamos a rapadura. A convulsão do Ronaldo teria sido só o segundo ato da tragicomédia.⁴⁶

Nas crônicas, não há grandes ícones, mas sim personagens do cotidiano, como Rinaldo, o baiano anti-seleção. É interessante pensar que o cronista escolheu alguém fora do eixo Rio-São Paulo como personagem. Alguém que representa o Brasil para além das hegemonias. “Entregamos a rapadura”, ele diz. A origem popular do alimento dá vazão à nossa cultura: há diversidade de gostos, jeitos, cores e condições socioeconômicas. Sobre a diversidade e valorização de práticas nacionais:

A América do Sul, no geral, e o Brasil, em particular, negariam a imposição das dicotomias e oposições binárias do mundo dominante (eurocêntrico e norte-americano) a partir da valorização de práticas oriundas da mestiçagem, da turbulência cultural, da diversidade rítmica e da antropofagia.⁴⁷

Essa imposição e valorização dos elementos constituintes da cultura brasileira estão presentes em alguns outros trechos:

D de Dunga: bata na madeira três vezes diante da pronúncia.⁴⁸

Não fosse o início da disputa que reúne 18 dos principais clubes do Nordeste, a maioria jogando com seus reservas, meu amigo já estaria exilado no seu sítio em Juazeiro, onde pode se isolar da farra da Copa, entretido com caça e pesca, suas aventuras prediletas na margem do rio São Francisco.⁴⁹

O siri na lata do Recife, idem, por simples apego histórico à turma de Nassau, Frans Post e sua esquadra artística. A coruja de seu Lunga, em Juazeiro do Norte, é espanhola, brava, bravíssima. A graúna de Durvalzim, secador do Come-Fogo em Ribeirão Preto, segue os bigodes nevados do Vicente del Bosque. Edgar, o corvo, vai na contramão do polvo, óbvio, puro despeito. O urubu Augusto, aquele que pousou na sua sorte, filho do Engenho Pau D'Arco, Paraíba, aprecia detalhes mórbidos: decisão nos

⁴⁶ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 11/06/2010.

⁴⁷ PINHEIRO. *Aquém da identidade e da oposição*, p. 16.

⁴⁸ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 15/06/2010.

⁴⁹ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 11/06/2010.

pênaltis, após 0 a 0 de doer nos ossos.⁵⁰

No primeiro trecho, a referência à credence de bater na madeira para eliminar maus agouros revela o imaginário popular brasileiro. Termos como *Nordeste, Juazeiro, caça e pesca, rio São Francisco* pincelam regiões do Brasil, além de citar caça e a pesca, atividades originárias de povos indígenas. No último trecho, as referências geográficas são diversas: *Recife, Juazeiro do Norte* (novamente), *Ribeirão Preto, Paraíba, urubu Augusto*, (aqui numa referência ao poeta paraibano Augusto do Anjos). Elas nos deixam com uma sensação de mistura, de imagens cujas forças sugerem um formato singular “de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas européias”.⁵¹ A diversidade de tradições forma um verdadeiro “vigor híbrido”, nas palavras de Freyre, que se acomodaria garantindo o equilíbrio e a unidade da nação.

CONCLUSÃO

Ao lado da tendência pragmática do jornalismo impresso, Xico Sá demonstra que a crônica ainda tem muito a vislumbrar no âmbito literário, e, de maneira poética, convida o leitor a refletir sobre o futebol e o que o circunda. A emotividade se torna clara com a utilização de linguagem coloquial, humor e parcialidade. Ele explora com leveza e humor o espírito nacionalista ou a chamada “brasilidade”.

A leitura das 16 crônicas que compuseram nosso *corpus* de análise possibilitou o entendimento de um novo tipo de torcedor: o secador. Tal reconhecimento leva a crer que as mudanças do futebol – que se há alguns anos era futebol-arte, hoje é globalizado – trouxeram mudanças no que se refere ao sentimento do brasileiro em relação à seleção. Ainda assim, Xico Sá demonstra, por meio de seu já reconhecido domínio da linguagem, que diversas noções antropológicas de “brasilidade” estão inseridas na forma e no conteúdo de seu texto. O carnaval e a festividade evidenciam-se na linguagem coloquial e próxima da oralidade, além das manifestas citações à alegria do brasileiro em festejar. A mulher e

⁵⁰ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*. 11/07/2010.

⁵¹ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro*.

a diversidade cultural, tão dignamente infiltrados nas simbologias que representam o Brasil, também estão presentes em suas crônicas.

Desta forma, verifica-se que o cronista se mantém no exercício de informar sem os formalismos inspirados pelas tendências jornalísticas, e que sua escrita favorece a afirmação de uma coloquialidade e irreverência que se distanciam do padrão de texto cultivado pelo próprio jornal em que os textos foram publicados.

Por último, cabe lembrar ainda o cronista Paulo Mendes Campos, que costumava dizer, por volta das décadas de 1950 e 1960, que a imprensa esportiva brasileira teimava em não realizar sua Semana de Arte Moderna. A linguagem parnasiana e pretensamente rebuscada que invadia as redações de jornais era muito contaminada pela imaginação fértil dos repórteres e locutores de rádio. Mas não é exagero dizer que Nelson Rodrigues e Xico Sá, sem o assumirem, renovaram a crônica sobre esportes no Brasil por meio da introdução do riso, do falar coloquial, dos múltiplos intertextos e das constantes metalinguagens. Embora não filiados diretamente ao ideário dos Modernistas da Semana de 22, ambos praticaram textos com formulações muito caras ao próprio modernismo, como por exemplo o espírito antropófago de deglutir o elemento estrangeiro na produção de novas sínteses culturais.

* * *

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. **Enigma e comentário**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G. Identidade, negócio, esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores na Olimpíada de Sydney. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: Autores Associados, v. 28, n. 1, p. 55-72, 2006.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____. **Recortes**. Companhia das Letras, 1993.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DINIZ, Anna Carolina Paiva. O futebol como epopéia: análise das crônicas de Nelson Rodrigues sobre a Copa do Mundo de Futebol de 1958. **Ciências Humanas em Revista**, v. 7, n. 2, São Luís/MA, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: Um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREYRE, Gilberto. Prefácio. FILHO, M. R. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

KONZEN, Paulo Cezar. **Ensaio sobre a arte da palavra**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

LAURITO, Ilka; BENDER, Flora. **A crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.

LOPES, Jorge Sérgio Leite. Futebol mestiço: história de sucessos e contradições. **Ciência Hoje** – Revista de Divulgação Científica da SBPC, Rio de Janeiro, v. 24, n. 139, 1998.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, 2003.

MARQUES, José Carlos. A literatura invade a grande área: a crônica durante as Copas do Mundo de futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, 2005, p. 55-71.

MARQUES, José Carlos. A crônica de esportes no Brasil: algumas reflexões. In: LOSNAK, Célio José; VICENTE, Maximiliano Martin. (Org.). **Imprensa & Sociedade Brasileira**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 85-101.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2012.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

- MOISÉS, Massaud. Crônica. **A criação literária** (prosa). São Paulo: Cultrix, 1983.
- PINHEIRO, Amálio. **Aquém da identidade e da oposição**. Piracicaba: Unimep, 1994.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Petrópolis: Fumo, 1994.
- RODRIGUES, Nelson. Mário Filho, o criador de multidões. In: MARON FILHO, Oscar; FERREIRA, Renato. (Org.). **Fla-Flu... e as multidões despertaram**. Rio de Janeiro: Europa, 1987.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. “O Jornal da véspera sai hoje”. **O Reacionário**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- ROSSETI, Regina; VARGAS, Herom. A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira. **UNirevista**, v. 1, n. 3, 2006.
- SILVA, Eliazar João da. **Bola na rede**: o futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização. Dissertação de Mestrado. Unesp (Assis): 2000.
- VIANA, Nildo. Notas sobre o significado político do futebol. **Revista Espaço Acadêmico**, UFG, n. 111, 2010.

* * *

Recebido em: 02 de março de 2022.
Aprovado em: 03 de dezembro de 2022.

Capital futebolístico e memória: o futebol amador na trajetória social do jogador ‘Russo’ em Ponta Grossa/PR

Football Capital and Memory: The Amateur Football on the Social Trajectory of the “Russo” Player in Ponta Grossa/PR

Edilson de Oliveira

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, Brasil
Doutorando em Ciências Sociais Aplicadas, UEPG
edoliveira@uepg.br

Miguel Archanjo de Freitas Junior

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, Brasil
Doutor em História, UFPR
mfreitasjr@uepg.br

RESUMO: O objetivo do estudo foi analisar como a dimensão relacional existente entre o campo futebolístico amador ponta-grossense e a sociedade, possibilitaram a conversão do capital futebolístico do jogador conhecido como Russo, em outros tipos de capitais. Para efetivar tal ação, recorreu-se a história oral, que busca aprofundar os conhecimentos sobre acontecimentos e conjunturas do passado através das experiências e versões particulares. No decorrer de sua trajetória Russo vivenciou o futebol em diferentes interfases, entretanto foi no campo futebolístico amador que ele acumulou o capital simbólico necessário para ocupar uma posição de destaque, a de veterano. Em longo prazo, o futebol contribuiu para que ele convertesse esse capital futebolístico em capitais de outros campos sociais. A obtenção deste capital específico, proporcionou homenagens como a que abre o estudo, denominada honra ao mérito futebolístico amador, que pode ser visto como um indicador de reconhecimento da trajetória vitoriosa deste atleta neste campo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol amador; história oral; campo; herança cultural.

ABSTRACT: The objective of the study was to analyse how the relational dimension between the amateur football field in Ponta Grossa and society made it possible to convert the football capital of the player known as Russo into other types of capital. To carry out such an action, resorting to an oral history, which seeks to deepen knowledge about events and conjunctures of the past through experiences and particular versions. During his Russian trajectory, he experienced football in different stages, however it was the amateur football that he accumulated the symbolic capital necessary to occupy a prominent position, that of a veteran. In the long term, football so that it converts this capital into other social fields. The recognition of this specific capital, the recognition of recognition as what football opens amateur, the recognition of merit to be seen as an athlete indicator of recognition in this field.

KEYWORDS: Amateur Football; Oral History; Field; Cultural Heritage.

INTRODUÇÃO

Ao propor compreender o significado sociocultural do futebol no Brasil, Daólio¹ identificou o desejo de ascensão social como fator preponderante dos futebolistas, os quais buscam a realização do sonho de se tornar jogador de futebol profissional. Segundo Damo,² tornar-se um futebolista profissional fascinava os meninos brasileiros, principalmente os oriundos de escolas públicas. Não obstante, Damo³ e Cavalcanti⁴ destacam em seus estudos que esta ascensão, através da prática futebolística, vem tornando-se cada vez mais complexa, difícil e (talvez) ilusória, devido a grande maioria dos jogadores profissionais encontrarem-se “à margem dos holofotes”.

Ao observar os dados publicados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), sobre um “Raio-X do mercado 2019”, naquele ano, 22.177 jogadores possuíam contratos profissionais com clubes brasileiros.⁵ Ao cruzar estes dados com os números obtidos pelo IBGE,⁶ pode-se inferir que este número representa 0,2% dos praticantes de futebol no Brasil. Isto significa que embora o “sonho” de tornar-se jogador profissional apresente-se ao longo da trajetória dos praticantes de futebol, este não é o único fator que nos permite entender a dimensão deste esporte, pois em algum momento se tornar profissional deixa de ser uma opção (se é que um dia foi). Porém, a prática do esporte persiste na vida das pessoas.

Isto é, as práticas futebolísticas proporcionam ganhos que transcendem o campo de jogo, pois o atleta pode obter, além dos ganhos materiais, os ganhos simbólicos, que podem ser compreendidos como “capital futebolístico”.⁷ Este capital é adquirido através de um conjunto de práticas corporais, sociais e linguísticas herdadas, adquiridas e/ou incorporadas, capazes de legitimar um agente em uma posição social de destaque no campo futebolístico em que se encontra inserido. Diante disto, busca-se demonstrar neste estudo que devido a dimensão relacional existente entre o campo futebolístico e a sociedade, este capital específico pode ser convertido em outros tipos de capitais.

¹ DAOLIO. Cultura: educação física e futebol.

² DAMO. *Do dom à profissão*: a formação de futebolistas no Brasil e na França.

³ DAMO. *Do dom à profissão*.

⁴ CAVALCANTI. *“Nem tudo que reluz é ouro”: histórias de jogadores de futebol*.

⁵ CBF. Raio-X do mercado 2019: números gerais de registro.

⁶ IBGE. Práticas de esporte e atividade física: 2015.

⁷ RIAL. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior.

Para atingir este objetivo, vamos analisar a homenagem conferida a “Russo”, apelido através do qual este atleta se tornou conhecido e reconhecido no Campo⁸ Futebolístico Amador de Futebol da cidade de Ponta Grossa, localizada no interior do estado do Paraná. O reconhecimento de um agente através de um certificado impresso, é uma prática comum no campo acadêmico que concede simbolicamente ao benemérito capital cultural institucionalizado.⁹ Porém, tal prática é algo bastante singular para o campo futebolístico. Tradicionalmente no futebol este *status* é adquirido e observado cotidianamente de forma simbólica, através de circuitos de consagração e nomeação que ordenam as posições sociais no campo, principalmente através da “economia linguística”¹⁰ fomentada pelos agentes.¹¹



Fotografia 1 - Nesta imagem pode-se observar o registro impresso da homenagem realizada ao futebolista Russo, em 15 de setembro de 2001, pela Associação Atlética Blue Star Master, a qual possui um lugar especial em seu acervo pessoal e em suas memórias individuais. Fonte: Acervo pessoal de Russo.

⁸ BOURDIEU. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*.

⁹ BOURDIEU. *Meditações pascalianas*.

¹⁰ Nesta perspectiva linguística, Bourdieu destaca a importância da nomeação (título, cargo, honraria) como um dos elementos que contribuem para a estruturação das posições ocupadas socialmente. As calúnias, acusações, críticas e elogios, por exemplo, são as moedas cotidianas destas nomeações, que atribuem aos agentes “beneméritos” um poder simbólico dentro do campo. O qual é invisível dentro das trocas simbólicas, mas legítimo e reconhecido pelos demais agentes da estrutura. BOURDIEU. *O poder simbólico*. BOURDIEU. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quem dizer*.

¹¹ OLIVEIRA. *Redescobindo o sentido do jogo*.

Neste contexto, a singularidade da forma com que Russo foi homenageado e a posição de destaque ocupada por ele neste espaço social, instigam-nos a estabelecer um olhar mais minucioso sobre sua entrada e trajetória no campo futebolístico amador de Ponta Grossa. Segundo Bourdieu,¹² a trajetória de um agente nos ajuda a compreender o processo de acúmulo de capitais (econômico, cultural, social e simbólico) e principalmente a diferentes posições ou postos ocupados ao longo da circulação neste espaço social, nos permitindo entender o sentido daquele jogo social.

Diante deste contexto, levanta-se a seguinte questão norteadora: Como os ganhos futebolísticos, vistos no *senso comum* como financeiros, transcendem o capital econômico e as linhas geográficas do campo, convertendo-se em capitais em outros campos sociais. Ao apresentar este problema e objetivo de pesquisa, convidamos o leitor, tal como fez Bourdieu¹³ em sua obra “Razões Práticas”, a ultrapassar a leitura particularista de que esta pesquisa abordará apenas uma realidade.

Quando ancoramos nossa leitura sobre a trajetória de um futebolista e seus ganhos com a prática do futebol, ao modelo teórico de Pierre Bourdieu, não estamos refletindo somente como isso ocorre em uma cidade do interior do Brasil ou com um jogador específico, mas sim submergindo na particularidade de uma realidade empírica que pode se fazer presente em outros locais em que a cultura futebolística esteja presente. Considerando que o futebol é o esporte mais praticado no Brasil, com 39,3% e que a prática futebolística corresponde a 59,2% das práticas esportivas masculinas,¹⁴ o caso de “Russo” pode ajudar a compreender a realidade de outros futebolistas em outras localidades do país.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A história oral tem como principal alicerce a narrativa e busca apresentar versões de experiências de vida através da entrevista oral. Para Alberti este é um método de pesquisa histórica, antropológica, sociológica “que privilegia a realização de

¹² BOURDIEU. *Razões práticas*.

¹³ BOURDIEU. *Razões práticas*.

¹⁴ IBGE. Práticas de esporte e atividade física: 2015.

entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”.¹⁵ Trata-se de um método qualitativo de pesquisa, que busca “ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares”.¹⁶

Para o desenvolvimento do estudo, utilizou-se como referência o trabalho desenvolvido pelo Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), descrito nas obras de Alberti.¹⁷ Segundo este referencial, a realização de uma entrevista oral é composta pelas seguintes etapas:

a) A escolha do entrevistado: Esta escolha tem como base o objetivo da pesquisa. Alberti¹⁸ salienta que o pesquisador não deve ter uma preocupação excessiva com a amostragem, mas sim com a “posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Deste modo, devido ao objetivo do estudo e a posição do agente no campo, que será objeto de análise, optou-se por realizar uma única entrevista, com Russo.

b) A escolha do tipo de entrevista: Na presente pesquisa trabalhou-se com a história de vida, a qual “têm como centro de interesse é o próprio indivíduo na história”.¹⁹

c) O equipamento: estes foram os elementos que mais modificaram-se com o passar do tempo. Para as gravações das entrevistas utilizou-se uma câmera digital (Nikon COOLPIX P510), posteriormente armazenada em nuvem via Google Drive, juntamente com a transcrição fiel da entrevista em formato Word Windows 2016.

d) A entrevista: Alberti²⁰ alerta que para a realização de uma entrevista oral é necessário inicialmente que os pesquisadores se aprofundem na temática de estudo, possuindo conhecimento suficiente para construir um roteiro geral de

¹⁵ ALBERTI. *Manual de história oral*, p. 18.

¹⁶ ALBERTI. *História oral: a experiência do CPDOC*, p. 3.

¹⁷ ALBERTI. *História oral: a experiência do CPDOC*. ALBERTI. *Manual de história oral*.

¹⁸ ALBERTI. *Manual de história oral*.

¹⁹ ALBERTI. *Manual de história oral*, p. 38.

²⁰ ALBERTI. *História oral: a experiência do CPDOC*.

entrevista consistente. Neste viés, a realização de pesquisas anteriores foi fundamental para a condução da entrevista em formato de conversa.

A este respeito, cabe destacar que a entrevista foi marcada na casa de Russo, a seu pedido, o qual esperava-me com o fogo aceso, para a realização de um churrasco após a entrevista. Além da proximidade, os elementos teóricos construídos anteriormente para compreensão do campo futebolístico amador pontagrossense serão fundamentais para reflexão da posição e trajetória deste agente neste espaço social, como a compreensão do que significa ser um veterano, a importância da família ou o processo de aprendizagem da cultura futebolística.

e) O processamento da entrevista: A última etapa consistiu na transcrição e arquivamento dos dados. Neste processo, ressalta-se a importância de ficar atento aos sinais como: ênfases feitas pelo entrevistado, os silêncios, os risos, as emoções através de lágrimas ou não, os trechos lidos e enunciados incompletos, quando o entrevistado ameaça falar algo ou é interrompido. Por fim, na utilização dos dados retirou-se os vícios de linguagem como “né, sabe, entende e etc.”, para auxiliar a compreensão do discurso.²¹

Quanto aos aspectos éticos, com exceção a Russo, optou-se por trabalhar com nomes fictícios para os agentes e clubes citados no desenvolvimento do estudo. Ressalta-se que ele assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética, através da Plataforma Brasil, sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 66013317.8.0000.5694 e número do Parecer: 2.005.549.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Thompson²² ressalta que a construção e a narração do passado, através de memórias individuais e coletivas, exigem engenho e poder imaginativo, pois se trata de um processo social ativo em que as narrativas “em geral são também utilizadas para contar vidas individuais, visando transmitir valores; e o que elas transmitem é a verdade simbólica e não os fatos do incidente descrito, que é o que menos importa”.

²¹ ALBERTI. *História oral: a experiência do CPDOC*.

²² THOMPSON. *A voz do passado: história oral*, p. 185.

Segundo o autor o processo da memória depende, para além da capacidade de compreensão do indivíduo, do seu interesse, que se evidencia nas inclusões de detalhes ou nas supressões durante a realização da narrativa. No caso de uma comunidade ameaçada, por exemplo, a memória serve para evidenciar um sentimento de identidade coletiva, de modo que os acontecimentos divisórios ou conflitantes caminhem em direção ao esquecimento. Portanto, o modo como se aprende uma narrativa deve ser mais rigorosamente estudado, pois estes mecanismos variam de acordo com os grupos e suas localidades.²³

Na mesma direção, Candau²⁴ ressalta que para conservar a lembrança, é necessário memorizar um mundo previamente ordenado. Portanto, deve-se compreender a lembrança como uma imagem distinta a do acontecimento, mas que age como uma imagem sobre o ocorrido.

Um acontecimento chave, que nos permite compreender a incorporação do futebol aos gostos e ao estilo de vida do Russo, foram os seus primeiros contatos com a prática futebolística na infância. Experiência narrada repetidas vezes ao longo da entrevista e que de tão significativa, foi reproduzida por ele no processo de transmissão deste gosto, através de suas memórias e estilo de vida ao herdeiro (filho).

O TIME DOS IRMÃOS: OS PRIMEIROS CONTATOS DO RUSSO COM O FUTEBOL

Sobre este contato inicial, Russo relata que veio de uma família muito grande, mais especificamente 14 irmãos, dentre os quais ele era o segundo mais velho. Como seu pai era músico, ficava longos períodos fora de casa, muitas vezes três ou quatro meses. Por este motivo, sua mãe enfrentou muitas dificuldades para criá-los, tanto financeiras quanto relacionadas ao processo educacional. Destarte, Russo narra que para “segurá-los” em casa ou o mais próximo possível dos cuidados da mãe, seu pai teve uma ideia:

Na época nossa de criança, nosso pai tinha muito medo de rio, de caça, essas coisas. Daí ele teve a ideia de fazer um campinho de futebol do lado da nossa casa. Aí que tudo começou. Junto com meu pai e alguns amigos em volta, nós fomos lá, limpamos o lote e fizemos o campinho de futebol.

²³ THOMPSON. *A voz do passado*.

²⁴ CANDAU. *Memória e identidade*.

A ideia dele foi boa porque aproximou os amigos todos. Foi ali que a gente se envolveu com o futebol e assim nós nos criamos naquele campinho (Russo, 2017).

Em seguida Russo relata que o campinho foi apenas o início da trajetória dele e dos irmãos no futebol, o passo seguinte foi a criação de um time dos irmãos, pois dos 14 irmãos, 12 jogavam futebol.

O mais velho já jogava no Operário, então ele tocava o nosso time de futebol de campo. Foi aí que começamos a descer no campo da princesa, ali que nós começamos a nos destacar no futebol. Lá era futebol de campo, jogávamos torneios. Então todo domingo nós estávamos no campo, os meus irmãos todos se destacaram no futebol, é claro fomos em dois que chegaram a ir para o profissional, mas os outros, mesmo assim. O pessoal adora todos nós, pela simplicidade, o pessoal ficava admirado de ver todos nós juntos, o time dos irmãos (falou com ênfase e sorrindo) (Russo, 2017).

O Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC), que Russo se refere acima, é uma agremiação esportiva da cidade de Ponta Grossa, fundada dia 1 de maio de 1912. Trata-se de um dos clubes mais antigos do estado do Paraná em atividade. Única equipe profissional da cidade atualmente, que disputa a Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol. Jogar no OFEC era bastante significativo, pois representava chegar ao profissional e ao topo da hierarquia no futebol local.

Como destaca Bourdieu,²⁵ o processo de construção do gosto por um bem cultural (como foi o caso do Russo com relação a prática futebolística) é permeado por grandes cargas de afetividade, ao passo que se torna impossível determinar a priori quem fez a escolha, se foi o agente ou a instituição, ou seja, se foi o jogador que escolheu o futebol ou se ele foi levado a escolhê-lo.

Ao longo da circulação de Russo pelos diversos espaços sociais em que o futebol é vivenciado na cidade de Ponta Grossa, como no campo da princesa, localizado na Vila Princesa, região de grande vulnerabilidade social, mas tradicional na realização de torneios de futebol e nos circuitos futebolísticos interbairros, práticas e disposições de agir específicas do campo futebolístico amador

²⁵ Ao dissertar sobre o processo de transformação através do qual um agente social torna-se um mineiro, um camponês, um padre, um músico, um professor, ou neste caso um “futebolista”, Bourdieu destaca que este tem seu início na infância, talvez antes do nascimento (através da herança cultural), perseguindo-se sem grandes crises e conflitos, não obstante, passando por todas as provas (angústias morais e físicas) que compõem as condições de desenvolvimento da *illusio*. BOURDIEU. *Meditações pascalianas*.

pontagrossense foram apreendidas e incorporadas de forma consciente e inconsciente. Manifestando-se cotidianamente sob a forma de esquemas de pensamento, percepção e avaliação ou julgamento. Em outras palavras, um *habitus*²⁶ foi incorporado.

Deste modo, durante a circulação de Russo por este campo específico, ele passou a interiorizar também as competências julgadas “necessárias” para agir nos diferentes momentos. Ao compreender o valor das competências futebolísticas para este espaço social, as práticas de Russo passaram a nortear-se por um senso de aplicação que justificasse os investimentos altos realizados no campo.

Como sua família era grande em número e ele, um dos irmãos mais velhos, trabalhar era uma necessidade e um dever, segundo Russo, portanto ele interrompeu os estudos, sem completar seu ensino fundamental. Assim, em oposição ao trabalho, a prática do futebol era o que lhe conferia prazer no seu dia a dia. Deste modo, após incorporar as práticas futebolísticas, as suas vivências cotidianas na infância e adolescência, Russo passou a realizar cada vez mais investimentos, principalmente de tempo e a rentabilizar os “lucros” de tais esforços.

Destarte, depois de uma vivência lúdica da prática futebolística, Russo passou a receber convites para compor as equipes infantis, juvenis e amadoras, até atingir o objetivo de representar uma equipe profissional. Porém, segundo ele:

[...] no profissional a gente teve uma sequência, mas não teve continuidade. Por contusão e porque na época também a gente não ganhava muito, ganhava muito pouco. Como éramos uma família grande, a ideia era ajudar meu pai e minha mãe, com o dinheiro que a gente ia ganhar. Mas não tinha como, a gente não ganhava salário. Aí tanto com o salário e com a contusão eu resolvi parar (Russo, 2017).

O interrompimento precoce da sua carreira como profissional é apresentada por Russo como uma decisão, uma escolha pessoal. Porém, entre o desejo de tornar-se um jogador de futebol profissional e o campo das probabilidades objetivas, existem as necessidades imediatas do cotidiano, as quais podem manter este projeto de futuro apenas como uma esperança.²⁷

²⁶ BOURDIEU. *Razões práticas*.

²⁷ BOURDIEU. *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas sociais*.

Não obstante, para que os agentes não se desencantem do jogo e de seus troféus, se estruturam no campo diferentes níveis de disputa. De acordo com o ponto de referência, este pode ser a base ou o topo das posições sociais, ou seja, existe o melhor jogador do mundo, mas também podemos eleger o melhor jogador brasileiro ou do estado do Paraná, até mesmo o melhor pontagrossense. Esta lógica de leitura do espaço social mantém viva a esperança, o desejo de sonhar em ser jogador, mesmo que a probabilidade objetiva de tornar-se um profissional de nível internacional não jogue a favor do agente.

Isso nos ajuda a entender por que o encerramento da carreira profissional não significou o término de sua relação com o futebol, mas sim uma nova ressignificação do espaço destas práticas futebolísticas em suas ações cotidianas. Depois de iniciar sua trajetória no futebol de bricolagem, que se revela através das peladas, dos torneios, dentre outras designações, Russo conseguiu um espaço na matriz futebolística profissional ou de alto rendimento. No entanto, devido a alguns acontecimentos reencontra-se com a modalidade esportiva em uma nova dimensão, a do futebol comunitário, denominada também como futebol de várzea, de bairro ou amador.²⁸

A TRAJETÓRIA DE RUSSO NO CAMPO FUTEBOLÍSTICO AMADOR DE PONTA GROSSA

Um olhar forasteiro, superficialista ou de senso comum, que se proponha a observar o campo por uma lógica economicista,²⁹ corre o risco de inferir que esta transição do profissionalismo para o Campo Futebolístico Amador de Ponta Grossa, resultou em uma perda de *status* ou de poder simbólico deste agente. Entretanto, através da narrativa de Russo e dos acontecimentos subsequentes a esta transição percebeu-se que houve mais ganhos (simbólicos e materiais) do que perdas, segundo ele:

Depois tive mais oportunidades para voltar ao profissional, mas eu estava em um emprego bom, ganhava uma faixa de 5 salários, então eu não achei vantagem voltar para o profissional, o Operário queria que eu voltasse, o Pato Branco, teve uns 4 ou 5 times que queriam que eu voltasse, mas eu não quis voltar (Russo, 2017).

²⁸ DAMO. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro.

²⁹ BOURDIEU. *Razões práticas*.

Não é possível inferir se o retorno ao profissional era uma possibilidade objetiva ou se o argumento foi apresentado por Russo para justificar o quanto a permanência no amador foi fruto de uma escolha pessoal. Mencionar o convite dos clubes, significa deixar claro que a saída do profissional não ocorreu devido à falta de habilidade, assim Russo se via como um jogador de futebol que optou por não ser profissional. Entretanto, a grande questão não é buscar a veracidade da narrativa, mas sim entender a partir de seu ponto de vista como o futebol amador pode se tornar mais vantajoso que o profissional.

O bom emprego, descrito por Russo, que o levou a recusar o retorno ao futebol profissional, possuía também relação direta com a prática futebolística.

Todos os trabalhos nas empresas foi através do futebol, eu trabalhei em muitas empresas através do futebol, na época tinha os campeonatos fortes do Sesi, do Sesc, tinha a Taça Paraná, não, não era Taça Paraná, mas a gente tinha um interligado com o Sesi, que a gente tinha que jogar fora. O pessoal procurava muito o pessoal que se destacava no futebol e era aí que a gente entrava (Russo, 2017).

O ato de um jogador receber vantagens ou recompensa, como a oferta de um emprego, para jogar por um determinado clube, marcou um período conhecido como “profissionalismo marrom”.³⁰ Para entendê-lo, é preciso olhar para o início da prática do futebol no país. O esporte tem sua gênese ligada a elite, porém, popularizou-se rapidamente pelo Brasil através das equipes fabris.³¹

Deste modo, aquilo que era visto como uma prática de lazer dos trabalhadores passa a ganhar conotações mais sérias, ligas e competições são formadas, e vencê-las tornava-se cada vez mais importante. Porém, com o objetivo de preservar os valores do amadorismo defendido pela elite, havia a proibição da contratação de jogadores. A estratégia adotada por muitas empresas foi a contratação destes jogadores como funcionário, porém não eram tratados como trabalhadores comuns.³²

³⁰ LIMA. Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930.

³¹ CORREIA. *Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo: um estudo sobre a emergência e o processo de (des) elitização do futebol na cidade de Rio Grande/RS (1900- 916)*.

³² CORREIA. *Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo*.

Embora este período de profissionalização seja datado das décadas de 1920-1930,³³ a prática de pagamentos velados segue presente até os dias atuais em outras configurações futebolísticas onde a remuneração financeira ainda não é permitida ou aceitável culturalmente. Como Myskiw e Stigger³⁴ perceberam em sua pesquisa sobre a liga amadora de futebol em Porto Alegre (RS), onde havia uma divisão entre aqueles que acreditavam que a referência do amadorismo era o modelo profissional e aqueles que defendiam a ideia de um futebol praticado pela ótica do amor e desinteresse econômico.

No campo futebolístico amador de Ponta Grossa o conflito também existia. O ato de o jogador Russo conseguir bons empregos ou vantagens, como folgas e dispensas para treinos, além de bônus pelas atuações em campo, poderiam colocá-lo no centro deste debate. No entanto, além do ganho financeiro, decorrente dos empregos que conseguiu devido a suas competências e habilidades futebolísticas, houve também um ganho de *status* dentro deste espaço social. Fato evidenciado por Russo através de suas memórias, ao lembrar que sempre foi uma pessoa querida pelos jogadores, dirigentes e torcedores do campo. Para legitimar seu argumento, Russo narra na entrevista sua fase de transição do futebol profissional para o amador.

Como eu tinha parado com o profissional, eu não podia jogar o amador, então eu fiquei um tempo aí sem poder jogar porque eu não tinha feito a reversão do profissional para o amador. Então eu fiquei batendo bola por aí, jogando o varzeano, essas coisas que não eram interligadas com a liga. Neste período eu fui campeão pelo Blue Star, este era um campeonato da cidade, não da liga (Liga de Futebol de Ponta Grossa), era Cidade de Ponta Grossa antigamente o nome do campeonato. Ai quando eu estava com uns 30 anos o Clube Associativo³⁵ veio atrás de mim e eu fui jogar com o Clube Associativo, mas eu não tinha feito a reversão, só que quem era o presidente do Clube Associativo, era o presidente da liga, então ele falou

³³ LIMA. Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930.

³⁴ MYSKIW; STIGGER. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre.

³⁵ O Associativo Futebol Clube, foi criado em 1938, por diferentes agentes que compartilhavam o gosto pela prática futebolística. O clube Associativo tornou-se um dos mais tradicionais da cidade no contexto do futebol, sendo o maior campeão municipal com 26 títulos amadores, seguido pelo OFEC, com 18 títulos, porém que teve seu último título em 1955, pois não disputa mais a competição amadora. De acordo com Freitas Jr., os clubes sociais emergiram e tornaram-se símbolos aglutinadores pessoas de mesma origem étnica, financeira ou ideológica. Através da prática do futebol, os jogadores e familiares envolviam-se emocionalmente. DO RICO AO POBRE. Por dentro da história: Relembre todos os campeões da Liga de Ponta Grossa. FREITAS JR, Miguel Archanjo de. Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná

para mim: – Não tem problema, deixa comigo que eu resolvo (disse Russo tentando imitar o modo de falar do agente citado, seguido por um breve riso). Ai tudo bem, eu fui, eles tinham perdido o primeiro turno, eu joguei o segundo turno e nós fomos campeões invictos. Decidimos (a final do campeonato amador) justamente com o Mirante, ganhamos as duas partidas, tanto lá no Mirante quanto lá no Clube Associativo, então nós fomos campeões. E quem sabia disso aí (referindo-se a não reversão) era o presidente do Mirante, o Tiquinho, ele sabia da minha situação, mas ele falou assim: – Eu perdi no campo, não vou levar para outro lado porque eu perdi no campo e o Russo é muito meu amigo (Russo, 2017).

Na sequência Russo terminou a frase dizendo “é aí que você vê a situação”, referindo-se aos laços de amizade estabelecidos por ele com os demais agentes do campo, pois mesmo em situação irregular, não houve pedido de recurso por parte da equipe derrotada, por se tratar do Russo. Pode-se inferir que para além desta relação de amizade, Russo possuía um determinado volume de poder simbólico, capaz de fazer com que o técnico do Mirante E. C., optasse por preservar o laço existente entre ambos. Despertado, talvez, pelo interesse em levá-lo para compor a sua equipe, ação efetivada anos depois.

O poder simbólico possui uma dimensão abstrata, que o torna invisível dentro das trocas simbólicas, porém legítimo e reconhecido por todos os agentes da estrutura. Até mesmo quando exercitado de forma latente através de armas ou do dinheiro, há sempre uma dimensão simbólica.³⁶ No entanto, sua força evidencia-se nas relações em que o conflito não emerge, como observado no relato de Russo.

Como o Associativo F. C. venceu a competição amadora daquele ano, ele conquistou o direito de representar a cidade de Ponta Grossa na Taça Paraná, porém desta vez Russo não pôde jogar a competição devido a não reversão do profissional para o amador, ação que expõe claramente que o poder simbólico deste agente estava restrito a este campo específico.

A Taça Paraná, organizada pela Federação Paranaense de Futebol, conta com a participação das equipes campeãs das ligas amadoras registradas na federação de diversas cidades do Paraná. É a competição que atribui o título de melhor equipe amadora do estado, a competição ocorre desde o ano de 1964 com este nome. Em 2019, último ano em que a disputa ocorreu, devido a Covid-19, foi

³⁶ BOURDIEU. *Meditações pascalianas*.

realizada a 56ª Taça Paraná, portanto, em todos os anos desde sua criação, a competição ocorreu no estado.

A impossibilidade de jogar a Taça Paraná marcou também a saída de Russo da equipe do Associativo F. C., deste modo ele narra que foi disputar o Campeonato Amador Máster (para jogadores acima de 30 anos) pela equipe Associativa B. Quando novamente entra em contato com a equipe do Mirante E. C. Assim:

Nessa transição eu acabei indo para o Mirante, porque vinham muitos times de fora, tipo Coritiba, vinha time de São Paulo, um monte de time de veterano que o pessoal jogava, quando parava com o profissional. Foi aí que deu um casamento legal com o Mirante E. C, o pessoal era legal. Uma história bonita que eu consegui, pelo futebol que a gente jogava, foi levar o time do Mirante ao título amador. Foi quando eu recebi o convite para jogar o futebol amador (categoria principal), eu já estava com 35 anos e não estava querendo mais, mas eles pediram para mim, porque eu era o cara que unia o pessoal sabe? Então eles pediram, você tem que voltar porque você é o que organiza. Resolvendo, voltei e o que aconteceu? Nós fomos campeões invictos, invictos (disse com orgulho, expressa pelos olhos lacrimejantes) (Russo, 2017).

Russo faz questão de relembrar com saudosismo o clima construído por eles ao longo das partidas do amador no estádio do Mirante E. C.

Na época era o Ricardo o presidente do Mirante E. C, então ele conseguia fazer as festas, vinha muita família, toda vida era cheio o Mirante E. C. Tinha bastante gente, quando veio o Coritiba de lá, os caras venderam ingresso sabe, casa cheia, casa cheia, era muito bonito de ver. Toda vida teve família, foi o que abraçou tudo. No próprio campeonato, era direto, festa, churrasco, o pessoal trazia família, então foi isso tudo que se resolve em um título. Não é só ser campeão, se resolve em um todo, esse todo é o que dá gosto quando você ergue o troféu (Russo, 2017).

Outro momento significativo de sua trajetória no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, que produziu inúmeras memórias de momentos felizes foi segundo Russo as excursões do Mirante E. C para jogar em outras cidades. Pois através dessas viagens era possível jogar novamente em lugares onde já havia jogado e rever antigos amigos, oportunidades que o faziam acreditar que sua vida foi bem vivida (Russo, 2018).



Fotografia 2 - Ingresso de um dos jogos promovidos pelo Mirante Esporte Clube, disputado contra a equipe de aspirantes do Coritiba F. C. Fonte: Acervo pessoal de Russo (editada pelos autores para anonimizar o clube).

Em uma das conversas com Russo, durante um dos jogos do Clube, que após o início de uma chuva obrigou-nos a esconder-se embaixo de um pinheiro que fica na beira do alambrado, ele fez questão de narrar umas destas memórias, a qual foi retomada por ele também na entrevista, evidenciando a importância do ocorrido.

“Cara! Esta chuvinha assim durante o jogo só me lembra coisa divertida. Teve uma vez que marcamos um jogo, com um time lá de Candido de Abreu. Nos reunimos cedo aqui no Mirante, para ir todo mundo junto, conseguimos um ônibus para levar o pessoal, pense na alegria da rapaziada. Saímos da cidade e fomos, quando a gente estava chegando perto da cidade começou a chover, mas uma chuva, uma chuva que dava pra ver ela alagando a estrada. Foi-se embora, quando o motorista entrou na cidade a chuva foi diminuindo, mas o campo era mais para o interior, tinha que ir por uma estrada de terra daí. A hora que o motorista entrou na rua já deu umas patinadas, o pessoal já soltou uns gritos [...] Mas não deu outra, quando ele foi passar por um banhado feio já ficou por ali mesmo, e nada do ônibus ir, não tinha ninguém por perto, celular a gente nem tinha na época, era coisa de rico, nem sei se rico tinha. Daí desceu todo mundo pra empurrar o ônibus, eu fui com mais três em uma das rodas do ônibus, e outros foram do outro lado. No que o motorista acelerou o ônibus, ele patinou e jogou barro em todo mundo, mas barro mesmo, de deixar todo mundo coberto de terra [...] Resultado, tivemos que esperar passar um trator pra desatolar o ônibus, o jogo que era pra começar as duas, começou seis e pouco da tarde e nem luz tinha no campo, jogamos no escuro. Mas depois fizemos um churrascão lá, todo mundo comeu, bebeu e se divertiu, porque o futebol é isso” (DIÁRIO DE CAMPO, 26/07/2015).

Deste modo, mesmo não encontrando-se mais em atividades no campeonato de futebol amador de Ponta Grossa, após passar a maior parte de sua vida dentro de

campo, Russo alega não saber mais ficar em casa nos dias em que tradicionalmente se realizam as partidas do campeonato amador pontagrossense, “sábado e domingo eu preciso ir lá primeiro, para depois voltar para casa e pensar em um almoço ou alguma coisa, mas lá é uma coisa quase que sagrada, não tem como, a gente se une e se diverte, brinca e dá risada, encontra os amigos” (Russo, 2018).

A TRANSMISSÃO DO GOSTO PELO FUTEBOL AO HERDEIRO

Ao observar a trajetória de Russo, percebe-se que suas ações ou estratégias atribuíam ao futebol um espaço de destaque e relevância nas suas tomadas de posição. Elementos estes que nos permitem inferir que a prática futebolística foi significativa para a construção de seu *habitus*. Tal processo é percebido também por Russo, embora não possua o domínio desta teoria social, ele relata que:

Com o futebol dá para aprender tudo, tudo você aprende, eu aprendi muita coisa. Por exemplo, a educação dos meus filhos, o que meu pai fez para nós lá, mostrando um caminho, porque ele fez um campo e mostrou um caminho. Nós nos criamos ali, somos trabalhadores, honestos, cada um tem sua família, tudo através daquilo que ele mostrou. O que eu fiz pelo Leandro, foi mostrar o mesmo caminho. Tanto para mim, quanto para minha família o futebol foi tudo, os trabalhos, tudo, meus serviços, eu tenho uma empresa hoje aqui e o futebol me ajudou a isso, foi tudo através do futebol. O nome “Russo” ficou, então até o nome da empresa é Russo Móveis, por causa do futebol. A minha vida envolveu tudo no futebol (Russo, 2017).

Em virtude da dimensão simbólica adquirida pelo futebol em sua vida, considerada frutífera ou positiva, Russo buscou ensinar a seu filho Leandro desde muito cedo, o gosto por essa prática. Uma vez que esta seria “a ordem das coisas”.³⁷

Desde criança, desde criancinha a gente é companheiro, foi no tempo do veterano do Mirante E. C né. Ele já me acompanhava, em todos os jogos, todos os sábados ele estava comigo dentro de campo, ele se criou no campo, com uns dois anos ele já me acompanhava. Ai depois nós nos envolvemos com a associação, eu que lidava com eles aqui. Ai a coisa começou a fluir para eles. Mas essa foi uma outra história, a história deles. Nós tivemos uma passagem de oito anos aqui na associação, então eles tinham o futebol no ginásio, no suíço, os campeonatos, eu levava eles para tudo quanto é campo. Teve a história deles, foi bonita a participação. Até

³⁷ BOURDIEU. A ordem das coisas.

chegar no amador, a trajetória deles foi tudo junto comigo. Nós nunca se larguemos. Até hoje nós somos unidos (Russo, 2017).

A utilização do plural possui um sentido neste contexto, pois além de transmitir o gosto por esta prática a seu filho, ele também acompanhava os amigos de Leandro, que compunham as mesmas equipes que seu filho. Neste cenário, Russo não só ensinava os valores que aprendeu ao longo de sua trajetória neste campo, como socializava seu filho, mas também seus amigos, para ocupar uma posição dentro do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, apresentando-o como o herdeiro de seu posto.³⁸



Fotografia 3 - O registro foi realizado após a disputa de uma das partidas do Campeonato Amador de Futebol de Ponta Grossa, na ocasião Russo acompanhou do alambrado a atuação de seu filho. Fonte: Os autores.

A este respeito, Freitas Junior, Oliveira e Linhares³⁹ observaram que no campo futebolístico amador de Ponta Grossa, a herança cultural futebolística evidenciava-se como um elemento relevante nas relações sociais em alguns clubes – caso do Mirante E. C. – pois, para ingressar em uma equipe, mesmo que fosse somente para jogar as peladas e participar de alguns jogos-treino, sem a certeza de

³⁸ BOURDIEU. *O poder simbólico*.

³⁹ FREITAS JUNIOR; OLIVEIRA; LINHARES. *Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa/Paraná (2013-2017)*.

que comporia o time que disputaria o amador, o jogador necessitava de um convite. Porém, no caso dos filhos, sobrinhos, afilhados ou netos de jogadores, este contato ocorria desde a infância dos meninos, tornando-se “natural” sua entrada na equipe quando chegassem à juventude.

Pode-se interpretar que a transição desta herança cultural futebolística segue, salvo particularidades, a mesma lógica desvelada por Bourdieu,⁴⁰ na relação entre capital cultural herdado e capital escolar. Pois o que ocorria nas escolas francesas era uma conversão desigual do capital cultural herdado em capital escolar, devido às diferentes origens sociais dos alunos. No caso do amador, a distinção não estava na origem social, mas nas possibilidades de acesso a estes clubes amadores, uma vez que os herdeiros deste campo (filhos ou parentes de ex-jogadores e dirigentes), já iniciavam as disputas por posições e *status*, convertendo desproporcionalmente este capital futebolístico herdado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estruturação do *habitus* de um agente social é fruto de um longo processo de socialização, permeado por tomadas de posição estratégicas, conscientes ou inconscientes, mas sobretudo, carregadas de afetividade. Esta “visão de mundo” e ao mesmo tempo, forma de agir sobre ele, ocorre em um espaço social, caracterizado pela disputa de troféus materiais e simbólicos. Assim, a circulação de um agente pelo campo é permeada por estratégias de manutenção ou subversão a ordem dominante, a opção pela primeira ou segunda está relacionada ao senso de aplicação prática destes investimentos ou o poder advindo daquele posto.

Durante sua trajetória social, Russo vivenciou a prática do futebol em diferentes interfases, desde o futebol enquanto um jogo lúdico ao alto rendimento do profissionalismo. Entretanto, foi no campo futebolístico amador de Ponta Grossa que ele acumulou o capital futebolístico necessário para ocupar uma posição de destaque.

O capital futebolístico acumulado ao longo de sua trajetória no campo foi convertido em outros capitais fora deste espaço social. O emprego que permitiu-lhe

⁴⁰ BOURDIEU. *O poder simbólico*, p. 78.

ajudar a família e criar seus filhos, decorreu das suas vivências com o futebol. Uma vez que o objetivo de sua contratação não era sua competência na função que exerceria, mas sim suas habilidades com o esporte, que fortaleceria o elenco que disputava competições de futebol entre empresas. Em outros empregos isso também se repetiu. A empresa criada por ele, que leva como nome o seu apelido, surgiu através da prestação de serviços de marcenaria para jogadores e ex-jogadores que o conheciam dos campos de futebol amador ou indicações feitas por eles.

O reconhecimento de Russo neste espaço social foi fundamentalmente simbólico, mas por vezes objetivado através de homenagens, como a que abriu esta pesquisa, denominada honra ao mérito futebolista amador. A qual, devido a singularidade, legitima-o como uma figura nuclear para a compreensão da influência das práticas futebolísticas na construção do *habitus* dos futebolistas pertencentes ao campo futebolístico amador de Ponta grossa.

A analogia do futebol amador ao casamento ou a religião, devido ao comprometimento e aos sentimentos afetivos com o esporte, revelam que sua relação com o futebol transcende os ganhos econômicos, fazendo parte de suas disposições de pensar e agir, ou seja, de seu *habitus*. Ao olhar para a vida de Russo, podemos verificar não só a dimensão simbólica do futebol em sua trajetória social, mas na capacidade que este fenômeno tem de se resignificar, atribuindo sentidos e significados diferentes de acordo com o contexto e momento da vida de seus praticantes. Esta pluralidade ou maleabilidade pode justificar a relevância social do futebol para os brasileiros.

Como destacava Russo, em uma de suas inúmeras metáforas, o dia começava depois dos jogos do campeonato amador de futebol. Sem o jogo de futebol, o jogo social também se esvaziava de sentido. Esta leitura do futebol como um poder (capital futebolístico), mas ao mesmo tempo uma necessidade vital, evidencia a existência de um *habitus* futebolístico amador. Jogar futebol, tanto para Russo, quanto para outros futebolistas que possuem suas trajetórias ligadas ao esporte, significa enfrentar todos os dilemas, barreiras e dificuldades que o mundo social apresenta.

Estas lutas, poderiam e são travadas em outros espaços sociais, porém a dimensão simbólica do jogo de futebol, o esforço, o sacrifício, o comprometimento e o respeito a trajetória dos antecessores, são considerados “valores”, além do

sentimento de igualdade na disputa, que tornam o futebol amador um espaço singular de refúgio, de identificação com pessoas que enfrentam os mesmos desafios e de luta, para que suas visões de mundo sejam reconhecidas como legítimas. Trata-se de um espaço social permeado por conflitos, uma vez que, após o término do jogo (com a bola ou o social) haverá sempre um vencedor momentâneo, pois como destaca DaMatta, o jogo sempre continua.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Contemporânea do Brasil, 1990.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quem dizer. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- BOURDIEU, P. A ordem das coisas. In: _____. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 81-101.
- BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas sociais. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2008.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CAVALCANTI, E. A. **“Nem tudo que reluz é ouro”**: histórias de jogadores de futebol. Tese (Doutorado em Educação Física). UFPR, Curitiba, 2017.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Raio-X do mercado 2019**: números gerais de registro. Rio de Janeiro: CBF, 2022.
- CORREIA, J. M. **Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo**: um estudo sobre a emergência e o processo de (des)elitização do futebol na cidade de Rio Grande/RS (1900-1916). Dissertação (Mestrado em Educação Física). UFPel, Pelotas, 2014.
- DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia Social). UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. Porto Alegre: **Movimento**, v. 9, n. 2, p. 129-56, 2003.

DAOLIO, J. **Cultura**: educação física e futebol. Campinas: Editora da Unicamp, Campinas, 2006.

DO RICO AO POBRE. **Por dentro da história**: Relembre todos os campeões da Liga de Ponta Grossa. Ponta Grossa: DRAP, 2020.

FREITAS JR, M. A. **Operário Ferroviário Esporte Clube**: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). UEPG, Ponta Grossa, 2000.

FREITAS JUNIOR, M. A.; OLIVEIRA, E.; LINHARES, W. L. Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa/Paraná (2013-2017). **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 302-20, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Práticas de esporte e atividade física**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LIMA, F. G. **Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930**. Dissertação (Mestrado). Educação Física, UFPel, Pelotas, 2014.

MYSKIW, M; STIGGER, M. P. O futebol “de várzea” é “uma várzea”? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 445-69, 2014.

OLIVEIRA, E. **Redescobrimo o sentido do jogo**: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem da cultura futebolística no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa-Paraná (2013-2017). 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). UEPG, Ponta Grossa, 2018.

OLIVEIRA, E; FREITAS JUNIOR, M. A. **Redescobrimo o sentido do jogo**: uma etnografia da cultura futebolística no mirante esporte clube. Brasília: Trampolim, 2020.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

* * *

Recebido em: 16 de novembro de 2021.

Aprovado em: 07 de outubro de 2022.

Textos bissextos sobre futebol: um poeta, uma pintora e uma cronista do modernismo

Leap Texts about Football: A Poet, a Painter and a Chronicler of Modernism

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio
bernardobuarque@gmail.com

RESUMO: No escopo do dossiê *Futebóis e modernismos*, a seção “Poética” procura apresentar textos literários menos conhecidos quando se pensam as relações entre letras e esportes no país. Trata-se de três publicações de autores brasileiros vinculados à história do modernismo, que, em diferentes temporalidades e por razões diversas, abordaram, ainda que de maneira incidental, aspectos da experiência esportivo-futebolística. Seleccionamos para tanto um poema e duas crônicas, assinados, respectivamente, pelo escritor Cassiano Ricardo (1895-1974), pela pintora Tarsila do Amaral (1886-1973) e pela romancista Rachel de Queiroz (1910-2003).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e futebol; Futebol e Modernismo; Rachel de Queiroz; Cassiano Ricardo; Tarsila do Amaral.

ABSTRACT: In the scope of the *Futebóis e modernismos* dossier, the “Poética” section seeks to present lesser-known literary texts when considering the relationship between letters and sports in the country. These are three publications by Brazilian authors linked to the history of modernism, which, in different temporalities and for different reasons, approached, albeit incidentally, aspects of the sports-football experience. We selected for this purpose a poem and two chronicles, signed, respectively, by the writer Cassiano Ricardo (1895-1974), by the painter Tarsila do Amaral (1886-1973) and by the novelist Rachel de Queiroz (1910-2003).

KEYWORDS: Literature and Football; Football and Modernism; Rachel de Queiroz; Cassiano Ricardo; Tarsila do Amaral.

No escopo do dossiê *Futebóis e modernismos*, a seção “Poética” procura apresentar textos literários menos conhecidos quando se pensam as relações entre letras e esportes no país. Trata-se de três publicações de autores brasileiros vinculados à história do modernismo, que, em diferentes temporalidades e por razões diversas, abordaram, ainda que de maneira incidental, aspectos da experiência esportivo-futebolística. Seleccionamos para tanto um poema e duas crônicas, assinados, respectivamente, pelo escritor Cassiano Ricardo (1895-1974), pela pintora Tarsila do Amaral (1886-1973) e pela romancista Rachel de Queiroz (1910-2003).

A seguir, junto à transcrição, tecemos algumas considerações contextuais sobre o autor e o respectivo texto.

*

Cassiano Ricardo (1894-1974) é uma espécie de “patinho feio” na história e na memória do modernismo. Pertenceu nos anos 1920 à vertente do Verde-Amarelismo, ao lado de Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, e articulou-se no decênio seguinte ao grupo Bandeira. Sua obra poética tem reconhecimento diminuto em face da consagração assistida por Mário, Oswald, Tarsila e outros próceres modernistas. Sem embargo, em vida o autor paulista desfrutou de posições eminentes de poder e projetou-se no cenário cultural literário. Ainda nos anos de 1930, foi eleito à cadeira na Academia Brasileira de Letras e, próximo ao Estado Novo, foi redator do suplemento de “Artes e Letras”, no influente jornal *A Manhã* e também em *A Noite*, tendo sido diretor deste último.

Durante os anos 1940 envolveu-se em polêmica com o historiador Sérgio Buarque de Holanda, ao discordar do emprego filológico-semântico da expressão “homem cordial”, tal como consagrada no livro *Raízes do Brasil* (1936). Nesse mesmo decênio, no bojo estadonovista, publicou o ensaio *Marcha para o Oeste*, sendo prolífico no gênero do ensaísmo sociológico, a exemplo de *O Brasil no original* (1936), *A poesia na técnica do romance* (1953), *Pequeno ensaio de bandeirologia* (1959), 22 e a poesia de hoje (1962), *O indianismo de Gonçalves Dias* (1964) e *Viagem no tempo e no espaço* (1970).

A dicção nacionalista e primitivista foi marcante em sua poesia, sendo sua obra-prima *Martin Cererê*, datada de 1928 e ilustrada pelo pintor Oswaldo Goeldi.

Publicou também os livros de poemas: “República dos Estados Unidos do Brasil”; “Borrões de verde e amarelo”; e “Vamos caçar papagaios”, entre outros. Em 1972, quando a Semana de Arte Moderna completou 50 anos, a escola de samba Imperatriz Leopoldinense desenvolveu um enredo baseado no poema *Martim Cererê* para seu desfile carnavalesco, com a obtenção da quarta colocação no carnaval carioca.

A produção poética de Cassiano remonta aos anos 1910 e deita raízes iniciais no parnasianismo e no simbolismo, antes da aproximação com as hostes modernistas. Resistiu de início ao modernismo, mas concretizou sua adesão de 1925 em diante. Sempre atento às vanguardas, foi sensível ao advento da poesia concreta na década de 1950.

Para esta seção colhemos os versos contidos em “Martin Cererê” (1928), livro que surge no mesmo ano da antropofagia oswaldiana e da publicação de *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Seleccionamos aqui para transcrição o poema “O jogador de futebol”:

O pequenino vagabundo joga bola
e sai correndo atrás da bola, que salta e rola.
Já quebrou quase todas as vidraças,
inclusive a vidraça azul daquela casa,
onde o sol parecia um arco-íris em brasa.

Os postes estão hirtos de tanto medo.
(O pequenino vagabundo não é brinquedo...)
E quando o pequenino vagabundo,
cheio de sol, passa correndo entre os garotos,
de blusa verde-amarela e sapatos rotos,
aparece de pronto um policial,
o homem mais barrigudo desse mundo,
com os seus botões feitos de ouro convencional,
e zás! carrega-lhe a bola!
“Estes marotos
precisam de escola...”

O pequenino vagabundo guarda nos olhos,
durante a noite toda, a figura hedionda
do guarda metido na enorme farda
com aquele casaco comprido todo chovido
de botões amarelos.

E a sua inocência improvisa os mais lindos castelos;
e vê, pela vidraça,
a lua redonda, que passa, imensa,
como uma bola jogada ao céu.
“É aquele Deus com certeza,
de que vovó tanto fala.
Aquele Deus, amigo das crianças,

que tem uma bola branca cor de opala
e tem outra bola vermelha cor do sol;
que está jogando noite e dia futebol,
e que chutou a lua agora mesmo
por trás do muro; e, de manhã, por trás do morro,
chuta o sol.¹

*

Depois da poesia de Cassiano Ricardo, vamos abordar aqui o trabalho da pintora Tarsila do Amaral, um dos nomes luminares associados à história do modernismo. Apesar de tal associação, observe-se que a artista não chegou a participar da celebrada Semana de 1922, pois residia em Paris à época, depois de uma educação infantil passada em uma escola em Barcelona. Integrou-se na sequência ao chamado Grupo dos 5, ao lado do futuro marido Oswald, dos amigos Anita Malfatti e Mário de Andrade, e de Menotti Del Picchia. Ciceroneou o poeta suíço Blaise Cendrars em sua visita ao Brasil em 1924, com passagens pelo carnaval carioca, assistido no subúrbio do Rio, e com a viagem às cidades históricas de Minas Gerais.

Seus quadros tornaram-se célebres e hoje em dia a tela “Abaporu”, de propriedade do MALBA (Museu de Arte Latino-Americano de Buenos Aires), é uma das mais valiosas pinturas brasileiras, com alto valor de mercado. Foi adquirida em 1995 por 1.3 milhão de dólares, pelo colecionador de arte argentino Eduardo Constantini.

Para este dossiê, revelamos uma faceta imprevista da pintora: a sua condição de cronista. Graças à pesquisadora Laura Brandini, coligiram-se suas crônicas na imprensa paulista dos anos 1930. Entre as centenas de escritos, localizou-se o texto “Cultura física”, que veio a lume no jornal *Diário de S. Paulo*, em um domingo do dia 14 de abril de 1940.

A saborosa crônica da pintora e desenhista, reproduzida a seguir, dá uma mostra da rivalidade então vigente entre o futebol brasileiro e as equipes platinas, bem como descortina o paralelismo próprio da época entre as práticas ginásticas antigas e o advento dos esportes modernos, muito característica dos letrados de então:

Os cronistas esportivos encheram os jornais, há pouco tempo, com a derrota dos *foot-ballers* brasileiros infligida pelos argentinos e uruguaiois. Para muita gente, que se presume séria, esses longos comentários em que se lamentava o nosso fracasso, em tom elegíaco e dramático,

¹ Extraído de *Martin Cererê*. São Paulo: Saraiva, 1962, 11ª edição.

poderiam parecer frívolos. Essa gente séria se esqueceu das lições luminosas da Antiguidade clássica, onde o esporte era um dos mais importantes elementos da vida social.

Confesso que vibrei num enorme entusiasmo ao assistir, pela primeira vez em minha vida, ao encontro em que os brasileiros enfrentaram os seus colegas argentinos, no campo apinhado do Parque Antártica.

O dinamismo das jogadas, o empolgante aspecto do campo, a beleza de certos lances que chegavam a lembrar bailados, me traziam evocações de velhas leituras, reminiscências dos estádios gregos em que se realizaram os jogos olímpicos na Antiguidade pagã.

A Grécia antiga, cujos atletas foram modelados pelos grandes escultores, principalmente no seu período de apogeu no V e VI séculos antes de Cristo, incitava a juventude ao desenvolvimento harmonioso do corpo, visando sobretudo à formação de bons defensores da pátria.

E foi pensando nisso que Sócrates disse ao jovem Epigene, ao vê-lo descuidar do corpo: “Quanto te falta, ó Epigene, para seres um bom mestre em matéria de ginástica!” E ao responder-lhe Epigene que não era essa a sua profissão, contestou o filósofo: “É a tua, assim como é a de todos que se acham em vésperas de tomar parte nas lutas de Olímpia”. E fazendo ver a diferença dos que tratam bem o corpo e dos que o tratam mal, afirmava que “os primeiros sadios e robustos e graças a isso muitos deles defendem com honra a própria vida nas batalhas, e se livram de qualquer perigo: muitos dão auxílio aos amigos e são úteis à pátria”. Entre outras mais considerações acrescentava que a cidade não tinha instituições públicas para formar bons soldados e por isso mesmo não convinha que os privados descuidassem de tornar-se tais, mas que deviam preparar-se às fadigas guerreiras com toda a diligência.

A ginástica entre os antigos gregos se apoiava numa base inteligente de métodos científicos. Nos ginásios dizia o instrutor ao juvenzinho recém-chegado: “Mostra-me o peito, as espáduas, as costas, a fim de que eu veja o exercício de que mais necessitas”.

Michelangelo Jerace, num estudo sobre a ginástica em relação à arte grega, observa que da citação acima se deduz que, além da ginástica geral, deveria haver outra especializada, segundo o caso. Xenofonte, em A República dos lacedemônios, dizia que os gregos exercitavam de maneira harmoniosa todas as partes do corpo, o pescoço, as espáduas, os braços, o peito, as pernas, constituindo esses exercícios uma obrigação diária para todos, não somente durante a juventude, mas a vida toda.

Uma das preocupações dos educadores modernos é felizmente a cultura física. Todas as atenções se acham voltadas para o corpo são, o homem sadio de belo aspecto, bem proporcionado, rijo e corajoso – o soldado para a trincheira, resistente às intempéries, o homem destinado às guerras, já que a paz universal até hoje tem falido. A mulher moderna é esportiva, bem-feita, apta para a maternidade, para povoar o seu país de filhos fortes – a mulher colaboradora do homem no terreno da inteligência, da cultura e em toda a sua atuação social.

A cultura física está preparando uma geração forte e feliz. A disciplina da ginástica, o exercício militar a que se submete a juventude despertam a consciência coletiva e revigoram o caráter.

Pela ginástica os antigos conseguiram os seus tipos de beleza. Agora, além da ginástica, vem a endocrinologia, principalmente no período da adolescência, operar maravilhas e remodelar corpos defeituosos.

Esses dois elementos podem dar à nova geração a felicidade da saúde e da beleza – a alegria de viver.

*

Last but not least, trazemos aqui uma crônica da romancista Rachel de Queiroz, referência do regionalismo nordestino, desde sua estreia com *O Quinze*, em 1931. Cearense, crescida nas rodas literárias de Maceió, Rachel, como muitos aspirantes à literatura da sua geração, migrou para o Rio de Janeiro, então capital da República, no final dos anos 1930, em busca de reconhecimento literário.

Na década de 1940, embora não haja escritos sobre a temática, era conhecida como torcedora de futebol, vascaína fervorosa, a ponto de outro escritor contemporâneo, José Lins do Rego, “flamenguista de quatro costados”, publicar crônica intitulada *Rachel de Queiroz e o Vasco*. Nela, o inveterado torcedor do Flamengo queixava-se, entre a ironia e o lamento, da preferência clubística da amiga, moradora da Ilha do Governador.

Foi graças à pesquisadora Natália Guerellus, historiadora formada na UFF e hoje professora da Universidade Lyon 3 – Jean Moulin, que cheguei a essa crônica de Rachel. Natália, autora de dois livros sobre a literatura de Rachel e sua relação com as questões de gênero no campo artístico, compartilhou generosamente o texto “Viva o Vasco”, da coluna que a escritora mantinha na revista *O Cruzeiro*.

A publicação vem na esteira da conquista do campeonato carioca de 1970 pelo clube da Cruz de Malta e é veiculada 29 de setembro daquele ano, na última página do afamado periódico dos Diários Associados.

Eis as palavras de entusiasmado clubismo manifestadas pela autora de *Memorial de Maria Moura*, por ocasião de mais uma conquista futebolística do time cruzmaltino:

Quando o Vasco se oculta na penumbra, a gente também entra em recesso, não por covardia ou desamor, é evidente – mas para não topar provocações de flamenguistas, botafoguenses ou pós-de-arroz fanáticos. Pois o que caracteriza os vascaínos é o seu amor *consciente* ao grande clube, não aquela paixão cega e desarrazoada dos outros. Quando escolhemos o Vasco foi porque, depois de lúcida deliberação, nos convencemos de que ele é o grande, o máximo, superior a todos, transcendendo de disputas e competições; não somos levados pelo fanatismo cego, como os demais.

Ser vascaíno é ser discreto, é ser convicto da nossa superioridade, tranquilamente, sem alardes. A gente não precisa sair gritando por cima dos telhados que é Vasco – afinal, não se quer humilhar ninguém. Mas quando as vitórias se acumulam, os adversários mordem o pó e as outras bandeiras se curvam ante o pendão da cruz de malta –, aí não há modéstia que aguente; por mais pena que se tenha dos vencidos, a verdade precisa ser clamada, e temos que lançar nos ares o nosso grito de guerra. VAAAAASSSSCO!

Foi no dia 28 de agosto de 1898 – acaba de fazer 72 anos – que, às duas e meia da tarde, um grupo de brasileiros e portugueses, reunidos num prédio da rua da Saúde, n. 293, fundaram o CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA. E é só a escolha do nome – Vasco da Gama – demonstrava a superior inspiração que animava os fundadores do novo grêmio esportivo. Ninguém ia atrás de reivindicações de bairro ou de rua, não se procurava a glorificação regionalista de personalidades importantes de Portugal ou do Brasil. Escolheu-se como nosso padrinho aquele que, transcendendo da sua qualidade de lusitano, é reconhecido como um herói de toda a humanidade. O navegador que descobriu para a Europa – confinada entre o temor do Oceano a oeste, e o temor do Mongol a leste –, o grande caminho verde e marinho que leva ao Oriente através do Ocidente.

E assim, só com o proclamar o nome do seu patrono, os fundadores do Vasco já lhe estavam traçando o destino. Porque a grandeza vem do berço; pode a estrela que marca um nascimento ficar momentaneamente escondida, mas lá está brilhando, por trás das nuvens. E a nossa estrela vascaína já brilhava naquela tarde de agosto, há setenta e dois anos atrás. Tomamos como armas a caravela do Navegador a ostentar a cruz de Cristo portuguesa, enquanto corta o mar oceano; e nessa bela divisa está simbolizado inteiramente o Vasco: Portugal está todo na cruz dos navegantes, e o mar é este mar do Brasil, mar tenebroso de dantes, que os marujos portugueses souberam transformar num simples estreito, a unir, não mais a separar a ponta extrema da Europa, que são eles, à ponta extrema da América, que somos nós.

Nessa vida já longa temos tido muitas horas de grandeza, a par de momentos de penumbra. Lembro o bicampeonato, de 1923-24. Campeão de terra e Mar em 1945. Em 48 vencemos na Argentina² o Campeonato Sul-Americano dos Campeões, que representou a primeira grande vitória do futebol brasileiro no exterior. Em 57, outro triunfo internacional, a Taça Herrera, em Bilbao. De 50 a 60, passamos por um período mais discreto, quanto ao quadro titular, porém ganhamos inúmeros títulos no esporte juvenil, a que então nos dedicávamos com maior afinco. Mas em 65 já voltávamos às vitórias espetaculares, como Campeões do Torneio do IV Centenário. Em 69, já antevendo a campanha desse ano, saímos vice-campeões no Robertão – e continuávamos sem descuidar os juvenis, sendo o seu campeão carioca.

Agora, em 1970, marchamos tranquilamente para o campeonato. No momento em que escrevo, temos apenas dois jogos pela frente, Botafogo e Fluminense. A vitória parece certa. Mas se a fortuna do esporte, tão semelhante à fortuna da guerra, por um acaso injusto, nos arrebatou o triunfo (e, nestas alturas ninguém acha possível tão cruel desastre), não nos falhará a fibra: quem nasce campeão, sempre se comporta como campeão, mesmo nas horas amargas em que a sorte cega entrega os louros a outros merecedores.

E VIVA O VASCO!

* * *

² Observação: aqui acredita-se que houve um equívoco de informação da escritora cearense, pois o jogo foi disputado em Santiago, capital do Chile, não na Argentina.

REFERÊNCIAS

ARIENTI, Douglas Pavoni. **Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia**: trajetórias intelectuais, projetos políticos e função social da inteligência. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em História/UFSC, 2014.

BRANDINI, Laura Taddei (Org.). **Crônicas e outros escritos de Tarsila do Amaral**. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

CAMPOS, Maria José. **Versões modernistas do mito da democracia racial em movimento**: estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia Social/USP, 2007.

EL-DINE, Lorena Ribeiro. **Raça, história e política em Alfredo Ellis Jr. e Cassiano Ricardo**. Vitória (ES): Dissertação de Mestrado em História/UFES, 2010.

FONTES, Lilian. **ABC de Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.

GUERELLUS, Natália. **Regra e exceção**: Rachel de Queiroz e o campo literário dos anos 1930. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

QUEIROZ, Rachel de. “Viva o Vasco”. In: **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1970.

RICARDO, Cassiano. **Martin Cererê**. São Paulo: Saraiva, 1962.

* * *

Recebido em: 19 jan. 2022.
Aprovado em: 04 nov. 2022.

‘Fraga e Sombra’ e o dia 16 de julho de 1950: o presságio enigmático de Drummond

‘Fraga e Sombra’ and the 16th of July 1950: Drummond's Enigmatic Omen

Cleber Ranieri Ribas de Almeida

Universidade Federal do Piauí, Teresina/PI, Brasil

Doutor em Filosofia, USP

ranieriribas@yahoo.com.br

RESUMO: O poema “Fraga e Sombra”, de Carlos Drummond de Andrade, foi publicado pela primeira vez no jornal *Correio da Manhã* (RJ) do dia 16 de julho de 1950. A data de publicação, portanto, “coincide” com o dia em que a Seleção Brasileira de Futebol perdeu a final da Copa do Mundo de 1950 para a Seleção do Uruguai, no Maracanã. Tudo indica que Drummond enviou o poema para a redação do *Correio da Manhã*, propositalmente, com a intenção de que o texto fosse publicado naquele domingo. Lido dessa perspectiva, à luz dos acontecimentos daquela tarde e dos dias que a antecederam, “Fraga e Sombra” nos soa como um vaticínio sombrio e enigmático. Nosso propósito, nesse artigo, é interpretar o poema, verso a verso, tal como se fosse o testemunho pessoal do poeta que, naquela semana, viu o povo brasileiro amargar a mais humilhante derrota de sua história recente.

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Drummond de Andrade; Copa do Mundo de 1950; Maracanazo; Poesia e futebol.

ABSTRACT: The poem “Fraga e Sombra”, by Carlos Drummond de Andrade, was first published in the newspaper *Correio da Manhã* (RJ) on July 16, 1950. The date of publication, therefore, “coincides” with the day on which the Brazilian Football Team lost the final of the 1950 World Cup to the Uruguay team, at Maracanã. Drummond sent the poem to the editorial office of *Correio da Manhã* with the intention that the text would be published that Sunday. Read from this perspective, in the light of the events of that afternoon and the days that preceded it, “Fraga e Sombra” sounds like a dark and enigmatic prediction. My purpose in this article is to interpret the poem, verse by verse, as if it were the personal testimony of the poet who say, that week, the Brazilian people suffer the most humiliating defeat in their recent history.

KEYWORDS: Carlos Drummond de Andrade; 1950 World Cup; Maracanazo; Poetry and Football.



INTRODUÇÃO

Publicado pela primeira vez em 16 de julho de 1950, no jornal *Correio da Manhã*, o poema "Fraga e Sombra", de Carlos Drummond de Andrade, é conhecido como uma das composições mais niilistas e sombrias da trajetória poética do bardo mineiro. A data de publicação, como podemos perceber, "coincide" com o dia em que, numa fatídica tarde de domingo, no estádio do Maracanã, a Seleção Brasileira de Futebol

perdeu a final da Copa do Mundo de 1950 para a Seleção Uruguaia. Desde então, esse dia passou a ser conhecido nacionalmente como “o dia da derrota”. Sabemos que, à época, o *Correio da Manhã* não publicava edições às segundas-feiras, por isso, não houve edição no dia 17 de julho, mas apenas no dia 18, terça-feira, quando as notícias sobre o fiasco já estavam estampadas em todos os jornais do Brasil. Como se tratava de um jornal matutino diário, é provável que a edição do dia 16 de julho já estivesse impressa durante a madrugada, sendo distribuída às bancas da cidade no início da manhã. Essa informação, uma vez confirmada, nos dá indícios de que “Fraga e Sombra” seja um poema passível de interpretação profética, sobretudo quando o lemos à luz daquele acontecimento futebolístico catastrófico, tão marcante para as pretensões de autoafirmação nacional.

Ainda que a fortuna crítica drummondiana jamais tenha interpretado o poema por esse viés (certamente porque a informação acerca da data da publicação passou despercebida), creio que valha à pena assim o examinarmos. Começemos então pela suposta intenção do poeta. É certo que Drummond enviou o poema para a redação do *Correio da Manhã*, propositalmente, com a intenção de que o texto fosse publicado naquele domingo, 16 de julho, dia da final da Copa de Mundo. É provável também que o poeta tenha repassado o soneto ao editor do jornal no dia 15 de julho, sábado. Ao escrever o poema, o poeta, provavelmente, tinha a intenção de retratar seu estranhamento pessoal ante aquela euforia futebolística que mesmerizava o povo da cidade e do país inteiro. Diante dessa euforia do “triunfo por antecipação”, como diria Paulo Perdigão (2014), o poeta se sentia deslocado, uma vez que se via alheio às celebrações e festejos que tomavam conta das ruas da cidade. Esse distanciamento involuntário entre o poeta, solitário e melancólico, e seu povo, eufórico e feliz, é a tônica do poema. E por isso nos soa como se Drummond anteviesse o que estava por vir naquela tarde.

Estávamos na semana em que a Seleção Brasileira goleou a Suécia por 7x1, em 09 de julho, e a Espanha, por 6x1, em 13 de julho, ambos os jogos lembrados como exibições apoteóticas diante de um público de mais de 150 mil espectadores. Tudo transcorreu no prazo exíguo de sete dias dos quais seis foram marcados por festas, comemorações e celebrações às vitórias conquistadas. O ápice desse arrebatamento se deu no jogo contra *La Furia*, quando uma multidão de 150 mil torcedores se pôs a cantar a marchinha de João de Barro, “Touradas de Madri”,

entoada entusiasticamente a cada gol do escrete brasileiro. Como disse o técnico Flávio Costa, era como se os jogadores “jogassem ao som d[aquela] música”: “Brasil e Espanha foi a maior partida que se viu no Maracanã até hoje. O espetáculo mais lindo que pode haver: o povo dançava e cantava, e os jogadores pareciam jogar ao som dessa música”.¹ Além do ensurdecido canto coletivo, os torcedores agitavam seus lenços brancos em sinal de “adeus aos espanhóis”:

Além do show dos lenços que se agitavam, centenas de fogos explodiam, balões verde-amarelos subiam, bandeiras moviam-se, o povo cantava a versão brasileira de *Cielito Lindo*. O Maracanã parecia estremecer em uma efusão coletiva, que atingiria o apogeu após o quarto gol, marcado por Chico aos 11 minutos da segunda etapa: impelido pelos gritos de “olé” da multidão, um grupo começou a cantar a marcha carnavalesca *Touradas em Madri* [...]. De imediato, todo o Maracanã passou a fazer o mesmo, em coro de mais de 150 mil vozes, puxadas pela Charanga do Flamengo, de Jaime de Carvalho, eleito pela loja Dragão dos Tecidos o chefe da torcida organizada brasileira.²

A euforia da torcida no estádio extravasou para as ruas da cidade e do país “como se a taça já houvesse sido arrebatada”. Um júbilo coletivo tomou conta do povo. Os programas de rádio transmitiam otimismo e orgulho patriótico. O Maracanã e a cidade do Rio de Janeiro tornaram-se metonímias do Brasil. E, enquanto isso, Drummond, sozinho, tentava escrever mais um poema para o seu novo livro, ainda sem nome, mas que viria a ser intitulado *Claro enigma*.

“FRAGA E SOMBRA”: ENTRE O CARNAVAL E O LUTO

Lido dessa perspectiva, à luz dos acontecimentos do dia 16 de julho de 1950, “Fraga e Sombra” nos soa como um vaticínio sombrio e enigmático. Ainda hoje aquele fim de tarde “nos confrange” com sua “luz crepuscular” que sobre nós recai como uma “vontade de anular a criatura”. Para o povo brasileiro, aquela foi a mais trágica tarde de sua história recente, quiçá, a mais trágica tarde na história de uma civilização cujo *ethos* é o amor pelo lúdico.³ Para desvendar esse enigma, começemos pelo título do poema. Drummond nos remete a uma paisagem de penhascos que projetam sombras sobre o chão; daí o título: “Fraga” (penhasco ou rocha escarpada, símbolo

¹ COSTA in PERDIGÃO. *Anatomia de uma derrota*, p. 64.

² PERDIGÃO. *Anatomia de uma derrota*, p. 63.

³ MEIRA PENNA. *Berço Esplêndido*, p. 221-33.

da queda ou do declínio) e “sombra” (uma metáfora da melancolia lúgubre que domina o eu-lírico e o país naquela hora vespéral). Tal paisagem montanhosa (mineira, itabirana ou carioca) decalca a personalidade do eu-lírico: melancólico, sombrio, fragoso. O verso “a sombra azul da tarde nos confrange”, por sua vez, nos fala de uma tarde que atormenta, angustia e mói o poeta. O que o confrange é a expectativa de algo que está por vir, não podemos precisar se seria o anseio de fazer um poema, a percepção melancólica do cair da noite ou a expectativa do início do jogo que iria acontecer naquele domingo à tarde, expectativa que recaía sobre o poeta e sobre todo o povo brasileiro.

Ao fim da tarde, o poeta observa a “luz crepuscular” que paulatinamente “baixa, severa” enquanto o sino de uma igreja ressoa no ar. A “música” que esse sino “tange” é “breve” (geralmente, perdura entre 15 e 30 minutos antes da Missa), mas prenuncia a “noite longa” que está por vir. Ao olhar para o céu, o poeta vê um “alfanje” que “mal se desenha, fino” ante “a falange de nuvens esquecidas de passar”, isto é, ele vê a lua em formato de “alfanje”, recurva e prateada (nesse caso, vê a lua minguante, já que o dia 14 de julho de 1950 era o último dia do ciclo lunar). Essa lua minguante em formato de alfanje, à hora das Vésperas, simboliza a morte, seja a morte do dia, seja a morte do próprio poeta, noite após noite mais próximo do fim, seja a morte simbólica de um povo. A lua-alfanje redesenha no céu da tardinha a imagem da foice da morte, a foice que “sono e sonho ceifa devagar”; ela está recoberta por uma “falange” de “nuvens esquecidas de passar”, todas imóveis e suspensas no céu que se esfuma.

Depois dessa descrição de uma paisagem crepuscular, nos dois tercetos finais do poema o poeta volta a empregar a primeira pessoa do plural que havia utilizado no primeiro verso do soneto (“A sombra azul da tarde *nos* confrange.”). E assim diz: “Os dois apenas, entre céu e terra,/ sentimos o espetáculo do mundo,/ feito de mar ausente e abstrata serra”. Mas, afinal, quem seriam esses “dois apenas”? A interpretação de Thiago Teixeira (2018) é percuciente e honesta quando enfatiza que: “a maior dificuldade para compreender o poema está no pronome *nós*. Perguntamo-nos quem está falando, coisa impossível de se afirmar com exatidão.

Pode ser tanto o eu-lírico e a amada, o eu-lírico e algum familiar, pode ser o poeta e o leitor, como pode ser uma espécie de voz demiurga”.⁴

Todas essas possibilidades de interpretação do *nós* são plausíveis porque estamos diante de um ponto cego. Entretanto, se considerarmos o contexto em que o poeta redigiu o poema – às vésperas de uma final de Copa do Mundo numa cidade em absoluto estado de euforia e espera – podemos seguir dois caminhos hermenêuticos: uma interpretação contextual (como propus até aqui) e uma interpretação premonitória (como sugeri, ainda que sem desenvolvê-la). Ambas são complementares, não excludentes. Na primeira, a evocação desse “os dois apenas” pode designar o cortejo do poeta para com a musa da poesia em sua tentativa solitária de criar um soneto ao fim de uma tarde de sexta-feira (ou sábado, não podemos precisar). O poeta pode ainda estar descrevendo a luta entre seus dois eus interiores, tal como o fez em “Contemplação no Banco” e em “A Máquina do Mundo”. Seria a luta entre Drummond, o homem comum, mineiro vindo de um lugar “de mar ausente”, e o Drummond-poeta, pessoa pública que toma para si a árdua tarefa de criar poemas cujas “serras” (ou “fragas”, ou “penhascos”, diria Cláudio Manuel da Costa) são apenas palavras “abstratas”.

Nesse drama interior, trancado num apartamento no Edifício Luiz Felipe, na Rua Conselheiro Lafayete, 701, Drummond tentava criar um poema em meio ao “espetáculo do mundo” que ocorria nas ruas do Rio de Janeiro naqueles dias. Povoada por cidadãos de vária nacionalidade e envolta numa atmosfera de festa dionisíaca, a cidade encarnava a antítese da personalidade melancólica de um poeta em luta apolínea com suas dificuldades criativas. Drummond, como ele próprio declarou, não era dos mais afeitos por futebol.⁵ E, naqueles dias, nada além de futebol importava para o povo brasileiro.⁶ Ante o tédio de uma cidade em compasso de espera para assistir a uma partida de futebol, o poeta tentava, em seu ofício

⁴ TEIXEIRA. Fraga e Sombra – Carlos Drummond, 2018.

⁵ “Não entendo nada de futebol, mas tenho simpatia pelo Vasco da Gama, no Rio; pelo Cruzeiro, em Belo Horizonte, e pelo Corinthians, em São Paulo.” (ANDRADE et alli, 1978, p. 8). Segundo Danilo Barcelos (2020), “Desligado de análises táticas, despreocupado com escalações, Carlos Drummond de Andrade traz outros aspectos para suas colunas, em especial o torcedor, como foco central de sua atividade de poeta. O futebol só vale na estrita relação com as paixões humanas que provoca, com a beleza estética que produz, nas associações que movimenta. Sem o torcedor, não importa o desempenho dos atletas”.

⁶ Segundo Perdigão (2014, p. 79) “Lia-se em *O Estado de S. Paulo* na manhã do dia 16: ‘O Rio está vivendo do futebol. Só se fala nisso. O Campeonato do Mundo absorve todas as atenções. Os hotéis estão abarrotados, os trens, navios e aviões estão chegando peçados de torcedores’. E em *O Globo*: ‘Veio gente do Rio Grande do Sul e de todos os recantos do Brasil’”.

solitário e taciturno, redigir um poema. Nessa luta interior, “sentindo” esse “espetáculo do mundo”, os dois eus de Drummond testemunhavam aquele instante que “calcava” em ambos “outra mais pura vontade de anular a criatura”.

Essa pulsão de morte, contudo, não seria uma vontade suicida propriamente, porque o suicídio levaria o poeta a renunciar à vida. Por isso ele nos fala de “*outra mais pura/ vontade de anular a criatura*”. Existiria então uma vontade “menos pura”? Para um camusiano, como Drummond era àquela altura, o suicídio não poderia ser solução, porque seria uma fuga do fardo da vida e seus absurdos. Nessa lógica, a mais pura vontade de anular a criatura seria aquela na qual a morte, como solução para o homem, não daria a ele o conforto espiritual de uma esperança de salvação. A “pureza” da anulação da criatura estaria nesse “morrer irreconciliado” com as metafísicas da consolação.⁷ Assim, Drummond seguiu seu guia filosófico, Camus, quando o franco-argelino afirma: “a criatura é minha pátria”.⁸ Drummond assim descreve-nos seu drama pessoal em meio àquela atmosfera carnavalesca, o drama de um poeta brasileiro que não se sente sintonizado com as esperanças de seu povo, alheio à euforia lúdica da “pátria de chuteiras”. Ironicamente, essa dissintonia poeticamente confessa pelo vate seria desmentida pelo elemento profético do soneto.

O que é mais assustador nesse poema, portanto, é seu caráter premonitório e vaticinante. Dessa perspectiva, o *nós* designa o povo brasileiro e o poeta, seu porta-voz; “fraga” representa a tragédia da derrota,⁹ da queda e da humilhação coletiva; “sombra” nos remete a um fim de tarde fatídico, marcado pela profunda tristeza de uma nação que chorava “num só coro”; os versos “calcamos em nós/ [...] outra mais pura vontade de anular a criatura” nos remetem a dor de uma gente que, desenganada, perdeu-se no caminho de volta para casa, embriagou-se até amanhecer nas sarjetas, suicidou-se, enfartou, envolveu-se em brigas de rua, perdeu alto em suas apostas, chorou, descreu da realidade e tentou negá-la, perdeu a inocência, silenciou e, simbolicamente, morreu.¹⁰ Drummond nos fala da morte

⁷ CAMUS. *O mito de Sísifo*, p. 43.

⁸ CAMUS. *O mito de Sísifo*, p. 63.

⁹ Como afirmou Flávio Costa, técnico daquela seleção de 1950: “O dia 16 de julho de 1950 ficou marcado no calendário brasileiro como o Dia da Derrota” (*apud* Perdigão, 2014, p. 10).

¹⁰ Sobre os acidentados e mortos depois do jogo temos a notícia do *Correio da Manhã* do dia 18 de julho de 1950, intitulada “Pessoas Acidentadas Durante o Jogo Brasil e Uruguai”. Depois de sequenciar uma enorme lista de nomes, o jornal nos relata que um homem “morreu de tristeza com o resultado do jogo”: “A decepção que se apoderou de todos os brasileiros depois do

simbólica de um povo que, acometido por essa “outra mais pura vontade”, sentiu vergonha de ser, ante os olhos do mundo, o que se julgava ser: pusilânime, destinado à derrota e ao fracasso, racial e intelectualmente inferior, incapaz de sucesso no que quer que faça, covarde. A vontade de anulação é “mais pura” porque sobreveio depois da Queda, portanto, ela reencena a perda da inocência, não do primeiro homem, mas de toda uma gente. É a pureza de uma vontade coletiva cujo ímpeto é desaparecer; pureza de um povo que aprendeu na dor a reconhecer sua própria miséria.¹¹ Sabemos por diversos testemunhos que, após do fim do jogo, toda a gente silenciou e chorou como se fosse um dia de luto.

Eram dias de campanha eleitoral e a Copa do Mundo foi politicamente usada por diversos candidatos. O Governo Federal e os homens públicos do país valeram-se do evento para difundir a imagem do Brasil como grande nação diante do mundo. E a face exibida aos povos não foi a de uma nação vitoriosa, mas fracassada, festiva e pusilânime. Assim se sentiam os brasileiros. Por isso Drummond nos fala da “falange de nuvens esquecidas de passar”. Essa “falange” pode designar aí a imensa torcida de 54 milhões brasileiros que ouviam a narração do jogo pelo rádio, além dos 200 mil que testemunharam a tragédia com seus próprios olhos. Antes da partida, essas falanges comemoravam (antecipadamente) as glórias da maior conquista futebolística nacional, como se a festança fosse eterna e o tempo inamovível; depois do jogo, após o doloroso ritual da derrota, permaneceram silentes e paralisadas pela incredulidade. Afinal, tanto a alegria eufórica quanto a tristeza fúnebre dão-nos a impressão de que o tempo jamais passará, como se aquele momento fosse eterno, como se fosse um tempo “esquecido de passar”. Perdigão descreve bem essa falange de torcedores “esquecidos de passar” após a derrota:

resultado da peleja com os uruguaios, domingo último, foi impressionante. Todos, indistintamente, os que gostam e os que não gostam de futebol, sentiram o fracasso da nossa equipe quando já nos considerávamos os campeões do mundo, e um manto de tristeza e desolação invadiu a todos os brasileiros, chegando a causar funestas consequências, como ocorreu com o marinheiro reformado João Soares da Silva, de 58 anos de idade, solteiro, residente à rua do Monte, sem número. João Soares não conseguiu entrada para assistir ao jogo, porém acompanhou, atentamente, todos os lances da peleja pelo rádio. Terminada a irradiação, João Soares levantou-se, pálido de emoção e tristeza, declarando: ‘O Brasil morreu!’. Logo depois caía vitimado por um colapso que lhe causou a morte.”

¹¹ Como escreveu Gustavo Corção (1896-1978) na *Tribuna da Imprensa* de 18 de julho: “Gente chorava nas ruas. Fisionomias abatidas, cabeças curvadas, olhos vermelhos, tudo respirava uma espécie de luto nacional, como se a nossa honra, posta em jogo lá no campo pela retórica oficial, tivesse sofrido realmente um perigoso revés” (Corção *apud* Perdigão, ano, p. 147).

O jogo encerrou cerca de 16h45min, e a torcida demorou mais de vinte minutos para deixar o estádio. ‘Os brasileiros recusavam-se a acreditar que a partida tinha acabado’, diz Máspoli. Permanecer o mais possível no estádio, isto é, “frente ao jogo”, era uma modalidade simbólica de fazer perdurar o próprio jogo, e, com ele, a “possibilidade de vitória” – ou seja, uma modalidade simbólica de “poder não sofrer”. Mas surge a necessidade de “encarar o real” e entregar-se à desolação. Às 17 horas, as pessoas estavam indo embora, salvo aquelas que persistiam em continuar no “campo da luta”, chorando, como diversas fotografias documentam.¹²

Paralisados pelo trauma, sem reação, os brasileiros recusaram-se a sair do estádio, porque sair dali significaria aceitar a realidade daquele pesadelo. Os dias que se sucederam após a derrota foram dias de revivescência persistente daquela experiência traumática. “Por que perdemos?”, perguntavam-se jornalistas, escritores, políticos e homens do povo. Seria um problema intrínseco a nossa personalidade de povo colonizado e multirracial? Ou a pusilanimidade seria um traço de caráter exclusivo daqueles jogadores, soldados derrotados pela guerra futebolística? As respostas se contradiziam, certamente porque não tínhamos resposta. O futebol se transformara, desde então, numa metonímia da civilização brasileira, e o dia 16 de julho seria lembrado por seus testemunhos como uma maldição do passado, dia do fracasso, da vergonha, do vexame, da desonra.

O poema de Drummond, nesse contexto, capta a atmosfera nacional que, em uma semana, foi do céu ao inferno. O clima de carnaval converteu-se em luto, a euforia dionisíaca em disforia lúgubre. O poema então nos fala de um anoitecer “severo” que recobriu todo o povo brasileiro, confrangido, esmagado. A falange seria aquela multidão em cortejo fúnebre zanzando pelas ruas do Rio de Janeiro, incrédula, depois do jogo. É provável que, no dia em que o poema foi publicado, Drummond tenha visto, da sacada do seu apartamento em Copacabana, uma multidão silenciosa voltando para casa, arrastando os pés, amuada, sorumbática. O sonho da autoafirmação nacional fora ceifado num só golpe pelo alfanje que surgia no céu em forma de lua ao fim daquela tarde. Restava a nós, apenas, a vontade de autoanulação.

Não por acaso Drummond usou o verbo “calcar”, no sentido de uma “interiorização” da derrota e do estigma de um povo que passou a se julgar inferior, incapaz de triunfar, fracassado, menor. Como assinalou Teixeira (2018), calcar tem o mesmo radical que *decalcar*, isto é, “copiar uma imagem em papel vegetal para se

¹² PERDIGÃO. *Anatomia de uma derrota*, p. 146.

reproduzir em outro local”, mas também se desdobra em *recalcar*, “introduzir com força, uma repressão, um mecanismo mental de defesa do ego contra ideias ameaçadoras”. O poema se propôs, de um modo profético e assustador, decalcar a trágica história daquela derrota e daquela gente desolada. A nação recalçada pela derrota foi tomada por uma pulsão de morte, aquela que “calcou em nós” “a mais pura vontade de anular a criatura”.

CONCLUSÃO

O mistério do poder visionário dos poetas que previram eventos futuros é algo recorrente na história da literatura ocidental.¹³ De algum modo, nós, leitores, sabemos que presságios e premonições poéticas, de fato, ocorrem, embora não saibamos explicar como ou por quê. Talvez por situar-se nesse ponto cego da crítica materialista o fenômeno visionário seja tão pouco estudado. Deixamos aos teólogos e aos místicos a difícil tarefa de compreender a misteriosa relação entre poesia e profecia, decerto porque reconhecemos no poder de vaticínio dos poetas uma capacidade quase sobrenatural que desafia os limites racionais da atividade crítica.

No caso de “Fraga e Sombra”, como dissemos, o elemento supostamente profético se deve ao fato de que Drummond concebia sua poesia como um esforço de representar o homem comum do Brasil; via-se como um porta-voz da alma do brasileiro, como um “José”, por isso versava sobre as angústias, fantasmas, alegrias e desilusões de sua gente. Revelava seus próprios segredos porque os reconhecia

¹³ Há poetas que chegam a descrever com minúcia os eventos que os levarão à morte, como é o caso de Mário Faustino, quando descreveu com espantosa riqueza de detalhes o acidente de avião que o vitimaria em 27 de novembro de 1962 (“dorme a caravana de meu ser; / Ser em forma de pássaro/ Sonora envergadura/ Ruflando asas de ferro sobre o fim/ Dos êxtases do espaço,/ Cantando um canto de aço nos pomares/ Onde o tempo não treme,/ Onde frutos mecânicos/ Rolam sobre sepulcros sem cadáver”). Lorca, outro exemplo espantoso, foi baleado, capturado e morto pela milícia nacionalista de Franco; posteriormente foi enterrado numa vala coletiva sem qualquer identificação do corpo. Num poema intitulado “A Fábula e a Roda dos Três Amigos” previu sua morte anônima sete anos antes que ela se consumasse. Vaticinou então: “compreendi que haviam me assassinado./ Percorreram os cafés e os cemitérios e as igrejas,/ abriram os tonéis e os armários,/ destroçaram três esqueletos para arrancar seus dentes de ouro./ Já não me encontraram./ Não me encontraram?/ Não. Não me encontraram. (Lorca, 2004). Esses presságios de morte ocorreram, também, na poesia de Shelley (“my spirit’s bar kis driven/Far from the shore”) e Alvarez de Azevedo (“Se eu Morresse Amanhã”), entre outros que não caberiam aqui. No caso de Drummond, alguns admiradores já se referem ao poema “Lira Itabirana”, no qual o poeta supostamente vaticinou a catástrofe de Mariana, ocorrida em 2015. Há, portanto, uma misteriosa relação entre poesia e profecia, relação essa que, de algum modo, transborda os limites racionais da crítica e extravasa para questões de ordem mística e teológica.

como segredos de todos os brasileiros. “Fraga e Sombra” seria um exemplo desse esforço de representação, dentre tantos outros poemas em que Drummond reencarna poeticamente os dramas e personagens nacionais. Não o faz, portanto, como um apresentador objetivo e distante de seus personagens, mas como um poeta participante que observa e retrata sua gente com tal fidelidade que ela se reconhece no que o poeta descreve. Torna-se assim, o poeta, criador de um mundo poético que reproduz o mundo comum partilhado por seu povo. E esse ato criador é, ele mesmo, uma imitação do ato criador divino, já que, para criar, o Criador usou o verbo. Poetas e profetas são criadores de mundos. E “Fraga e Sombra” é o poema que, silenciosamente, melhor reconstituiu o sentimento de morte partilhado por todos os brasileiros naquele domingo que se esqueceu de passar em nossa memória. Por isso, pensando no poder de vaticínio dos bardos, a poetisa Anna Akhmatova (1958) tenha sentenciado: “No mundo não há poder mais ameaçador e terrível/ Do que a palavra profética do poeta”.

* * *

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. “Fraga e Sombra”. **Correio da Manhã** (RJ), 5º Caderno, 16 de julho de 1950. Disponível em: <https://bit.ly/3ESvvFK>. Acesso em: 25 de fev. 2022.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Luís Maurício G. Drummond e Pedro Augusto G. Drummond. (Orgs.). Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond de; CAMPOS, Paulo Mendes; BRAGA, Rubem; SABINO, Fernando. **Para gostar de ler** – volume 3 – crônicas. São Paulo: Ática, 1978.
- BARCELOS, Danilo. Bem-Aventurados os que não entendem nem aspiram a entender: os textos sobre futebol de Carlos Drummond de Andrade. **Ludopédio**, 2020.
- BERNHARD, Sylla. “Trauma coletivo – notas sobre um conceito disperso”. In: MACEDO, Ana Gabriela; SOUSA, Carlos Mendes de; MOURA, Vítor. (Orgs.). **Conflito e trauma**, Vila Nova de Famalicão: Húmus, 461-76, 2015.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- COSTA, Cláudio Manoel. XCVIII – Destes Penhascos Fez a Natureza. **A Poesia dos Inconfidentes**. (Org. Domício Proença Filho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

- FAUSTINO, Mário. **O Homem e sua Hora**. São Paulo, Cia das Letras, 2003.
- GELLER, STEPHEN A. “Were the Prophets Poets?” **Prooftexts**, v. 3, n. 3, Indiana University Press, 1983, p. 211-21.
- LORCA, F.G. “A Fábula e a Roda dos Três Amigos”. **Frederico Garcia Lorca**: Obra Poética Completa. Brasília: Ed. UnB/Imprensa Oficial, 2004.
- MEIRA PENNA, J. O. **Berço Esplêndido**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1974.
- MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- PESSOAS ACIDENTADAS DURANTE O JOGO BRASIL E URUGUAI. **Correio da Manhã** (RJ), 18 de julho de 1950. 1º Caderno. Disponível em: <https://bit.ly/3VFmaYG>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- REEDER, R. **Anna Akhmatova**. Poet and Prophet. New York, St. Martin’s Press, 1994.
- TEIXEIRA, Thiago. Fraga e Sombra – Carlos Drummond. **Escritos Sobre Escritos, 2018**. Disponível em: <https://bit.ly/3Foxtiw>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- VOGEL, Arno. “O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: DAMATTA, Roberto. (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

* * *

Recebido em: 11 mar. 2022.
Aprovado em: 04 dez. 2022.

Álbum de figurinhas: A charge esportiva de Fernando Pieruccetti

Sticker Album: Fernando Pieruccetti's Sports Cartoon

Marcelino Rodrigues da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Estudos Literários, UFMG
lino-rodrigues@uol.com.br

RESUMO: Uma breve apresentação das charges esportivas de Fernando Pieruccetti, artista importante na história do movimento modernista em Belo Horizonte e inventor dos famosos bichos simbólicos que representam os clubes do futebol mineiro.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pieruccetti, futebol, charge, Modernismo, Minas Gerais.

ABSTRACT: A brief presentation of sports cartoons by Fernando Pieruccetti, an important artist in the history of the modernist movement in Belo Horizonte and inventor of the famous symbolic animals that represent football clubs in Minas Gerais.

KEYWORDS: Fernando Pieruccetti, football, cartoon, Modernism, Minas Gerais.



1. Fernando Pieruccetti

Em Minas Gerais, se a gente começa a falar em Galo, Raposa e Coelho, todo mundo já sabe que o assunto é futebol. Todo mundo conhece as mascotes dos clubes e às vezes a gente nem se lembra que está usando aquela palavra no lugar do nome do time. Mas nem todo mundo, hoje em dia, se lembra de Mangabeira, pseudônimo do artista que as inventou, como personagens de suas charges esportivas. E a grande maioria nem sabe que, antes de criar os bichos do futebol mineiro, Fernando Pieruccetti foi personagem importante na história da arte em Belo Horizonte.

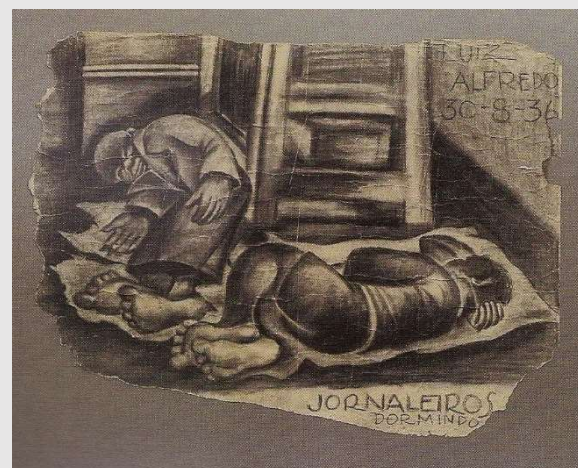


2. Os artistas do Salão do Bar Brasil (1936), por Delpino Júnior.
(Arquivos pessoais da família de Fernando Pieruccetti.)

Trabalhando como ilustrador de jornais e revistas, Pieruccetti começou sua carreira no início dos anos 1930. Em 36, ele foi o grande destaque do Salão do Bar Brasil (primeira exposição coletiva de arte moderna a acontecer em Belo Horizonte), com desenhos meio cubistas e expressionistas, feitos em folhas danificadas de papel de pão, que escancaravam a pobreza e o sofrimento da gente pobre que habitava a cidade. Como ele mesmo disse, certa vez, eram “retalhos de miséria em papel manilha”.



3. *Miséria*, obra apresentada por Pieruccetti no Salão do Bar Brasil.



4. *Jornaleiros dormindo*, obra apresentada por Pieruccetti no Salão do Bar Brasil.

(VIEIRA, Ivone Luzia. *O Modernismo em Minas: o Salão de 1936*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1986, p. 23.)

Publicadas por quase trinta anos nos jornais mineiros, a maior parte do tempo no *Estado de Minas*, as charges esportivas de Pieruccetti surgiram na *Folha de Minas*, em 1945, encomendadas pela direção do jornal, que queria repetir o sucesso que o argentino Lorenzo Molas vinha fazendo na época. No *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro, Molas publicava tirinhas em que personagens como o Popeye, o Pato Donald, o Cartola e o Almirante faziam as vezes dos clubes cariocas, que lutavam para conquistar a Miss Campeonato.



5. Primeira charge com os bichos publicada por Pieruccetti. (*Folha de Minas*. Belo Horizonte, 15 ago. 1945.)

No início, o América era o Pato Donald; só depois virou o Coelho.

Para recriar, em suas charges, os acontecimentos que movimentavam o noticiário esportivo, Pieruccetti inventou um vasto mundo imaginário, habitado por uma infinidade de bichos que representavam os clubes e outros personagens do universo do futebol. Com traços leves, rápidos e abertos, o artista transformava as expectativas, o desenrolar e as repercussões dos jogos e campeonatos em pequenas cenas protagonizadas pelos bichos, que geralmente se passavam no campo ou na fazenda e eram inspiradas pelas fábulas de Esopo e La Fontaine.



6. (Folha de Minas. Belo Horizonte, 01 set. 1945.)



7. (O Sol. Belo Horizonte, 04 fev. 1968.)

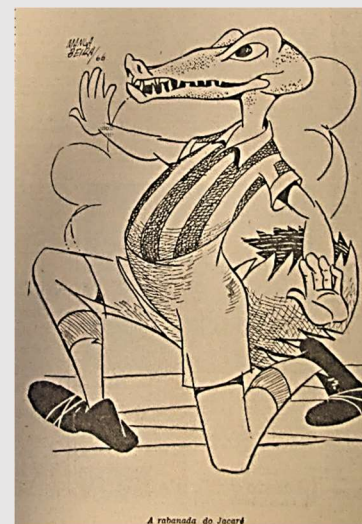
A escolha dos bichos era sempre um tema para polêmicas e especulações. Geralmente, Pieruccetti preferia usar animais da fauna brasileira. E cada bicho tinha que encarnar a alma e as tradições do clube ou personagem que representava. O Atlético, com sua fama de time raçudo, seria o Galo, de peito estufado e pronto pra briga; o Cruzeiro, sempre esperto para os negócios, seria a Raposa; o Siderúrgica, de Sabará, seria uma tartaruga, com sua carapaça dura como o aço da Belgo-Mineira...

Ao longo do tempo, o zoológico foi aumentando, com a entrada e a saída dos clubes do noticiário esportivo. No início, eram apenas os times do campeonato mineiro, mas depois vieram os bichos que representavam seleções nacionais (na época da Copa de 1950) e outros clubes brasileiros (principalmente nos tempos do Robertão). Ao que tudo indica, Pieruccetti foi o primeiro a desenhar o Canário como símbolo da seleção brasileira.

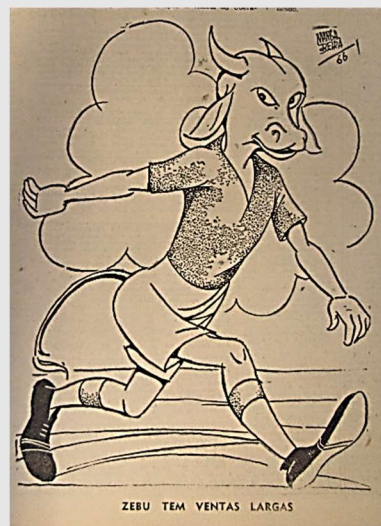
8. O Leão (Villa Nova), o Jacaré (Democrata de Sete Lagoas), o Zebu (Uberaba) e o Canário (Seleção Brasileira). (*Estado de Minas*. Belo Horizonte, dias 21, 24 e 17 dez. 1966; 31 ago 1971.)



Leão do Bonfim tem chuteiras, colção e camisa



A rosnada do Jacaré



ZEBU TEM VENTAS LARGAS



A Copa Roca

Para fins de direitos autorais, Pieruccetti registrou 71 bichos, mas sua fauna com certeza vai muito além disso. Muitas vezes, a escolha do animal dava ao artista uma tremenda dor de cabeça, com dirigentes e torcedores telefonando para a redação do jornal para reclamar. Além dos bichos que representavam os clubes, o mundo imaginário de Mangabeira era habitado também por outros animais, como o Jaburu e o Espírito de Porco, que representavam os torcedores, o Rato, a Águia e a Coruja, que simbolizavam o juiz, a Federação Mineira e o Tribunal de Justiça Desportiva.



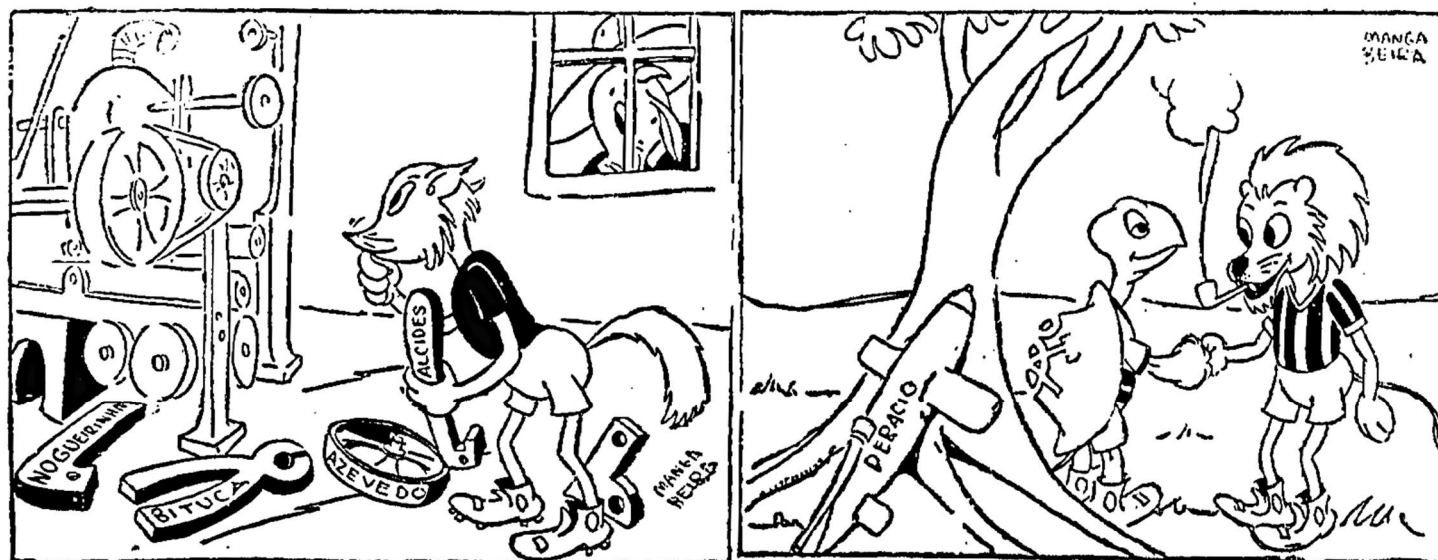
9. (Arquivos pessoais da família de Fernando Pieruccetti.)



10. (*Estado de Minas*. Belo Horizonte, 05 out. 1966.)

Fundindo as linguagens da modernidade com as memórias e as tradições populares, Pieruccetti fazia modernismo na charge esportiva. O traço rápido, leve e aberto lembra a agilidade e o inacabamento necessários ao “pintor da vida moderna”, de Charles Baudelaire. Evitando os balões e optando geralmente pelas legendas, as charges ficavam a meio caminho entre as tirinhas de jornal e os antigos livros ilustrados. Os bichos e cenários remetem ao mundo rural, de onde vinha grande parte dos torcedores mineiros. E o molde narrativo da fábula servia para transformar os valores modernos do esporte em pequenas lições de esperteza, prudência e desconfiança, que davam forma ao jeito mineiro de curtir o futebol.

OS JOGOS DA 4.ª RODADA DO RETORNO (Charges e tipos de Mangabeira)



O ZEBU: — A Raposa quer “ban car” o mecânico... Mas verá hoje o que vai acontecer, ao fechar O LEÃO: —Veja só a cara dela, pessoal! De arma secreta, p’ra cima de mim! Tá bão, deixa que estou prevenido...

Pieruccetti era um homem tímido e avesso à publicidade, que trabalhou também como professor de desenho em várias escolas de BH e não gostava que seus alunos soubessem que era ele o Mangabeira. Além de desenhista e professor, ele foi escritor de livros infantis e pesquisador da história da educação no Brasil. No início dos anos 1970, um conflito trabalhista com o *Estado de Minas* marcou o fim de sua carreira como chargista esportivo. Para registrar o momento, ele fez um desenho do funeral da bicharada, que pediu ao juiz para anexar aos autos do processo.



12. (Placar. São Paulo, 13 fev. 1976.)



13. O Galo, por Ziraldo.



14. O Coelho, por Son Salvador.

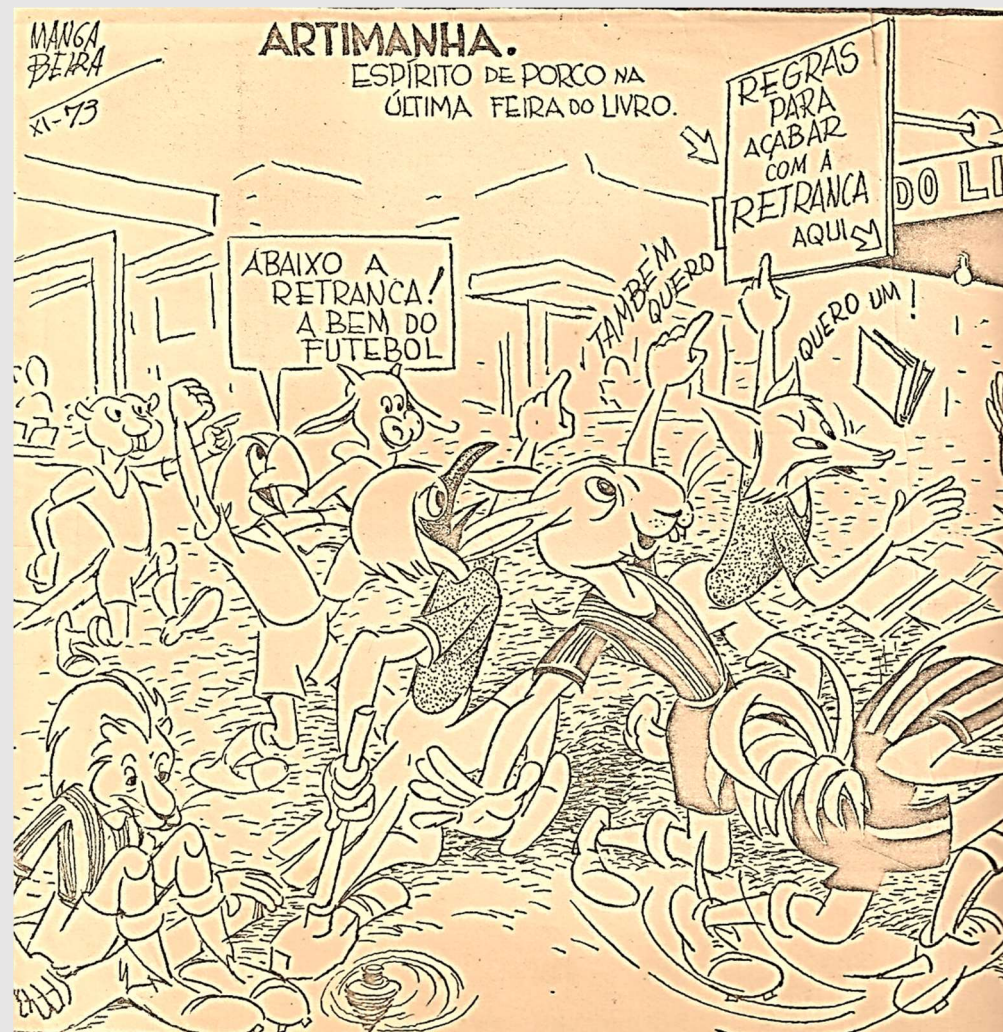
Enganava-se o artista, achando que seus bichos tinham morrido. No final dos anos 60, ele tentou ganhar dinheiro com os direitos autorais sobre suas criações, que eram estampadas, sem autorização, em bonés, chaveiros, flâmulas, almofadas... Era como tentar pegar água com a peneira. Como disse um jornal da época, os bichos já haviam se tornado “propriedade do povo”. Mas Pieruccetti não guardava mágoas. Na verdade, ele ficava emocionado sempre que um carro cantava os pneus ou soava o barulho de um foguete e se ouvia o grito anônimo que ecoava no ar, vindo sabe-se lá de onde: Galôôôôôôô!



15. A Raposa, por Duke.



16. O Leão, por artista não identificado.



17. Charge inédita de Fernando Pieruccetti. (Arquivos pessoais da família de Fernando Pieruccetti.)

REFERÊNCIAS

Figura 1: **Museu Virtual Mangabeira Fernando – Pieruccetti**. Disponível em: <https://www.fernandopieruccetti.com/o-artista>. Acesso em: 22 dez. 2022.

Figura 13: **Cultura Futebolística**: Mascotes do Ziraldo. Disponível em: <https://bit.ly/3vB9M0Z>. Acesso em: 22 dez. 2022.

Figura 14: **Superesportes**: Humor. Disponível em: <https://bit.ly/3VF0o1>. Acesso em: 22 dez. 2022.

Figura 15: **Ludopédio**: Museu. Disponível em: <https://bit.ly/3GtAYVH>. Acesso em: 22 dez. 2022.

Figura 16: **Federação Mineira de Futebol**: Villa Nova Atlético Clube. Disponível em: <https://bit.ly/3juaqKG>. Acesso em: 23 dez. 2022.

* * *

Recebido para publicação em: 22 dez. 2022.
Aprovado em: 26 dez. 2022.

FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes
Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais



Colaboração



Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
Dezembro de 2022